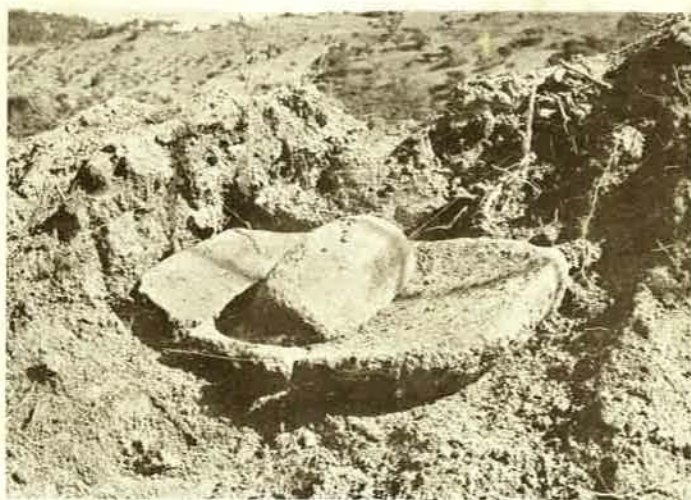


VICTOR DOS SANTOS GONÇALVES

O CASTRO DA ROTURA E O VASO CAMPANIFORME



EDIÇÃO DA
JUNTA DISTRITAL DE SETÚBAL
1971

28
(copiada)

VICTOR DOS SANTOS GONÇALVES

O CASTRO DA ROTURA E O VASO CAMPANIFORME

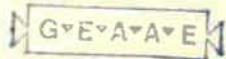
(O texto do presente trabalho é, salvo ligeiras alterações ou acrescentamentos, datados dos inícios do Verão de 1970, o da tese de licenciatura apresentada em Janeiro do mesmo ano à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa).



EDIÇÃO DA
JUNTA DISTRITAL DE SETÚBAL

1971

*Repetido.
Enviado em Ferneta
à UNIARQ (F.L.L.).*



*Ao Prof. Doutor D. Fernando de Almeida,
Mestre e Amigo*

PREÂMBULO

No rumo traçado em boa hora pela Junta Distrital de Setúbal no sentido de valorizar e dar a conhecer a história do seu rico território, aparece mais um volume de interesse capital. Nele se trata da ocupação humana em uma pequena área dos arredores da cidade, por um povo que ali se teria instalado vivido e produzido há milhares de anos ; segundo sérias probabilidades ali teriam habitado no largo período que começa mais ou menos no ano 5 000 antes de Cristo e termina à volta de 3 500 anos depois !

No texto que prefaciamos, o Autor procura fazer não só o estudo dos materiais arqueológicos do Castro da Rotura, da sua situação, mas também estabelece paralelos, contactos e afinidades entre o povo instalado no local e os seus contemporâneos europeus, norte-africanos e mediterrânicos : trata, por consequência e mais concretamente, de integrar um povoado arcaico dos arredores de Setúbal, enquanto nele foram usadas cerâmicas campaniformes, no largo ambiente humano, seu contemporâneo, e que com ele poderia ter estabelecido contactos.

E assim foi estudado um período muito largo ; por isso foi possível ao Autor estabelecer fases de ocupação determinadas graças às suas minuciosas e sistemáticas escavações. Com elas demonstrou também ter o local sido habitado já no período neolítico antigo, isto é, anteriormente ao ano 5 000 a. C.. Este facto veio pôr uma dúvida : teria havido evolução nos seus habitantes, ou vieram instalar-se ali gentes a ele estranhos ?

Os estudos sobre o campaniforme na Europa ocidental e central, bem como no norte de África, vão-se acumulando dia a dia, preenchendo lacunas, estabelecendo hipóteses ; no entanto, ainda não se pode afirmar termos chegado a conclusões indiscutíveis. A solução do problema continua em aberto, a começar pela área de origem deste tipo de cerâmica. Esta teria, muito provavelmente, sido no ocidente peninsular, talvez nas

132

Penínsulas de Setúbal e de Lisboa: ou seja, em volta da foz do Tejo. Talvez dali tivesse tomado o caminho do mar; expandindo-se para o Norte, ter-se-ia instalado em novas áreas na Bretanha, nos Países Baixos, na Inglaterra. Das áreas continentais haveria retransmitido o campaniforme para a Europa Central. Enfim, numa nova fase ter-se-ia dado um refluxo que teria feito voltar, já alterado, ao território de origem.

O Autor aborda e critica este problema complexo desenrolado em um período crucial da história da Humanidade, isto é, quando a metalurgia ensaiava os seus primeiros passos.

Naturalmente, na elaboração desta sua obra, o Dr. Vitor Gonçalves consultou exaustivamente vasta bibliografia sobre o assunto e comentou-a; estabeleceu aproximações com o caso português, discutindo os resultados alheios.

São conhecidas de há muito importantes estações arqueológicas encontradas no território nacional, onde tem aparecido cerâmica campaniforme; contam-se por dezenas as publicações vindas a lume. O assunto serviu há pouco para uma interessante tese elaborada pelo arqueólogo Dr. Veiga Ferreira; nela foram ordenadas e criticadas essas achegas, algumas de interesse capital. O autor deste estudo de conjunto viu o seu esforço aprovado pela Sorbonne.

O Dr. Vitor Gonçalves retomou depois o estudo do campaniforme; esgotou nele uma estação arqueológica incompletamente explorada até então; fez nova revisão deste capítulo da Pré-história e apresentou-o à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa como dissertação para obter o grau de licenciado. Em recompensa, a Faculdade concedeu-lhe alta classificação. E foi, em grande parte, pela bem elaborada forma apresentada nessa dissertação agora publicada com pequenos reajustamentos, que a Universidade de Luanda convidou o seu autor para nela leccionar as cadeiras de Pré-história e Arqueologia.

Felicitando o Dr. Vitor Gonçalves pela publicação deste seu primeiro trabalho de grande responsabilidade, onde patenteia as suas inegáveis qualidades de investigador, não queremos concluir esta breve apresentação sem pôr em relevo o alto critério seguido pela Junta Distrital de Setúbal nas suas publicações; e, por isso, lhe prestamos rendida homenagem na pessoa do seu Presidente, o Dr. Eduardo Albarran.

Lisboa, Abril de 1971.

D. Fernando de Almeida

«Derrière les traits sensibles du paysage, les outils ou les machines, derrière les écrits en apparence les plus glacés et les institutions en apparence les plus complètement détachées de ceux qui les ont établies, ce sont les hommes que l'histoire veut saisir. Qui n'y parvient pas, ne sera jamais, au mieux, qu'un manœuvre de l'érudition».

Marc Bloch, «Apologie...» 4^e ed., 1961, p. 4

«La préhistoire est une sorte de colosse-à-la-tête-d'argile, d'autant plus fragile qu'on s'élève de la terre vers le cerveau. Ses pieds, faits de témoins géologiques, botaniques ou zoologiques, sont assez fermes ; ses mains sont déjà plus friables, car l'étude des techniques préhistoriques est marquée d'une large auréole conjecturale. La tête, hélas, éclate au moindre choc et, bien souvent, on s'est contenté de substituer à la pensée du colosse décapité celle du préhistorien».

A. Leroi-Gourhan, «Les religions...», Paris, 1964, p. 2

PLANO DO TEXTO

Prefácio

- Introdução 1. Tema e propósitos
2. ferramentas em falta

I. O CASTRO DA ROTURA

- I. 1. Localização, descrição, ambiente geográfico
1. 1. 1. localização e descrição. Estruturas geológicas
I. 1. 2. ambiente geográfico I. 1. 2. 1. clima
I. 1. 2. 2. fauna
I. 2. ambiente cultural I. 1. 2. 3. revestimento vegetal

II. AS PRIMEIRAS ESCAVAÇÕES

- II. 1. Os primeiros escavadores do Castro
II. 2. considerações sobre o espólio
II. 1. 1. Carlos Ribeiro
II. 1. 2. Pereira da Costa
II. 1. 3. Maximiano Apollinário
II. 1. 4. Arronches Junqueiro
II. 1. 5. A. I. Marques da Costa
II 2. considerações sobre o espólio
II. 2. 1. instrumentos II. 2. 1. 1. líticos
II. 2. 1. 2. de osso
II. 2.1. 3. metálicos

- II. 2. 2. cerâmica II. 2. 2. 1. não ornamentada
II. 2. 2. 2. decorada II. 2. 2. 2. 1. por incisão
contínua
II. 2. 2. 2. 2. a ponteados
II. 2. 2. 3. «pesos de tear»
II. 2. 3. objectos de adorno pessoal
II. 2. 4. objectos a que se atribui carácter sagrado
II. 2. 5. objectos de uso indeterminado

- II. 3. fauna e flora
II. 4. espólio antropológico

III. NOVAS ESCAVAÇÕES — MÉTODOS E PROBLEMAS

- III. 1. as prospecções e campanhas
III. 1.1. de 1960 a 1963
III. 1. 2. Dezembro 1967
III. 1. 3. Abril, 1968
III. 1. 4. Agosto, 1968
III. 2. os objectos recolhidos (segue-se o esquema supra II. 2.)
III. 2. 1. primeira zona de ocupação
(considerações gerais)
III. 2. 2. segunda zona de ocupação
III. 2. 2. 1. condições específicas
III. 2. 2. 2. análises do espólio (segue-se a estratigrafia)
III. 2. 2. 3. vestígios de construções

IV. A «CULTURA DO VASO CAMPANIFORME»

- IV. 1. o que se entende por «Cultura do Vaso Campaniforme»
IV. 1. 1. abertura
IV. 1. 2. cinco teorias exemplares IV. 1. 2. 1. Castillo
IV. 1. 2. 2. Bosch-Gimpera
IV. 1. 2. 3. Leisner
IV. 1. 2. 4. Sangmeister
IV. 1. 2. 5. Savory

IV. 2. uma nova posição

IV. 2. 1. o conceito de Cultura, em Pré-História

IV. 2. 2. o Vaso Campaniforme

IV. 2. 3. o «conjunto campaniforme»

IV. 2. 4. panorâmica

IV. 3. áreas de distribuição e influência do Vaso Campaniforme

IV. 3. 1. Mediterrâneo

IV. 3. 2. Atlântico

IV. 3. 3. Interior Ibérico

IV. 3. 4. «Grupos Orientais» — dúvidas e problemas

IV. 3. 5. considerações finais

V. CONCLUSÕES

V. 1. os níveis I a e I b da Rotura e o Vaso Campaniforme

V. 2. cronologia

V. 3. síntese geral

VI. BIBLIOGRAFIA

PREFÁCIO

Desconcertante se pode chamar, desde já, ao século de «Ferdurke» e do «Petit Prince», de «La Peste» e do «Mythe de Sisiphe», de «L'écume des jours» e de «L'arrache-coeur», de «Ulysse» e das «Mythologiques». Século de convulsões e de reestruturação. Tempo estranho, por vezes surpreendente, de revisão conceptual, de grandes polémicas ideológicas.

Existencialismo, estruturalismo, Saussure, Barthes, eis caminhos refeitos ou rumos novos, dossiers frequentemente folheados mas bem diversamente lidos. Esta «Revolução Literária» (cujas origens plurilíneas não será ousado remontar ao segundo post-guerra, por vezes mesmo antes, a Gombrowicz, a Kafka ao próprio Camus, a Boris Vian e ao seu cosmos especialíssimo, à «nouvelle critique»...) integra-se, porém, num movimento muito amplo, numa angustiada atitude de renovo, num reajustar de conceitos velhos, num aferir de categorias de pensamento, num prospectar incessante do micro e do macrocosmos.

Muito mais modesta, muito menos conhecida, bem diversa em fins e meios, foi a «Revolução Arqueológica». Não tendo os agitadores princípios das suas congéneres, as obras que a iniciaram passam, ainda hoje, despercebidas (ou quase) entre nós. Cita-se demasiado Gordon Childe, aliás de grande merecimento, mas salvo recente caso de plágio (1), os nossos investigadores ignoram ou esquecem André Leroi-Gourhan. E é pena. Num tranquilo trabalho de sapa, através de páginas incisivas e inquietantes, Leroi-Gourhan desfez as confortáveis certezas de que os pré-historiadores do princípio do século dispunham. Não se irá longe de

(1) Compare-se, de Miguel Ramos, «Alguns aspectos actuais da Tipologia», Rev. da Faculdade de Letras de Lisboa, III série, n.º 10, pp. 279-285 com «La Préhistoire», (Nouvelle Clio, n.º 1), pp. 241 e seguintes.

mais ao se afirmar que os dois volumes «L'Homme et la Matière» (2) e as «Religions de la Préhistoire» (3) desempenharam, em relação à Pré-História, o mesmo papel que a «Anthropologie Structurale», a «Pensée Sauvage» e as «Mytologiques» (4) em relação à Etnologia Clássica e à Ciência do Mito. Não só renovam como dão cheque-mate a certos processos de leitura, não apenas destroem mas modificam, em novas bases, estruturas cuja solidez está ainda longe de ser a desejada.

A par de Leroi-Gourhan, ou muito perto, se bem que em domínios mais especializados, outros investigadores revolucionaram as já rígidas estruturas da Pré-História e da Arqueologia europeias.

No campo da Ciência das Técnicas, Semenov publicava em 1957 (5) essa espantosa lição de perseverança que é a «Prehistoric Technology», resultado de mais de vinte anos de atentas pesquisas. Pouco depois, Jean-Claude Gardin (6) mostrava, à exaustão, a urgência do recurso às ciências exactas.

Mas cito apenas os casos mais relevantes, tenha-se em conta o espaço de que disponho.

Hoje, é mesmo possível estabelecer uma teórica divisão de domínios. Na primeira zona de pesquisas, os grupos franceses, ingleses, alemães e soviéticos discutem a hegemonia metodológica. Na segunda, de dia para dia se afirma com maior nitidez a preponderância das escolas francesas de interpretação.

Por um lado, portanto, a Arqueologia, o exercício de uma actividade de recolha e inventário cuidadosamente programada. Por outro, a Pré-História, a síntese, a panorâmica, o indispensável ligamento de factos díspares mas inter-relacionáveis, a tentativa, que se quer lúcida, de compreender.

Mas não nos iludamos: as fronteiras entre os dois domínios estão continuamente abertas. E numerosos são os investigadores que participam da dupla atitude, por vezes com resultados fecundos (Childe, Leroi-Gourhan, Brea), outras com discutíveis conclusões (Zambotti), outras ainda (e são as mais frequentes) com panorâmicas optimistas em excesso, absolutamente merecedoras da mordaz crítica que lhes dirigiu, há já tempo, M. Louis (7).

(2) Evolution et Techniques, I, L'Homme et la Matière, Paris, 1943, II, Milieu et Techniques, Paris, 1945.

(3) Les Religions de la Préhistoire (Paléolithique), Paris, 1964.

(4) cf. Bibliografia, 2. 1958.

(5) London, 1964. Fundamental.

(6) cf. Bibliografia, 2.

(7) Riv. St. Liguri, XV, Bordighera, 1949, pp. 159-162.

Que se me perdoe o divagar. Não tenho aqui o espaço necessário e desejado, mas parece-me justo, e logo de início, explicitar posições.

Falemos agora do Castro da Rotura e do presente trabalho, de sua génese e evolução.

Este estudo atravessou três fases de crescimento, todas de grande importância para o estabelecimento do seu texto definitivo. Na primeira, era seu objecto quase exclusivo a Cultura de Vasco Campaniforme em Portugal. Numa segunda fase, ele visava, sobretudo, a análise tipológica e cultural do espólio do Castro Pré-Histórico da Rotura. Finalmente, o significado e interesse da ocupação campaniforme revelada nas recentes campanhas naquele povoado, e um súbito acréscimo da bibliografia dedicada a tão discutido período, justificaram plenamente o título actual, tradução e resumo de um processus de investigação longo de quatro anos.

Ao retomarem-se hoje temas que há doze anos marcaram a minha iniciação em Pré-História, ocorrem-me os dois primeiros versos de um poema conhecido,

*«Ah dans ses propres pas que marcher est étrange
Comme tout a changé et comme rien ne change» (8).*

É que desde o início da década de 60, as investigações tendo por tema esse período ainda mal definido e balizado, que é o Campaniforme, aumentaram prodigiosamente.

Em Portugal, os estudos de Octávio da Veiga Ferreira reuniram-se na sua tese de doctorat d'Université, em Ciências Naturais, apresentada à Sorbonne.

Em Espanha, Castillo insistia em pontos antigos, arriscando muito na sua interpretação do Campaniforme de Somaén; Maluquer de Motes, em páginas breves mas importantíssimas, reviu os problemas ligados a Ciempozuelos, enquanto Bosch-Gimpera (cuja impopularidade junto de certos arqueólogos do país vizinho se explica por motivos bem diversos dos arqueológicos) reestruturava as suas sínteses pioneiras. Pouco se avançou no conhecimento dos campaniformes ingleses. Em contrapartida, a França presenciava um poderoso avanço das pesquisas campaniformes. O Colóquio de Rennes (9), o inovador balanço de Riquet, Guilaine e

(8) Louis Aragon, «Le roman inachevé», Paris, 1966, p. 229.

(9) Actes du I Colloque Atlantique (Brest — 1961), Rennes, 1963.

Coffyn ⁽¹⁰⁾ e a evolução das prospecções de Jean Guilaine, reactivaram as polémicas que o Campaniforme sempre causara.

Perante tudo o que se enunciou, era necessário tomar uma atitude, que penso estar claramente visível no plano da presente tese. Plano inúmeras vezes revisto, reescrito ainda com maior cuidado que o próprio texto. Indicativo de uma auto-disciplina que parecerá excessiva. Plano ambicioso, sem dúvida. Apresentando inovações corajosas, talvez demasiado arrojadas para o curriculum de quem as subscreve. Mas baseadas exclusivamente nos alicerces mais sólidos que se conseguiram encontrar e em metodologias deliberadamente plurilineares. Longe de marginalismos de «escolas», em declarada hostilidade a esoterismos prejudiciais.

Recordo uma imagem feliz de André Leroi-Gourhan, em que ele compara o arqueólogo ao estudioso de um arquivo incrivelmente frágil. Arquivo em que os documentos não sobrevivem a uma primeira leitura.

Esta impossibilidade de reler o solo obriga o investigador a extremo cuidado na maneira de lhe formular as suas interrogações. Se quisermos estudar um período «histórico» poderemos consultar quantas vezes as necessárias os documentos que possuímos. E, se falharmos, outro, mais tarde, nos corrigirá. Em Arqueologia tão confortável privilégio não existe.

Para Childe (*), tanto coelhos como homens efectuam importantes e duráveis modificações no seu meio ambiente mas, enquanto o comportamento dos primeiros é extremamente uniforme, as acções dos segundos escalonam-se numa infinita gama de possibilidades. É fácil desenvolvermos a ideia-mestra do pré-historiador inglês e apreendermos todas as consequências deste facto. É altamente possível uma reconstrução dos esquemas e padrões de comportamento animal. Quando chegamos, porém, ao momento de recuperar actos de vontade ou simples acções humanas chocamos com a dificuldade expressa na citação de Leroi-Gourhan que abre este trabalho. O comportamento animal mantém-se, em muitos casos, inalterável. Os dados arqueológicos são, em si, basicamente insuficientes para uma informação objectiva. Daí o recurso a análises de contexto e a sistemas de correcção dos processos mecanizados de tratamento de dados. Mas definir um contexto, isolando-o de um agregado, não é tarefa fácil e uma incontável confusão vem originar não poucos erros de perspectiva.

(10) Les campaniformes français, Gallia Preh., VI, Paris, 1963, pp. 63-128.

* «Piecing...», p. 39 da edição de 1969.

No estado actual dos nossos conhecimentos, poderemos falar de agregados campaniformes. Mas falar de um «contexto campaniforme» é, como adiante se verá, perigosíssimo. Aqui, o maior erro de muitos dos estudiosos do Campaniforme, engenheiros sem preparação humanística, tecnocratas, no geral, com deficiente conhecimento das mais elementares regras da crítica histórica. Não exercem (por incapacidade ou deficiência informativa) uma indispensável análise crítica aos elementos que tão imprudentemente manipulam. E, para nossa infelicidade, um erro tem grande capacidade de sobrevivência. De uma forma ou doutra, marca, muitas vezes, todo o trabalho das gerações subsequentes. Impõe-se, por conseguinte, uma contínua e atenta vigilância sobre nós próprios e nossos processos de trabalho. Após o Gordon Childe do «Piecing together the past» e o Clarke da «Analytical Archaeology», o contrário seria atitude anti-científica, a denunciar imediatamente e a combater com energia.

Acresce que um pequeno pormenor desaparecido pode ser um elo que irremediavelmente se destrói, logo uma corrente que se desarticula.

E, durante a escavação, esse indispensável cuidado-a-usar será sempre possível de manter?

Frequentes vezes é mesmo bastante difícil. Compreensivelmente difícil quando um só investigador tem de, simultaneamente, dirigir os trabalhos, ser um dos escavadores, vigiar os crivos, fotografar, desenhar em milimétrico, redigir o diário de campo, marcar e ensacar o espólio...

Em circunstâncias como estas os estímulos são precisos. E, felizmente, eles nem sempre estiveram em falta.

Octávio de Veiga Ferreira dirigiu o estudo da fauna e procurou obter análises da terra e do carvão recolhidos. Jeannette Landau, ao tempo preparando o seu «doctorat d'état» à Sorbonne, reviu alguns parágrafos. Ao Prof. Doutor Jorge Borges de Macedo se devem algumas importantes sugestões que conduziram a uma nova arrumação do plano-piloto. O Dr. Manuel Farinha dos Santos interessou-se amiúde pelo andamento das pesquisas de campo e franqueou-me a consulta de obras esgotadas ou de difícil acesso. José Arnaud foi sempre um crítico impiedoso. Quanto à Junta Distrital de Setúbal, devo à gentileza do seu Presidente, Dr. Eduardo Albarran, a execução de desenhos fundamentais e do levantamento topográfico do Castro ⁽¹¹⁾.

(11) Especial agradecimento deve ser formulado ao sr. Dr. Eduardo Albarran, pelas facilidades concedidas, ao sr. Eng. Leonardo Meruje pela compreensão e interesse que sempre demonstrou e ao desenhador Pimenta de Araújo que se adaptou com rara facilidade ao desenho arqueológico.

Contudo, todo o apoio não bastaria sem a intervenção constante e amigável do Director do Museu Nacional de Arqueologia. Sem a liberdade de movimentos que me concedeu no Seminário de Arqueologia da Faculdade de Letras de Lisboa. Registá-lo é meu dever.

Lisboa, Dezembro de 1968.

INTRODUÇÃO

1. TEMA E PROPÓSITOS

A. O diálogo com o Castro da Rotura que as páginas que se vão seguir subentendem, iniciou-se num Outubro de há quase doze anos. Ao folhear ao acaso alguns volumes do «Archeologo Português» deparou-se-me o clássico estudo de A. I. Marques da Costa. Por coincidência, uma das estações por ele estudadas não me era estranha: encontrara-a já referenciada em manuscrito autógrafo de Arronches Junqueiro (de que viria a publicar, anos mais tarde, a parte relativa a Tróia de Setúbal).

Vários meses foram necessários para localizar espacialmente o Castro, já muito destruído e de identificação difícil para olhos não treinados em prospecção. Outros tantos para descobrir, ler e pensar as fontes teóricas de A. I. Marques da Costa: Carlos Ribeiro, A. F. Simões, Cartailhac...

Dois anos depois, começou a preparação de um trabalho que seria lido ao IV Colóquio Portuense de Arqueologia, em Outubro de 1965, sob o título «O Castro Pré-Histórico da Rotura — Setúbal». No V Colóquio apresentava-se «A propósito de algumas taças *campaniformes* do Castro da Rotura», onde se retomavam temas deixados em suspenso equacionando-os noutros rumos, sob orientação quase exclusiva culturológica.

Se se insiste sobre estas duas notícias é porque, conjuntas, pré-figuram, ainda que vagamente, o actual estudo, traçando já as rotas que iriam ser as suas. Em Dezembro de 67, graças a subsídio do Museu Nacional de Arqueologia e Etnografia, foi-me possível voltar ao Castro e ver surgir novos horizontes. Em 65, recordemo-lo, tinha sido apontada a primeira estratigrafia para ele conhecida. Vincava bem, então, todas as reservas que se impunham. Em Dezembro 67, Abril e Agosto 68 sempre com o apoio do M. N. A. E., seguiu-se uma programação cuidadosamente elaborada (e em constante reajustamento).

O estudo final de todos os objectos recolhidos definiu com clareza uma

sucessão cultural de singular significado. Ao longo de seis níveis de ocupação, distribuídos por três estratos naturais, escalonavam-se períodos até hoje confundidos entre si. Apesar da fluidez de fronteiras (resultante, assim se crê, de uma evolução *in loco*) surgiam grupos humanos de características perfeitamente individualizadas, numa sequência que, partindo de um neolítico muito possivelmente arcaico, atingia o Calcolítico pleno, talvez mesmo El Argar.

Esta, por conseguinte, a primeira parte do meu tema: os objectos pré-históricos recolhidos no Castro da Rotura.

A segunda: uma análise dos horizontes culturais em que se integram, sobretudo, os objectos instrumentais e a cerâmica.

Particular relevo se deu à ocupação «campaniforme». Com efeito, num tempo em que enxameiam comentários relativos a uma «cultura» que já foi considerada a mais importante da Europa pré-histórica (12), pareceu conveniente trazer à questão alguns novos elementos.

Ao abrir um seu ensaio (13), Claude Lévi-Strauss comparava o totemismo à histeria: quando se duvidou que certos fenómenos se poderiam isolar e agrupar arbitrariamente, com a intenção de os usar como sintomas de uma instituição social ou de uma doença, os próprios sinais diagnósticos esfumaram-se ou não permitiram as desejadas sínteses.

O mesmo — assim o penso — se verifica se o «fenómeno campaniforme» for analisado sem misticismos, sem preconceitos e com um mínimo de bom-senso

Este, um dos objectivos de infra IV. 2. 3., para que me atrevo a chamar a atenção.

Duplo é, portanto, o tema que originou esta tese, dupla será, lógicamente, a sua orientação. Por um lado, a análise tipológica, por outro, o estudo dos fabricantes dos objectos que hoje nos ocupam. Estudo difícil, mas urgente.

B. Propósitos múltiplos perpassam através das páginas que se seguem. Bem visíveis, sobretudo, em passagens de infra III. 1., IV. 2., IV. 3.

Enumerem-se alguns deles.

— Primeira e incomodativa questão: eliminar, tanto quanto possível, confusões terminológicas, cujas consequências bem se conhecem.

Claro que o meu campo de acção era, forçosamente, muito restrito, mas

(12) Riquet/Guilaine/Coffyn, op. cit., p. 121.

(13) «Le totémisme aujourd'hui», Paris, 1965, p. -.

o que se pretendia, em exclusivo, era tentar esclarecer, ou mesmo definir, acepções coerentes para alguns conceitos particularmente controversos.

Assim, estabeleceram-se distinções entre *camada* (porção de solo retirada ou retirável durante uma escavação), que não implica qualquer significado arqueológico, *estrato* (que refere características de textura geologicamente individualizadas) e *nível de ocupação* (que aponta testemunhos de um *habitat* humano em conjunto específico).

— Outra questão exemplificativa: a falta de segurança de algumas designações-significados atribuídas a certas peças pré-históricas. Uma delas, a de «braçal de arqueiro», é muito pouco convincente, mau grado o seu espantoso sucesso nos meios arqueológicos europeus. Se o «braçal» é, como se acredita, destinado a proteger o pulso esquerdo do arqueiro, seria por certo manufacturado em material muito mais resistente ao choque que o xisto ou o calcário. O couro, apresentava, sem dúvida, qualidades de resistência absolutamente preferenciais (que, em populações de pastores-caçadores, tornam incompreensível o uso de matérias-primas muito mais frágeis). Por outro lado, não se compreende bem a espécie de protecção que o objecto em questão poderia assegurar ao arqueiro. Frágil, incómodo e de difícil fixação, bem reduzida eficácia seria a sua. Por enquanto, será preferível considerá-lo um objecto-não-significante. Pelo menos até novas e esclarecedoras descobertas...

Designação a levantar grande polémica, envolvendo investigadores considerados, foi a de «foicinha» (tradução, aliás errada, do francês «faucille»). Contra o termo, de introdução atribuível a Breuil, e até contra a sua variante, «elemento de foice», se ergueu uma outra sugestão: «ulok», nome de faca esquimó.

A questão, aparentemente delicada, é, no fundo, de importância intrinsecamente mínima. «Ulok» ou «elemento de foice», tanto faz, trata-se de objecto instrumental, cortante por função, de pátina típica e cujo retoque (por vezes em duplo gume) não deixa dúvidas quanto ao facto de ter sido utilizado.

Elementos de foice, me parecem ser sílices sub-rectangulares (ou mesmo quadrangulares), de pátina e retoque idênticos, mas denteados. Sublinhe-se, porém, que a discussão não merece (com muitas outras) as inimizades que tem levantado.

Perante casos semelhantes aos mencionados resolveu-se utilizar as designações que o tempo tornou clássicas, mas entre vírgulas altas ou aspas. Método de salientar a insegurança do preciso significado de esses utensílios, sem que isso implique a menor adesão às interpretações em voga. Portanto, quando se escreve «braçal de arqueiro» ou «ídolo-placa» designam-se peças que essa

classificação torna perfeitamente reconhecíveis, sem que tal signifique apoio ou recusa ao discutível rótulo.

— Contínuo problema foi o da calibragem de um conceito imerecidamente desprestigiado: Cultura.

Em trabalho inédito («O conceito de Cultura em Pré-História») propõe-se e analisa-se uma escala de gradações progressivamente mais amplas: *sítio* (ou estação arqueológica, ou cultura em sentido estrito), *grupo*, *complexo*, *Cultura* (em sentido lato), *civilização*.

Os níveis Ia e Ib da Rotura, por exemplo, integrar-se-iam, uma vez compreendidos por um critério clássico, no seguinte esquema.

1. Castro da Rotura, níveis campaniformes (ou cultura campaniforme do Castro da Rotura)
2. Grupo Tejo-Sado
3. Complexo Atlântico
4. Cultura de Vaso Campaniforme
5. Civilização Calcolítica

Nele se resumem as progressivas etapas que definem e ambientam uma das ocupações humanas do Castro.

Não me posso, ora, deter de longo em ponto de manifesto interesse (mas cujo desenvolvimento excederia os naturais limites de esta introdução).

«Fomos industriados em olhar atentamente tudo quanto vemos», dizia um índio Pawnee ao etnógrafo A. C. Fletcher.

Bom seria que nós também o fôssemos, neste tempo, que é o nosso, de especialização tantas vezes auto-destrutiva. O que é difícil em extremo, sublinhe-se. Mas procurá-lo, sem nunca perder um norte indispensável, pareceu-me de tentar. Hoje, escandalizamo-nos perante as atitudes de pesquisa tão frequentemente viciadas (e que nem sempre foram uma constante) das gerações pioneiras. No entanto, quase setenta anos decorridos sobre o período áureo da «Arqueologia Romântica», ainda se classifica uma estação (em bloco) como «campaniforme» só porque nela se encontraram alguns cacos de vasos de esse tipo.

A diferença entre os nossos antepassados que não dispunham do equipamento que hoje podemos manusear (e que, conseqüentemente, cometiam erros ao tempo inevitáveis), e este tipo de classificadores é maior do que se pensa e, se podemos compreender os primeiros, deveremos recusar a atitude dos segundos.

Afastem-se classificações fáceis, tão fáceis como a lógica elementar (mas

bem pouco científica), que levava J. R. Mélida a afirmar convictamente que «el antecedente de la cerâmica decorada eneolítica es la neolítica (...)»... (14).

2. FERRAMENTAS EM FALTA

Veja-se, agora, o porquê de uma afirmação de aparência impertinente, Uma vez que se afirmam ferramentas em falta, é necessário definir em que domínios e porquê.

Sob as rubricas seguintes, e no seu desenvolvimento, que se não procure derrotismo ou má-fé. Linhas escritas com apreensão, por vezes mesmo com amargura, traduzem oposições e contrariedades que penso responsáveis pelo chocante atraso da nossa investigação arqueológica. Oposições e contrariedades impossíveis de ignorar, que devem ser consciente e sistematicamente eliminadas.

Numa tentativa de se tornar mais sólido o balanço geral, ordenou-se a exposição em dois grupos, subordinados aos títulos gerais do «Trabalho de Campo» e «Trabalho de Gabinete». Subdividiu-se o primeiro em três alíneas: a) prospecções desigualmente conduzidas, b) metodologias de escavação e registo, c) escassez de estações estratigrafadas. O segundo grupo compreende, por sua vez, cinco alíneas: a) ausência de apoio financeiro e laboratorial b) erradas metodologias de tratamento de dados c) as limitações do C 14 d) inexistência de uma nomenclatura normalizada e) teorizações e sínteses.

2. 1. Trabalho de Campo.

2. 1. a. prospecções desigualmente conduzidas.

Apontemos, num mapa do nosso País, as estações de que se possuem elementos seguros. Perante a esmagadora predominância de manchas brancas, tentemos encontrar as suas razões.

No Norte, as prospecções têm incidido sobretudo sobre a rica Idade do Ferro daquela região e, mesmo assim, em ritmo altamente descontínuo.

A período de entusiasmo febril (Sarmiento, Mendes, Corrêa, Cardozo...) logo se seguiu um outro, de duvidosas metodologias. E para além do início da louvável edição da «Carta Arqueológica» (15) pouco mais há a assinalar.

No Alentejo, as escavações desde sempre foram numerosas. Campo de trabalho, por excelência, dos Leisner, que escavaram algumas centenas dos seus dolmens. Mas, em 1969, continuamos a desconhecer os povoados dos construtores

(14) Arch. Port., XXIV, Lisboa, 1920, pp. 23-32.

(15) Indispensável, o belo trabalho de Fernando Lanhas e Domingos de Pinho Brandão.

de megálitos. A estafada tese de que eram nómadas nada justifica. Admitamos o nomadismo de essas gentes e numerosas questões continuarão em aberto :

Os nómadas reúnem-se em acampamentos temporários e lugares de pernoita. Onde estariam, então, esses lugares de tão óbvio interesse arqueológico ?

Não se conseguem utensílios nem cerâmica, se não houver um local onde se trabalhe o sílex e se molde o barro. E ninguém pode acreditar que os construtores dos dolmens alentejanos vivessem em contínua transumância, «comprando» a outros povos todo o seu equipamento...

Mas nada se fez para encontrar povoados ou acampamentos, que nos forneceria informações de muito maior importância que as necrópoles.

Escavar os lugares onde se enterrou gente, esquecendo aqueles em que essa mesma gente viveu, é uma das mais resistentes supervivências da «Arqueologia Romântica». Visões ultrapassadas, que as recentes metodologias condenam. Atitudes provenientes de certas deformações visuais que ainda têm seus cultores. Cultores que morrem muito, muito devagar. (E não se referem *pessoas* mas sobretudo *erros* entusiasticamente adoptados, sem crítica prévia).

No Algarve, importantes sequências culturais marcam uma zona muito mais mediterrânica que atlântica. Mas mesmo os testemunhos da existência de ampla zona com características idênticas às de Almeria têm sido desigualmente prospectados e, por conseguinte, penosamente interpretados.

Viremo-nos agora para a área mais frequentemente escavada da faixa ocidental da Península Ibérica. Perfeitamente circunscrita às penínsulas de Lisboa e Setúbal.

Nas imediações desta última cidade é possível identificar, sem dificuldade, uma sequência nas diversas fases de pesquisa. As escavações, em larga escala, iniciam-se em 1849, após a fundação da Sociedade Archeologica Lusitana. Destinavam-se, então, ao estudo exclusivo de Tróia de Setúbal e de suas ruínas romanas.

Uma segunda fase presenciou o labor de investigadores dos grupos de Lisboa mas nela avultam também os nomes de Arronches Junqueiro e, sobretudo, de António Inácio Marques da Costa (16). A este se devem estudos de grande importância, entre os quais o precursor e fundamental levantamento arqueológico de quase toda a região setubalense, repositório de consulta indispensável, conquanto eivado de todos os erros que a época plenamente justifica.

(16) António Inácio Marques da Costa, op. cit.

Após lapso, apenas sincopado por trabalhos medíocres, os investigadores da Comissão dos Serviços Geológicos e do «Grupo do Museu de Sesimbra» iniciaram uma terceira fase. Esperemos, do esforço combinado de ambos, uma melhor compreensão de alguns graves problemas das nossas pré e proto-histórias.

Muito mais favorecida que as vizinhas regiões do Sado, foi a Península de Lisboa. Mas desde o tempo em que Carlos Ribeiro chamava um «ídolo» almeriense de «arma ofensiva» até ao da «Tagus Culture» uma evolução plurilinear fez-se sentir e é detectável.

Actualmente, para além das figuras aglutinantes de J. Leite de Vasconcelos e Carlos Ribeiro, seria erro não distinguir uma plêiade de investigadores de projecção menor mas de grande mérito (impossível é, por exemplo, esquecer a figura percursora que foi a de Santos Rocha).

Carlos Ribeiro marcou o arranque da Comissão dos Serviços Geológicos, que tão fundos rastros tem deixado na nossa Arqueologia.

José Leite de Vasconcelos poderia ter equipado com a sua vasta erudição um grupo ligado ao antigo Museu Etnológico. Grupo de muitos díspares possibilidades, que não cumpriu as prováveis esperanças do velho Mestre.

Nos últimos anos, porém, a nova orientação do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, agora sob a direcção do Prof. Doutor D. Fernando de Almeida, assegurou uma fecunda entreligação com investigadores dos Serviços Geológicos e procura recuperar o tempo perdido.

Voltemos à nossa carta arqueológica de Portugal. A breve ronda pelas principais regiões arqueológicas do País não melhorou a visão inicial. Resultado lógico da descontinuidade e da insuficiência próprias à prospecção, à escavação e à síntese, entre nós.

2. 1. b. Metodologias de escavação e registo.

Procuremos discernir por entre os trabalhos de arqueologia pré-histórica, publicados no nosso País, os que provenham da real associação entre um eficaz registo de campo e uma ponderada metodologia.

Eis-nos afinal, no cerne da questão: entraves constantes se levantam à síntese quando na análise se não seguiram princípios internacionalmente enunciados. E é lamentável que apenas diminuto número de investigadores resista a chauvinismos perigosos e elabore trabalhos pensados. Na verdade, o legalismo

(17) H. N. Savory, «Spain and Portugal», London, 1968, pp. 116-137.

intransigente de certos discípulos de mestres há muito desaparecidos tem erguido sérios obstáculos a um avanço normal dos estudos pré-históricos. Facto europeu, bem sei, mas particularmente visível entre nós, considerada, mesmo que seja, a pequenez do nosso meio científico. O ritmo de pesquisa tem sofrido, demasiadas vezes, síncope, absolutamente evitáveis se houvesse um sério esforço para afastar psitacismos fáceis ou abortar oportunismos frequentes.

Por outro lado, ignoram-se sistematicamente as mais elementares normas de escavação e registo. Esvazia-se uma gruta como quem cava um túnel do Metropolitano (por vezes, até, com menos cuidado). Escava-se uma estação de superfície como quem cava uma horta. Sem método pré-fixado, sem levantamentos topográficos, sem registo-de-controle.

As consequências estão à vista: Portugal, país com um passado pré-histórico de considerável riqueza, com toda a probabilidade berço ou foco difusor de movimentos de tão grande amplitude como o megalítico ou, em menor escala, o campaniforme, tornou-se a «reserva-de-caça» de grande número de investigadores europeus. Uma vez que não existem, praticamente, estações estratigrafadas e que todos estão seguros de que tal é consequência da má formação dos arqueólogos locais, aí temos já os Megalithgräber...» (em alemão, inacessíveis à maior parte dos portugueses) e as publicações sobre o Zambujal (igualmente em alemão). Não será, evidentemente, contrariando a vinda de arqueólogos alienígenas que se resolverá a questão mas fomentando a preparação de investigadores nacionais à altura.

2. 1. c. escassez de estações estratigrafadas.

Estabelece-se aqui uma distinção já comum, segundo se crê, na arqueologia inglesa.

Estação estratificada é aquela em que os níveis de ocupação estão dispostos pela sua ordem natural. Uma ou várias bolsas na estratigrafia não a anulam, ao contrário de revolvimentos.

Estação estratigrafada será aquela em que o escavador tiver encontrado estratigrafia. No geral, podemos dizer que quase todas as estações são estratificadas. Uma escavação como as que se têm feito um pouco por todo o País anula irremediavelmente a sequência dos níveis de ocupação. Estaremos (e estamos quase sempre) perante uma *estação não-estratigrafada*.

Uma interrogação é formulada constantemente e pergunta o porquê da abundância das estações não estratigrafadas.

A resposta não é difícil. Sem registo é impossível reconstituir a sequência estratigráfica de uma vala de sondagem. A maneira como se efectuam as esca-

vações subsequentes faz o resto. Não se esqueça, também, que só uma séria formação universitária conduz ao amor pelo plano-piloto, pela programação eficaz. E sem plano ou programação cai-se no baixo nível do improviso. Cujas consequências são lamentáveis.

Trabalha-se ao acaso, por empreitada. Predomina ainda o duplo conceito da peça-bonita e da orientação puramente tipológica. De admitir e compreender na arqueologia dos tempos do pioneirismo, mas completamente incompatível com o estado actual dos nossos conhecimentos.

2. 2. Trabalho de Gabinete.

2. 2. a. ausência de apoio financeiro e laboratorial.

Quando, após as fases de prospecção, programação de trabalho e escavação, o arqueólogo inicia o trabalho de gabinete, as dificuldades não se atenuam.

Dificuldade quase insuperável e limitadora é a inexistência de um apoio firme. É que a fase mais custosa do *processus* próprio a uma investigação arqueológica não é — como há quem afirme — a pesquisa de campo. Uma vez terminada a decapagem de um lugar arqueológico, entra-se nessa outra fase que compreende a descrição, análise e relação dos elementos recolhidos. E se para a pesquisa de campo os subsídios são raros e exíguos, para a de gabinete eles praticamente não existem. E aos indispensáveis levantamentos topográficos, às análises de laboratório, às deslocações a Museus, às aquisições de livros dispendiosos, juntam-se pagamentos a desenhadores, sempre bem remunerados. Despesas que o investigador isolado nem sempre pode suportar.

2. 2. b. erradas metodologias de tratamento de dados.

Um pré-historiador trabalha com dados que tem de estudar, seleccionar e classificar. Cumpre-lhe, em seguida, apresentar conclusões tanto quanto possível objectivas.

Para isso deverá dialogar, integrar-se em equipas de trabalho.

Em 1950, escrevia André Leroi-Gourhan palavras que o tempo não envelheceu: «il faut travailler en commun ou employer sa pioche pour poser des conduites de gaz d'éclairage» (18). Palavras que se no nosso meio arqueológico fossem tomadas à letra conduziriam a uma boa solução para o preocupante problema da falta de mão-de-obra...

É que o investigador isolado não é, não pode ser, uma Enciclopédia.

(18) André Leroi-Gourhan, «Les fouilles préhistoriques», Paris, 1950, pp. 27-28.

Mas tem de relacionar os dados que está manipulando, não se pode deixar conduzir pelos seus gostos ou preferências. Pouco interessa saber que em Vila Nova de S. Pedro existiu *hordeum vulgare* (cevada). O que seria fundamental : a relação da cevada com um nível de ocupação específico. Entre nós a noção de «closed-find» a poucos preocupa.

Trabalha-se de forma desarticulada, sem estabelecer inter-ligações de dados. Em exemplo contrastante, veja-se o belo trabalho de Maria Hopf (19).

2. 2. c. as limitações do Carbono 14.

Derivantes de supra 2. 1. b. e do que se disse em 2. 1. c: são as necessárias limitações que se terá de levantar ao C 14.

É necessário sublinhar o interesse da cronologia em Pré-História e as incríveis dificuldades de se elaborarem datações precisas. Aparentemente, o Carbono 14 veio resolver os nossos problemas. Nos últimos anos, porém, e desde a década de 50, ergeu-se na Europa um coro pouco harmonioso, entoando com fervor as limitações do Carbono 14. Neste movimento contestativo incluiu-se, mesmo, um arqueólogo peninsular, Martin Almargo, que assumiu posição parcialmente radical.

Não interessa, aqui, pormenorizada análise da interessante querela. Mas como a datação dos diversos níveis de ocupação do Castro da Rotura terá de ser feita por comparação com outros níveis datados pelo C 14, será conveniente explicitar posições.

Começa-se por recordar uma afirmação de características elementares : a datação pelo C 14 é o processo que permite determinar a altura em que determinado conjunto orgânico deixou de estar «vivo». Muito bem. Só que uma estação arqueológica comporta geralmente conjuntos vastíssimos de matérias orgânicas que se distribuem ao longo dos anos, séculos ou milénios em que a estação foi ocupada. E, como é óbvio, uma amostra datada pelo C 14 apenas nos fornecerá uma datação extensível ao nível de ocupação de onde foi retirada. Nunca, evidentemente, se poderá alargar essa datação, a todos os restantes níveis.

Portanto será necessário tomar em conta que :

- a) não se podem rotular todas as etapas da ocupação de um sítio arqueológico a partir da datação obtida para os carvões de um único dos seus níveis
- b) é impossível datar uma estação revolvida ou mal escavada. Neste

(19) cf. Bibliografia, Neolítico — Agricultura (3 B, n.º 212).

último caso, a margem de segurança é nula e como a datação não é relacionável com um conjunto específico dever-se-á, simplesmente, pôr de lado

- c) o carvão analisado apenas terá valor absoluto quando extraído de um «closed-find». De outra forma, deverá o investigador utilizar a datação obtida com bastante precaução. Há ainda a considerar a influência de certos solos sobre as matérias orgânicas, de onde a amostra foi extraída.

Resumindo : apenas se poderá confiar no C ¹⁴ quando o estrato ou o nível de ocupação de onde a amostra tiver sido retirada nos forneça suficientes garantias de inviolabilidade e tenha sido convenientemente escavado. Sendo, em Portugal, muito reduzido o número de estações escavadas segundo metodologias recentes, será de confiar nas poucas datações pelo radiocarbono que já possuímos ?

A margem de dúvida atinge também grande parte da moderna investigação francesa e quase desaparece no que se refere a ingleses e alemães, normalmente mais evoluídos e prudentes nas recolhas.

Um resumo das atitudes assumidas, até hoje, para com o C ¹⁴ resultaria assim :

- a) recusa radical
- b) aceitação
- c) aceitação com reservas (dirigidas não só ao método mas às condições de extracção das amostras, à sua relação e ao seu tratamento em laboratório).

A atitude que aqui se defende é a da alínea c). Não se esquecendo as atentas observações de François Bordes, evidentemente ⁽²⁰⁾.

2. 2. d. inexistência de uma nomenclatura normalizada.

Problema muito grave e preocupante, a surgir na última fase de pesquisa (mas a afectar todas as restantes) é o da inexistência de uma nomenclatura normalizada. Neste domínio, a desordem é inimaginável

(20) François Bordes, «Le Paléolithique dans le Monde», Paris, 1968, p. 19.

Que se poderá fazer quando X chama determinado objecto por um nome diferentíssimo do que lhe dá Y ?

Perante este enxamear de palavras-com-demasiadas-acepções não é fácil encontrar solução. É que, se aceitarmos, por exemplo, um conceito próprio a determinada «escola», arriscamo-nos a ficar definitivamente rotulados e indissolúvelmente ligados a ambos (conceito e escola).

Curioso (mas bem desagradável) dilema.

Caso recente e particularmente grave é o que se refere à edição, entre nós, do livro sobre Pré-História peninsular de Hubert Savory. A revisão terminológica determinou que a tradicional «Cultura do Vaso Campâniforme» passasse a «Cultura das Taças» (21). Ora acontece que «taça» designa um recipiente com a forma aproximada da calote esférica, tradicionalmente associado ao Vaso Campaniforme mas dele bem distinto. Num livro destinado a um vasto público, não-iniciado ou pouco familiar à terminologia pré-histórica, marginalismos de este tipo, noutras lugares compreensíveis, são sem dúvida, de condenar.

Outro ponto, paralelo, determina uma irritante inexistência de conceitos-base sólidamente estruturados. Mal epidémico, surto infeccioso que tem como principais manifestações uma confusão generalizada e ambiguidades de insuspeitado alcance.

Em França, André Leroi-Gourhan, François Bordes, abriram caminhos que devemos pensar. Caminhos acessíveis e fáceis de percorrer.

O que se propõe : um Congresso onde se discutam, por sectores, uma nomenclatura e uma conceptologia uniforme.

Difícil, talvez, mas não impossível.

2. 2. e. Teorizações e sínteses.

Sínteses são indispensáveis, todos o sentem, para que se não perca o constante controle dos factos recolhidos. Caso singular : essas necessárias sínteses encontram-se, entre nós, ou em inflação ou em inexplicável raridade.

E qualquer simples balanço, mesmo apressada vista de olhos, sobre a nossa bibliografia pré-histórica nos conduz a única e alarmante conclusão : tem-se caminhado do muito (e sem fundamento) para o pouco (e desastrado).

Com efeito, nos tempos do pioneirismo sínteses não faltavam.

Havia a de Nils Aberg, muito manuseável, que tinha sido precedida pelo grosso volume das «Âges Préhistoriques de l'Espagne et du Portugal», assinado

(21) Veja-se a p. 170 da trad. port., Lisboa, 1969.

por Cartailhac. Os estudantes podiam recorrer à «Archeologia da Península Hispânica», de Augusto Philippe Simões *abrégé* de consulta fácil e agradável. Para os mais exigentes, publicaria J. Leite de Vasconcellos as suas eruditas «Religiões da Lusitânia», trabalho hoje muito envelhecido mas ainda à espera de substituição.

Pouco mais tarde, Mendes Corrêa redigiria esse incrível texto que a «História de Portugal» dirigida por Damião Peres não hesitou em publicar. Ao longo silêncio que se seguiu, sucederam-se três tentativas de síntese. Sendo as duas primeiras absolutamente risíveis (22) passemos à terceira.

No verão de .68 vendia-se em Lisboa o volume 61 da prestigiosa série «Ancient Peoples and Places»: «Spain and Portugal — The prehistory of the Iberian Peninsula», de Hubert Savory. Há edição portuguesa numa série («História Mundi») da Editorial Verbo, que traduz a inglesa. Recorde-se que o livro de Savory, apesar de não estar isento de erros (23), parece ser a mais razoável das sínteses já elaboradas sobre Pré-História ibérica. A síntese que nenhum peninsular foi, até hoje, capaz de construir com um mínimo de solidez.

Pensamentos ou esquemas de raciocínio elípticos, eis o que se poderá, sem exagero, chamar às apressadas teorizações que o Campaniforme sugeriu. Na verdade, eles aproximam-se mais e menos dos núcleos das questões fundamentais, conforme o ponto da elipse, mas raras vezes atingem a verdadeira problemática. O que é parcialmente compreensível, acrescente-se. No estado actual dos nossos conhecimentos, a única atitude a parecer lícita consiste numa tentativa de apresentar a questão em linhas gerais, não comprometidas pelo pormenor. Também é de reconhecer que os processos de tratamento de dados e a importância inter-relativa das fontes sofreram lastimosas interpretações. É impossível, por exemplo, dentro de uma metodologia pensada, assentar toda uma «explicação» sobre um duvidoso dolmen em «closed-find». Por outro lado, a minimização atribuída às estações portuguesas deve-se, antes do restante, à falta de confiança internacional nas investigações até hoje feitas no nosso território. Facto de que somos, evidentemente, responsáveis. Mas os vícios metodológicos são, infelizmente, frequentes em países de investigação muito melhor equipada que a nossa. Ao lado da espantosa escavação do Hipogeu II dos Mournouards coloque-se, por exemplo, a desastrada retirada dos materiais do Hipogeu I.

Centenas de casos possíveis de apontar não nos consolam, porém.

(22) A. Vasco Rodrigues, «Arqueologia da Península Hispânica», Porto, s/d. e A. Langhans, «Antropologia Luso-Atlântica», Lisboa, 1968.

(23) Veja-se, p. ex., *op. cit.*, p. 98, fig. 27, uma extraordinariamente discutível evolução da «flint halberd».

É necessário, sem dúvida, um completo revisar dos nossos processos de escavação e registo. Uma nova metodologia de tratamento de dados. Uma nova estruturação da pesquisa de campo e gabinete. E, sobretudo, a humildade de reconhecer os erros cometidos (para que se não defendam, hoje, formulações de ontem, uma vez definida a sua inconsistência).

Disse Leroi-Gourhan que muitos aspectos da investigação arqueológica respeitam mais à psicanálise que à construção científica. Lamentável verdade, a não esquecer, que tanto limita um conhecimento objectivo da Pré-História portuguesa.

PARTE I

O CASTRO DA ROTURA

I. 1. Localização, descrição, ambiente geográfico.

I. 1. 1. Localização e descrição. Estruturas geológicas.

O Castro Pré-Histórico da Rotura, a «Fonte da Ruptura do século passado, que as coordenadas

Longitude 8° 55' 10" W
Latitude 38° 31' 56" N

identificam ⁽²⁴⁾, encontra-se localizado na vertente sul da Serra de S. Luís, notável acidente orográfico que se insere, por sua vez, numa vasta zona de marcado polimorfismo geográfico.

Uma classificação recente ⁽²⁵⁾ aponta na Península de Setúbal três áreas geológicas principais :

1. zona com areias plio-pleistocénicas de superfície (que se estendem do litoral Oeste até Palmela)
2. área com enrugamentos meso-cenozóicos orientados WSW-ENE (compreendendo regiões do Cabo Espichel a Palmela)
3. formações plio-pleistocénicas (desde uma região localizada a Este de Setúbal e Palmela até Águas de Moura)

Já em 1908, aliás, o grande geólogo que foi Paul Choffat tinha definido na mesma Península, ao estudar a cadeia orográfica da Arrábida ⁽²⁶⁾, dois tipos de deslocações. As primeiras, transversais, incluíam desvios bruscos de estratos, falhas transversais frequentes e abundantes desprendimentos horizontais. As segundas, de orientação longitudinal compreenderiam três linhas ⁽²⁷⁾.

(24) Folha 454 da Carta 1/25 000 dos Serviços Cartográficos do Exército.

(25) in «Carta Geológica de Portugal», na escala de 1/50 000. Notícia explicativa da folha 38-B, Setúbal, por G. Zbyszewski, O. da Veiga Ferreira, G. Manupella, C. Torre da Assunção, Lisboa, 1965, p. 6.

(26) Paul Choffat, «Essai sur la Tectonique de la Chaîne de l' Arrábida», Lisboa, 1908.

(27) Op. cit., pp. 72-73.

1. do Cabo Espichel ao Portinho
2. os anticlinais do Viso e do Formosinho
3. dois acidentes longitudinais justapostos, incluindo, para além de um núcleo dolomítico, afloramentos do Cretácico e do Jurástico, delimitados por uma zona miocénica cujos estratos apresentam, por vezes, fortes inclinações

Quanto aos anticlinais de S. Luís e dos Gaiteiros, referenciaram-se «marnes rouges et bleus plus dolomitiques que celles de Cezimbra, et qui au Nord de la Chapelle de S. Luiz et dans les ravins de Boqueirão et S. Paulo et de Capuchos, sont recouvertes par des plaquettes à *Isocyprina* paraissant hettangien-nes» (28).

Na estruturação da Serra de S. Luís, que Choffat considera parte do maciço arrábido, encontram-se, também, elementos do Batoniano e conglomerados do Malm, sob brechas e, tal como as dolomites, orientados a Norte (29).

A faixa miocénica apresentava nos inícios do século (antes da exploração de uma pedreira) estratos de inclinação variável (entre os 20 e os 50°, geralmente). Na Pena, porém, o ângulo é já de 65° e a Rotura atingia os 80°.

Sobre a tectónica da Serra, Torre da Assunção (30) é explícito e esclarece-nos: «A Serra de S. Luís corresponde a um anticlinal, cujo núcleo é constituído por calcários dolomíticos ou dolomitizados do Lias e do Dogger. Trata-se de um anticlinal dissimétrico, de orientação Wsn — ENE apresentando no flanco sul um cavalgamento do Jurássico sobre o Miocénico. Os flancos do anticlinal são constituídos por formações detríticas do Jurássico superior, do Cretácico e do Paleogénico cobertas pelo complexo marinho miocénico. Diversas falhas transversais de orientação NNW — SSE, cortam as formações calcárias do referido núcleo anticlinal (31).»

Orlando Ribeiro debruçou-se, igualmente, sobre S. Luís, aquando da preparação do seu conhecido estudo sobre a Arrábida, fornecendo-nos alguns dados interessantes: 2,5 Km de comprimento por 1 Km de largura, altitude 395 m no ponto culminante, a elevar-se 200 a 300 m acima dos terrenos circundantes (32).

Para ele, a Serra possui «o porte de verdadeira montanha, sobressaindo distintamente no conjunto da cordilheira de que é depois da Serra da Arrábida, a elevação de maior importância» (33).

(28) Paul Choffat, op. cit., p. 17.

(29) op. cit., pp. 62-63.

(30) Veja-se, de novo, a folha 38-B da «Carta Geológica...».

(31) op. cit., p. 118.

(32) Orlando Ribeiro, «Arrábida», Lisboa, 1935.

(33) op. cit., p. 37.

O aspecto do Castro da Rotura, amputado de uma parte que penso oscilar entre os 4/5 e os 3/5, na melhor das hipóteses, está patente na Estampa III.

Um observador, sem treino de prospecção arqueológica, veria apenas uma falésia miocénica formada por estratos de inclinação muito elevada, revestidos dorsalmente com arbustos e vegetação de pequeno porte mas de elevada densidade. Um olhar mais atento far-lhe-ia compreender que os traços e os vestígios de pólvora na falésia indicam uma retirada de pedra já antiga e que os abundantes exemplares malacológicos, acompanhados por fragmentos cerâmicos, apontam uma intensa ocupação humana. Um perito não hesitaria após analisar a cerâmica de superfície: trata-se de um povoado cuja ocupação se prolongou até ao período do Vaso Campaniforme, patenteando em largas extensões consideráveis revolvimentos de terras.

I. 1. 2. ambiente geográfico — clima, fauna, flora.

I. 1. 2. 1. O clima actual da região em que se inclui a Cidade de Setúbal e o Castro da Rotura é definido a partir da classificação Csa, de Köppen. Vamos seguir Amorim Ferreira ⁽³⁴⁾ na caracterização da área referida.

Temperado — média anual entre 10 e 20 °

Moderado — amplitude de variação entre 10 e 20 °

Húmido — 75 a 90% de humidade no ar, às 9 h (relativa, média anual)

Moderadamente chuvoso — precipitação entre 500 e 1 000 mm anuais

De Verão quente — média superior a 22 °

Informações parcelares (estudo de fauna malacológica e aparecimento, em estratigrafia, de *Pinus* sp.) fazem crer que não é de supor uma sensível alteração localizável entre os tempos pré-históricos e os actuais. Convém-se que estes elementos não são suficientes para uma afirmação peremptória mas pensa-se útil o seu registo.

I. 1. 2. 2. Muito pouco se sabe sobre a actual fauna selvagem das regiões setubalenses. A industrialização crescente da Península de Setúbal extinguiu progressivamente os animais de maior porte. Informações colhidas nos próprios locais citam coelhos, raposas e pequenos roedores, para além de aves de pequeno tamanho.

Em curioso contraste, são em número relativamente grande os pormenores referentes à fauna pré-histórica. O texugo, o urso, a raposa, o javali, a cabra,

(34) Amorim Ferreira, «O Clima de Portugal», Fase, XVII, Lisboa, 1965, p. 62.

a ovelha, o veado, o boi e o cavalo fizeram parte integrante da ementa dos habitantes do Castro da Rotura. Ementa enriquecida, aliás, por uma abundante fauna marinha: dourada, pargo, lagosta, santola, ameijoas, mexilhões, «navalhas» (*solen*)...

I. 1. 2. 3. O revestimento vegetal inclui o pinheiro (*Pinus pineaster* e *Pinus pinea*), o Tojo (*Ulicetum*), o carrasco (*Quercus coccifera*), o alecrim (*Rosmarinus officinalis*), o tomilho (*thymus*), o zambujeiro (*Olea oleaster*) e a estêva (*Cistus ladaniferus*). Todas estas espécies se encontram dispersas pela Serra de S. Luís e elevações circum-vizinhas. Orlando Ribeiro ⁽³⁵⁾ cita várias outras, típicas de regiões da Península de Setúbal mais expostas às influências costeiras.

A ausência de uma Bibliografia esclarecedora afasta-nos, porém, de um melhor conhecimento da flora setubalense actual.

Uma referência de A. I. Marques da Costa ⁽³⁶⁾ assinala grãos de trigo carbonizados na Lapa da Rotura. Recentes escavações no Castro assinalaram a existência em Ila (o nível imediatamente pré-campaniformes) vestígios de *Pinus* sp. São estes os nossos modestíssimos conhecimentos sobre a flora pré-histórica das regiões setubalenses. Tentar-se-á em breve, aquando da escavação do Castro de Chibanes (que presentemente preparo), a recolha de amostras destinadas a análises polínicas. Até esse momento, nada mais se poderá dizer para além do atrás exposto.

I. 2. ambiente cultural

Parece óbvia uma divisão das estações arqueológicas em função do seu significado. Com efeito, seria imprudência atribuir a mesma importância a testemunhos culturais tão diversamente significativos como povoados e necrópoles. Tendência de que enferma, porém, vasto sector da investigação pré-histórica. Outra sistemática, altamente significativa no geral, distinguindo as estações do litoral das do interior, não tem grande razão de ser no que respeita à Península de Setúbal. É que o semi-nomadismo que a caça implica torna mínimas as distâncias que separam os povoados pré-históricos, lá conhecidos, do Mar.

Os principais povoados pré-históricos localizados na Península de Setúbal são os castros da Rotura e de Chibanes, ambos a escassos quilómetros do mar, o Monte do Vaqueiro, Galapos, e o Castro de Sesimbra, no litoral.

Entre as necrópoles, contam-se as grutas artificiais de Casal do Pardo e as grutas naturais da Fazendinha, a Lapa de S. Luís, a Furna a Oriente da Rotura

(35) op. cit., pp. 58-59.

(36) Arch. Port., VIII, p. 271.

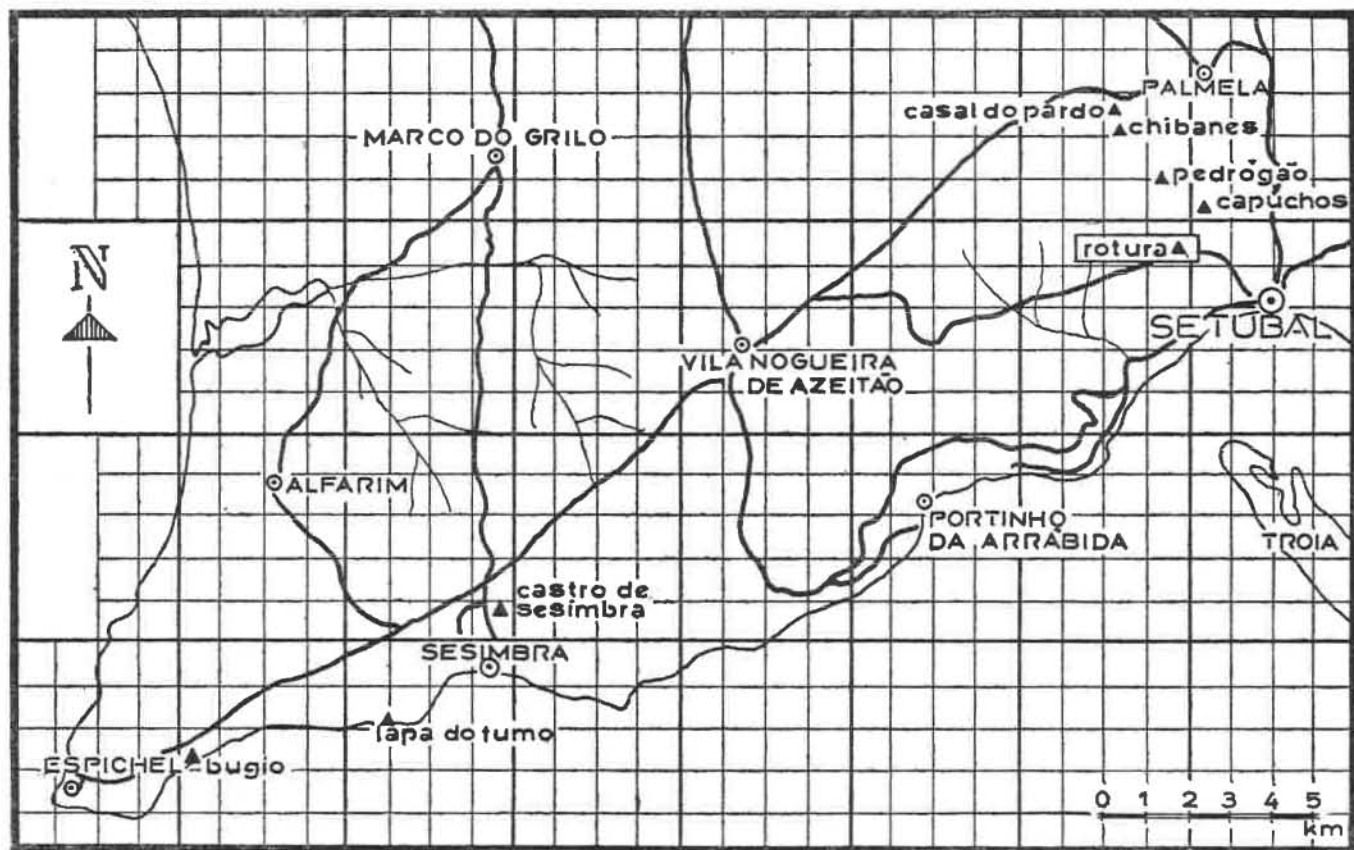


Fig. 1. Principais estações arqueológicas da Península de Setúbal.

e a Lapa da Rotura (no interior). Na costa, as necrópoles colectivas, em grutas naturais, do Fumo, do Bugio e A e B do Forte do Cavallo.

Poucas considerações sobre *Chibanes* se farão aqui. Os materiais provenientes das escavações de A. I. Marques da Costa tornam imperiosa uma reclassificação, de que em breve me ocuparei. Dar-se-á, porém e desde já, que os períodos correspondentes ao níveis IIa e Ib da Rotura se encontram particularmente bem representados. *Monte do Vaqueiro* e *Galapos* parecem atestar notável arcaísmo (37).

Da primeira estação conhece-se cerâmica mamilonada e outra «igual pelo seu fabrico à da Rotura» (38), além de dois machados de secção oval e cilíndrica. Em Galapos, A. I. Marques da Costa referenciou uma concha perfurada intencionalmente e um machado de secção cilíndrica ou oval (39).

O *Castro de Sesimbra*, cuja escavação foi recentemente empreendida por Gustavo Marques (40), revelou importante espólio mas, até ao presente, nenhuma sequência estratigráfica foi publicada (41).

A partir de uma análise tipológica dos materiais, o descobridor da estação propõe-nos, porém, três épocas de ocupação contínua (42).

No primeiro período: machados de diorito, polidos, pontas de flecha «Tipo Eiffel», lâminas de secção triangular e trapezoidal sem retoque, micrólitos, cerâmica lisa.

No segundo: cerâmica incisa com decoração ponteadada (zigue-zagues) e Campaniforme.

No terceiro: cerâmica «folha-de-acácia», decorações canelada e em xadrez, cerâmica lisa, pontas de flecha mitriformes, lâminas ovóides e pesos de tear.

Parece exagerada esta abstracção mas o A. vinca com sageza, que «só um necessário e possível apuramento estratigráfico poderá vir confirmar ou negar, a viabilidade da sequência cultural proposta» (43).

Entre os materiais, salientam-se exemplares cerâmicos típicos, como adiante se verá, da Rotura II a (vaso de alto bojo) e duas pontas de flecha mitriformes. Além disso, referenciam-se fragmentos «folha-de-acácia» cuja incisão parece pouco cuidada e restos de pratos ou terrinas de largo bordo.

As grutas artificiais do Casal do Pardo (Quinta do Anjo — Palmela) em

(37) Arch. Port., X, p. 190.

(38) idem, ibidem.

(39) Arch. Port., X, p. 193.

(40) Gustavo Marques, «Castro eneolítico de Sesimbra — notícia do seu achado», Boletim do C. E. M. A. S., I, Sesimbra, 1967, pp. 10-16 e 17-21.

(41) Recorde-se, porém, que a escavação ainda mal principiou.

(42) op. cit., p. 17.

(43) op. cit., p. 17.

número de quatro, foram localizadas em data não conhecida, no século XIX. Nery Delgado e Pereira da Costa foram os prováveis primeiros escavadores. De 1876 a 1878, por ordem de Carlos Ribeiro, dois prospectores dos Serviços Geológicos encarregaram-se de uma segunda escavação (44). Finalmente, em 1906, A. I. Marques da Costa, o arqueólogo pioneiro que melhor prospectou as regiões setubalenses, iniciou as suas escavações, sem dúvida as melhor conduzidas das três campanhas.

Basta consultar a monografia que recentemente foi dedicada à necrópole (45) para que se aprenda o enorme interesse de seus materiais, se a escavação tivesse sido conduzida segundo os métodos posteriormente isolados. De qualquer forma, são de referir

- a) entre a utensilagem lítica — a forte concentração de machados de secção cilíndrica, enxós e micrólitos da gruta 3 e a presença, em proporções variáveis de gruta para gruta, de instrumentos de facies arcaizante ou pré-campaniforme.
- b) entre a utensilagem de osso — uma bela série de botões («Tous les types connus s'y trouvent» (46)) e tíbias de *ovis* afeiçoadas a furadores que, tal como os exemplares da Rotura II b, conservando a articulação num extremo, foram cuidadosamente aguçados no outro
- c) entre os utensílios metálicos — as pontas de flecha «Tipo Palmela» (cujas dimensões tornam muito mais provável a sua utilização como pontas de dardo)
- d) entre a cerâmica não ornamentada — alguns vasos a recordar os exemplares típicos dos megálitos alentejanos (Pl. G, n.º 1 a 4) e cerâmica mamilonada de tipologia ainda mal conhecida (Pl. G n.º 5 a 7)
- e) entre a cerâmica ornamentada é possível estabelecer distinções muito importantes, englobando alguns vasos de execução notável.

Um primeiro grupo abrangerá os recipientes decorados com motivos arcaicos :

1. vaso com decoração «simbólica» (Pl. X, n.º 107, 108)
2. «copo» Tipo Vila Nova I, com caneluras junto ao bordo e ao fundo (Pl. XXII, n.º 165)

(44) sobre que se não possuem elementos na abundância desejável.

(45) «Les Grottes Artificielles de Casal do Pardo (Palmela) et la Culture du Vase Campaniformes», Lisboa, 1961.

(46) op. cit., p. 38.

3. «copo» (?) com decoração a caneluras verticais e oblíquas (Pl. XXII, n.º 161)

Um segundo grupo incluirá a cerâmica decorada a ponteados. De entre a profusão de elementos decorativos alguns sobressaem :

1. decoração do tipo «Campaniforme Marítimo» (Pl. XI, n.º 110)
2. métopes em conjugação com outros motivos (Pl. XIV, n.º 118 ; Pl. XVII, n.ºs 125 e 126)
3. belos exemplos do uso da faixa ziguezagueante (Pl. XIII, n.º 116 ; Pl. XXI, n.ºs 152 e 154)
4. cervídeos estilizados (Pl. XX, n.ºs 147 e 151)
5. utilização das linhas quebradas, das rectilíneas e das oblíquas intersecantes (Pl. XX, n.º 148) ou só dos dois primeiros elementos (Pl. X, n.º 106 ; Pl. XII, n.º 112 ; Pl. XXI, n.º 156 — ?)
6. fundos «estrelados» — com decoração convergindo para o centro ou dele irradiante (Pl. XIV, n.ºs 117 a 119 ; Pl. XVI, n.º 123 ; Pl. XVII, n.º 125 ; Pl. XIX, n.ºs 141 a 146)

A salientar, dois vasos muito curiosos. O primeiro (Pl. IX, n.º 105) apresenta uma decoração «Marítima» mas incisa a traço contínuo (o que, como se sabe, é raro). O segundo (Pl. XII, n.º 113) apresenta-nos, a seguir ao bordo, uma larga faixa com uma barra ziguezagueante em fundo de oblíquas. Logo após, 3 faixas preenchidas com o motivo «espiga» («««.....») na orientação horizontal. Junto ao fundo, uma sequência decorativa idêntica à anterior e igualmente orientada na horizontal. Este motivo, típico de vasos da Rotura II b, não é muito comum nesta associação.

- f) entre os objectos de adorno pessoal — elementos de colar em xisto, calaíte, anfíbolite e quartzo. Recordem-se as grandes proporções de alguns deles (Pl. VII, n.º 91) em contraste com as pequenas contas, comuns nas estações pré-históricas com materiais idênticos (Pl. VII, n.º 87). Impossível, a não referência de duas cabeças estriadas (caneladas) de «alfinete» (Pl. VI, n.ºs 58 e 60).

Trata-se de exemplares idênticos aos muito recentemente estudados por G. Nieto Gallo ⁽⁴⁷⁾ num trabalho de consulta indispensável.

- g) entre os objectos a que se atribui significado «sagrado» impõem-se distinções :

(47) «Colgantes y cabezas de alfiler con decoración acanalada: su distribución en la Península Ibérica», Arch. Preh. Lev., VIII, València, 1959, pp. 125-144.

1. placas de xisto gravadas
2. enxós votivas (encabadas)
3. um «ídolo» fálico (trata-se, mais provavelmente, de um amuleto — Pl. II, n.º 15)
4. «ídeos semicilíndricos» e «de gola» (Pl. III, n.º 9)

Observa-se que o «ídolo» fusiforme ou «semi-cilíndrico» da Pl. III, n.º 22 possui em banda horizontal o motivo decorativo principal do vaso da Pl. XII, n.º 113 e de numerosos exemplares cerâmicos pré-campaniformes.

Estes «ídeos» assemelham-se a outros, bem conhecidos na Península de Lisboa, e teriam, provavelmente, o mesmo significado dos betilos almerienses (48). No entanto, é impressionante a ausência de conhecimentos seguros que se verifica aquando de uma eficaz localização cronológica. Alguns dos elementos que os decoram aproximam-se dos de Rotura II b mas uma só comparação não nos chega, evidentemente, como fundamento de qualquer conclusão.

- h) entre os objectos de uso indeterminado — uma «rolha», em forma de cogumelo (Pl. III, n.º 7) e um curioso recipiente de calcário (Pl. V, n.º 49).

Estes, portanto, os objectos e instrumentos provenientes da necrópole do Casal do Pardo.

Será possível, a partir deles (e mesmo sem uma tão desejável sequência estratigráfica) estabelecer algumas observações de carácter geral ?

Não se esqueça que de muitos utensílios nem conhecemos a gruta de onde foram recuperados. Assim, só uma análise em termos gerais se poderá processar :

- a) a utensilagem lítica apresenta, por vezes, características de grande antiguidade. Os micrólitos, por exemplo, parece terem já desaparecido por completo no «período campaniforme». São, no entanto, comuns nas grutas III e IV (em ambas 26 exemplares), não faltam na gruta II (1 exemplar) e possuímos 9 espécimens sem indicação de proveniência. Este facies arcaizante é completado pela elevada percentagem de machados de secção cilíndrica e oval, pelas enxós e pelas facas retocadas apenas no duplo gume (um belo exemplar : Pl. IV, n.º 38).

O trabalho do osso, se bem que escassamente documentado, denota, também, arcaísmo. As cabeças postiças de «alfinete» não surgem em horizontes calcolíticos e os vasinhos de osso (Pl. VII, n.º 77) recor-

(48) Almagro/Arribas, Madrid, 1963, Lámina CXLVII, a, b, e c, e CL, b.

dam Vila Nova I, tal como acontece com os «copos» e a cerâmica com decoração «simbólica» ;

- b) as plantas de xisto, decoradas com motivos geométricos, representam, com grandes probabilidades, uma infiltração da cultura megalítica alentejana, pré-campaniforme. Esta possibilidade é reforçada pela cerâmica não decorada, onde são frequentes as formas típicas dos megálitos, detectadas, também, nos níveis pré-campaniformes do Castro da Rotura ;
- c) a metalurgia e o Vaso Campaniforme sugerem observações que se formularão infra IV.2.3. mas deve dizer-se, desde já, que, tipologicamente as decorações consideradas «campaniformes» não podem ser assim consideradas em bloco. Há, sem dúvida, distinções a fazer.

É arriscada em extremo, para este período da Pré-História, uma periodização que repouse exclusivamente na tipologia. Mesmo assim, parece possível de admitir, sem grande margem de erro, uma utilização prolongada da necrópole do Casal do Pardo.

O rápido estudo dos materiais que atrás se esboçou parece sugerir as seguintes grandes fases :

- 1.^a — período primeiro da ocupação das grutas : enterramentos neolíticos. Micrólitos, machados de secção circular e outros elementos arcaizantes ;
- 2.^a — enterramentos denunciando materiais de origem megalítica (placas, cerâmica não decorada) ;
- 3.^a — enterramentos do «período campaniforme».

Será necessário incluir numa fase intercalar (entre a 1.^a e a 2.^a) os materiais a recordar Vila Nova I ou inseri-los após a «ocupação megalítica» ?

Poder-se-á separar a cerâmica dita «campaniforme», com fundos decorados por elementos que partem do *omphalos*, da cerâmica «marítima» e dessa outra decorada a ponteados, em caprichosos motivos geométricos ?

Duas questões fundamentais. Para que, como para tantas outras, não possuímos resposta.

Quanto à cronologia, subscreve-se a avisada decisão de Leisner/Zbyszewski/Ferreira : «En raison de l'état du matériel recueilli, conséquence de remaniements antérieurs aux premières fouilles, les grottes ne donnent pas de bases suffisantes pour établir une chronologie» (49).

(49) op. cit., p. 55

A *Lapa de S. Luís*, na serra do mesmo nome, foi destruída por trabalhadores de uma pedreira, nos inícios do nosso século. A. I. Marques da Costa correu imediatamente ao local e conseguiu ainda recolher esqueletos humanos, cerâmica, carvão, cinzas e ossos calcinados (50). Uma «clava» (ou *phalus*?) apareceu perto de uma placa de xisto decorada geomètricamente.

A *furna a oriente do Castro da Rotura* (51) foi escavada em 1896 por Maximiano Apollinário, que seguia instruções de A. I. Marques da Costa. Sem resultados. Aliás A. I. Marques da Costa fala de uma verba «exígua». Mais tarde, quando os cabouqueiros destruíram quase completamente a gruta, ele interveio e recolheu restos ósseos de *lepus cuniculus* (coelho), *Meles Taxus* (texugo) e de seres humanos com o índice cefálico 73 (dolicocefalia nítida). O nosso autor coloca-os muito próximo aos Cro-magnóides e aos homens dos *Kjoekkenmoeddinger* de Muge (índice cefálico 73-80). A favor da semelhança com *Cro-Magnon* cita as cavidades oleocranianas perfuradas e as tíbias «platycnémicas».

A *Lapa da Rotura*, que A. I. Marques da Costa escavou antes de uma exploração de pedra a destruir completamente, revelou interessantíssimos elementos (52).

Trata-se de uma sepultura violada, muito possivelmente já em tempos pré-históricos. A indústria lítica encontra-se representada por quatro machados. Um moinho manual completo (com dormente e movente), mais grosseiro que o da Rotura II b que adiante se noticiará, surgiu a par com restos de mamíferos, conchas, 1 fragmento de utensílio de cobre e grãos de trigo carbonizados.

A cerâmica apresenta notável riqueza de forma e é, na sua grande maioria associável à de Rotura II a. Os seus principais motivos são :

- a) folha-de-acácia ;
- b) folha-de-acácia, variante «crucífera» ;
- c) cerâmica de bojo alto, decorada a punção rombo ;
- d) cerâmica decorada a punção rombo ; em transposição de períodos decorativos anteriores : losangos preenchidos.

A citar, em referência, três vasos.

O primeiro (53) é um belo exemplar, acampanado, com decoração constituída por métopes e faixas largas preenchidas por oblíquas intersecantes. O fundo, «estrelado». O segundo (54) é um recipiente semi-esférico com decoração

(50) Arch. Port., VIII, p. 272.

(51) Arch. Port., IX, p. 145.

(52) Arch. Port., VIII, pp. 267-271.

(53) Arch. Port., VIII, pgs. 126-127.

(54) Arch. Port., VIII, fig. 128.

semelhante à do anterior. O terceiro ⁽⁵⁵⁾, um vaso de carena alta, mamilonado.

Muito curioso, o achado de fragmentos de barro cru, com impressões de canas. Numa comunicação recente, à Sociedade de Geografia, José Morais Arnaud apresentou exemplares semelhantes, provenientes do povoado «megalítico» de Ciladas, admitindo poder tratar-se de barro destinado a consolidar uma cabana coberta de ramadas ou canas.

À primeira vista, o aparecimento, numa gruta sepulcral, de vestígios de este tipo poderá causar perplexidade. Observe-se porém que a gruta poderia ter sido fechada por uma construção de canas consolidadas com barro fresco.

Siret noticiou na Andaluzia fragmentos de barro impressionados por objectos cilíndricos. Trata-se, talvez, de uma camuflagem da necrópole, que as canas recobertas de barro esconderiam de olhos indesejáveis.

A importante necrópole da *Lapa do Fumo* foi visitada em 1956 por E. Cunha Serrão, que em 1957 iniciou os trabalhos ⁽⁵⁶⁾.

A gruta revelou, imediatamente, vestígios de uma influência ou penetração dos construtores de megálitos (placas de xisto, cerâmica a almagre) e de estilos decorativos para-campaniformes (taças ou escudelas com dentes-de-lobo e faixas preenchidas a oblíquas inter-secantes incisas). Em posição estratigráfica não definida, dois belos vasos, com incisões «em falsa folha-de-acácia» ⁽⁵⁷⁾, de tipologia a indicar um neolítico muito provavelmente evoluído.

Na Primavera de 1969, Eduardo da Cunha Serrão, director do Museu de Sesimbra, desenhou, amavelmente, um *croquis* das suas últimas escavações na Lapa do Fumo, acompanhado por uma descrição dos níveis definidos por ele e Gustavo Marques. Ei-los :

- K — Bolsas abertas na época muçulmana — no fundo, cerâmica vidrada e moedas muçulmanas.
- J — Bolsas abertas na proto-história ou época lusitano-romana.
- I — Montículos de terras onde há de tudo, em consequência da abertura das bolsas.
- H — Idem G — mas abundando cerâmicas muito recentes (idade média).
- G — Zonas de concheiros — materiais misturado — zona de carvões.
- F — Campaniforme mas pouco típico — já aparece o metal.
- E, D, C — Camada pura ⁽⁵⁸⁾ — cultura megalítica típica (não há confusão com qualquer outra).

(55) Arch. Port., VIII, fig. 129.

(56) Consulte-se, na Bibliografia sobre o Campaniforme, a secção «grutas naturais».

(57) «falsa-folha-de-acácia» — designação proposta por O. Veiga, Ferreira nas I Jornadas Arqueológicas, Lisboa, Novembro de 1969.

(58) Também chamada «camada vermelha».

Materiais: ídolos, placas, micrólitos, coelhos de osso, pedra polida, contas discóides e bicónicas, lâminas prismáticas, cerâmica do Tipo A.

Entre lajes e pedras — uso do ocre vermelho.

B — Bolsa não muito mais antiga do que a camada D. Restos de cozinha ?

A — Depósitos arenosos com concreções — contém raros ossos humanos, esquirolas de cerâmica e carvões (59).

Continua a escavação da necrópole. Só após a sua conclusão será possível panorâmica mais ampla.

A necrópole vizinha do *Bugio* foi localizada a 16 de Outubro de 1957 por Rafael Monteiro. A primeira campanha (Outubro do mesmo ano) foi feita em colaboração com E. Cunha Serrão e revelou imediatamente importantes materiais (60):

- a) entre os utensílios líticos — micrólitos, facas de silex, machados de secção oval e rectangular;
- b) entre os utensílios de osso — diversos furadores;
- c) inexistência de metal;
- d) a cerâmica não ornamentada apresenta-nos frequentemente um facies dolménico. Estão presentes os vasos de bordos dentados, bem conhecidos noutras estações (61);
- e) a cerâmica decorada apresenta particularidades interessantes: motivos proto-campaniformes (faixas incisas preenchidas a verticais), métopes, «dentes-de-lobo», faixas largas preenchidas a oblíquas intersecantes. Sublinhe-se, porém, que estão ausentes as formas e as decorações tipicamente campaniformes;
- f) entre os objectos de adorno pessoal citem-se contas de colar manufacturadas em madeira (devemos estar perante um raríssimo exemplar), anfíbolite, calcário, calaíte e aragonite, para além de numerosas contas de pequenas dimensões (perto de 800) e uma cabeça postiça de «alfinete», com sulcos acanalados horizontais;

(59) Conservou-se fielmente o texto da nota manuscrita de E. Cunha Serrão, tendo-se apenas desenvolvido algumas abreviaturas e colocado em sentido inverso as camadas (que, no original, iam do último nível — A — para o primeiro — K). Anexa a esta informação, o escavador da Lapa do Fumo quis juntar ainda um bem desenhado esquema evolutivo onde se apresentam os materiais cerâmicos por ele recolhidos.

(60) Consulte-se, de Rafael Monteiro e E. Cunha Serrão, «Estação Isabel (Necrópole pré-histórica da Azóia)», Actas do I. Cong. Nac. Arq., Lisboa, 1959, pp. 407-429. Para um breve sumário: «Guia do Museu Arqueológico de Sesimbra», 1960 e, para questões de interpretação, Eduardo da Cunha Serrão «Alguns problemas arqueológicos da região de Sesimbra», Arq. e Hist., 8.ª S., IX, Lisboa, 1962, pp. 13-14.

(61) Aliás a cerâmica de bordos dentados, que Savory considerou «neolítica», é bem conhecida em povoados da Península de Lisboa.

g) particular relevo assumem (como era de esperar numa necrópole) os objectos de significado «sagrado». As placas de xisto apontam uma intervenção da «ideia megalítica». Sobre duas delas, aliás, tive oportunidade, recentemente, de me referir de longo ⁽⁶²⁾. A sua grande importância deriva de uma decoração simbólica de significado singular. Segundo a interpretação que propus trata-se de uma dupla representação, da Deusa-Mãe Neolítica e do Jovem Deus, que nas cosmogonias orientais desempenha papel de relevo ⁽⁶³⁾.

Estão presentes os enigmáticos «ídolos-garrafa», figurações também designadas por «ídolos-de-gola» (E. III, n.º 9) um belo «ídolo-pinha», calcário, gravado, e um ídolo betiliforme muito curioso (E. III, n.º 6). Referência especial, para um fragmento de ídolo almeriense (E. III, n.º 8) e para outro, completo ⁽⁶⁴⁾.

De interpretação controversa (interessante a hipótese de E. Cunha Serrão), um «ídolo-alcachofra» ⁽⁶⁵⁾.

(62) Victor dos Santos Gonçalves, «Sobre o Neolítico na Península de Setúbal, II — Duas placas de xisto da Lapa do Bugio», Comunicação apresentada às I Jornadas Arqueológicas, Lisboa, Novembro de 1965.

(63) Veja-se, no trabalho citado na nota anterior, a Bibliografia respectiva.

(64) E. Cunha Serrão, «Alguns Problemas Arqueológicos...». E. IV, n.º 3.

(65) op. cit., E. IV, n.º 2.

PARTE II

AS PRIMEIRAS ESCAVAÇÕES

II. 1. Os primeiros escavadores do Castro,

Talvez se não exagere ao afirmar que o Castro da Rotura foi a estação arqueológica portuguesa que registou maior número de escavadores no seu activo.

Ao longo de quase um século, com efeito, e antes das três campanhas que são o pretexto do presente trabalho, dez arqueólogos ou simples curiosos esventraram o solo já tão destruído do velho castro. E não deixa de ser significativo o facto de quase todas as referências que na Europa lhe foram feitas estarem erradas e, mesmo as assinadas por portugueses, cometerem frequentes erros de localização (66).

Interessam-nos, aqui, nomes como os de Carlos Ribeiro, Pereira da Costa, Maximiano Apollinário, Arronches Junqueiro. Sobretudo António Ignácio Marques da Costa, pioneiro de méritos que seria injusto não recordar.

Todo este grupo trabalhou na segunda metade do século XIX e no primeiro quartel do XX. Entre ele e o recomeço das pesquisas no castro, datável de 1961, aproximadamente 58 anos de intervalo. A nova fase inicia-se muito provavelmente com uma simples prospecção de Fernando Bandeira Ferreira, não datada mas por certo bem anterior a .61. Nesta última data, três estudantes do Liceu de Setúbal, Carlos Tavares da Silva, Mateus Cabrita e o autor destas linhas, acompanhados por um colega, Hélder Gouveia, procederam a recolhas de superfície que resultaram num estudo da fauna malacológica (67).

Os meus trabalhos viriam a concretizar-se numa comunicação ao IV Colóquio Portuense de Arqueologia, em 1965 (68).

Qual a origem da curiosidade que o Castro sempre despertou e quais as conclusões destas duas primeiras fases de pesquisa, eis o tema das páginas seguintes.

(66) Veja-se o trabalho de Santos Júnior sobre Mairos (Trás-os-Montes), *Hom. Martins Sarmiento, Guimarães, 1933*, pp. 364-372.

(67) «Fauna Malacológica do Castro da Rotura», Setúbal, 1963.

(68) «O Castro pré-histórico da Rotura — Setúbal», Lucerna, V, Porto, 1966 e Separata.

II. 1. 1.

CARLOS RIBEIRO

(prospecção de cronologia duvidosa mas, de certeza, anterior a 1878)

Carlos Ribeiro, a pg. 65 de um seu estudo, de 1878 ⁽⁶⁹⁾, refere já a «Fonte da Ruptura», estação de trânsito entre a Idade da Pedra e a Idade do Metal.

Pouquíssimos, os ensinamentos a colher de essa simples referência.

A. I. Marques da Costa (fonte indispensável) fala-nos, porém, de um peso de tear e em vinte e sete fragmentos de cerâmica decorada ⁽⁷⁰⁾, atribuindo-os às pesquisas de Carlos Ribeiro.

II. 1. 2.

PEREIRA DA COSTA

(data de escavação desconhecida. Principais referências em A. Filipe Simões, 1878, e em A. I. Marques da Costa, 1903)

Augusto Filipe Simões ⁽⁷¹⁾ apresenta uma série de materiais cuja atribuição aos trabalhos de Pereira da Costa é, praticamente, indesmentível :

- 1 ponta de flecha triangulóide, de base côncava (p. 41, fig. 13)
- 2 pontas de flecha de base côncava (p. 41, figs. 11 e 12)
- 2 cabos de instrumento, de osso (p. 48 e p. 51, fig. 28)
- 1 furador talhado num osso longo (p. 50, fig. 26)
- 1 «sovela» (p. 51, fig. 27)

Encontramos, igualmente, cerâmica do tipo «bojo apertado» (c/decorações incisivas com um punção rombo) e folha de acácia (p. 57, figs. 39 e 40).

Para o A., a «Fonte da Ruptura» é comparada às Grutas da Estria, de Gibraltar, de Albuñol e à Cueva de la Mujer.

Curiosa, uma peça reproduzida na p. 118 (fig. 66), uma faca de cobre encurvada, com rudimentar espigão de encaixe, obtido por estrangulamento de uma extremidade. É esse, também, o sistema de acabamento da faca serrilhada da fig. 67.

A incerteza sobre as condições do achado é notória. Cartailhac, em 1886, afirmava : «On ne sait rien sur les circonstances de la découverte. Il faut donc nous borner à présenter isolément les principales pièces» ⁽⁷²⁾.

(69) Carlos Ribeiro, 1878.

(70) Arch. Port., VIII, 1903, p. 138.

(71) Augusto F. Simões, op. cit., 1878, pp. 41, 48-50, 56, 57, 61, 70 e 118.

(72) Cartailhac, op. cit., Paris, 1886, pp. 218.

Muito mais atento, A. I. Marques da Costa ⁽⁷³⁾ apresenta-nos inventário mais rico em pormenores :

- 37 facas e lascas de sílex
 - 3 machados polidos (um fragmentado)
 - 2 «esferas de pedra»
 - 1 fragmento de quartzo rolado
 - 1 ídolo cilíndrico (9 cm de comp. x 1,8 cm de diâmetro). Dupla figuração supraciliar
 - 2 «sovelas», de osso
 - 2 furadores, de osso
 - 1 fragmento de dente de javali
 - 3 furadores (?)
 - 7 instrumentos de cobre
- Cerâmica decorada.

II. 1. 3.

MAXIMIANO APOLLINÁRIO (1896)

(segundo referência de José Leite de Vasconcelos ⁽⁷⁴⁾)

Por ordem do Director do Museu Etnológico, M. Apollinário dispôs-se a sondar o Castro da Rotura. As verbas foram reduzidas e os trabalhos devem ter sido de curtíssima duração. Foram os seguintes os materiais recolhidos :

- 3 pontas de flecha (sílex)
 - 1 faca de sílex
 - instrumental lítico diverso (fragmentado)
 - 4 cabos de instrumentos (?), dois dos quais fragmentados
 - 2 contas de calaíte (uma fragmentada)
 - 1 pequeno «pingute» (sic) — «pingente» (sem dúvida deve tratar-se de «gralha»)
 - 2 «serras de cobre»
 - 1 fragmento de um utensílio de cobre (gume)
 - 3 pesos de tear fragmentados
- Cerâmica com «ornamentação variada».

(73) Arch. Port., VIII, 1903, pp. 139-140.

(74) Arch. Port., II, 1896.

II. 1. 4.

ARRONCHES JUNQUEIRO

(prospecções pouco após as de Apollinário. Segundo manuscrito autógrafo de 1930)

A primeira referência ao espólio conseguido por Arronches Junqueiro na Rotura data de 1903 e é do punho de A. I. Marques da Costa que afirma ter visto no «bonito museu» (75) do polígrafo setubalense as seguintes peças :

- algumas pontas de flecha
- diversos utensílios de pedra polida
- cerâmica decorada
- restos de fauna.

Vinte e sete anos depois, num pitoresco manuscrito, o próprio Arronches Junqueiro escrevia :

«Nasci em Setúbal, vivi sempre no meio dos seus esplendores naturais, dos seus encantos, e em convívio acendeu-me no espírito a ansia de ver, de compreender o que via, de interpretar a natureza e, então, procurei nas ruínas, pedaços da sua história» (76).

Em páginas plenas de um entusiasmo romântico encontram-se, porém, informações de interesse.

Sabemos assim que ele apenas iniciou as suas «escavações» após as de Maximiano Apollinário (p. 18). que o fez para satisfazer o seu «regalo de colecionador» (p. 18), que os operários da pedreira usavam, nos isqueiros, «bicos» que outra coisa não seriam que pontas de flecha (p.19).

Afirmção que, felizmente, pude desmentir é a que se encontra na pág. 30 e segundo a qual a pedreira e a agricultura «fizeram desaparecer, o que poderia ainda existir de interessante nesse local em que por largos séculos viveram os nossos antepassados» É a altura de se lembrar a acertada observação de Pericot (77).

Um inventário, mais completo que o de A. I. Marques da Costa :

- pontas de seta (silex e calcário)
- fragmentos de vasos grosseiros «moldados à mão e parecendo cozidos

(75) Arch. Port., VIII, 1903, p. 141.

(76) Arronches Junqueiro, «Setúbal, o que tenho visto do seu passado, flora e fauna entomológica», manuscrito autógrafo, (1930), Biblioteca M. de Setúbal, n.º 15 161.

(77) Luís Pericot, «Los sepulcros megalíticos catalanes...», p. 53.

junto de fogueiras»

- 2 vasilhos de má moldagem, sem acabamento
- 1 unha de plantígrado corpulento
- muitos ossos humanos e de animais domésticos
- conchas (78).

Desde já podemos levantar uma objecção : é muito duvidoso que A. Junqueiro tivesse recolhido ossos humanos na Rotura, que é um povoado e não uma necrópole. Vinte e sete anos ou mais após a recolha das peças (e por certo sem um registo eficiente) o A. deve ter confundido materiais do Castro da Rotura e da Gruta da Fazendinha, que esvaziou e que, ela sim, era uma necrópole. A favor desta objecção, o facto de A. I. Marques da Costa em 1903, depois de ver os materiais, não citar entre eles restos humanos. Facto a ponderar se tivermos presente o extraordinário interesse que A. I. M. da Costa sempre manifestou pelos espólios antropológicos encontrados. Daí a imprudência de, em recente estudo dos materiais desencaixotados em 63, se não ter apontado a grande margem de incerteza que preside a uma possível proveniência da Rotura desses objectos.

II. 1. 5.

ANTÓNIO IGNÁCIO MARQUES DA COSTA

(1903 : relatório de escavações pouco anteriores)

De 1902 a 1910 o «Archeologo Português» inseriu um dos mais densos artigos.

Trabalho que resultava de uma prospecção de intensidade e de interesse sem precedentes, nem imediatos continuadores, na Península de Setúbal. Dois povoados (Rotura e Chibanes) e uma necrópole (Casal do Pardo — Palmela), fundamentais, foram longamente escavados.

Dezenas de estações pré proto-históricas e romanas foram marcadas na carta. Centenas de objectos foram descritos ou referenciados.

Esforço corajoso de um homem isolado, hoje de citação indispensável a quem investigue a Pré-História das regiões setubalenses. E não só. Consultem-se os mapas e os esquemas reconstituitivos sobre Tróia de Setúbal (79) ou os próprios manuscritos (80) de seu punho e ver-se-á o nível, incomum para o

(78) Arronches Junqueiro, op. cit., pp. 18-20.

(79) estudos sobre Tróia de Setúbal publicados no Arch. Port.

(80) Manuscritos de A. I. Marques da Costa, hoje na Biblioteca Municipal de Setúbal.

tempo, de uma grande figura da investigação arqueológica do primeiro quartel do século XX.

Resumo, assim, esse trabalho pioneiro :

1. Generalidades — breves considerações geológicas, o problema do homem terciário, o homem do paleolítico, o homem «pré-histórico actual». Curtas observações sobre o neolítico na região de Setúbal (81).
2. O Castro da Rotura — descrição, localização, reconstituição, generalidades. Primeiras escavações (com inventário do espólio). Trabalhos de A. I. Marques da Costa (82).
3. Lapa da Rotura (83), Lapa de S. Luís (84), Furna a Oriente da Rotura (85).
4. Estações litorais (86).
5. O Castro de Chibanes (87).
6. Estações isoladas (88).
7. Grutas Artificiais da Quinta do Anjo (89).
8. Idade «eo-metalica» — tentativa de agrupamento dos materiais (90).
teriais (90).
9. Apêndice : o bronze e o ferro de Chibanes (91).

Por agora, interessam-nos apenas as escavações de A. I. Marques da Costa na Rotura e os seus comentário sobre as condições da estação.

Em primeiro lugar, uma negativa quanto a uma possível estratificação dos objectos do castro que, «se alguma vez se encontraram em camadas distintas e estratificadas (...) estão actualmente confundidos» (92).

Como fonte da análise dos materiais da Rotura surge-nos um quarteto conhecido. Carlos Ribeiro, Filipe Simões, Estácio da Veiga, Cartailhac. Mas outros Autores foram consultados. Leite de Vasconcellos e Siret, por exemplo, surgem-nos em menções inequívocas.

-
- (81) Arch. Port., VII, 1902, pp. 275-282.
(82) Arch. Port., VIII, 1903, pp. 47-52, 137-148 e 266-267.
(83) Arch. Port., VIII, 1903, pp. 267-271.
(84) Arch. Port., VIII, 1903, pp. 271-274.
(85) Arch. Port., IX, 1904, pp. 145-153.
(86) Arch. Port., X, 1905, pp. 185-193.
(87) Arch. Port., XI, 1906, pp. 40-50.
(88) Arch. Port., XII, 1907, pp. 206-210.
(89) Arch. Port., XII, 1907, pp. 210-217 e 320-338.
(90) Arch. Port., XIII, 1908, pp. 270-283.
(91) Arch. Port., XV, 1910, pp. 55-83.
(92) Arch. Port., VIII, 1903, p. 138.

Quanto ao vultuoso espólio recolhido pelo A. no Castro da Rotura, é composto pelas seguintes espécies de utensílios e objectos (93) :

- Facas, lâminas, lamelas
- pontas de flecha
- «elementos de foice» ovais
- instrumentos para raspagem
- machados
- percutores
- seixos rolados
(todos em pedra)
- furadores
- punções
- «furadores-espátulas»
- «sovelas»
(de osso)
- Cerâmica «folha de acácia» de diversos tipos
- cerâmica de bojo apertado (incisões com punção rombo)
- Cerâmica campaniforme
- Pesos de tear, não decorados
- Conta de calaíte «com a forma e a grandeza de azeitona» (94).

Parte de este espólio encontra-se presentemente no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia. Faltam, contudo, muitas peças que os herdeiros por certo deixaram extraviar-se e existem outras, registadas nos Arquivos como sendo da Rotura, que não constam dos trabalhos de A. I. Marques da Costa.

Portanto, uma grande margem de incerteza rodeia uma atribuição serena de todos esses materiais ao Castro. Tal me levou a desistir do projecto inicial que previa um estudo pormenorizado e uma reclassificação de esses objectos. Noutro lugar (95), com mais tempo, voltarei a este ponto.

Vejamos, ora, o que há a dizer dos materiais recolhidos nesta primeira fase.

(93) Arch. Port., VIII, 1904, pp. 141-144.

(94) idem, ibidem, p. 266.

(95) Como trabalho inicial da série a dedicar ao Castro de Chibanes, prevê-se uma análise das taças com bordo decorado dele provenientes. Aí se farão considerações demoradas sobre o espólio de A. I. Marques da Costa.

II. 2. CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESPÓLIO

II. 2. 1. Instrumentos.

II. 2. 1. 1. O instrumental lítico recolhido pelos primeiros escavadores do castro agrupa-se em categorias de interesse e antiguidade muito variáveis.

Entre os machados (e a admitirmos que provém realmente da Rotura as peças hoje no Museu de Setúbal) existem bons exemplares do tipo de secção circular e corpo cilíndrico. Alguns deles apresentam um belo polimento, outros foram intencionalmente picados nas faces e talão de modo a permitirem um mais fácil encabamento (96).

A filiação neolítica parece indiscutível.

Alguns percutores não se afastam das formas conhecidas e outros resultam do aproveitamento de machados fragmentados. Todos os outros materiais não suscitam grandes comentários. São peças vulgares nas estações da época. Talvez se deva, porém, chamar a atenção para um ponto curioso: nenhuma das pontas de flecha encontradas possui pedúnculo. Todas, sem excepção conhecida, são de base côncava ou, mais raramente, recta.

II. 2. 1. 2. A técnica de talhe de osso está presente em numerosos utensílios. A merecerem menção especial, uns furadores cuja extremidade não aguçada é constituída em forma de triângulo. Estes «furadores-espátulas», de utilização incompletamente conhecida, são das mais curiosas peças de osso encontradas no Castro. Conhecem-se, também, punções, «sovelas» e furadores de forma tradicional. Apontam-se, de igual modo, alguns cabos de instrumentos, um dos quais conservando ainda no seu interior um belo punção de cobre (97).

II. 2. 1. 3. Os instrumentos metálicos estão bem representados e são todos de cobre. Encontramos, com frequência, facas denteadas («serras»), furadores e lâminas simples. Na colecção de Arronches Junqueiro sobressai um anzol. Utensílio cuja falta seria intrigante tendo em vista a ocupação campaniforme — a ponta de flecha tipo Palmela — está em falta. Não é este o único elemento, segundo um critério clássico considerado tipicamente campaniforme, a estar ausente do Castro. Não se encontraram, por exemplo, ornamentos de ouro ou os, considerados característicos, punhais triangulares.

(96) Sobre eles falei na primeira parte da minha comunicação «Sobre o Neolítico na Península de Setúbal», I Jornadas Arqueológicas, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa, Novembro de 1969.

(97) No que é de comparar a exemplares de Vila Nova de S. Pedro.

II. 2. 2. Cerâmica.

II. 2. 2. 1. A cerâmica lisa está compreensivelmente excluída de quase todos os relatórios concernentes à primeira fase de escavações. Disse «compreensivelmente» porque não sendo a «peça-de-Museu» por excelência, não apresentando decorações, os seus descobridores limitaram-se a deitar fora todos os fragmentos, esquecendo mesmo as possibilidades de reconstituição. A. I. Marques da Costa é, talvez, a excepção a confirmar a regra mas ele recolheu apenas vasos quase inteiros e que, portanto, a própria época não rejeitaria. São peças não significativas, acentue-se, tal como dois pequenos vasilhos quase hemisféricos, muito grosseiros, recolhidos por Arronches Junqueiro.

II. 2. 2. 2. 1. A cerâmica decorada a incisões contínuas pertence a dois grupos fundamentais: a cerâmica com decoração em «folha-de-acácia» e a cerâmica decorada com incisões conseguidas por um punção rombo.

A «folha-de-acácia» é muito frequente, sob diversos estilos decorativos. As incisões acanaladas surgem sempre em recipientes de «bojo apertado», por vezes com quatro perfurações (para suspensão?).

Um fragmento da colecção de A. Junqueiro seria de grande interesse, se houvesse a certeza de ele ser proveniente da Rotura. Trata-se de cerâmica com faixas horizontais preenchidas por traços verticais, incisos. Estaremos perante um elemento decorativo proto-campaniforme, associável à cerâmica incisa «de grutas»?

II. 2. 2. 2. 2. A cerâmica decorada segundo a técnica do ponteadado, processo de incisão típico do campaniforme, é estranhamente rara.

Alguns exemplares, muito fragmentados, de campaniformes, surgem-nos, com mau aspecto, nas recolhas de A. I. Marques da Costa. Mas o silêncio a envolvê-los é quase total. A faixa zigzagueante encontra-se, por vezes. O belíssimo vaso campaniforme da lapa sepulcral da Rotura está, porém, fora do âmbito do inquérito presente. Foi referenciado — recordamo-lo — dentro do ambiente cultural do Castro (supra, I. 2. 1.).

II. 2. 2. 3. Registam-se pesos de tear não decorados, inteiros e em fragmentos. Bem conhecidos, sobretudo em A. I. Marques da Costa ⁽⁹⁸⁾.

II. 2. 3. Os objectos de adorno pessoal — quase todos em calaíte — são

(98) op. cit., vidé Estampas no vol. VIII do Arch. Port.

constituídos pelas inevitáveis contas de colar, por vezes de perfuração bicónica, e por conchas perfuradas.

II. 2. 4. Quanto a objectos com carácter «sagrado», eles não são em grande número.

Um «ídolo cilíndrico», elementarmente oculado, parece ser o único objecto a referir.

Apesar de fora do âmbito de estas observações, parece-me extremamente importante o aparecimento de grãos de trigo carbonizados, numa gruta sepulcral junto ao Castro.

Tratar-se-á de sobrevivência de um antigo ritual neolítico, relacionado com a Terra e as Colheitas ?

Pena não se possuírem mais elementos sobre ponto de tão grande interesse para um nosso melhor conhecimento do ideário «religioso» de esse tempo.

PARTE III

NOVAS ESCAVAÇÕES - MÉTODOS
E PROBLEMAS

III. 1. As prospecções e campanhas.

III. 1. 1. De 1960 a 1963 efectuei prospecções e sondagens no Castro da Rotura. Apesar das condições péssimas de trabalho, de que era responsável a forte arborização do terreno, consegui delimitar duas zonas de pesquisa que, desde o primeiro momento, suspeitei de características muito diversas.

Na primeira reconheceu-se um vasto concheiro onde a *Tapes decussatus* surgia em esmagadora percentagem. Os resultados e as conclusões de estes trabalhos preliminares foram comunicados em .65 e .66 aos IV e V Colóquios Portuenses de Arqueologia, pelo que é dispensável repeti-los aqui.

III. 1. 2. Nos dias frios, mas sem chuva, da terceira semana de Dezembro .67 começou a primeira das minhas campanhas oficiais no Castro da Rotura, subsidiada, como as de Abril e Agosto do ano seguinte, pelo Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia.

A terra apresentava-se não muito dura, sem um excessivo teor húmido. Portanto, em condições razoáveis para uma boa escavação.

Evitando a zona em que anteriormente fizera sondagens, decidi abrir duas valas de referência marcando, simultâneamente, a faixa de terreno escolhida para talhão testemunho.

A decapagem processou-se lenta mas seguramente. Não procurava aplicar nenhum sistema específico de escavação mas, tão só, proceder a uma retirada por camadas de vinte centímetros e a um registo dos materiais tão perfeito quanto possível. As condições do Castro (descritas supra I. 1. 1.) assim o aconselhavam.

Antes do início dos trabalhos houve uma preocupação dupla: preparar o terreno para a escavação e os trabalhadores para a campanha.

O terreno foi limpo da vegetação rasteira mas muito robusta que o cobria. Aos trabalhadores mostrei fotografias e desenhos do espólio de povoados e necrópoles da mesma época da Rotura, tentei apresentar-lhes uma panorâmica acessível da Pré-História de Portugal.

A escavação completa de uma área compreendida em Q — 7 (v. planta topográfica) revelou a seguinte sucessão estratigráfica:

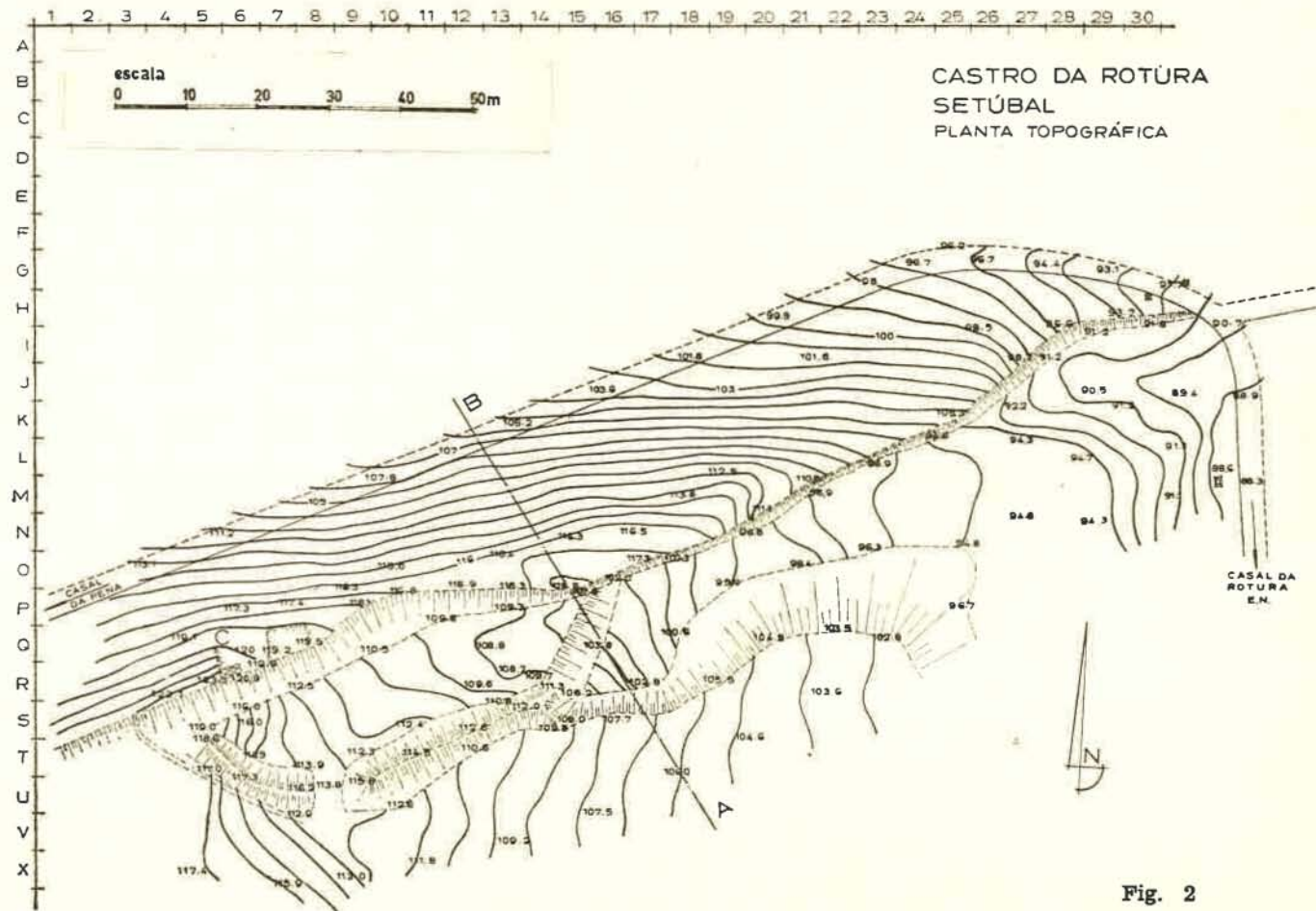


Fig. 2

CASTRO DA ROTURA
SETÚBAL

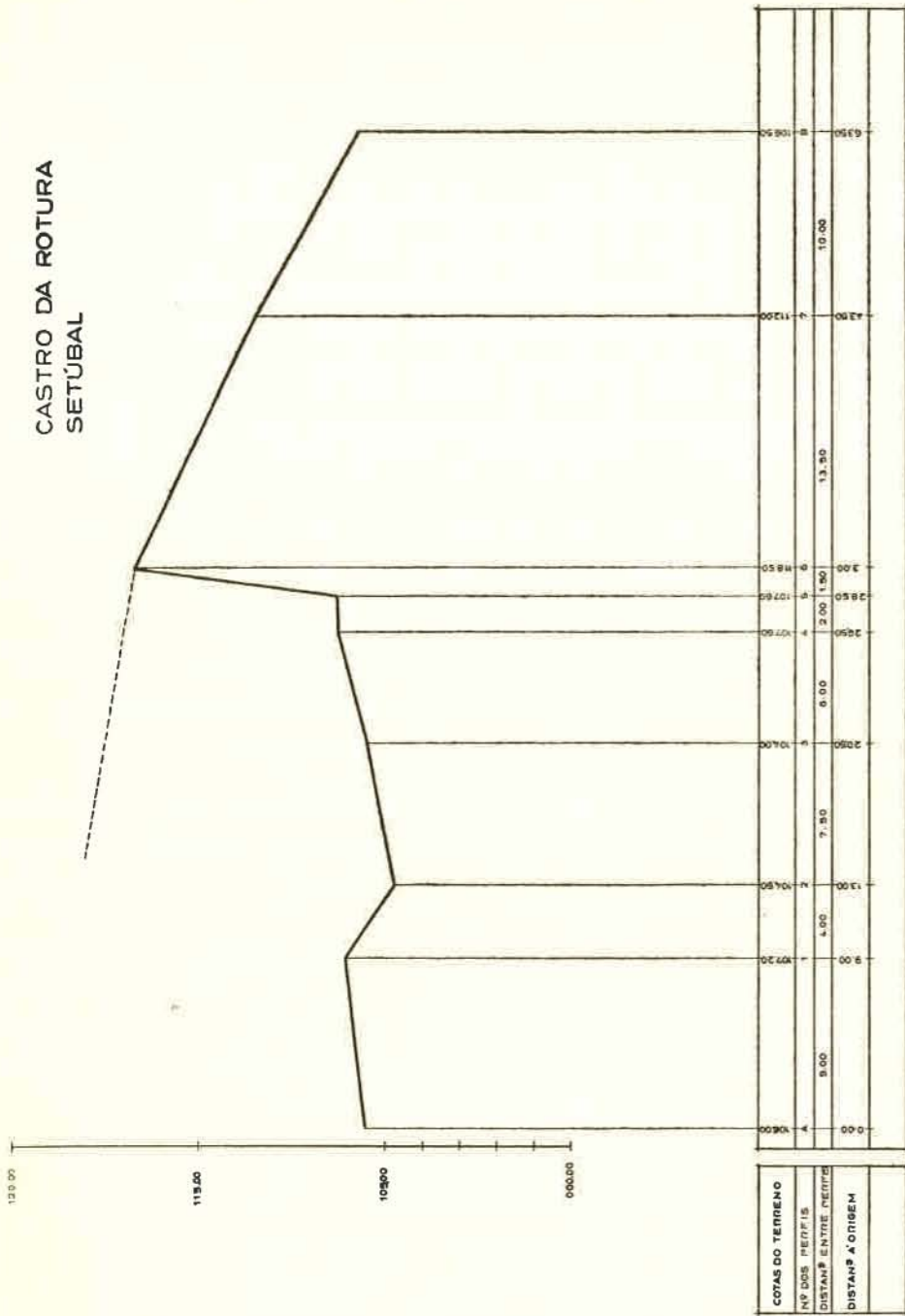


Fig. 3

Ver a substituição no
final

- I — camada de espessura variável (45 cm, em média) de terra negra, vegetal, evidenciando uma rica concentração de cerâmica campaniforme e sinais de uma avançada metalurgia do cobre. (numerosas escórias de fundição)
- II — zona de terra amarelada, argilosa, muito compacta. Espólio de características muito diversas do anterior.
- III — zona divisível em duas outras
 - III a — terra avermelhada, solta, sem espólio
 - III b — cascalho proveniente da lapialização do calcário.

Terminada a escavação em Q—7, os trabalhos continuaram, desta vez em O—P—14. Não se verificaram resultados apreciáveis. No último dia da campanha, continuava a decapagem de essa zona incrivelmente pedregosa onde não foi possível encontrar qualquer sequência estratigráfica.

III. 1. 3. A campanha de Abril .68, que ocupou quatro trabalhadores durante duas semanas, começou sob condições desfavoráveis. As chuvas de sexta-feira, 29 de Março, tinham ensopado o terreno bem mais do que se supusera.

Uma vez verificada a impossibilidade de contornar este contratempo, iniciou-se a preparação das zonas de trabalho.

Constituíram-se duas áreas de pesquisa, representando prolongamentos de O—P—14, para Oriente, e de Q—7, para Este e Oeste.

A escavação de O—P—15 foi feita por camadas de 10 cm, uma vez que O—P—14 não revelara uma sequência estratigráfica que fosse possível seguir.

Criou-se, assim, uma estratigrafia artificial, esperando-se um posterior ajustamento. As primeiras camadas revelaram apenas fragmentos de cerâmica atípica e desinteressante. Por vezes, surgiam fragmentos decorados com «folhas-de-acácia» (geralmente na variante «crucífera») ou com traços acanalados paralelos entre si e ao bordo.

A escavação prosseguiu até à rocha e revelou factos generalizáveis para O—P—14 e 13, confirmando os últimos resultados da campanha de Dezembro .67.

- 1 — as primeiras camadas apresentam (até uma profundidade variável mas nunca inferior a 60-70 cm) nítidos e extremos remeximentos.
- 2 — apenas uma estreita faixa de terreno, junto à rocha, parece preservada. Nada de significativo se registou, porém, quanto a uma ocupação humana.

- 3 — O espólio é raro e constituído quase unicamente por cerâmica.
- 4 — Não se encontrou qualquer fragmento de vaso campaniforme.

Apesar dos resultados negativos então obtidos, ficou assente incluir na programação da campanha próxima mais uma sondagem de verificação.

Tratava-se agora de confirmar em Q — 6, e para Ocidente de esta zona, a estratigrafia que em Dezembro do ano anterior Q — 7 revelara.

A escavação iniciou-se, pois, com cuidados extremos. A sanja-piloto foi progredindo até à rocha-mãe. E, de acordo com o programado, foram as seguintes as fases dos trabalhos :

- 1.^a — limpeza prévia dos arbustos e removimento das pedras soltas da superfície ;
- 2.^a — decapagem por camadas paralelas à superfície ;
- 3.^a — crivagem, imediata ao removimento das terras ;
- 4.^a — etiquetagem e ensacagem do espólio.

Colheram-se amostras, para análise de terras (que, por conselho do Sr. Prof. Doutor D. Fernando de Almeida, foram entregues ao Eng.º O. da Veiga Ferreira) e fizeram-se numerosas fotografias.

A 4 de Abril, fortes rajadas de vento, acompanhadas por chuva contínua, fustigaram a área extremamente desprotegida do Castro. O ritmo da escavação diminuiu acentuadamente : a terra ensopada é sempre um entrave sério a uma decapagem eficiente e dificulta o bom andamento da crivagem. Nos dias seguintes, porém, a forte ventania e a ausência de chuva acabaram por permitir o retorno às anteriores condições de trabalho.

No dia 10, visava-se a definitiva escavação do nível de ocupação II b, na zona de R.) (Consulte-se a planta topográfica). Uma pedra de feitio bizarro chamou-me imediatamente a atenção. Coloquei os trabalhadores na zona limítrofe, preparando o talhão para os trabalhos do dia seguinte, e encarreguei-me pessoalmente da decapagem. Quatro horas depois, a terra tinha sido retirada centímetro cúbico a centímetro cúbico e um pequeno conjunto de objectos estava identificado. Tratava-se, em primeiro lugar, de uma bela mó manual completa. O elemento móvel repousava sobre o dormente. Perto, uma conta de calaíte, de perfuração bicónica e uma faquinha de sílex. Creio ser a primeira vez que, entre nós, surge uma mó em estratigrafia. Realmente importante, na verdade, é o facto de ela nos garantir a preservação do nível de ocupação a que pertence. Com efeito, se tivesse havido revolvimento de solos não se encontrariam os dois elementos, *in loco*, na posição que a Estampa XVI documenta.

Provas irrefutáveis, como esta, da integridade de um nível de ocupação são tão preciosas como pouco frequentes.

Quando a campanha de Abril — .68 terminou, era possível um breve balanço :

1. estavam perfeitamente definidos seis níveis de ocupação, distribuídos por três estratos naturais : E. I a, b ; II a, b, c ; III a, b (sendo III b um nível arqueologicamente estéril).
2. a cerâmica de E.II a apresenta motivos incisos que persistem, sob a técnica do ponteadado em I b.
3. os perfis da cerâmica lisa não apresentam alterações sensíveis de nível para nível. Nota-se a predominância de «terrinas» em I a, b e II a, como excepções, e uma indiscutível presença, em quase todos os níveis, de recipientes de paredes rectas (trata-se, muito possivelmente, de vasos de corpo cilindróide).
4. o espólio mala e mamalógico é muito mais abundante em II que em I. Duas explicações :
 - queda demográfica ;
 - aumento da variedade dos alimentos disponíveis.A segunda parece, talvez, a mais plausível.
5. a indústria lítica é — em todos os níveis — de uma pobreza assinalável e constituída quase exclusivamente por pontas de flecha. Nos níveis II b e II c surgem já enxós. Um machado de secção rectangular, em Ib.
6. o significado dos utensílios de cobre é muitíssimo importante. Dois robustos anzóis foram identificados e correspondem a uma actividade pesqueira em mar alto, ponto que os vestígios ictiológicos confirmam.
7. o talhe de osso parece ter tido o seu apogeu em II b.
8. a um único objecto talvez seja de atribuir um carácter «sagrado». É um osso espalmado, polido, com vestígios de fogo e com quatro marcas (em grupos de dois) que podem ser assimilados às «tatuagens» faciais dos ídolos peninsulares.
9. definiu-se um nível a que se prevê notável antiguidade. Cerâmica muito grosseira e uma bela ponta de flecha, de jaspe, com base recta e retoque mínimo, constituem o espólio recolhido (III a).
10. o achado de uma mó manual, cujo formato não é comum, pode levantar vários problemas. Ambos os seus elementos se afastam do que conhecido na Península. Por ora é impossível qualquer relação.

III 1. 4. Em Agosto do mesmo ano, de novo subsidiado pelo M.N.A.E., iniciei a última campanha de escavações no Castro da Rotura. Sob maus auspícios, aliás: o terreno apresentava-se muito seco e, conseqüentemente, compacto. Impunha-se, portanto, o uso exclusivo de material de trabalho leve mas robusto. A enxó substituiu o colherim, de uso impensável naquelas condições, o que obrigou os trabalhadores a um uso mais atento de esse utensílio (que eles costumam manejar com vigor).

A tudo isto se acrescia o facto de a zona a escavar ser aquela que se acreditara a melhor preservada e a de mais difícil decapagem do Castro.

Após um estudo da inclinação dos estratos e da consistência do terreno decidi iniciar a decapagem por zonas previamente delimitadas e conduzi-la desigualmente, de forma a obter uma sucessão de plataformas em degrau que permitisse aos escavadores trabalhar sem risco de queda. Reajustou-se a técnica de registo e estabeleceram-se normas rígidas na retirada da terra a crivar.

O primeiro objectivo previsto consistia em detectar uma possível continuação para um alinhamento de pedras (troço de um muro de defesa? restos de construções para habitação?) que tinha sido localizada no fim da campanha de Abril.

Considerando a violenta inclinação do solo, não se escavou a zona onde os estratos confluíam, originando uma muito possível confusão dos níveis de habitação.

O prosseguimento dos trabalhos para Poente levantou dificuldades ainda maiores. A disposição da área de escavação para com o Sol criava impossibilidades insuperáveis a um eficaz levantamento fotográfico.

O acidentado do terreno veio a provocar alguns incidentes, o mais grave dos quais danificou seriamente uma máquina fotográfica e ocasionou ferimentos ligeiros. Lamenta-se, sobretudo, a perda de uma película contendo série insubstituível de imagens sobre o decurso das escavações.

Quando a escavação de esta zona terminou, a sequência do níveis de ocupação era a seguinte:

I (0 a 48 cm)

- a) — 0 a 30 cm — Terra negra, vegetal. Pedras soltas. Fragmentos de «folha-de-acácia» de facies evoluído e de vasos campaniformes. A partir dos 20 cm distinguia-se uma zona de concheiros. Recolheram-se em tubos Nalgel amostras de carvão para análise pelo C 14. Grandes quantidades de *Tapes decussatus*, L., cinzas, restos de mamíferos.
- b) — 30 a 48 cm — Terra, por vezes solta, cinzento escuro, com pedras

sem conexão. Campaniforme em abundância, «folha-de-acácia», «pratos», pontas de flecha retocadas. Restos de mamíferos. Perto dos 48 cm surgiu uma possível pavimentação do solo, com pedras, irregulares, muito próximas, e restos de barro vermelho cru.

II (48 a 170)

- a) — 48 a 80 cm — Terra argilosa, amarelada. Vasos de bocal apertado e bojo alto, decorados com incisões conseguidas por meio de um punção rombo. Cerâmica «folha-de-acácia» com belas combinações decorativas. Em posição estratigráfica iniludível surgiram dois fragmentos de um vaso e outro, distinto, de Cerâmica Campaniforme Internacional A 3 a. Grandes concentrações de cinzas.
- b) — 80 a 140 cm — Nível de surpreendente intensidade de ocupação. Cerâmica decorada com incisões finas (Tipo dos «Copos» de Vila Nova I), indústrias de talhe do osso e da pedra variadas e significativas. Contas de calaíte. Dois anzóis de cobre, consideravelmente mais toscos que os que a Campanha Abril .68 revelara.
- c) — 140 a 170 cm — Restos malacológicos especialmente abundantes. Vários fragmentos de cerâmica de confecção muito grosseira, sem acabamento, decorados com unguiações duplas. Escasso espólio lítico, havendo sobretudo a acentuar a existência de enxós polidas. Note-se que a posição da cerâmica unguilada e a variação dos limites dos estratos torna mais exacta a sua localização em III a.

III (170 a 230 cm)

- a) — 170 a 190 cm — Terra vermelha, com cascalho. Conchas de patelídeos e pectinídeos. Cerâmica não decorada, muito grosseira.
- b) — 190 a 230 cm — Zona de pedra solta proveniente da lapialização do calcário de que é composta a rocha-mãe. Arqueològicamente estéril.

Quanto a estruturas, estavam definidas as fases de construção que a Estampa IX documenta. Não se defende a hipótese de elas representarem muralhas. Quanto muito arriscar-se-á a expressão «muros defensivos». Trata-se, mais provavelmente, de habitações.

Em relação ao murozito na vizinhança do talhão-testemunho (Est. IX, fig. 3) E. Sangmeister e H. Schubart, aquando da sua visita ao Castro, compararam-no aos das mais antigas fases de construção do Castro do Zambujal.

Na impossibilidade de confirmar esta declaração oral, registo-a aqui sem comentários.

Ao encerrarem-se os trabalhos, esteve também definida a real importância de O — P — 13, 14 e 15 : essa maioritária parte do que resta do povoado apresenta hoje os testemunhos das «escavações» dos primeiros exploradores da estação.

A confirmá-lo, o achado de chave de fechadura e de outra, de fendas, cuja cronologia (mesmo tendo em conta a ferrugem) não aponta, certamente, datas muito anteriores ao começo do nosso século...

Reduzidíssimo, assim, o interesse de esta vasta zona. Limitei-me a fazer nela nova e última sondagem de verificação. As características dos achados, a ausência de uma estratigrafia definida, não encorajavam o avançar dos trabalhos, que suspendi.

A minha tomada de posição apoiava-se, portanto, na ausência de interesse que os remeximentos tinham provocado.

Ao abrir a parte fundamental de um livro bem conhecido (La Prèhistoire, n.º 1, Nouvelle Clio), a p. 235, Leroi-Gourhan falava do «rendimento da máquina científica», por vezes muito inferior ao desejado. E juntava que se, em Medicina, a perda de cobaias é constantemente resolvida, em Arqueologia já tal não sucede. É que, como o pré-historiador francês justamente observou, uma estação arqueológica não se reproduz. Observação elementar, é certo, mas tão esquecida como essa outra de Lévi-Strauss, que aponta os perigos e limitações da análise tipológica.

No que respeita ao Castro da Rotura, as sondagens e escavações, precedendo, coexistindo, e seguindo-se à exploração de uma pedreira, arrasaram vasta zona. A mesma — crê-se — em que continuar as primeiras sondagens seria inútil.

Na verdade, conhecem-se já demasiadas peças provenientes da Rotura, sem indicação estratigráfica de qualquer espécie (e por conseguinte, de importância assaz reduzida). Aumentar este já significativo número foi coisa que me não tentou.

III. 2. Os objectos recolhidos.

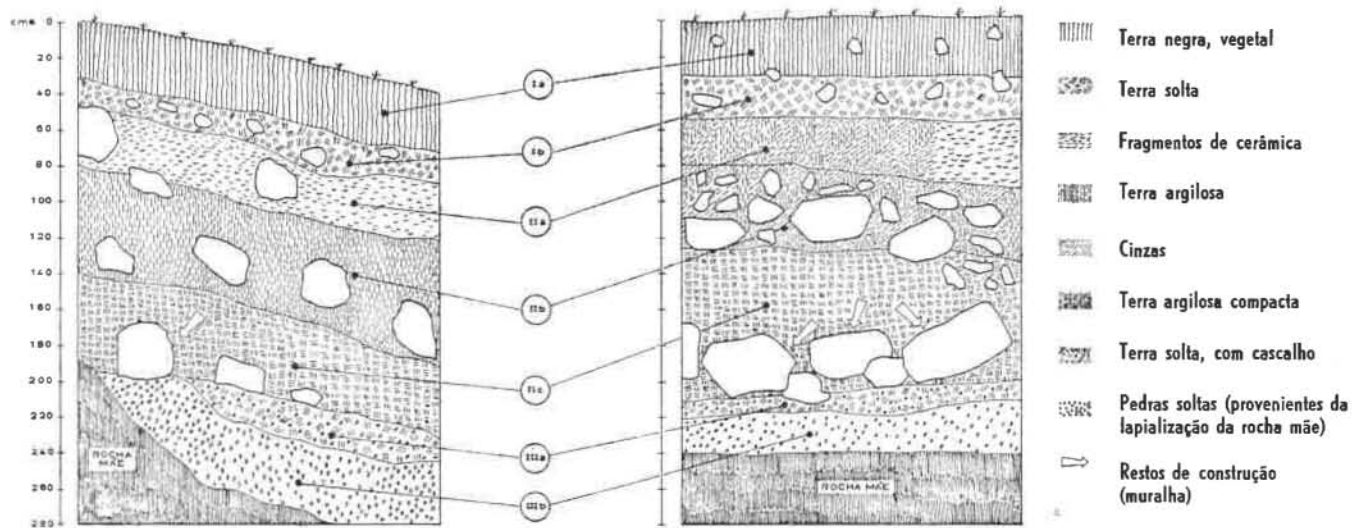
III. 2. 1. primeira zona de ocupação.

Já se fez referência à zona do Castro da Rotura em que sondagens de verificação denunciaram amplos revolvimentos.

O escasso espólio proveniente de essa área não é, portanto, significativo. Saliente-se, porém, que, na sua maioria, ele é assimilável ao de II a. Na Estampa XXV, n.º 3, encontram-se as excepções : desconhece-se o significado do pequeno objecto de barro cozido, com perfuração central, e não se conhecem

Fig. 4. CASTRO PRÉ-HISTÓRICO DA ROTURA-SETÚBAL

Cortes estratigráficos (Cf. 5 - R da planta topográfica)



1.º CORTE perpendicular à falésia

2.º CORTE paralelo à falésia

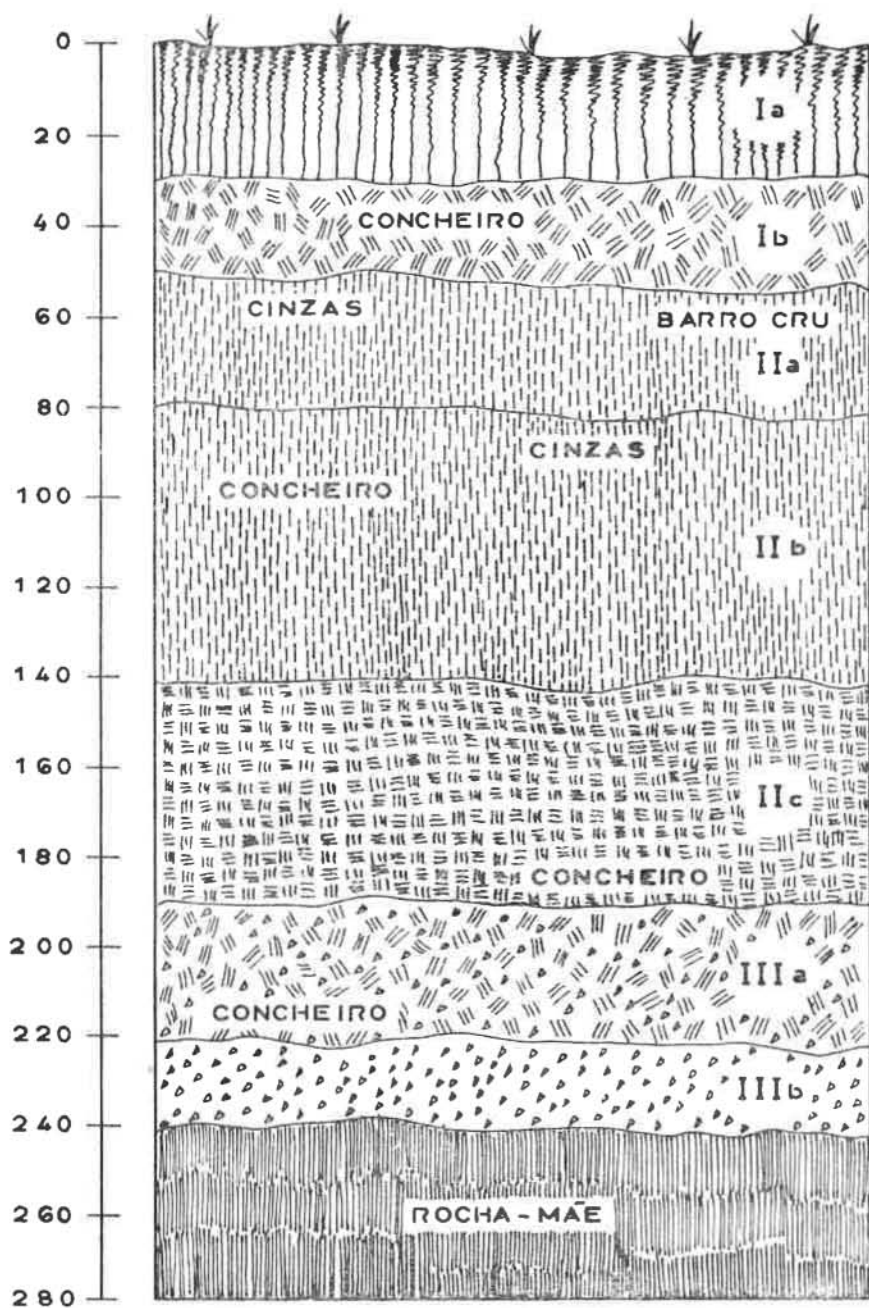


Fig. 5. Estratigrafia «Normalizada» da Zona 4-10 P-R do CASTRO DA ROTURA.

paralelos para a grosseira decoração zigzagante do fragmento cerâmico representado.

As incisões dos exemplares cerâmicos recolhidos foram sempre conseguidas com um punção rombo e as decorações são extremamente simples.

Não se identificaram, também, vestígios de instrumentos líticos ou de osso. Nestas circunstâncias se detiveram as sondagens nessa zona.

III. 2. 2. segunda zona de ocupação.

III. 2. 2. 1. Por motivos mal conhecidos, a segunda zona de ocupação (S a P — 1 a 10) apresentou consideráveis garantias de inviolabilidade.

Apesar das inúmeras «escavações» que o Castro sofreu, tudo indica que esta zona nunca foi tocada. Para além da garantia que o moinho manual (Estampa XVI) nos dá quanto à inexistência de remeximentos em II b, uma vez encontrado na posição que a nossa fotografia documenta, há uma série, longa de enumerar, de factos garantindo a inviolabilidade dos restantes níveis de ocupação. Aponte-se a frequência com que fragmentos de um mesmo vaso surgiram a profundidades rigorosamente idênticas. Registe-se que partes de um mesmo instrumento de osso foram encontradas lado a lado. Tudo isto nos tranquiliza, afastando a hipótese de estratos confundidos e, conseqüentemente, níveis de ocupação baralhados.

III. 2. 2. 2. Na análise dos materiais do Castro da Rotura provenientes das escavações que nele efectuei, segue-se um mais rápido sistema de referência, tecendo-se, após ele, as considerações consideradas indispensáveis.

<i>Instrumentos líticos</i>	I a	I b	II a	II b	II c	III a
a) Machados						
secção rectangular	—	+	—	—	—	—
secção quadrangular	—	—	—	—	+	—
secção oval	—	—	—	—	—	+
reutilizados	—	+	+	+	+	+
b) Percutores	—	+	—	+	+	+
c) Facas largas	—	—	—	+	—	—
d) Facas sem retoque	—	—	—	—	—	+
e) Elementos de foice	—	+	+	+	—	—
f) Enxós						
secção rectangular	—	—	—	+	+	—
secção ovóide	—	—	—	+	—	—

g) Pontas de flecha	+	+	+	+	+	+
h) Lascas residuais	+	+	+	+	+	+
<i>Instrumentos de osso</i>	I a	I b	II a	II b	II c	III a
a) punções	—	—	—	+	—	—
b) furadores (<i>ovis</i>)	—	—	—	+	—	—
c) cabos (<i>ovis</i>)						
d) cabos	—	+	—	—	—	—
e) «sovelas»	—	—	—	+	—	—
f) vasilhos	—	—	—	+	—	—
<i>Instrumentos de cobre</i>	I a	I b	II a	II b	II c	III a
a) punções	+	+	—	—	—	—
b) escopros						
c) facas	—	+	+	—	—	—
d) «espátulas»	—	—	—	+	—	—
e) anzóis	—	+	+	+	—	—
<i>Cerâmica n/ ornamentada</i>	I a	I b	II a	II b	II c	III a
a) perfurada	—	+	+	+	—	—
b) «queijeiras»	—	+	—	—	—	—
c) pratos de largo bordo	+	+	+	—	—	—
d) vasos de paredes rectas	—	+	+	+	+	—
e) cerâmica mamilonada	—	—	—	—	+	—
<i>Cerâmica Incisa</i>	I a	I b	II a	II b	II c	III a
a) unzulada duplamente	—	—	—	—	—	+
b) nervada	—	—	—	—	—	+
c) «folha-da-acácia»	—	—	+	+	—	—
d) «folha-de-crucífera»	+	+	+	—	—	—
e) espiga vertical	—	—	+	+	—	—
f) «copos» Vila Nova I	—	—	—	+	—	—
g) caneluras paralelas	—	—	+	—	—	—
h) vasos de bojo alto	—	—	+	—	—	—
i) ziguezagues verticais	—	—	—	+	—	—
j) ziguezagues horizontais	—	—	+	+	—	—
k) de «tipo chasseur»	—	—	—	+	—	—

<i>Cerâmica Campaniforme</i>	I a	I b	II a	II b	II c	III a
a) Campaniforme A	—	+	+	—	—	—
b) Campaniforme B	+	+	—	—	—	—
c) Taças	—	+	—	—	—	—
<i>Pesos de Tear</i>	I a	I b	II a	II b	II c	III a
a) rectangulares	—	+	+	—	—	—
b) quadrangulares	—	+	+	—	—	—
<i>Objectos de adorno</i>	I a	I b	II a	II b	II c	III a
a) contas de calaíte	—	—	—	+	—	—
b) alfinetes ornamentados	—	—	—	+	—	—
c) <i>cardium</i> perfurado	—	—	—	—	+	—
d) <i>dosinia</i> perfurada	—	—	—	—	+	—
<i>Objectos «sagrados»</i>	I a	I b	II a	II b	II c	III a
a) ídolo almeriense (?)	—	+	—	—	—	—
b) amuleto (?) tatuado	—	—	+	—	—	—
c) amuleto (?)	—	—	+	—	—	—
<i>Objectos de uso indeterminado</i>						
a) pedra, aparelhada, com duas covinhas (Est. XXI, 4) — II a ? *						
b) objecto de barro cozido, com perfuração (Est. XXV, 3) — II a ? *						
c) armações de <i>cervus</i> com provável polimento — III a						
<i>Flora</i>						
a) <i>Pinus</i> sp., em II a						
<i>Fauna</i>	I a	I b	II a	II b	II c	III a
<i>Malacológica</i>						
Cardium edule	—	—	+	+	+	—
Ostrea edulis	—	—	+	+	—	—

(*) Objectos provenientes de zonas de sondagem onde a sequência estratigráfica só pode ser interpretada por comparação com a de outras áreas. Daí as nossas dúvidas quanto a um seu exacto enquadramento. Dúvidas que os pontos de interrogação pretendem sublinhar.

Strombus, sp.	—	—	—	+	—	—
Venus verrucosa	+	+	+	+	—	—
Panopeia, sp.	—	—	—	+	—	—
Mytilus edulis	—	+	+	+	—	—
Balanus tintinabulum	+	+	+	+	+	+
Glycimeris sp.	—	—	—	—	—	+
Cassis saburon	—	—	+	—	—	—
Cytherea chione	—	—	+	—	—	—
Glycimeris glycimeris	—	—	+	—	—	—
Nassa reticulata, var. nítida	—	—	+	—	—	—
Pecten maximus	+	+	+	+	+	+
Tapes decussata	+	+	+	+	+	+
Patella cerulea	—	+	+	+	—	—
Patella athletica	+	+	+	+	—	—
Purpura haemastoma	—	—	—	+	—	+
Pholas dactylus	—	+	+	—	—	—
Dosinia lupinus	—	—	—	—	+	—
Solen marginatus	+	+	+	+	—	—
Mytilus galloprovincialis	—	+	+	+	—	—
<i>Peixes</i>	I a	I b	II a	II b	II c	III a
Sparus auratus	—	+	+	+	—	—
<i>Cetáceos</i>	—	—	+	—	—	—
<i>Mamíferos</i>						
Cervus capreolus	—	—	+	+	—	—
Cervus elaphus	—	—	+	+	+	+
Capra sp.	—	+	+	+	—	—
Ovis sp.	—	+	+	+	—	—
Sus scrofa	+	+	+	+	—	—
Bos sp.	+	—	—	—	—	—
Bos prigimenius	—	+	+	—	—	—
Bos taurus	—	—	—	+	—	—
Lepus cuniculus	+	+	+	+	—	—
Ursus arctus	—	—	+	—	—	—

Entre a fauna, há ainda a citar vértebras de *Teleostomidae* (I a, I b, II b e III a), restos de cetáceos não identificados (II a) e ossos de *cervus elaphus* com vestígios de serragem (II c, III a) e grosseiramente polidos (III a).

As escavações anteriores a 1968 tinham revelado, para além do aqui referido :

GASTEROPODA

Patella vulgata, L.
Trochocochlea lineata, Da Costa
Littorina littorea, L.
Cerithium vulgatum, Bruguière
Murex brandaris, L.
Murex trunculus, L.
Nassa reticulata
Helix pisana, Muller
Helix nemoralis, L.
Helix aspersa, Muller
Helix lactea, Muller
Rumina decollata, L.

BIVALVIA

Chlamys varia, L.
Lopha angulata, Lamarck
Cardium norvegicum, Spengler
Cardium tuberculatum, L.
Meretrix chione, L.
Mya arenaria, L.

MAMALIA

Equus caballus
Sus domestica
Meles taxus

Reconheceram-se, então, restos de *Maja esquinada*, *Palinuris vulgaris*, *Homarus vulgaris*, *Pagrus vulgaris*, *Pagellus centrodontes*, *Merluccius vulgaris*. (99).

Quais os breves comentários a este breve inventário ?

(99) cf. Carlos Tavares da Silva, «Fauna Malacológica do Castro da Rotura», Setúbal, 1963, e Victor dos Santos Gonçalves, «O Castro Pré-Histórico da Rotura», Porto, 1966, pp. 25-26 da Separata.

Sigamos a esquematização proposta em II. 2.

Os instrumentos líticos não são, talvez, dos melhores fósseis-indicadores. Os machados encontrados são, inicialmente (III a, II c), de secção oval ou quadrangular e foram quase todos reaproveitados em períodos posteriores ao do seu fabrico. A secção rectangular surge só no nível campaniforme. Quanto às enxós, frequentes em II c e II b, longo tempo consideradas como instrumentos exclusivamente neolíticos, a sua sobrevivência em estações calcolíticas evoluídas levanta problemas graves.

As facas largas (foices ?) não são muito comuns ao contrário dos elementos de foice, referenciados em Vila Nova ⁽¹⁰⁰⁾ e noutras estações.

Ernani Barbosa ⁽¹⁰¹⁾, encontrou-as no espólio proveniente do Castro da Ota.

As pontas de flecha já em 1921 tinham chamado a atenção de Nils Aberg ⁽¹⁰²⁾, que propôs, para elas, cinco grupos, hoje a imporem urgente revisão.

Na Rotura, a grande maioria é de base côncava, à excepção de algumas (provenientes dos níveis mais antigos), que são de base recta.

Entre os instrumentos de osso, citam-se as sovelas. A. F. Simões noticiou-as na «Fonte da Rotura» ⁽¹⁰³⁾ e conhecemos bons exemplares de Vila Nova ⁽¹⁰⁴⁾. Um belíssimo exemplar foi recolhido na Gruta I de S. Pedro do Estoril ⁽¹⁰⁵⁾ e merece referência.

Os cabos de osso são, também, frequentes nas estações do nosso País. Ballester ao estudar a Covacha de La Ribera ⁽¹⁰⁶⁾ considerou um cabo como sendo uma possível conta de colar. É, porém, um espécimen em tudo semelhante aos portugueses e deve tratar-se de um lapso do investigador espanhol.

A utensilagem de cobre levanta observações particulares. Os punções são idênticos aos já conhecidos em Vila Nova, tal como acontece com as facas. Não parece, contudo, haver paralelos, fora da Península de Setúbal, para os belos anzóis referenciados supra. São exemplares extremamente raros e que indicam um interesse considerável pelo mar como fonte de alimentos. Aliás esse interesse está visível nos numerosos restos de animais marinhos que se encontram em todo os níveis do Castro da Rotura.

A cerâmica não ornamentada apresenta, no nível imediatamente pré-campaniforme, características que permitem falar de um facies megalítico. Os

(100) Jalhay/Paço, 1945, p. 25.

(101) Ernani Barbosa, «O Castro de Ota (Alenquer)», Arq. Port. 2, III, 1956, pp. 117-124, Fot. 9, 5.ª fila 1 e 2.

(102) op. cit., pp. 51-52.

(103) op. cit., 1879, p. 51, fig. 27.

(104) Jalhay/Paço, 1945, E. XIV, n.º 19 e Afonso do Paço, Zephyrus, 1960, fig. 3, n.º 16 e 17.

(105) Leisner/Paço/Ribeiro, 1964, Est. XIV, n.º 74.

(106) Arch. Preh. Lev., 1958, p. 43, fig. 10.

pratos de largo bordo, as vasilhas semi-esféricas, são pontos a justificarem esta aproximação.

Quanto às «queijeiras», conhecidas um pouco por toda a parte no Calcolítico peninsular (um belo exemplo no Cerro del Berrueco ⁽¹⁰⁷⁾), estão presentes na Rotura. De recordar, a excelentemente conservada vasilha do Castro da Pedra do Ouro ⁽¹⁰⁸⁾.

A cerâmica incisa merece especial referência.

A propósito da cerâmica duplamente unglada de Nea Nikomedeia escreveu Rodden ⁽¹⁰⁹⁾ que «it is the characteristic feature of the 'Pre-Sesklo' phase» apontando-lhe uma data pelo C 14 de — 6220 ± 150 (NN, LXI, D 5/4). Não conheço, na Península, nenhum exemplar tão espantosamente semelhante aos de Nea Nikomedeia ⁽¹¹⁰⁾ como os do Castro da Rotura.

Sobre a cerâmica «folha-de-acácia» apresentei já uma nota preliminar e, em breve, se publicará estudo mais extenso. A da Rotura apresenta quase todos os tipos e variantes conhecidos.

Quanto aos fragmentos decorados com oblíquas inter-secantes incisadas, recordam-se os similares, provenientes do dolmen de câmara poligonal do Seixo ⁽¹¹¹⁾. Vieira Natividade encontrou nas grutas de Alcobaca exemplares com decoração idêntica (Cabeço da Ministra) e nas Calatras uma placa de xisto apresenta o mesmo motivo. Na Cueva de Bolumini, cerâmica do mesmo tipo surgiu associada a um ídolo oculado, em osso longo ⁽¹¹²⁾.

A cerâmica «de tipo chasseur» não é frequente. Sem se aperceber do que se tratava e, mesmo, sem qualquer comentário, Ernani Barbosa publicou fragmentos provenientes da Pedra do Ouro e da Ota ⁽¹¹³⁾.

Um fragmento da Ota tem, tal como o da Rotura, orifícios junto ao bordo.

Os vasos decorados com motivos semelhantes aos dos copos de Vila Nova I são relativamente frequentes em Rotura II b. Os zigzagues perpendiculares ao bordo são porém extremamente parecidos aos de um fragmento de Mgarr, Malta, publicado por Evans ⁽¹¹⁴⁾.

Os zigzagues horizontais têm paralelo em numerosas outras estações.

Na Bretanha, uma excelente comparação: Moulin des Oies ⁽¹¹⁵⁾.

Os vv deitados (na horizontal e em fila) levantam problemas de difícil

(107) Mais especificamente, na Cabana Be 4, «Excavaciones Arqueológicas en el Cerro del Berrueco (Salamanca)». Maluquer de Motes, Salamanca, 1958.

(108) Leisner/Schubart, 1966, Est. 10, n.º 3.

(109) Proc. Preh. Soc., 1962, p. 287.

(110) Rodden, op. cit., Plate XL.

(111) Santos Rocha, Portugal, I, 1898.

(112) Perez, Arch. Preh. Lev., VI, 1957.

(113) Arq. Port. II, vol. III, 1956, fig. 19, n.º 10 e, ibidem, fot. 16, n.º 8.

(114) Proc. Preh. Soc., 1955, Plate VIII, n.º 5.

(115) Jaquetta Hawkes, Archae. Journal, 1938, Plate IV.

resolução. Jacquetta Hawkes ⁽¹¹⁶⁾ noticiou um vaso proveniente de Hoyo de la Mina (Málaga) onde, tal como nos fragmentos da Rotura, os vv surgem após um estrangulamento do vaso. Nos materiais do Castro português, porém, os vv estão sempre após o estrangulamento, antecedendo losangos preenchidos a intersecantes.

A cerâmica campaniforme está, na Rotura, representada pelos tipos A1 a, A1 b, A1 c, A2 a, A2 b, A3 a, A3 b, A3 c, A3 d, B1 a, B1 c, B2 c, B3 a, B3 b, B4, B5 e B6. O que equivale a dizer que quase todos os tipos da classificação que se propõe infra (IV. 2. 2.) lá se encontram.

Os em ausência estão também por referenciar nas restantes estações portuguesas onde se verificou uma ocupação campaniforme.

De salientar, as felizes composições decorativas de muitos vasos e a perfeição do acabamento.

Consideram-se dispensáveis referências alongadas à distribuição do Campaniforme Internacional. Recordam-se apenas exemplares muito idênticos aos da Rotura Ib.

Dentro do tipo A3 a cite-se um belíssimo vaso, o de Alapraia II, semelhante aos das Fuentes de Garcia Rodriguez ⁽¹¹⁷⁾ e Rosmeur ⁽¹¹⁸⁾.

A contracção das zonas está presente num vaso muito grosseiro de Gross-Bornholt (Holstein, Museu de Kiel), tal como noutro, do dolmen de Beg-Pontivy, Quiberon ⁽¹¹⁹⁾.

Numa análise mais detalhada dos materiais «campaniformes» da Rotura sobressairia, portanto, o extraordinariamente amplo vocabulário decorativo da sua cerâmica, sintoma de uma considerável sensibilidade estética.

Os objectos de adorno pessoal a referenciar em particular são, sem dúvida, as contas de calaíte. Explicar a sua proveniência não é, ainda hoje, possível. A calaíte, considerava-a Siret ⁽¹²⁰⁾ um fosfato aluminoso. Daí a sua presença em jazidas de estanho europeias, o que tornava «inutile de recourir à l'hypothèse d'une origine orientale ⁽¹²¹⁾».

Recentemente, Octávio da Veiga Ferreira considerou a calaíte como um fosfato-hidratado (A12 P₀ x 1/2H 20), inexistentes sob fórmula natural na Península e em França. A sua melhor jazida é, hoje, a de Michabour (Khoras-

(116) op. cit., p. 134, fig. 2, n.º 1.

(117) Castillo, 1943, fig. 3, n.º 3.

(118) Castillo, 1944, fig. 2, n.º 1.

(119) Riquet/Guilaine/Coffyn, «Les campaniformes français», Gallia Preh., VI, 1963, pp. 63-128, vidé fig. 9, n.º 1.

(120) Les Cassitérides..., L'Anthropologie, 20, 1909, p. 138.

(121) op. cit., p. 138

san — Pérsia). Trata-se de «mineral de grande importância nas trocas e transacções daquela época (122)».

Os objectos de uso «sagrado» são de definição problemática. No caso da Est. XXI, n.º 1, b, parece tratar-se realmente da cabeça de um «ídolo» almeriense. Mas de tal é impossível fornecer provas seguras. E recordem-se as palavras de A. L.-Gourhan sobre os materiais e a imaginação do arqueólogo... (123).

III. 2. 2. 3. Que dizer sobre os vestígios de construções ?

As estampas VIII. 2., IX, 1, 2 e 3, falarão, por certo, melhor que nós próprios. Nada nos permite uma cronologia. Nada favorece uma relação, a não ser a breve referência ao Zambujal.

Fiquemos por aqui.

(122) Arq. e Hist., 1951, p. 93.

(123) Préhistoire, Nouvelle Clio, 1, p. 237.

PARTE IV

A "CULTURA DO VASO
CAMPANIFORME"

IV. 1. o que se entende por «Cultura do Vaso Campaniforme».

IV. 1. 1. Abertura.

A longa polémica em torno à estruturação e origem da Cultura do Vaso Campaniforme encontra-se presente em centenas de passagens das mais diversas obras sobre Pré-História europeia e, mesmo, norte-africana.

Assim, algumas boas dezenas de vasos campaniformes intactos ou facilmente reconstituíveis, e milhares de fragmentos com a típica decoração, tornaram-se excelente pretexto para especulações tantas vezes lamentáveis. Ao redor de uma cerâmica, com ou sem razão, considerada fóssil-indicador de uma Cultura, agruparam-se, pois, «explicações» por vezes honestas mas por outras (bem mais frequentes do que se desejaria) risíveis ou simplesmente tolas (recorde-se que houve quem chamasse aos vasos campaniformes as «pias-de-água-benta» do Eneolítico...).

Hoje, alguém que, na Europa, quisesse seguir a orientação de conhecido livro de Ferguson teria de partir de um esquema como o seguinte, em que se agrupam as diversas «teses campaniformes», de acordo com a origem defendida para a tão discutida cultura.

ORIENTALISTAS — Siret (1890, 1913, etc), Montelius (1900), Dechelette (1908), Flinders Petrie (1901), Santa-Olalla (1941, 1946, 1947).

CENTRO-EUROPEIAS — Voss (1895), Sophus Müller, Evans, Wilmot (124), Evzen e Jiri Neustupny (1961), Jean Guilaine (1966).

IBÉRICAS — H. Schmidt (1913), Nils Aberg (1921), Pedro Bosch-Gimpera (1919, 1920, 1932, 1936, 1940, 1945, 1966, etc.), Alberto del Castillo (1922, 1928, 1943, 1944, 1951, 1953, 1956), Vera e Georg Leisner (Megalithgräber desde 1943), San Valero Aparisi (1958), H. N. Savory (1950, 1968), Miss Smith (1955), Miss Beatrice Blance (1960), Maluquer de Motes (1960), Octávio da Veiga Ferreira (1954, 1955, 1966), Victor dos Santos Gonçalves (1965, 1969).

(124) Conhecidos por citação de Nils Aberg.

PLURALISTAS — Reinecke ⁽¹²⁵⁾, Palliardi (1919), Castillo (em 1954) Edward Sangmeister (1963, 1966).

Como se vê supra (e o inventário não se pretendeu exaustivo) trinta seriam as teorizações a estudar para uma ilusòriamente completa percepção do problema. Perante as centenas de páginas que tal trabalho exigiria decidiu-se por uma análise crítica, precedida por uma exposição geral, de apenas cinco de esses Autores. Teorizações chamadas de «cinco teorias exemplares», uma vez consideradas representantes exemplificativos das mais sérias tentativas de compreensão de um fenómeno extremamente complexo.

As duas primeiras, de Alberto del Castillo e Pedro Bosch-Gimpera, foram formuladas durante a primeira metade do nosso século, e mau grado reajustamentos posteriores, permaneceram estruturalmente imutáveis até ao momento em que se escrevem estas linhas.

A terceira, de Vera e Georg Leisner, é consequência directa dos trabalhos que conduziram aos monumentais «Megalithgräber der Iberischen Halbinsel», iniciados em 1943.

A quarta contém inovações aparentes mas, na sua maioria, não é mais que uma adaptação germânica da antiga teorização de Castillo. Por vezes, Sangmeister completou com o seu melhor conhecimento dos campaniformes orientais a panorâmica do autor espanhol. Mas a sua única verdadeira inovação, o *Ruckström* (refluxo), parte de uma apressada manipulação dos dados, apesar de certos méritos lhe serem inegáveis.

Finalmente, a quinta e última, de Hubert Savory, representa, na sua mais recente formulação, a resposta violenta da *intelligentsia* europeia aos esquemas, tão carregados de pan-germanismo, de Edward Sangmeister.

Antes, porém, de se estudarem essas «cinco teorias exemplares» vejamos como tudo começou.

Em 1921, o n.º 25 dos «Arbeten Utgifna med Understöd af Vilhelm Ekmans Universitetsfond» de Uppsala, intitulava-se «La civilisation Énéolithique dans la Péninsule Ibérique» e era assinado por Nils Aberg.

A vigorosa síntese de Aberg marcava na verdade a primeira pausa numa querela de origem anterior ao nosso século. Consulte-se Siret ou Bonsor e lá encontraremos já desenhos e referências à discutida cerâmica campaniforme, de origem... «celta».

Logo a seguir a Bonsor e aos Siret, em 1895, Voss definia na Boémia-

(125) Idem.

-Morávia um amplo conjunto de «campaniformes». Ao dobrar-se o século, esse pioneiro mal conhecido, Montelius, abria o problema das origens.

Em Espanha, Bosch-Gimpera e Castillo, inter-influenciando-se, lançavam as primeiras sínteses monográficas.

A pausa de Aberg tinha, na verdade, apenas anunciado o começo da violenta querela.

E em Portugal, como se encarava uma questão que nos dizia directamente respeito ?

Aberg era, em verdade, bem mais citado que lido e pensado. Pode-se dizer que até 1954 apenas referências menores se fizeram, entre nós, a tão discutido assunto : claro que o rico espólio das grutas do Casal do Pardo (Palmela) continuava a fazer correr muita tinta. Mas quase toda de importação.

Em 1954, Octávio da Veiga Ferreira esboçou a sua primeira tentativa de síntese, em que parece aderir às teses de Bosch-Gimpera e Castillo (que colocavam a origem do Campaniforme no Guadalquivir). Recusa as origens oriental e africana e associa ao movimento campaniforme, tal como Castillo, a metalurgia do cobre (126).

Data desta altura uma primeira visão (várias vezes recuperada, sem alteração de maior) dos principais núcleos do Eneolítico português.

Seriam, segundo Veiga Ferreira, os seguintes (127) :

- 1.º — Cultura Eneolítica do Sul — sob a égide almeriense.
- 2.º — Cultura Dolménica — (são aceites as três fases de Manuel Heleno).
- 3.º — Cultura «Mista» — povos indígenas, como os da região de Lisboa, que sofreram, mercê da sua situação geográfica, influências do campaniforme e de outras culturas, a de Almeria, nomeadamente.
- 4.º — Cultura do Vaso Campaniforme — ocupando as regiões de Setúbal, Lisboa e Vale do Mondego. Veio de Andaluzia, por via marítima. «Pertencem-lhe todas as grutas artificiais e as Tholoi».
- 5.º — Cultura Eneolítica do Norte de Portugal.

Em várias alturas subsequentes Veiga Ferreira reafirmaria os seus primeiros pontos de vista, acrescentando-lhes apenas pormenores de pouca monta. Numa comunicação ao I Congresso Nacional de Arqueologia sublinhava parecer-lhe «que numa dada altura, existiram no Litoral de Lisboa e Setúbal estabelecimentos humanos vindos de longe : os almerienses e o povo ou povos criadores da cultura do vaso campaniforme. Os naturais que aqui existiam

(126) Veiga Ferreira, 1954.

(127) Idem, *ibidem*, p. 10.

recuaram para o interior e estabeleceram-se em grutas e povoados nos limites da cultura dolménica» (128).

Em 1966, na sua «thèse de doctorat d'université», à Sorbonne (129), Veiga Ferreira procurou apresentar um *corpus* dedicado ao campaniforme português.

A sua definição para a «Cultura Mista» é sensivelmente idêntica mas, no que respeita ao Campaniforme, e sua Cultura, completa-se :

«Elle est caractérisée par des *tholos* de grandes dimensions avec un petit couloir d'entrée, par des grottes funéraires artificielles (*type coelheira*) et par des enceintes fortifiés (*type Vila Nova de S. Pedro*).

Le matériel recueilli est très abondant. Il est caractérisé par des pointes de flèche et des pointes de lance, des éléments courbes de faucilles en silex, par des pointes de flèche, et des poignards en cuivre, par des boutons en os ou en ivoire avec la perforation en V, par des brassards d'archer en schiste et par la poterie très caractéristique que nous décrirons par la suite» (130).

Mais adiante, enumera algumas características que lhe parecem de atribuir aos homens do Campaniforme (131).

1. apesar de conhecerem a metalurgia não eram industriais («industriels») mas agricultores e navegadores. A caça e a pesca eram actividades muito importantes.
2. detinham «une importante industrie du cuivre» que «semble être née dans l'Ouest de l'Europe, dans les bassins du Tage et du Guadalquivir».
3. praticavam «une religion polythéiste. Il parait clair qu'elles adoraient le soleil, la lune, l'eau, le feu et d'autres idoles come celles de la fécondité (statuettes de rongeurs et le triangle, attribut féminin)».
4. as tribos viviam em cerros fortificados, sempre em guerra entre si («toujours en guerre entre elles») (132).
5. o sistema social era o do matriarcado.

O *corpus*, de Veiga Ferreira é um trabalho de vulto, resultado «de plusieurs années d'observations, de fouilles et de reflexions», como ele próprio reconhece (133) mas é impossível esquecer as dificuldades da tarefa «car seule

(128) Veiga Ferreira, I Cong. Nac. Arq., p. 223.

(129) Veiga Ferreira, «La culture du Vase Campaniforme au Portugal», Lisboa, 1966.

(130) op. cit., p. 11.

(131) op. cit., pp. 84 a 87 e 90.

(132) op. cit., p. 90.

(133) op. cit., p. 7.

une partie des gisements a été convenablement fouillée». Acrescenta-se e amplia-se a afirmação do A. : apenas reduzidíssima parte das estações foi devidamente escavada. Estratigrafias quase se não conhecem. Justificam-se assim, parcialmente, algumas passagens controversas de Veiga Ferreira. Uma vez prevenidos, voltemos ao texto.

A p. 91 do seu estudo, o A. propõe uma origem portuguesa para o grupo do Guadalquivir. Mais adiante mostra-sc, porém, mais reservado :

«À mon avis il est prématuré de tracer les itinéraires de l'expansion de la culture du vase campaniforme en Europe» (134). Deve-se portanto considerar como hipótese de trabalho a esquematização das origens e inter-relações dos diversos grupos campaniformes, proposta mais abaixo. E que é a seguinte :

Do grupo do Tejo partiram influências para

- a — Galiza (e, daí, para a Irlanda).
- b — Levante (de onde, para o Sul de França e Mediterrâneo Central).
- c — Marrocos.
- d — Meseta (daí um itinerário terrestre que, atravessando os Pirinéus, conduzia à Bretanha).

Do grupo Holandês (ou das relações com a Bretanha) saíu o Campaniforme Inglês.

Quanto à Europa Central (Alemanha e, mesmo, Holanda) trata-se de grupo «isolé et n'a été pratiquement influencé par la lointaine Péninsule, tout au plus a-t-il eu des rapports avec la Bretagne» (135).

A concluir esta breve exposição do pensamento de Veiga Ferreira tanscreva-se uma passagem em que o não orientalismo de 1954, já consideravelmente mitigado em 1955 (136), sofre uma mutação.

«La comparaison avec les céramiques de type campaniforme de Tel Halaf et de Jemdet Nasr (Mésopotamie), de Tepe Hissar (Perse) et de Nagada (Egypte), en particulier avec les tasses, les écuelles et les vases à pied (coupes à fruits) de l'Egypte pré-dynastique pourraient donner une idée des relations avec le Croissant fertile» (137).

Esta portanto, e em resumo, a posição de Octávio da Veiga Ferreira. Ocupemo-nos agora das nossas «cinco teorias exemplares».

(134) op. cit., p. 117.

(135) op. cit., p. 117.

(136) Veiga Ferreira, 1955.

(137) Veiga Ferreira, 1966, p. 117.

Cinco Teorias exemplares.

IV. 1. 2. 1.

ALBERTO DEL CASTILLO

É tradicional afirmar-se que, no que se refere à bibliografia dedicada à Cultura do Vaso Campaniforme, Alberto del Castillo é o clássico por excelência.

Na verdade (e apesar de recentes críticas ⁽¹³⁸⁾ referirem uma excessiva inspiração num dos estudos pioneiros de Bosch-Gimpera) o autor espanhol continua sendo o grande sintetizador do Campaniforme. Levou até demasiado longe a sua síntese, vendo grupos campaniformes onde só existiam cacos importados. Mas recorde-se a época, em que Caf Taht El Gar não tinha ainda conhecido Tarradell.

Em 1928, Alberto del Castillo apresentava uma distribuição de grupos campaniformes que abrangia uma área extensíssima, compreendendo territórios desde a Península Ibérica até ao começo das terras hoje soviéticas. A esta profusão de grupos não se furtava a própria Inglaterra (cujas culturas pré-históricas apresentam frequentemente interessantes características).

Os gelos faziam, ao Norte, fronteira com este vigoroso expansionismo, tal como, ao Centro, as tribos militarmente bem organizadas do Danúbio (tese cara a Gordon Childe ⁽¹³⁹⁾) e, ao Sul, factores não mencionados. (Se se conhecessem, em 1928, os «povos do Mar», de há tempo a esta parte os principais responsáveis por tudo o que de catastrófico aconteceu no Mediterrâneo Oriental, seriam por certo eles os culpados...)

Explicações. Explicações que procuram colmatar brechas indisfarçáveis. Explicações que raramente conseguem esconder a enorme insegurança dos nossos conhecimentos. Explicações que projectam frequentemente no passado características e acontecimentos de visível actualidade. Repare-se, por exemplo, no «militarismo» constantemente emprestado à Germânia pré-histórica, consequência tão nítida de traumas que dois post-guerras não conseguiram apagar.

Em .28 Castillo criou uma mitologia espantosamente bem aceite e entusiasticamente adoptada e difundida. «Castillo dixit» não é uma ironia mas expressão absolutamente válida para designar a posição de muitos investigadores do nosso tempo. Expressão que encerra — estejamos atentos — um perigoso comodismo.

Depois de em .43 e .44 reafirmar a sua primitiva posição ⁽¹⁴⁰⁾, em 1954

(138) Riquet/Guilaine/Coffyn, Gallia Preh., VI, 1963, nota 1 à p. 63.

(139) Cf. Gordon Childe, «The prehistory of european society», London, 1958, por exemplo.

(140) «Cronologia de la Cultura del Vaso Campaniforme en la Península Ibérica», Arch. Esp. Arq., 53, pp. 388-435 e «Cronologia de la Cultura del Vaso Campaniforme en Europa», Arch. Esp. Arq., 54, pp. 1-67.

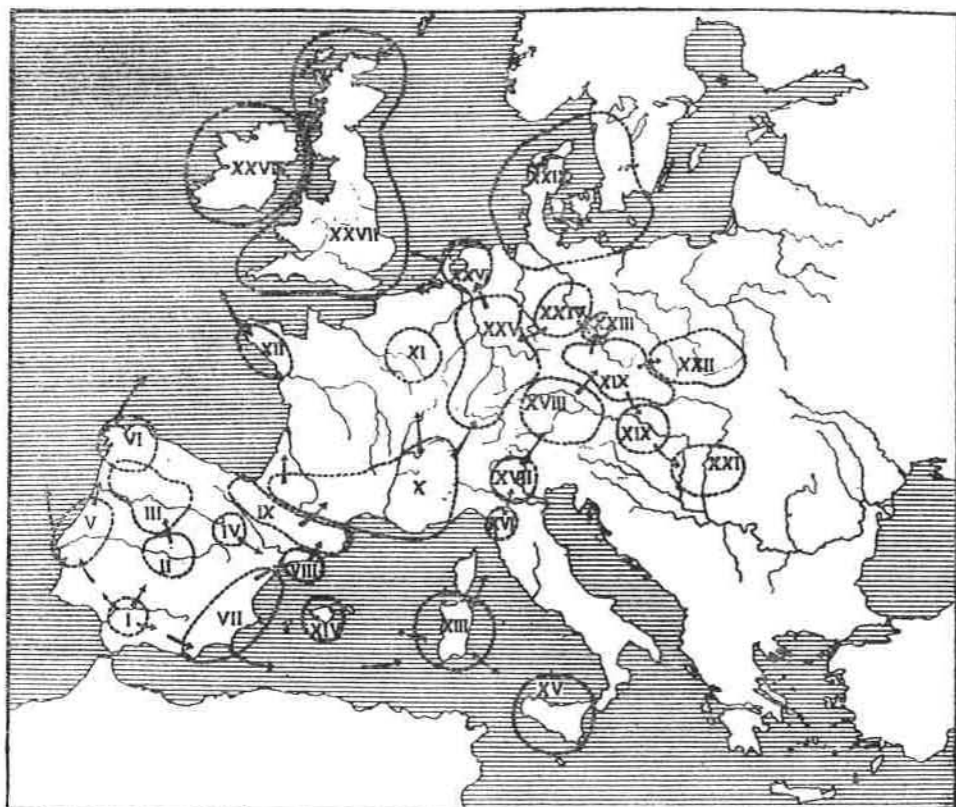


Fig. 1. — Grupos de la cultura del vaso campaniforme : I-IX, grupos de la Península Ibérica ; X, grupo del Mediodía de Francia ; XI, del Sena-Oise-Marne ; XII, de Bretaña ; XIII, de Cerdeña ; XIV, de las Baleares ; XV, de Sicilia ; XVI, del litoral toscano ; XVII, del Norte de Italia ; XVIII, del Danubio superior ; XIX, de Bohemia y Moravia ; XX, de Austria ; XXI, de Hungría ; XXII, de Silesia ; XXIII, de Sajonia ; XXIV, de Sajonia y Turingia ; XXV, del Rin ; XXVI, de Holanda ; XXVII, de la Gran Bretaña ; XXVIII, de Irlanda, y XXIX, influencia de la cultura del vaso campaniforme en los círculos culturales del Norte del Europa.

Fig. 6. Teorização de Alberto del Castillo sobre as origens e difusão do Vaso Campaniforme.

Castillo resumia-se num pequeno trabalho que por representar a mais recente revisão da tese de .28 nos servirá como texto de análise (141).

Vinte e seis anos após a publicação da sua primeira monografia, Castillo surge muito mais ponderado.

Destarte, numa impecável demonstração das dúvidas que o devem ter assediado depois de .28, ele abre assim o seu trabalho revisionista, «lo primero que cabe preguntarse al hablar de la cultura del vaso campaniforme es si realmente se trata de una cultura con personalidad propia o de un fenómeno cultural aislado que aparece o se incrusta en los distintos círculos culturales» (142).

Que se não critique aqui, de forma excessiva, a estruturação dos textos de Castillo é posição de compreender. Crítica demasiado fácil, em passagens como aquela em que ele se refere a uma cultura «con personalidad propia». Pois não será «personalidad propia» uma das características inseparáveis do conceito de cultura ?

Mas deixemos Bizâncio e regressemos a Castillo.

A reter : a dupla possibilidade — cultura ou «fenómeno cultural aislado» — é a preocupante interrogação a abrir a mais recente síntese de Castillo.

A questão, como o A. a entende, resume-se a uma pergunta : existirá um conjunto campaniforme ?

Respondendo que sim, Castillo enumera (143) :

- a) pontas de flecha pedunculadas ou de base côncava, de sílex,
- b) punhais de lâmina triangular e espigão de encaixe (cobre ou bronze),
- c) punções de secção quadrangular (cobre),
- d) machados trapézoidais de gume encurvado (cobre ?),
- e) pontas de flecha amigdalóides, generosamente pedunculadas (cobre ou bronze),
- f) lâminas ou espirais (ouro),
- g) «braçais de arqueiro»,
- h) botões de osso com perfuração em V, redondos, quadrangulares, em forma de tartaruga,
- i) contas de colar (geralmente de calaíte).

Se o critério puramente tipológico do A. o conduz a uma não justificada proposição de estas associações torna-se difícil compreender porque o não

(141) Não se esquece o importante estudo publicado na «História de España» dirigida por Menendez Pidal, mas o pequeno trabalho de 1954 parece a mais conseguida condensação do pensamento de Castillo.

(142) «El Vaso Campaniforme», Madrid, 1954, p. 5.

(143) op. cit., p. 5.

segiu até ao fim, aplicando-o também a outros materiais «da época». Mas não. Castillo detém-se para reconhecer a impossibilidade de uma tranquila associação ao Campaniforme de objectos como :

- a) falanges pintadas,
- b) idolozinhos,
- c) cilindros.
- d) machados votivos (?) — «hachuelas»,
- e) sandálias votivas,
- f) lúnulas,
- h) ídolos-placas (144).

Esta não associação é tanto mais surpreendente quanto o A. acrescenta ser a decoração destas peças constituída por motivos incisos em tudo idênticos aos da própria cerâmica campaniforme (145).

Estranho critério, curiosa atitude.

A concluir: para Castilho é indiscutível a existência de um conjunto campaniforme mas é também indemonstrável qualquer identidade entre cultura e povo, pelo menos no que respeita à Península (146).

Ao debruçar-se sobre o Vaso Campaniforme pròpriamente dito, sistematiza-o tipològicamente da forma que aqui se apresenta em quadro (147).

TIPOS	DESIGNAÇÃO	SUB-TIPOS
I	Vaso Campaniforme Marítimo	a) — Atlântico b) — Mediterrânico
II	Vaso Campaniforme Almeriense	
III	Vaso Campaniforme Continental ou de Meseta	
IV	Tipos Secundários	a) — piriformes b) — tulipiformes
V	Tipos Híbridos	
VI	Tipos Ultra-Pirenaicos	

(144) op. cit., p. 5 - 6.

(145) op. cit., p. 5.

(146) op. cit., p. 6.

(147) Adoptou-se esta disposição para simplificar a exposição de Castillo, incluída em op. cit. pp. 8 - 10.

Objecções de ordem geral a pôr, desde já :

O que é um «Tipo secundário» ?

A existir, quais serão então os «primários» ?

Todos os outros, mesmo os «híbridos» ?

Como Castillo nos deixa em dúvida, passemos ao estudo do primeiro dos tipos propostos, cuja importância caberia a Sangmeister acentuar.

Segundo o pré-historiador ibérico, seriam as seguintes as características do Campaniforme Marítimo (148) :

- a) perfil suave, em S,
- b) colo alto e bojo baixo,
- c) decoração em «franjas» preenchidas por oblíquas de direcção alterna,
- d) incisão pelo processo do ponteadado,
- e) incisão contínua (como excepção),
- f) por vezes decorado com linhas paralelas (em geral em grupo de 3),
- g) cor geralmente avermelhada,
- h) fundo «estrelado».

E, acrescenta Castillo, «lo denominamos marítimo por ser proprio de las regiones costeras».

Definição aparentemente sem problemas. Aparentemente, porque o melhor exemplo do A. provém do Areeiro de Miguel Rufz... Madrid.

Quanto às origens da Cultura do Vaso Campaniforme o A. mostra-se, agora, reservado. Parece-lhe difícil encontrar uma origem comum para o Vaso Marítimo e o Continental. É uma reserva compreensível.

Por outro lado, não se exagere o completo iberismo da tese das origens proposta por Castillo. Em verdade, o A. liga o Vaso Marítimo à cerâmica cardial (posição hoje tão criticada (149) e que Pigott tinha já defendido), admitindo portanto a sua origem ibérica. Mas ao afirmar decididamente a proveniência extra-peninsular de «ciertas variantes del vaso» (150), imprudentemente não especificadas, coloca-se numa posição nitidamente poligenética.

Uma origem oriental é de considerar — afirma Castillo — pelo menos no que respeita à «ideia del vaso», que teria tido, posteriormente, diversas interpretações, no Baixo Guadalquivir, no Sudeste e no Centro.

Cronologia ?

(148) op. cit., p. 8.

(149) Sobretudo por investigadores franceses. Mas como referi numa comunicação às I Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses parece não haver fundamento para tal atitude. Veja-se Riquet/Guilaine/Coffyn, op. cit. pp. 112 e, sobretudo, 118.

(150) Castillo, op. cit., p. 20.

«Antes del siglo XVI, probablemente mucho antes, debió haber vaso campaniforme en la Península» (151). Cronologia muito vaga... mas prudente.

Por fim, elabore-se breve resenha recapitulativa dos principais pontos defendidos por Alberto del Castillo.

1. existe um conjunto campaniforme. É-lhe associável a metalurgia do cobre e do ouro. A existência deste conjunto é motivação suficiente para se poder falar de uma Cultura do Vaso Campaniforme.
2. objectos da mesma época e com motivos decorativos muito semelhantes aos campaniformes são, porém, dificilmente associáveis àquela Cultura. (Note-se que a todos os objectos referenciados por Castillo se costuma atribuir significação sagrada).
3. é possível sistematizar a cerâmica campaniforme em seis tipos, dois dos quais compreendem dois sub-tipos (somando : oito vasos típicos).
4. existe uma distinção nítida entre Campaniforme Marítimo e Campaniforme Continental.
5. as filiações destes dois tipos são diversas. O Vaso Marítimo é relacionável com a antiga decoração cardial.
6. a origem de certos tipos (não indicados) é extra-penínsular. Existiu, muito possivelmente, uma «ideia» do vaso campaniforme que teria vindo do Oriente e que foi diversamente entendida.
7. — 1500 parece ser uma data *ante quem* para a Cultura do Vaso Campaniforme.

IV. 1. 2. 2.

PEDRO BOSCH-GIMPERA

Em 1945, num estudo de poucas mas fundamentais páginas, Georg Leisner vincava bem a importância arqueológica da província de Córdova acrescentando que «as suas sepulturas [megalíticas] poderiam servir de apoio à teoria de Bosch-Gimpera duma emigração do povo megalítico português para Leste» (152).

Ora, por muito irritante que isso seja aos olhos de Almagro/Arribas (153), a «teoria megalítica» de Pedro Bosch-Gimpera possui, pelo menos, uma qualidade : evita os perniciosos compartimentos estanques que levam o estudioso do Campaniforme a considerá-lo mais perfeita, completa e importante cultura pré-

(151) op. cit., p. 23. De comparar a opinião reservada de agora como optimismo dos estudos de 1943 e 1944.

(152) Georg Leisner, Arqueologia e História, N. S., I, Lisboa, 1945, p. 26.

(153) Almagro/Arribas, 1963.

-histórica europeia ou o investigador do Neolítico a atribuir ao grupo cardial a a consistência de uma «Civilização». Assim, encontramos nela abundantes referências ao Vaso Campaniforme, e, mesmo, uma teorização específica.

É extremamente vasta a bibliografia do pré-historiador catalão mas, felizmente para nós, alguns trabalhos-chave resumem genericamente as suas notícias e comunicações (a tal ponto dispersas que a consulta de um quinto delas é já impensável, entre nós).

Escolheram-se dois textos que se reputam basilares. O primeiro, de 1945, representa um importante passo em frente na busca de um esquema global da evolução histórica da Península Ibérica. O segundo, de 1966, revê conceitos antigos e burila formas inacabadas. A partir de ambos, tentar-se-á abarcar o essencial do ideário campaniforme elaborado por Bosch-Gimpera.

Um primeiro ponto: laços estreitos ligam a «cultura de las cuevas» à cultura do vaso campaniforme.

Com efeito, o neolítico circum-mediterrânico evolui diferentemente.

Na Península Ibérica adquire desenvolvimento próprio, na linha do qual encontraremos o Campaniforme que se irá combinar «con las demás culturas peninsulares que se extendien a sus expensas: la megalítica portuguesa y la de Almería». Este facto reconhecido por Bosch-Gimpera em '66⁽¹⁵⁴⁾ resume a tendência do pensamento do A., muito precocemente esboçada, de inter-relacionar os três principais grupos peninsulares de então. Recorde-se que a grande antiguidade da «Cultura de las Cuevas» é apontada por várias datações (na Cueva de l'Or, Beniarrés-Valência: 4 300 ± 300).

Qual o traço de união entre os pastores da «Cultura de las Cuevas» e os «primeiros campaniformes»?

Bosch-Gimpera encontra-o na decoração incisa, que preludia a campaniforme.

Mas atente-se numa panorâmica do megalitismo e na evolução do Campaniforme, simultânea a algumas das suas etapas⁽¹⁵⁵⁾.

- I — Cultura primitiva — espólios de Alvão, Pedra dos Mouros, Orca do Outeiro do Rato.
- II — Cultura ainda muito primitiva — conjugação da cultura megalítica com a «Cultura de las Cuevas»: Cabeço dos Moinhos e Carniçosas.
- III — Grupo de Transição — Folha das Barradas, Monte Abraão.

(154) Bosch-Gimpera, 1966, p. 251.

(155) Bosch-Gimpera, 1945, pp. 79 - 80.

- IV — Grupo do apogeu da «Cultura de Palmella» e do Campaniforme II.
- V — Grupo de Alcalar, incluindo o Campaniforme III (Palmela, Pena-Rotura).

Paralelamente surge-nos uma estruturação do Campaniforme, em estilos :

- I — estilo clássico — Palmela, Acebuchal, Ciempozuelos,
- II — mesmas decorações do anterior mas mais rudimentares — 2.º nível de Somaén,
- III — estilo decadente, com decorações sóbrias (é o Campaniforme Marítimo).

Para o primeiro destes estilos assinalava-se um âmbito cronológico cuja baliza terminal se colocaria por volta de — 2500.

O segundo, entre — 2500 e — 2300 estaria já presente na Alemanha.

O terceiro evolui até — 1900 e mesmo mais tarde, em Inglaterra, onde forma um Estilo IV.

O difusionismo campaniforme parece partir de três pontos (Guadalquivir — Guadiana — Tejo) e atingir em seguida, a vertente setentrional do maço Gata — Gredos — Guadarrama, até Salamanca (Cerro del Berrueco) e Palencia (Tejares de Otero). Teria também alcançado o alto Vale do Douro e os grupos pertencentes à «Cultura de las Cuevas» que se encontravam na província de Burgos. O Este espanhol vem igualmente a ser tocado por movimentos que atravessam Valência e a Catalunha. Será de interesse recordar que a estratigrafia de Forat del Pany (Catalunha) forneceu uma estratigrafia que o A. não procurou explicar :

- 1.º nível — Campaniforme do Estilo II de Bosch-Gimpera,
- 2.º nível — Cerâmica do grupo cardial,

o que, de certo modo, indicaria uma anterioridade do Estilo II em relação ao I (a não ser que se tivesse registado uma lacuna na ocupação de Forat del Pany).

É igualmente importante recordar que, contrariamente ao que a sua proposição de um expansionismo inter-peninsular poderia fazer supor, Pedro Bosch-Gimpera recusa vigorosamente um movimento de maior amplitude. Afirma decididamente que «una emigración desde el sur de Espanha hacia la Europa central es de todo imposible» (156).

Em 1966, num estudo que se quis de síntese dos anteriores, o pré-historiador catalão retoma velhos temas (157). Apesar da indescritível desordem

(156) op. cit., p. 67.

(157) Bosch-Gimpera, Rev. de Guim., 1966, pp. 249 - 306.

expositiva, mau grado a maneira extremamente confusa de ordenar ideias, o recente trabalho apresenta-se polémico e interessante. Tenha-se em vista que Bosch-Gimpera se escora numa bibliografia muito ampla e importante e que, teòricamente, ele é dos melhor informados investigadores das gerações passadas.

Tudo isto bem justifica que se analise e se exponha, sintèticamente, a posição de Bosch-Gimpera em 66.

Ei-la, num resumo dos principais aspectos que nos interessam :

1. a «Cultura de las Cuevas» e a megalítica portuguesa desenvolvem-se durante largo período e de forma paralela. Um *terminus post quem* será indicado pelo concheiro da Moita do Sebastião (C 14 : 5350 \pm 350). Sublinhem-se, em ambas culturas, sobrevivências mesolíticas.
2. coloca-se no terceiro milénio o apogeu do megalitismo português e o desenvolvimento dos diversos tipos do Vaso Campaniforme. É a altura da chegada das influências mediterrânicas e almerienses. A evolução do Campaniforme continuará até ao período de transição para a Idade do Bronze, que Bosch-Gimpera coloca no segundo milénio.
3. parece haver uma continuidade evolutiva no Vaso Campaniforme. A sua decoração tem precedentes na da «Cultura de las Cuevas».
4. o Vaso Campaniforme surge simultâneamente no Centro Espanhol e na Andaluzia sendo resultante directo de uma transformação socio-económica das gentes da «Cultura de las Cuevas» que descem das suas montanhas para a embocadura dos rios. Estabelecem-se, ràpidamente, contactos com a cultura megalítica portuguesa e, destarte, a costa atlântica portuguesa recebe o Vaso Campaniforme.
5. a partir de 2,500 (já após o apogeu das culturas de Palmela, S. Pedro do Estoril, Carenque) acentuam-se as relações comerciais entre Portugal e Almeria. Esta última recebe de Portugal o Vaso Campaniforme II e inicia a sua expansão no Mediterrâneo Central. Daí Anghelu Ruju.
6. no Reno, o Campaniforme III contacta com a cerâmica Cordada, o que origina uma variante b, e por volta de 2,000 põe-se em marcha, rumo a França e aos Pirinéus.
Este Campaniforme Oriental é de evolução autónoma.
7. o chamado «Campaniforme Marítimo» é posterior a todos os outros

Tipos. As últimas teses de Castillo, Savory e Sangmeister estão erradas (158).

Quanto à sistematização do Campaniforme, o A. procedeu a alguns reajustamentos que recentes críticas (por vezes deploravelmente pessoalistas) (159) tornavam prementes.

Um esquema da revista teorização de Bosch-Gimpera resultaria assim :

Campaniforme I — 3,000 a 2,500 — na Meseta e no Guadalquivir.

Campaniforme II — 2,500 a 2,200 — Almería, los Millares, Carmona.

Campaniforme III — 2,200 — Campaniforme Marítimo.

Quanto à «Cultura de las Cuevas», de importância primordial para a génese do Campaniforme, escalonar-se-ia ao longo de duas fases :

A — de 4,500 a 3,500

B — de 3,500 a 3,000

Estamos, portanto, perante o essencial do pensamento de Pedro Bosch-Gimpera. Analisar um a um todos os seus pontos implicaria um desvio da orientação que preside a esta parte IV. Mas é indispensável o apontar de algumas objecções, ou observações, que serão de interesse para uma melhor compreensão de infra IV. 3. 4. E que se resumem de seguida :

1. as pretendidas influências mediterrânicas (que o A. propõe para Portugal) registaram-se, na verdade, em período bem anterior ao pretendido. Não se esqueça que o verdadeiro apogeu da cerâmica cardial se coloca certamente em data que oscila entre a primeira e a segunda metade do quarto milénio e que os vasos de boca quadrada são, entre nós, de cronologia duvidosa mas arcaica.
2. a associação entre a «Cultura Megalítica» portuguesa e o Vaso Campaniforme é impossível de manter, à luz dos últimos dados obtidos e na medida proposta por Bosch-Gimpera.

Trata-se — assim o creio — por um lado, de grupos dedicados à pastorícia e a uma agricultura rudimentar (gente «megalítica») e de populações de vida económica eixada na pesca, na agricultura, na criação de gado e no comércio a longa distância (fabricantes de vasos campaniformes). As diferenças são de assinalar e os contactos problemáticos.

Infelizmente os Leisner (quem da Península mais dólmenes escavou)

(158) op. cit., pp. 259 - 265.

(159) Almagro/Arribas, 1963, p. 187.

deram aos povoados dos construtores de megalíticos pouca ou nenhuma importância. E, no entanto, o seu conhecimento parece-me bem mais importante que o estudo descritivo-analítico das necrópoles megalíticas. Cujas importâncias aqui não é minimizada, de forma alguma, mas restituída às suas verdadeiras dimensões. Mais adiante, quando se estudar o critério dos «closed-finds» de Sangmeister, insistir-se-á na riqueza informativa dos povoados e na perigosa ilusão que pode resultar de um estudo que valorize essencialmente as necrópoles.

3. a relação de continuidade pretendida entre a «Cultura de las Cuevas» e o Vaso Campaniforme é muito arriscada, nos termos usados por Bosch-Gimpera. Não se podem, é óbvio, recusar supervivências (muitas bem nítidas) mas deve sempre ter-se em conta a grande antiguidade da cerâmica do grupo cardial (C 14 para a Coveta de l'Or: — 4 560 ± 160, Châteuneuf-les-Martigues: — 5 370 ± 240). Quanto à cerâmica incisa «pré-campaniforme» o problema é diverso.
4. os estilos campaniformes de Bosch-Gimpera não têm sustentáculo eficaz, se aceitarmos a estratigrafia de Barnenez D. Na Rotura, aliás, o Campaniforme Marítimo surge estratificado sob outros tipos campaniformes, apoiando assim os elementos fornecidos pelo dólmen bretão. A tese de Maluquer de Motes ⁽¹⁶⁰⁾ propondo data tardia para Ciempozuelos está indiscutivelmente bem apoiada e é aparentemente impossível negar os seus pontos basilares. Tudo leva a crer que a evolução da cerâmica campaniforme se verificou exactamente ao contrário do que propõe Gimpera.
5. quanto ao difusionismo campaniforme, muito haveria a dizer. Para se evitar desnecessária repetição, remete-se o leitor para os capítulos seguintes, onde o problema será focado.

Observa-se só — e a terminar — que na actual situação dos nossos conhecimentos é imprudente atribuir à estação sarda da Anghelu Ruju uma origem almeriense. Também, mais adiante, se retomará este ponto.

IV. 1. 2. 3.

GEORG e VERA LEISNER

O estudo da teorização elaborada pelos Leisner, em referência ao Vaso

(160) Maluquer de Motes, *Zephyrus*, 1960, pp. 119 - 130.

Campaniforme da Andaluzia, reveste-se de grande interesse, uma vez reconhecida a excepcional importância do povoado e necrópole de Los Millares. Foi possível a partir de uma tradução das páginas 454 e seguintes dos «Die Megalithgräber...» de .43 (161), que se deve à gentileza da dr.^a Maria Fernanda Correia de Matos, de um resumo assinado pelos próprios Leisner (162) e de uma recensão-resumo feita em .66 por Enrique Llobregat (163). Note-se que de .43 a .55 não houve alteração sensível nos pontos defendidos pelos dois investigadores alemães. Eles próprios o reconhecem tácitamente, aliás, em nota de rodapé ao seu trabalho de .55 (164) e este aparente conservadorismo será de entender recordando que, de todos os autores que se apontam, os Leisner são, sem dúvida, os mais ligados à pesquisa-de-campo. Muito raramente encontramos os Leisner teorizando. Na maioria dos estudos por eles realizados, o fundamental cabe à descrição dos materiais e à sua arrumação por grupos relacionáveis. O que pode ser considerado como uma das características da investigação arqueológica alemã, muito ágil na análise mas quase sempre trôpega na síntese.

1. Georg e Vera Leisner ao estudarem os megálitos do Sul peninsular definiram dois grupos campaniformes, cuja perfeita distinção se baseou na morfologia e na decoração, por um lado, e na distribuição geográfica por outro. Reconhecem, porém, que «o Vaso Campaniforme só esporadicamente aparece no sudeste» (165) e que naquela região os achados se apresentam dispersos e misturados com espólio pertencente a outros horizontes culturais. Atalaya 6, só por si, não permite, evidentemente, a elaboração de um quadro nítido, que as outras estações recusam.
2. No campaniforme do Sudeste é possível distinguir dois grupos.

O primeiro está presente em Los Millares no fim do Período I e nas sepulturas de cúpula e nos tholoi da costa oriental almeriense (166). O perfil é doce, a técnica de incisão é a do ponteadado e os motivos decorativos são os que nesta tese se consideram pertencentes ao Campaniforme A 1, 2 e 3 (C. Internacional): a faixa horizontal decorada ou não.

O segundo grupo compreende vasos de formas muito acentuadas e tem também, como fósil indicador a «cazuela» (caçoila). A incisão

(161) «Die Megalithgräber, der Iberischen Halbinsel», Berlin, 1943.

(162) Inseto em «Antas nas Herdades da Casa de Bragança no Concelho de Estremoz», Lisboa, 1955, pp. 20 - 22.

(163) E. A. Llobregat, Arch. Preh. Lev. XI, Valência, 1966, pp. 81 - 90.

(164) Nota 9, p. 20.

(165) Todas as citações não referenciadas por nota em pé-de-página referem-se ao volume de 1943.

(166) Leisner, 1955, p. 20.

é violenta e profunda. A decoração forma-se a partir de linhas ou faixas zigzagueantes fortemente incisivas, alternando com rectilíneas, e cobre quase todo o vaso.

Este grupo está ligado aos da Meseta e das grutas orientais e, no Sudeste, pertence ao Período II de los Millares e a dolmens e sepulturas de cúpula do mesmo período. No Sudoeste, inclui taças e pratos de silos andaluzes e de inumações intrusivas em grandes monumentos megalíticos. Em Portugal, pertencem a este grupo taças de várias proveniências ⁽¹⁶⁷⁾, bem conhecidas em Palmela.

3. «Em Los Millares, os vasos campaniformes não se encontram nos sepulcros do apogeu». Salientam igualmente que os vasos são associáveis não às pontas de flecha pedunculadas mas às de base côncava, «relativamente grosseiras». Aliás uma «indústria de sílex muito diminuta e objectos de importação» são outros dos companheiros do vaso campaniforme.
4. Para os Leisner, um ponto assente reside nas relações entre o campaniforme de S.E. e o da Andaluzia. Não se devem ter verificado contactos, no entanto, com as grandes sepulturas de cúpula e as galerias de essa região. Os contactos parecem, aliás, encontrar-se em torno ao Grupo 2.
5. Supervivências campaniformes são constatáveis em San Anton de Orihuela (Idade do Bronze). Em El Argar, Siret encontrou, também, campaniformes.

Em 1965 Walter de Gruyter & Co. publicavam em Berlim o terceiro volume dos Megalithgräber, agora apenas assinado por Vera Leisner e tendo por objectivo o megalitismo do ocidente peninsular ⁽¹⁶⁸⁾.

Uma importante inovação : Vera Leisner amplia a expressão «megalítico» tirando-lhe o alcance etimológico que sempre lhe pertenceu e tomando-a num sentido «cultural». Assim, serão «megalíticos», para além dos dolmens e dos *tholoi*, as grutas naturais e artificiais.

O acertado de esta extensão é visível. Impunha-se um mais amplo significado, sob pena de se ter de recusar a expressão (frequente) de «povo megalítico» que, para Vera Leisner, não é apenas responsável pela construção de megálitos mas, ao que parece, pela ocupação das grutas naturais costeiras e pela escavação

(167) Idem, pp. 20 - 21.

(168) Segue-se aqui o resumo de Enrique Llobregat citado supra, nota (139).

das grutas «tipo coelheira». Nas quatro fases evolutivas agora propostas, o Campaniforme surge na última, com um conjunto que importa referir ⁽¹⁶⁹⁾.

- a) adornos de ouro (espirais, braceletes, tubos, brincos...).
- b) utensílios de cobre (punhais de lingueta, pontas de flecha, punções, escopros...).
- c) «braçais de arqueiro».
- d) botões de osso com perfuração em V

O contributo dos Leisner para um melhor conhecimento do Campaniforme é, pois, diminuto. Os dois grupos propostos não tinham passados despercebidos a Bosch-Gimpera ou a Castillo. Quanto ao «conjunto campaniforme» subscreve-se uma afirmação de Llobregat ⁽¹⁷⁰⁾: «Tenemos uma esquematização cultural excessiva». No entanto, um grande passo em frente parece ter sido dado: o Campaniforme é agora apenas um dos elementos pertencentes a um grupo humano definido. Estamos já longe dos exclusivismos de Castillo se bem que em breve um outro alemão, Edward Sangmeister, nos faça retroceder e regressar à visão particularista de um Vaso Campaniforme centralizador, encerrando em si as procuradas chaves de tantas portas cerradas que o investigador encontra ao estudar a Pré-História Europeia.

IV. 1. 2. 4.

EDWARD SANGMEISTER

1963, Colóquio de Rennes. A exposição geral sobre o Vaso Campaniforme é feita por Edward Sangmeister, de Freiburg. Estudemos esse trabalho, hoje sob a mira de atiradores de diversas «escolas». Trabalho criticável, mas de méritos a assinalar (apesar do muito que sobre ele há a dizer).

A mesma interrogação de Castillo abre a comunicação de Sangmeister. Só que o Campaniforme, para os autores ibéricos uma «Cultura», passa agora a ser designado como uma «Civilização». Reflexo, talvez, da investigação teórica alemã ou de um defeito de tradução.

O Vaso Campaniforme «Est-ce une civilisation ou une mode ?» ⁽¹⁷¹⁾.

Sangmeister sabe da dificuldade da resposta. E, com engenho, compara a expansão campaniforme à dos Cimbrós, sobre que se não conhece um único elemento arqueológico convincente mas cuja historicidade os textos claramente

(169) Llobregat, p. 84.

(170) Idem, p. 90.

(171) Sangmeister, «la civilisation du vase campaniforme». Actes du I Colloque Atlantique, Rennes, 1963, pp. 25 - 56.

demonstram. Seria, portanto, consequência da não existência de escrita, ao tempo do Campaniforme, a nossa incerteza quanto ao expansionismo próprio àquela Cultura.

Valerá a pena uma pausa no seguinte passo do texto que se vem seguindo:

«Un important problème lié à la large distribution de ce gobelet, est celui de savoir s'il a existé avec ces gobelets campaniformes une culture, une civilisation, ou bien si ces vases étaient vendus isolément à travers l'Europe, ou bien encore, s'il a existé une mode de décoration des vases dans ce genre, qui aurait eu une influence sur un grand nombre de cultures préexistantes en Europe» (172).

Importante passo este, onde se encontram realmente agrupadas todas as possibilidades. Importante mas não original : regressamos às dúvidas que em .54 assediavam Alberto del Castillo.

Sangmeister, bom conhecedor dos grupos orientais, vai eixar a sua noção de «conjunto campaniforme» em torno a um pluralismo que encobre mal um pan-germanismo óbvio. Não existe um, mas vários «conjuntos». E passando à descrição do oriental aponta-nos, como a eles pertencentes :

- a) «braçais de arqueiros» (planos, primeiro, encurvados, depois) ;
- b) punhais com lingueta de preensão ;
- c) punhais com rebites (*rivets*) ;
- d) pontas de flecha de base côncava (por excepção com pedúnculo e barbelas) ;
- e) botões de osso perfurados em V ;
- f) pingentes de osso, cobre ou dente de javali.

Perguntar-se-á : que critério presidiu a estas associações ?

Um único, teòricamente imbatível, o dos «closed-finds». Método por certo muito mais científico que o «intuitivo» de Castillo mas a que se levantam, desde já, duas observações :

1. Os «closed-finds» constituídos por sepulturas (mesmo individuais) devem ser considerados com extrema prudência.
2. «Closed-finds» em níveis de habitação representam fonte de inexcedível importância, uma vez rigorosamente verificada a sua não-violação.

Quanto ao primeiro ponto, uma dupla exemplificação : Smolin e Bugio.

(172) Idem, p. 25.

Smolin é um enterramento em poço circular defendido por paliçada de madeira, o todo protegido por uma mamoa. Integra-se num conjunto de sepulturas comum aos povos, muito possivelmente calcolíticos, da Morávia Central, mas ainda não correctamente datado. A zona e a época são testemunhas de curiosas decorações cerâmicas cujo violento excesso ornamental faz pensar na Meseta. Basta, com efeito, um rápido estudo dos vasos de Ciempozuelos, de tipologia evoluída, para se encarar sem estranheza peças como as de Morávia (Ledce, Brno) e as da Boémia (Neratovice). Mas os «campaniformes» inesperadamente encontrados no «closed-find» de Smolin em nada contribuem para um melhor esclarecimento do espinhoso problema que uma provável intrusão campaniforme nas culturas locais levanta. É que os objectos que acompanham um morto formam um «conjunto» de muito duvidosa consistência. Podiam, por exemplo, consistir em uma dádiva adquirida noutros horizontes culturais, estranhos àqueles a que o morto pertencia. O enterramento individual «campaniforme» do Bugio (ainda inédito) levanta dezenas de questões mas dificilmente responderá a duas ou três.

Sangmeister parece ter ignorado Smolin e é muito pouco provável que conheça já o enterramento do Bugio (cujo estudo Veiga Ferreira está elaborando) mas a maneira como encarou sepulturas alemãs do mesmo tipo demonstra à saciedade que ele os consideraria muito significativos. E não são. Muito importantes, sim, mas de modo algum significativos índices culturais. A segunda das observações atrás formuladas auto-justifica-se. Um nível de ocupação é fonte segura sobre os homens que lentamente o foram originando, uma vez que apresenta elementos de origens plurais.

Fica-nos, portanto, uma sólida desconfiança para com o uso e validade dos «closed-finds» como os entende Sangmeister. Tal como quando atrás se levantaram limitações ao uso do C 14 (Introdução 2. 2. c.), não se critica o método mas o seu uso desregrado.

Primeira dificuldade para Sangmeister: os esguios e belos vasos ocidentais não se encontram nos «closed-finds» alemães. Será num outro «closed-find», bretão desta vez, que toda a sua interpretação do movimento campaniforme se irá escorar.

Ora todá uma construção ficará à mercê da exactidão da sequência estratigráfica de um único lugar. Sequência que os próprios escavadores de Barnenez D põem sob reserva (173). Fragilíssima teoria, portanto, tendo em vista a precariedade dos dados a manipular. Barnenez D é uma sepultura megalítica bretã onde uma estratigrafia rudimentar indicou dois níveis. O primeiro, mais recente,

(173) Giot/L'Helgouach. Bulletin de la Societé Prehistorique Française, LIII, 1956, pp. 327 - 33 e LIV, 1957, pp. 358 - 366.

era constituído por enterramentos S.O.M. (Primeira Idade do Bronze). O segundo revelou vários fragmentos de campaniforme marítimo puro (A 3 a).

Teòricamente — e sem esquecer as reservas de Giot e L'Helgouach — uma única conclusão se pode tirar da sequência atrás apontada: na Bretanha, o Vaso Campaniforme de Tipo Marítimo é anterior ao grupo S.O.M. e isso poderá permitir a fixação de um *terminus ante-quem*.

Mas Sangmeister considerou Barnenez D prova mais que suficiente para a sua teorização do «Rückstrom», onde o refluxo é o providencial esclarecedor de nossas dúvidas e inquietações.

Segundo o A. tudo se teria passado num movimento de dois tempos:

1.º — Fluxo: Portugal — Bretanha — Países Baixos e Reno.

Uma vez atingidas as regiões centro-europeias o primeiro movimento de expansionismo campaniforme provoca um outro, que parte de essas regiões.

2.º — Refluxo: Boémia — Bretanha — Ocidente.

Um centro campaniforme localizado na Boémia-Morávia (e tão precoce como o português), estimulado por vários contactos, expandiu-se numa onda de refluxo e atingiu a França e o Ocidente peninsular.

Quando o próprio Edward Sangmeister reconhece que «toute cette solution est basée sur une seule observation stratigraphique, em Bretagne» (174) que dizer?

De interesse, a cronologia do grupo «campaniforme» oriental» proposta por Sangmeister. Compreende três fases. A primeira é coincidente com Baden, a segunda com Vuçedol e a terceira com Unětice (já na Primeira Idade do Bronze).

Datas mais precisas: — 1900 (pelo C 14) para um «soi-disant habitat campaniforme du Schleswig-Holstein» (175) e datas «indirectas» para os Países Baixos (— 2200, 2100, 2000 e 1900).

A concluir, Sangmeister admite que o Campaniforme, uma «Civilização», possa também ser uma «moda» (mas apenas em algumas regiões do Mediterrâneo Oriental).

Em '66 o A. publicou um novo trabalho, muito confuso.

Começa por sublinhar a ««assombrosa semejanza de los productos cerámicos desde Portugal hasta Moravia y desde Italia hasta la Alemania Cen-

(174) Sangmeister, 1963, p. 51.

(175) op. cit. p. 53.

tral» (176) para logo na página seguinte reconhecer que não existem certezas quanto à cronologia e aos horizontes culturais. Ora não parece, nestes termos, lógico admitir uma tão problemática e arriscada «unidad cultural o por lo menos temporal de los diversos objectos» (177). Mesmo essa «asombrosa semejanza» que Sangmeister afirma existir não é tão frequente como ele acredita e apenas um tipo decorativo (o A 3 a da classificação de estilos que adiante será proposta) surge como constante, a merecer não o nome pouco significativo de «Marítimo» mas o — bem mais verdadeiro — de «Internacional».

Sangmeister tornea as dificuldades que os riquíssimos «grupos regionais» lhe levantam e faz silêncio sobre elas. Trucagem de factos, aceitar panorâmicas demasiado «explicativas», eis as observações que o trabalho de .66 suscita.

Na verdade, Sangmeister contradiz-se frequentemente: para ele houve duas fases no Calcolítico português. A 1.^a é contemporânea das «colónias», dos «tholoi» e das grutas artificiais e não conheceu os campaniformes, cujo aparecimento determina o advento da segunda fase. Até aqui não se levantam problemas (posta de parte a discussão que o conceito de «colónia» implica) mas, um pouco adiante, o A. assegura-nos que o Campaniforme poderia mesmo ter aparecido em Vila Nova de S. Pedro I (uma «colónia») não chegando, contudo, a predominar em Vila Nova II.

Quem não conhecer o espólio de Vila Nova perguntará imediatamente se, afinal, no castro extremenho, houve ou não campaniformes.

Pergunta perfeitamente aceitável, uma vez que Vila Nova só tem dois níveis (sejamos mais precisos: em Vila Nova apenas foram assinalados dois níveis (*)) e se no primeiro não houve campaniformes (a sua existência, para Sangmeister, é, aí, unicamente provável) no segundo os campaniformes, ainda segundo Sangmeister, nem chegam a predominar. Facto, aliás, em absoluta contradição com os resultados de Afonso do Paço e Eugénio Jalhay (178).

A confusão aumenta quando o A. situa um Centro Difusor Campaniforme

(176) Sangmeister, 1966, p. 203.

(177) op. cit., p. 201.

* Só em data muito recente (quase vinte anos após o início dos trabalhos) Afonso do Paço encontrou, finalmente, uma estratigrafia para Vila Nova de S. Pedro. Não se tratava, porém, nunca será demais sublinhá-lo, de uma sequência naturalmente definida mas de uma **estratigrafia a posteriori, uma estratigrafia intuita**.

Este ponto é fundamental e levanta-nos problemas gravíssimos aquando da utilização comparativa dos famosos «níveis» Vila Nova I e Vila Nova II (tal como acontece com a Penha Verde...).

Por certo, a «estratigrafia» de Afonso do Paço marcou um passo em frente no conhecimento do povoado. Nos vários metros de espessura que atingiu a ocupação humana em Vila Nova, encontrar dois níveis é já um princípio. Mas em cada um deles nós encontramos uma pluralidade de fósseis indicadores de grupos culturais bem distintos noutras estações arqueológicas. E a sequência em dois níveis foi indirecta mas vigorosamente contestada pela tranquila escavação de Hubert Savory e Miss B. Capstick onde surgiram pelo menos 3 períodos de ocupação. Pena não terem sido continuados esses trabalhos, cujo interesse é evidente.

(178) Veja-se na Bibliografia a alínea «Vila Nova de S. Pedro».

no «Portugal medio, o sea precisamente en la zona de las «colónias» y de las cuevas artificiales» (179) o que é flagrantemente contraditório com a sua afirmação anterior de que a 1.ª Idade do Cobre, sem campaniforme, é exactamente a das «colónias», dos «tholoi» e das grutas artificiais...

A terminar, exponha-se o raciocínio de que Sangmeister se serve para defender a tese das origens portuguesas do Campaniforme Marítimo:

1. O vaso de Barnenez D é sincrónico dos vasos orientais anteriores à cerâmica cordada.
2. É preciso (sic) procurar no Ocidente a origem do Campaniforme Marítimo.
3. Portugal é a única origem possível, considerando Barnenez D uma sepultura de cúpula de características portuguesas.

É muito provável que estes paradoxos resultem de Sangmeister ter grafado este seu trabalho em espanhol, língua muito diferente da sua. Mas impunha-se uma vigilância atenta para que não aumentasse o número, já grande, de sínteses deficientes que sobre o Campaniforme possuímos.

Sangmeister e Schubart demonstraram, nas suas escavações do Castro do Zambujal, a detenção de uma avançadíssima técnica de pesquisa. Pena que os resultados da síntese não sejam, em Sangmeister, equivalentes aos da análise.

(Lamenta-se, também, que os Autores não publiquem no fim dos trabalhos sobre estações portuguesas resumos no nosso idioma. Nem todos os investigadores nacionais dominam o alemão (quem redige estas linhas não conhece mesmo nenhum nessas condições) e esses trabalhos tornam-se assim inacessíveis. No caso de Schubart e Sangmeister, que trabalham com verbas e materiais próprios, o caso é de lamentar mas, ao que parece, inevitável. No caso de outros investigadores, subsidiados por instituições culturais portuguesas, tal facto torna-se verdadeiramente assombroso.

IV. 1. 2. 5.

HUBERT SAVORY

Num trabalho que a «Revista de Guimarães» inseriu no seu tomo de 1960 (180), Hubert Savory esboçava em traços largos a sua teorização referente ao «povo beaker». Abria sagazmente o seu estudo apresentando as possíveis

(179) Sangmeister, 1966, p. 205.

(180) Savory, 1950, «A importância do povo Beaker...», Rev. de Guim., LX, pp. 350 - 375.

explicações para as semelhanças de espólio, verificáveis, em certos períodos, para quase todas as regiões europeias :

1. «Comunidade étnica» proveniente de movimentos de povos.
2. Influência cultural directa — política
— religiosa
— económica
ou indirecta (imitação de objectos importados).
3. Importação sem intercâmbio ⁽¹⁸¹⁾.

Savory alerta-nos contra as «culturas inventadas», resultado de uma abstracção demasiado rápida do concreto. No seu exemplo, recorda a «Cultura Wessex», para ele apenas um conjunto de ricas sepulturas que os chefes não autóctones da Idade do Bronze Média se fizeram construir no Sul de Inglaterra.

Não pode deixar de estar em contraste com este avisado procedimento a interpretação que o A. irá concluir dos dados que possuímos sobre o Campaniforme, precedida por hábil crítica a Bosch-Gimpera ⁽¹⁸²⁾ e de um ataque frontal à «velha heresia» que atribui ao Vaso Campaniforme uma origem centro-europeia.

Afirma, porém, que «ninguém hoje duvida de que a expansão por toda a Europa Central e Ocidental da característica cerâmica campaniforme outra coisa não traduz, em primeiro lugar, senão — povo em movimento» ⁽¹⁸³⁾. Para Savory a questão não consiste na discussão da existência de esse movimento expansionista mas no descobrimento dos caminhos por ele seguidos. Parece-lhe que o difusionismo campaniforme deverá ter partido da faixa mais ocidental da Ibéria e atingido a Irlanda em data não muito precisa.

Um ponto importante : Savory propõe uma divisão do Campaniforme em dois grupos (voltamos a Castillo, voltamos aos Leisner).

O primeiro incluiria o Vaso Campaniforme pròpriamente dito, o segundo, a cerâmica incrustada de Palmela — Ciempozuelos ⁽¹⁸⁴⁾. Trata-se de dois grupos distintos, e em parte contemporâneos, de cerâmica campaniforme manufacturada por comunidades diferentes ⁽¹⁸⁵⁾.

Depreende-se desta bipartição, e do que atrás se citou, que para Savory, o vocabulo «campaniforme» apenas é de aplicar a uma cerâmica e não a um povo, uma vez que duas comunidades distintas (conquanto contemporâneas)

(181) Savory, 1950.

(182) op. cit., pp. 365 - 367.

(183) op. cit. p. 351.

(184) op. cit., p. 364.

(185) op. cit., p. 366.

fabricam campaniformes. Ponto importantíssimo, que Savory não retomaria explicitamente, e que Maluquer de Motes ⁽¹⁸⁶⁾ levaria até às últimas consequências.

Que um «conjunto campaniforme» existiu torna-se, portanto, de admitir sem reservas e Savory fá-lo girar em torno à Metalurgia do cobre e do ouro.

Para o antigo «Mac Iver Student» de Arqueologia Ibérica o povo «beaker» teria sido, mesmo, o responsável pela introdução da metalurgia em determinados países, entre os quais a Grã-Bretanha ⁽¹⁸⁷⁾.

1968. Num estudo desigual, em suas partes, mas de grande importância global ⁽¹⁸⁸⁾, Savory apresenta-nos a sua visão da Pré-História peninsular. Trabalho, um ano depois, vertido em português ⁽¹⁸⁹⁾.

Analisemos, ainda que sumariamente, a nova teorização do autor britânico.

1. Reconhece que «It was sometimes been asserted that the existence of Bell Beaker pottery is not proof of the existence of a distinctive Bell Beaker culture» mas acrescenta que «this is no longer a reasonable point of view, if it ever was (...)» ⁽¹⁹⁰⁾.

Pois bem, quais os elementos que tornam tão segura, para Savory, a existência de uma «Cultura Campaniforme»?

Em resposta, o inevitável «conjunto», a incluir :

- a) uma metalúrgia tipicamente ibérica cujas matérias primas incluem as impurezas do grupo EO I de Sangmeister e cujas manufacturas incluem punhais, pontas de flecha, furadores de secção quadrangular, machados de secção estreita, todos de cobre ;
- b) botões de osso perfurados em V ;
- c) «braçais de arqueiro» ;
- d) ornamentos de ouro.

Em contraposição, não posso deixar de esboçar algumas reservas, ordenando-as por alíneas correspondentes às anteriores.

- a) a metalurgia do cobre é seguramente anterior ao advento do Campaniforme, como o próprio Savory reconhece. Na Rotura, a precocidade da metalurgia do cobre é significativa, tenha-se em

(186) Maluquer de Motes, 1960.

(187) Savory, 1950, p. 352.

(188) Savory, 1968, pp. 166 - 189.

(189) Tradução de José Morais Arnaud, revisão terminológica de F. Bandeira Ferreira.

(190) Savory, 1968, p. 183.

conta a excelente qualidade das manufacturas. É certo que o punhal triangular parece corresponder a um horizonte contemporâneo do Campaniforme mas Savory viu-se obrigado a referir os contactos com os Balkans e a Anatólia que ele sugere. A metalurgia não é, portanto, um fóssil indicador seguro. O belo punhal triangular surge com frequência associado a grupos evoluídos, como o de Ciempozuelos. A ponta de flecha «Tipo Palmela» e os punções de secção quadrangular são, sem dúvida, os mais significativos de todos os elementos que Savory apontou ;

- b) os botões de osso têm surgido, com frequência significativa, fora do quadro campaniforme. Facto verificável na Andaluzia, na Catalunha, e, mesmo, em estações portuguesas (na Rotura não se conhece um único botão). Por outro lado, é impossível esquecer que os níveis campaniformes sempre revelaram uma exígua e pouco variada indústria de talhe de osso. Penso que talvez seja de atribuir a período pré-campaniforme a feitura dos bem polidos botões de perfuração em V, pelo menos até à descoberta de achados estratigrafados ;
- c) os «braçais de arqueiro» são, até ao presente, das menos significativas peças da tipologia pré-histórica. Os seus horizontes não estão ainda definidos com suficiente clareza para que nos seja lícito estabelecer uma sua ligação exclusiva ao Vaso Campaniforme.

No Levante, por exemplo, o «braçal» surge em etapas evoluídas (191) ;

- d) quanto aos ornamentos em metal precioso, parecem ligar-se a períodos arcaicos (em relação ao Campaniforme) como os da construção das primeiras grutas artificiais dos estuários do Tejo e do Sado e a outros, mais evoluídos, (post-campaniformes) mas de conhecimento muito lacunar, os argáricos.

Mas retomemos Savory :

2. A difusão do Vaso Campaniforme (rotulada de «remarkable phenomenon», ou então como sendo «Iberia's most original contribution to European prehistory»...) fez-se, para o A., a partir das deslocações de nómadas pastores provenientes do Interior Setentrional da Hispânia.

(191) Facto que investigadores do S. I. P. de Valência confirmaram.

Assegura-nos Savory que «All over the peninsula in the last quarter of the third millenium the Beaker nomads become culturally dominant and soon afterwards spread rapidly to most parts of western and central Europe» (192).

Portanto, houve uma substituição da elite governante millareense, tanto na Andaluzia como na foz do Tejo, pelos intrusivos «pastores Campaniformes» que atravessaram igualmente os Pirinéus, levando consigo a sua metalurgia (193).

Daí «the Beaker empire» (194).

Em Vila Nova de S. Pedro, o Campaniforme seria, um elemento «new and intrusive» aparecido após «the decay or destruction of the Millaran fort» (195).

E o refluxo?

Savory é claro na sua desaprovação a essa «unfortunate theory» (196) tanto mais que «evidence of technical continuity and evolution in the peninsula makes it hard to accept Sangmeister's theory entirely» (197).

É que uma longa evolução bem visível no Tejo e no Guadalquivir «refutes any idea of immigrant «Reflux» barbarians from central Europe» (198).

Vejamos, em fim de capítulo, as razões do iberismo de Savory e a sua divisão do Campaniforme numa sequência de três fases.

3. Os fundamentos da origem ibérica do Vaso Campaniforme serão:
 - a) a longa durabilidade da tradição campaniforme ibérica, a mais longa conhecida, porque
 - b) até um milénio antes da forma campaniforme clássica encontramos os seus antepassados bem definidos na Ibéria (199).

E Savory compartimenta, assim, a evolução do Campaniforme:

- 1.º período — de \pm 3 500 a \pm 2 250 — Origens
- 2.º período — de \pm 2 250 a \pm 2 000 — Campaniforme Marítimo
- 3.º período — de \pm 2 000 a \pm 1 800 (200) — Campaniforme Tardio

(192) Savory, 1968, p. 165.

(193) op. cit., pp. 166 - 167.

(194) op. cit., p. 168.

(195) op. cit., p. 166.

(196) op. cit., p. 169.

(197) op. cit., p. 169.

(198) op. cit., p. 177.

(199) Resumem-se as afirmações da p. 171.

(200) Um erro tipográfico do original inglês (aliás facilmente corrigível se se atentasse no quadro cronológico das pp. 259 - 261), conservado na edição portuguesa, aponta a data de 800.

No primeiro ⁽²⁰¹⁾ encontramos os «antepassados campaniformes»: a cerâmica cardial e a cerâmica com almagre (Cova de l'Or, Cueva Ambrosio, Carigüela de Piñar. As cerâmicas incisas do grupo hispano-mauritânico poderiam ter determinado a passagem da técnica impressa à do ponteadado. São deste tempo as faixas «Trellised», «diagonally hatched», precursoras da decoração campaniforme, e a movimentação dos pastores do interior.

No segundo ⁽²⁰²⁾, torna-se clara a distinção entre o Campaniforme Marítimo e o de Palmela — Carmona — Meseta. A marcha campaniforme atinge Avignon cerca de 2 150 (GsY 705), sobe o Ródano até à Renânia onde colide com a cerâmica de cordas. Dá-se, então, um movimento de retorno que introduz na Península a técnica da cordagem em cerâmica de Tipo Campaniforme.

O terceiro período ⁽²⁰³⁾ marca a rápida absorção dos intrusivos «pastores campaniformes» pelas populações do Tejo e do Guadalquivir. É o tempo da concentração das zonas decorativas cujo estádio inicial se detecta na Penha Verde e o tardio em Montes Claros. Nesta época surgem, também, e em Taças, representações de cervídeos.

Muito pouco há a dizer à sistematização de Savory. Ela recorda a de Castillo, a de Bosch-Gimpera, a dos Leisner em muitos pontos, mas supera-os frequentemente. Não se lhe nega originalidade mas nenhum elemento seguro apoia, por vezes, relações importantes. Fica-nos a noção de que é possível uma sequência (esse talvez o grande mérito de Savory) em que o «refluxo» desempenha papel secundário. Nessa sequência Savory apontou, com sageza, traves-mestras de grande importância.

IV. 2. Uma nova posição.

Abertura.

Em 1965, numa comunicação ao IV Colóquio Portuense de Arqueologia sublinhei alguns pontos relativos ao Campaniforme e a sua inscrição no quadro cultural peninsular ⁽²⁰⁴⁾.

Afirmou-se então que :

1. era possível uma esquematização do Bronze I (ou Eneolítico, ou Calcolítico) na zona central do território português. Uma sequência, abstraída dos achados, resultaria assim :
 - 1.ª fase — com predominância de elementos neolíticos finais.

(201) op. cit., pp. 171 - 174.

(202) op. cit., pp. 174 - 177.

(203) op., cit., pp. 177 - 182.

(204) «O Castro da Rotura - Setúbal», Lucerna, V, 1966, pp. 476 - 511.

- 2.^a fase — profunda revolução económica acarretando a alteração dos quadros tradicionais e um possível abandono da terra. As explorações mineiras intensificam a mobilidade comercial em três vias, terrestre, fluvial e marítima.
- 3.^a fase — advento do Campaniforme «não como explosão súbita mas como resultado da fusão entre os povoados neolíticos e as influências da costa. Portanto, como conclusão de um lento amadurecer de formas» (205).
- 4.^a fase — decadência do Campaniforme, laicização da cerâmica, pulverização das comunidades em bandos guerreiros pré-anunciadores da Idade do Ferro.

Após este gráfico, levantava-se um conjunto de interrogações que se reconhecia de difícil resposta :

2. Em que medida poderemos falar numa cultura do Vaso Campaniforme?
 - Existiu um povo do Vaso Campaniforme ?
 - Em que horizonte cultural o podemos enquadrar ?
 - E quais os caminhos seguidos na sua expansão ?
 - Quando, como e porquê desapareceu a cultura do Vaso Campaniforme ?
 - Qual a contribuição tecnológica, cultural e artística, trazida pelos homens do Campaniforme ?» (206).

Noutros pontos da pequena notícia se abordavam problemas semelhantes.

3. Negava-se, por exemplo, a analogia entre o grupo cardial e a cerâmica campaniforme mas admitia-se que o primeiro fosse detentor de certos motivos ornamentais recuperados pelo segundo. O Campaniforme poderia (nas suas primeiras manifestações, sobretudo na técnica do ponteador) representar um estágio muito evoluído da Técnica de impressão cardial. A analogia mais saliente entre os dois tipos cerâmicos residiria na faixa preenchida por oblíquas paralelas.
4. Afirmava-se, também, ponto aqui retomado.

«A nosso ver a Cultura do Vaso Campaniforme não é mais que uma

(205) op. cit., pp. 476-501.
 (206) op. cit., p. 478.

evolução regional das culturas vulgarmente chamadas pré-campaniformes e deve-lhes grande parte da sua pujança e originalidade» (207).

Hoje, se bem que se não subscrevam inteiramente todas as afirmações de .65 (é necessário completar com dados obtidos em escavações ulteriores o esquema evolutivo do Calcolítico e referenciar mais atentamente o problema cardial-campaniforme) prossegue-se uma linha semelhante à que foi anunciada no n.º 4 imediatamente anterior.

Uma vez, porém, que teremos de analisar um fenómeno tão complexo e fugidio como a histeria ou o totemismo (208) vemo-nos obrigados a usar de terminologia tanto mais rigorosa quanto se conseguir.

E para que se não parta de bases falsas ou demasiado frágeis, tente-se definir o Conceito de Cultura em Pré-História.

IV. 2. 1. O Conceito de Cultura em Pré-História.

«like every concept, this one is a tool ;
and as a tool the concept of culture
is two edged» — KROEBER.

O primeiro elemento em que é decomponível a expressão «Cultura do Vaso Campaniforme» exige definição imediata para que, de uma errada compreensão, não resulte erros graves.

Em torno ao conceito de Cultura, porém, levantou-se sempre polémica constantemente renovada e de consequências frequentemente de insuspeitada violência.

É que a universalização e, logo, a pluralidade do conceito enriqueceram-no de múltiplas acepções. A tal ponto, que se pensou útil tentar uma redefinição, no que concerne ao seu uso em Pré-História.

Precisa-se, então, de um conceito de Cultura ?

Muito bem ! O útil livro de Kroeber e Kluckhohn (209) fornece-nos mais de centena e meia. Definições de todas as proveniências. Para todos os gostos e «escolas».

Basta escolher e usar...

O verdadeiro problema é, evidentemente, outro. Quando se está dinamizado pela necessidade de criar, no campo em que se trabalha, sólidas bases de

(207) op. cit., p. 501.

(208) Veja-se Claude Lévi-Strauss, «le totémisme aujourd'hui», Paris, 1965, p. 1.

(209) Kroeber/Kluckhohn, «Culture, a critical review of concepts and definitions», New York, s/d.

pesquisa, torna-se urgente uma redefinição tranquila do fugidio conceito. O que não é fácil, porque, como já se disse, as definições de conceitos-básicos sempre estiveram em falta entre nós. Com efeito a bibliografia pré-histórica portuguesa afasta-se, com frequência, das realidades. Um exemplo: fala-se com entusiasmo da necessidade de usar computadores em Arqueologia mas esquece-se, lamentavelmente, que se não possuem ainda dados normalizados que lhes possam ser fornecidos. E um computador não é um *deus ex machina*. Necessita de elementos em amostragem significativa (que não existem entre nós). Trabalhar, ou pensar trabalhar com computadores, na actual conjuntura arqueológica portuguesa, é sonho fantástico, apesar de bem intencionado.

Escavem-se, primeiro, as centenas de estações virgens ou mal exploradas. Definam-se atentamente os conceitos que o exigem. Crie-se uma nomenclatura normalizada. Então — só então — poderemos (e deveremos) conscientemente recorrer ao inestimável auxiliar que um computador representa. De outra forma, apenas obteremos informações falsas, dados trucados. E, para isso, temos já na tradição arqueológica portuguesa demasiados anos de investigações mal conduzidas e de incorrectos cômputos de dados...

Mas regressemos ao nosso problema: a ausência de conceitos definidos e de um vocabulário uniforme. Ausência incompreensível. A pedir pronta resolução. É que, como noutro lugar se escreveu, Pré-História não é sonolento inventário de calhaus talhados desta ou daquela maneira, de cacos melhor ou pior conservados. Pré-História, como aqui se entende, é a História Militante de que falava Henri Berr ⁽²¹⁰⁾, é séria tentativa de reconstituir o mundo material e espiritual de homens que viveram há muitos milhares de anos. Tarefa difícil em extremo, tantas vezes completamente impossível. Claro que, neste contexto, a tarefa de delimitar conceitos apresenta dificuldades quase insuperáveis. Mas tentemos enfrentá-las. Deixemos de parte o auxílio demasiado solícito da amável colectânea de Kroeber e Kluckhohn. Excelente instrumento de trabalho, aliás. Mas tão frio como a História vista por certas correntes da historiografia americana...

Adiante.

Sabe-se a notável simplicidade que tanto Lowie como Kluckhohn usaram ao definirem o conceito de Cultura. Ralph Linton ⁽²¹¹⁾ adoptou semelhante

(210) In *Seizième Semaine de Synthèse (A la recherche de la mentalité préhistorique)*, Paris, 1953, p. 2.

(211) Ralph Linton, New York, 1936 e 1955.

posição metodológica. Diz-nos o conhecido etnólogo que se deverá entender como Cultura a herança social detida por determinado grupo humano.

De acordo, com Ralph Linton. Mas observe-se : Cultura é uma herança social, mas uma herança social transformada e adaptada conjunturalmente. Uma herança em contínua re-criação, chamemos-lhe assim. Na linha de Linton, atribui-se enorme importância ao que uma sociedade herda dos momentos históricos anteriores. Vinca-se, porém, ponto fundamental : o Homem não é só um portador de cultura. Com essa característica acumula duas outras : a adaptação e a transmissão.

Este conceito dinâmico de Cultura está, evidentemente, em vigorosa contradição com a axiomática teoria de Malinowski.

«in terms of our functional analysis, we will show that no invention, no revolution, no social or intellectual change, ever occurs except when new needs are created ; and thus new devices in technique, in knowledge, or in belief are fitted into the cultural process or an institution» (212).

Noutro lugar (213) tive oportunidade de salientar que toda a sociedade humana parece reaproveitar, transformar e transmitir tudo o que de útil e importante recebeu. Aceita, também, (por mais paradoxal que isso seja) numerosíssimas atitudes de pequena ou nula importância e defende com frequência outras que lhe são mesmo altamente prejudiciais (perigos certos do natural conservadorismo das sociedades humanas e de seus grupos dirigentes). Claro que uma infinidade de pequenos itens são esquecidos. A transmissão nunca é total. Mas sintetize-se desde já uma posição que adiante se completará :

Cultura é um todo resultante de uma amálgama, de uma síntese. Compreende a pluralidade de funções de um grupo humano espacialmente delimitável, em constante evolução. Resulta de uma herança social absorvida. Absorção que implica uma re-criação e uma transmissão consciente e inconsciente.

Questão a considerar, dada a agudeza com que nos preocupa : para o pré-historiador os grupos humanos cujas formas de vida ele procura reconstituir têm de ser fortemente coesos. Certas populações de grande mobilidade e arcaís-

(212) Malinowski, New York, 1960, p. 41.

(213) V. dos Santos Gonçalves, «A propósito de algumas taças campaniformes do Castro da Roura», Com. apresentada ao V Colóquio Português de Arqueologia».

mo (caso dos nómadas-caçadores do Paleolítico) apresentam uma dispersão insuperável que torna quase impensável uma séria reconstituição das suas formas da vida.

Só uma tão desejada evolução das metodologias de escavação-registo e de tratamento de dados poderá fornecer soluções para este gravíssimo problema. Até lá, resta-nos recordar as palavras plenas de sageza de A. Leroi-Gourhan, escolhidas como uma das epígrafes de esta tese.

Naturalmente que é doloroso o reconhecimento, por parte do pré-historiador, que a sua função nunca poderá ser tão objectiva como deverá ser a do historiador dos períodos com escrita. Mas, como dizia a propósito de assunto muito diverso Boris Vian «Il faut se garder d'en déduire des règles de conduite» (214) e o facto, muito desagradável, nunca deverá impressionar o investigador. A Pré-História não conseguirá fornecer panorâmicas pormenorizadamente correctas, é certo, mas tal não é motivo para que nos esquivemos a um esforço para que a larga margem do erro diminua.

Conta-nos Lucien Febvre a parábola do velho Xá agonizante que, tomado de brusca sede de conhecimento, chamou ao leito de morte o seu Bibliotecário. E ao pedido de uma breve História do Homem, o avisado funcionário resumiu-se assim: «Mon prince, les hommes naissent, aiment et meurent» (215). Resposta que é pretexto para rápido comentário às teorias difusionistas.

É que se esquecem com demasia frequência os fenómenos de paralelismo cultural. A condição de Homem produz frequentemente respostas idênticas aos mesmos estímulos. Sem que tivesse havido difusionismo ou, mesmo, qualquer forma de intercâmbio. Claro que nunca deveremos esquecer essa diversificação cultural de que nos fala Lévi-Strauss, e as diferentes formas de resposta deverão ser explicadas a partir das tradições culturais em que se integram.

Dentro de uma Cultura, é possível isolar elementos componentes. Tão diversos e interligados como técnicas de aquisição e transformação ou, em nível diferente, manifestações do sagrado (216).

A interdependência de todos estes elementos é evidente. Sem uma técnica de trabalho do sílex não existiriam os buris aguçados que gravaram as insculpturas do Paleolítico Superior. Sem um processo de isolar as diversas cores não teríamos Lascaux e Altamira. Ou o Escoural.

Talvez em muito maior percentagem que as sociedades de hoje, os gru-

(214) «L'écume des jours», Paris, 1963, p. 5.

(215) «Combats pour l'Histoire», Paris, 1953, p. 143.

(216) Consulte-se o excelente «le Sacré» de Rudolf Otto, Paris, 1969 (Trad. da 18.ª edição alemã).

pos em que se integravam os homens primitivos possuíam grande unidade interna. Unidade que não anula, não o esqueçamos, uma pluralidade visível.

Resuma-se brevemente o que tem vindo a ser dito.

Cultura, em Pré-História, designará um conjunto consideravelmente homogéneo, e em constante readaptação e transmissão, de técnicas, usos, crenças, instituições, formas vivas, integrado num grupo humano espacial e cronologicamente balizado.

Outro conceito com não menos acepções que o de *Cultura*, tantas vezes com ele confundido, é o de *Civilização*. Uma razão para dele aqui se falar : a «*Civilização*» do Vaso Campaniforme, expressão cara à historiografia alemã e a certos autores franceses.

Parece importante e oportuno definir este novo conceito, justificando assim o uso distinto que se fará dele ao longo do texto.

Que se entenderá, aqui, por *Civilização* ?

Antes de mais, um vasto conjunto, por vezes à escala de uma considerável unidade geográfica, por vezes independente do condicionalismo geográfico, de *Culturas*. A entreligá-las, factores múltiplos, em certos momentos visíveis num complexo de respostas idêntico ou em atitudes similares. Conjunto que, em certos casos, se intui mais que se vê. Recorra-se a um exemplo «histórico», a Grécia do séc. V.

Estudando isoladamente as *poleis* gregas onde encontrar uma unidade ? Mas ela existiu, bem o sabemos hoje. Que não *de jure* mas *de facto*.

Falamos, assim, e sem receio, de uma *Civilização Grega*. De uma *Civilização Grega* em que cada *pólis* é uma *Cultura*. Neste sentido, é-nos lícito falar de uma *Civilização Neolítica* ou de uma *Civilização Calcolítica*. Neste sentido, e como adiante se verá, é impossível falar de uma *Civilização Campaniforme*.

IV. 2. 2. O Vaso Campaniforme.

Antes de tudo o mais, um problema se ergue, o da definição de *Vaso Campaniforme*. Como não é fácil sintetizar posições a tal ponto vagas como as até hoje esboçadas, pareceu útil, como ponto de partida, dissecar um exemplar de cerâmica decorada nos seus elementos componentes. Creio razoável a formação de dois grupos :

1. a — forma (perfil)

b — decoração — Técnica utilizada (incisão, impressão, esgrafitagem, raspagem...)

— Temática (motivos-base, naturalistas ou esquemáticos)

2. a — pasta
- b — cozedura
- c — acabamento (engobo, incrustação, aguada).

Qual a importância relativa e absoluta dos dois elementos «primários» e dos três «secundários» ?

Se na classificação dos Vasos Campaniformes (por elementos decorativos) adiante proposta os três elementos «secundários» surgem minimizados e se esse esquema valoriza fundamentalmente o vocabulário decorativo, impõe-se uma advertência prévia que explique o porquê de uma posição metodológica que poderia levantar desnecessárias observações.

- a) parecem seguras as razões que me conduziram a uma não-excessiva valorização do perfil. Com efeito, a quase certa entreligação entre a cestaria e as primeiras formas cerâmicas conduziu a que, por mecanismo não-difusionista mas de invenção paralela, surgissem em diversas partes do globo recipientes cerâmicos de perfil idêntico. Daí o significado pouco importante dos testemunhos culturais que alguns vasos constituem. Pratos, escudelas, ou taças, vasilhas semi-esféricas, são comuns a grupos humanos que nunca contactaram entre si. Compreende-se assim que se reprove a precipitação que levou a comparar os copos de Vila Nova I aos de Susa, por exemplo. Ou a acreditar na sem-razão de recente trabalho onde se fala de «campaniformes» na África Portuguesa. Se considerássemos a forma campaniforme de origem monogenética ver-nos-íamos obrigados a relações tão fantasiosas como as que pretenderam ver arquétipos nas cerâmicas de Jemdet Nasr ou Tepe Hissar. Claro que existem vasos no Egipto (como em quase todo o Mundo, afinal) com perfil campaniforme. Mas nenhuma afinidade, decorativa ou de filiação, os liga aos campaniformes peninsulares.
- b) Acredita-se que, muito mais que um perfil, a decoração traduza determinado momento cultural, definindo-o mais exactamente. Observando dois exemplos, um de arte «franco-cantábrica», outro de arte «levantina», fácil é ver que eles representam dois momentos culturais diferentíssimos. A cerâmica tipo Los Millares, oculada, e por vezes com cervídeos, representa um momento e uma atitude bem específi-

cos, distintos dos que presenciaram a manufactura da cerâmica campaniforme, «laica» quanto a temática decorativa.

A horizontalidade da decoração campaniforme contrapõe-se, por exemplo, à verticalidade da decoração de certos copos ou à orientação decorativa do grupo cardial. Uma decoração é produzida por uma cultura e morre ou sobrevive consoante a sua aceitação e a vitalidade do grupo que a produziu. Se tanto na forma como na decoração se podem verificar a existência de paralelismos culturais parece-me que a segunda nos oferece muito maior margem de segurança que a primeira.

E eis as razões da nossa proposta de uma subestima (que de modo algum é completa) pelos perfis como fósil-indicador. Claro que existem formas particulares e privativas de certos grupos (os Megalithgräber e as Antas de Reguengos de Monsaraz bastariam para alicerçar esta convicção) mas a sua utilidade como elemento indicador deve ser encarada com prudência.

Não é dogmática a posição que aqui se defende. Ela representa, pelo contrário, um combate consciente ao extremismo impensado dos que baseiam num simples perfil todas as suas mirabolantes divagações comparativas.

Quanto ao trinómio pasta-cozedura-acabamento, o problema é bem diverso. Para além da insuficiência de conhecimentos seguros sobre este triplo domínio pesou também uma convicção pessoal: na actual conjuntura da arqueologia portuguesa não cabe a um investigador isolado mas a toda uma equipa a elaboração de estudo tão complexo.

A pasta exige uma investigação a tal ponto rigorosa que Beatrice Blance se socorreu de um especialista inglês em petrografia para obter análises cuja importância se revelou de interesse relativo ⁽²¹⁷⁾.

É que se não conhecem ainda, praticamente, os locais em que os homens pré-históricos se abasteciam em barro e as análises comparativas são, por enquanto, perigosas.

A cozedura parece-me depender de factores altamente instáveis. Como a maior ou menor temperatura do forno ou da fogueira, por exemplo.

Prova suficiente se julgou encontrar nos diferentíssimos graus de cozedura definidos em cerâmicas do mesmo nível de ocupação.

O engobo é, sem dúvida, muito importante mas será ousado afirmar que ele é uma constante. Um outro curioso processo de embelezar os recipientes consistia em preencher as incisões que os decoravam com pasta geralmente de

(217) Beatrice Blance, «Cerâmica estriada», Rev. de Guim., LXIX, 1959, pp. 459-464.

cor branca que, contrastando com a do engobo, emprestava aos vasos uma indiscutível beleza.

Cerâmica proveniente de diversos horizontes culturais ostenta esta interessante característica cuja singularidade não é, contudo, suficiente para permitir o seu uso como fóssil-director.

Os argumentos atrás enunciados tornam, portanto, a decoração um elemento de primordial importância. E, na sistemática que se aplicou ao vaso campaniforme, a decoração é, efectivamente, factor determinante.

Partiu-se do princípio de que a forma acampanada foi, em determinado momento da sua existência, transformada em receptáculo de uma decoração especial. Os motivos decorativos, são, tradicionalmente, incisos a ponteados mas, como noutra lugar referi, a técnica de impressão, precursora do ponteados, participou na conclusão de alguns belíssimos vasos (218). A gramática decorativa campaniforme compreende nove motivos-base, distribuídos em dois grupos distintos, que apresentam variantes diversas. Uma alínea do último grupo acolhe os casos de excepção.

A espantosa difusão europeia do primeiro dos nossos grupos, o Campaniforme A, valeu-lhe várias designações. Pareceu-me imprópria a proposta por Castillo e pelos Leisner. Campaniforme Internacional será, talvez, a expressão mais correcta para o designar, uma vez que surgindo frequentemente no interior europeu não seria muito lógico chamar-lhe marítimo.

O segundo grupo sai, directamente, da tradição da cerâmica incisa que o antecede (materiais de Rotura II a, por exemplo).

Impossível discorrer aqui sobre o significado íntimo da decoração cerâmica. Em certa medida, ela continua a linha esquemática que parece, hoje, consequência da profunda e longuíssima crise do realismo figurativo que o Mesolítico parece introduzir. Este esquematismo será raríssimas vezes quebrado e a estilização adoptada atinge pontos muito altos (recorde-se a linearização perfeita das representações de cervídeos ou de homens).

A cerâmica campaniforme marca, como se disse, a continuação da esquemática decorativa mas consagra uma nova disposição dos motivos-base, a horizontal, em contraposição às espécies cardiais.

Não se considerem, porém, os fabricantes de vasos campaniformes como os introdutores da decoração horizontal. É, inclusivamente, muito arriscado atribuir-se-lhes a invenção da técnica do ponteados e, mesmo, dos padrões decorativos utilizados. Para os quais se propõe a classificação seguinte :

(218) «A propósito de um elemento decorativo da cerâmica campaniforme», comunicação apresentada às I Jornadas Arqueológicas, Lisboa, Novembro de 1969.

Grupo Decorativo	Sub-Grupo	Características	Variantes
Campaniforme A, de estilos simples ou Campaniforme Internacional	1.	rectilíneas paralelas (ponteadas)	a. vaso uniformemente preenchido
			b. rectilíneas agrupadas em zonas
			c. combinações com outros motivos
	2.	faixas paralelas preenchidas por oblíquas de idêntica direcção	a. tipo puro
			b. faixas alternando com rectilíneas
			c. faixas associadas a linhas quebradas ou dentes de lobo
			d. combinação com outros motivos
	3.	faixas preenchidas por oblíquas de direcção oposta de faixa para faixa	a. tipo puro
			b. com rectilíneas como separador
			c. a orientação das oblíquas faz-se por zonas e não de faixa para faixa
			d. zonas contraídas
			e. combinações com outros motivos decorativos

Grupo Decorativo	Sub-Grupo	Características	Variantes
Campaniforme B, ou de estilos compostos	1.	faixas preenchidas a oblíquas intersecantes	a. tipo puro
			b. faixas com rectilíneas como separador
			c. uma única faixa, larga "
			d. combinações com outros motivos
	2.	linhas quebradas	a. em faixas paralelas
			b. preenchidas de modo a formar «dentes de lobo»
			c. alternando com rectilíneas
			d. combinações com outros motivos
	3.	barras zigzagueantes	a. em fundo vazio
			b. em fundo preenchido a verticais ou oblíquas paralelas
			c. combinações com outros motivos
	4.	decorações mistas, a ponteados	— —
	5.	xadrez	
	6.	casos especiais	Decorações tipo <i>Veluwe</i> , etc.

Como é fácil ver, o critério utilizado baseia-se nos motivos-base da decoração.

O primeiro grupo, o Campaniforme Internacional, é sobretudo conhecido pelos protótipos, A1 a, A2 a, A3 a mas é também frequente a variante b. Os outros motivos resultam — assim se crê — de adaptações regionais.

O segundo grupo, muito mais local que o primeiro, apresenta apenas duas variantes, B1 a e B1 b, relativamente difundidas. As restantes conhecem enriquecimentos e valorizações conforme as zonas de readaptação. Note-se que B2 c adquire significado especial em Écija.

Noutro lugar se comentará com maior desenvolvimento a filiação de estes elementos decorativos. Vincam-se, porém, desde já, as prováveis origens de:

A2 a, A3 a e A3 d, muito possivelmente relacionados com a antiga cerâmica «de grutas», incisa ⁽²¹⁹⁾. Conhecem-se exemplares significativos ao Norte de Lisboa e em território do Levante.

B1 c, com precedentes incisos em Rotura II a.

B1 a e B1 b, que bem podem representar a contaminação da cerâmica de tipo A pelos motivos que parecem ter influenciado directamente B1 c.

Para a decoração campaniforme portuguesa «Tipo Veluwe» será bom recordarmo-nos da bela placa de Alapraia II ⁽²²⁰⁾.

Portanto, existem três pontos distintos :

- a) uma forma acampanada (em forma de campânula) — o campaniforme-por-perfil.
- b) uma decoração «campaniforme», constituída pelos Grupos, Sub-grupos e Variantes acima descritos.
- c) uma técnica de incisão adoptada pelos fabricantes de campaniformes : o ponteadado (a coexistir, por vezes, com a impressão e, mais raramente, com a incisão a traço contínuo).

Estes pontos serão os guias para qualquer definição de um vaso campani-

(219) idem, ibidem.

(220) Uma bela placa proveniente de Alapraia II, apresenta-nos VV sobrepostos, tal como em Veluwe.

forme. Considerá-los isoladamente, sem aviso prévio, será incorrer em perigosas confusões.

O nome — tão infelizmente desacreditado — de Campaniforme passa assim a compreender um conjunto de três elementos (perfil — temática decorativa — técnica de incisão). Neste sentido, poder-se-á falar de uma decoração campaniforme sem que tal implique necessariamente o reconhecimento tácito de um perfil, aliás quase sempre variável, em maior ou menor angulosidade. A técnica de incisão a ponteados torna-se, porém, elemento quase inseparável da designação Campaniforme, uma vez considerada a sua esmagadora frequência no espólio estudado.

IV. 2. 3. O «conjunto» campaniforme

Escrevia com justeza Margareth Smith que «nunca ninguém sugeriu a existência especial de um «povo dos botões perfurados em V», para explicar a distribuição destes» (221).

Porquê usar atitude oposta para com os Vasos Campaniformes ?

E como surgiu a ideia de um «conjunto campaniforme» ?

Nas escavações desordenadas que arruinaram centenas de estações andaluzas, quando o nosso século ainda não tinha despontado, e durante toda a sua primeira metade, retiravam-se os materiais de povoados e necrópoles em montões. Os resultados desta corrida em busca de «peças bonitas», frequentemente encorajada por ingleses e americanos, estão à vista. Castros revolvidos, onde a tarefa de localizar zonas preservadas é bem árdua, dolmens meio escavados e essa impressionante ausência, constatável um pouco por toda a parte, de cerâmicas menos favorecidas decorativamente.

Assim, era fácil a Alberto del Castillo «criar» um «conjunto campaniforme». A pá ou o alvião retiravam terra ao acaso e o espólio, pertencente aos diversos níveis de ocupação esventrados, misturava-se logicamente.

Os precisos indícios que os estratos de Arene Candide forneceram não contribuíram para que os peninsulares compreendessem a lição que a caverna lígure lhes ministrava. Tirando Carigüela de Piñar (222), onde encontramos estações neolíticas ou calcolíticas estratigrafadas ?

Somaén levantou não poucas confusões. La Sarsa continua sem que se lhe conheça uma sequência estratigráfica. De Poço Velho, em Cascais, nada há a dizer. Los Millares, revolvidos por Siret, não forneceram aos Leisner mais que

(221) M. Smith, *Rev. de Guim.*, 1955, p. 289.

(222) M. Pellicer, «El Neolítico y el Bronce de la Cueva de la Carigüela de Piñar», Madrid, 1964.

dois grupos teóricos, abstraídos no gabinete. Da estratigrafia do célebre povoado nem Almagro e Arribas (223) viram traço.

Pode-se recordar lista mais extensa : Montes Claros, Palmela, Alapraia, Ermejeira, Carenque, S. Pedro do Estoril, Baùtas, Espargueira, Vila Nova de S. Pedro. Todas as estações-chave portuguesas «sem estratigrafia». Em Espanha, o panorama não é, também, animador.

Citam-se, ao acaso, as estações pirenaicas, as levantinas e andaluzas, as da Meseta, as da região galaica.

Como — de entre este esmagador número de estações não estratigrafadas — intuir um «conjunto campaniforme» ?

Castillo abriu o precedente e foi prontamente seguido. Mas tente-se dissecar esse mítico «conjunto» e veremos, nítida, a sua inconsistência.

O «braçal de arqueiro» não é fóssil indicador de coisa alguma. Nem mesmo sabemos se ele se destinava realmente a proteger o pulso do arqueiro. As pontas de flecha de sílex, com ou sem pedúnculo, pertencem a diversíssimos grupos culturais. As contas de colar (calaíte) representam vestígios de povos seguramente pré-campaniformes. E quanto aos botões perfurados em V não nos precipitemos :

Na costa andaluza, na Catalunha, nos Pirinéus, eles surgem frequentemente isolados, sem vasos campaniformes. John Evans encontrou-os em Zebbug, no Período I a 2 da ocupação do arquipélago maltês (224). Sem campaniformes, claro.

Resta-nos a metalurgia. Mas, mesmo de entre a utensilagem de cobre, abram-se reservas para os punhais, que parecem reflectir uma corrente de influência Mediterrânica. Ficam-nos os punções de secção quadrangular e as pontas de flecha tipo Palmela. É pouco. Ornamentos de ouro ? Nem um único elemento seguro advoga a sua filiação campaniforme.

Mas como se entenderá então a Cultura do Vaso Campaniforme ?

Estou em crer que tudo partiu de um tremendo equívoco. «Construir» um povo a partir de um recipiente cerâmico é entrar em caminho perigoso. Mas o certo é que alguém fabricou vasos campaniformes e parece lógico que esse grupo de fabricantes se integrasse numa Cultura. Ora tentemos encontrar os elementos que permitem ao pré-historiador reconstituir uma Cultura.

Parecem-me possíveis de agrupar em duas séries distintas :

(223) Almagro/Arribas, «Escavaciones en el poblado y necrópolis de los Millares», Madrid, 1964.

(224) Proc. Preh. Soc., 1953, fig. 2, p. 44.

A

1. objectos isolados
2. acampamentos ocasionais
3. acampamentos temporários
4. povoados de ocupação efectiva

B

1. enterramentos individuais
2. enterramentos «de família»
3. enterramentos colectivos

Estes elementos — que penso lógico chamar «testemunhos culturais» — devem, evidentemente, ser manipulados com cuidado.

O Grupo A, de longe o mais importante, se for convenientemente interrogado, fornecer-nos-á preciosas informações. Pouco significativos; os objectos isolados, acidentalmente fora do seu contexto. Mais importantes, os acampamentos ocasionais, que podem reflectir uma pausa numa expedição de caça, guerra ou comércio. Muito mais importantes, os acampamentos periódicos, onde, em épocas fixas do ano, se recolhem os povos pastores. De importância fundamental, são, claro, os povoados de ocupação efectiva, onde uma atenta escavação encontrará uma sequência estratigráfica, a única em que podemos confiar.

O Grupo B é, não o negarei, de grande interesse para o conhecimento do ideário do Homem pré-histórico. Mas recordam-se mais uma vez as palavras de Leroi-Gourhan que abrem este trabalho.

Em primeiro lugar, deverá ter-se sempre presente que as espécies de enterramentos citadas se podem ter verificado em monumentos especialmente construídos para o efeito ou em monumentos de épocas anteriores para tal reaproveitados. Este reaproveitamento pode ainda fazer-se de três maneiras: enterrando o morto sem tocar nas anteriores inumações, esvaziando parcialmente o monumento funerário ou retirando dele todos os inumados lá existentes.

Compreendem-se assim as reservas formuladas quanto aos pretendidos «closed-finds» em sepulturas.

Não se podem, porém, esquecer casos particulares que se desejariam repetidos. A escavação perfeita que a equipa Leroi-Gourhan/Bailloud/Brézillon conseguiu no segundo hipogeu dos Mournouards ⁽²²⁵⁾ teve resultados que farão qualquer arqueólogo consciente pensar mais que uma vez antes de iniciar o seu trabalho de campo. Mas trata-se, infelizmente, de casos raros, em constante contradição com o que diàriamente se observa.

Estudando os testemunhos culturais em níveis de ocupação será possível uma panorâmica? Uma panorâmica da «Cultura do Vaso Campaniforme»?

(225) Gallia Preh., V, Paris, 1962, pp. 23-134. Os autores (Gourhan/Bailloud/Brézillon) efectuaram um espantoso trabalho de equipa.

A que se apresenta está, desde o início, condicionada pela fraqueza de alguns elementos que a escoram. Não se pretende, de forma alguma, definitiva.

IV. 2. 4. Panorâmica.

O Vaso Campaniforme é um recipiente de execução atenta e acabamento cuidado, para uso local e exportação, pertencente a comunidades de economia mista, onde as actividades económicas do tipo marítimo desempenham papel considerável.

Os povos que fabricaram vasos campaniformes surgiram no litoral português após o que parece ter sido uma grave crise, de características hoje mal conhecidas. A destruição das fortalezas de torreões pode ter significado o afastamento dos grupos dirigentes que nelas se apoiavam. Nada, porém, nos permite afirmar que os seus sucessores tivessem representado uma intrusão na faixa atlântica da Península Ibérica ou que nela constituíssem, mesmo, um grupo étnico diverso dos que o antecederam. O seu «aparecimento» indica apenas uma das fases de um processus que parte de um Neolítico avançado (Vila Nova I, Rotura II b), inclui o período onde se costumam localizar as influências millaresnes e a construção das fortalezas de torreões (Vila Nova II, Zambujal) e atinge um ponto de crise que, curiosamente, coincide com uma alteração violenta na tonalidade das influências mediterrânicas.

Socialmente, podemos arriscar para os grupos de fabricantes de vasos campaniformes duas características: a vivência em tribos, que mantinham entre si relações pacíficas e frequentes, e o patriarcado (consequência lógica do seu tipo de economia).

São-lhe atribuíveis (com grande margem de certeza) actividades como a caça, a pesca de mar-alto, a criação de gado, a agricultura e a metalurgia. O mecanismo das trocas a longa distância apoiava-se na exportação de objectos de cobre e dos próprios vasos campaniformes, cuja grande aceitação conduziu a imitações regionais do perfil e da decoração. Frequentemente a decoração campaniforme típica (Ala, 2 a, 3 a, B1 a, 2 a, 3 a, 4 a) foi aplicada em perfis locais e associada a outros elementos decorativos indígenas. Encontram-se assim os seguintes grupos em recipientes geralmente ditos «campaniformes»:

1. cerâmica não decorada mas de perfil campaniforme
2. cerâmica tipicamente campaniforme (perfil e decoração)
3. cerâmica com decoração campaniforme (perfis variáveis)
4. cerâmica acampanada com motivos decorativos locais em predominância.

O Grupo 3, que implica uma contaminação parcelar, está muito bem representado em toda a Europa enquanto o Grupo 4 atinge grande frequência em Inglaterra e na Europa Central (Alemanha-Checoslováquia). O Grupo 1 é relativamente raro, enquanto o Grupo 2 parece indicar firmemente uma segura progressão comercial e corresponder (pelo menos no que respeita a A3 a) a uma das etapas mais antigas de expansão. Fora destes grupos, Ciempozuelos e sua área de influência. (De acordo com Maluquer de Motes na exclusão do Campaniforme de essa família cerâmica tão diversa e de facies nitidamente evoluído).

Mais dificilmente se associará ao Vaso Campaniforme a metalurgia do ouro, que, sendo de assinalar nos períodos imediatamente anterior e posterior, parece estar em falta na «época campaniforme».

Na faixa mais ocidental da Península Ibérica, os povoados com campaniforme patenteiam sempre uma evolução que parte geralmente dos primeiros agricultores e se prolonga até épocas diversas. Em Vila Nova de S. Pedro e na Rotura os fabricantes de campaniformes foram muito possivelmente os últimos ocupantes dos castros, enquanto em Chibanes uma impressionante sequência cultural, que espero estudar em breve, nos leva até à ocupação romana.

Facto significativo: os homens do campaniforme não reconstruíram as antigas muralhas, então já arruinadas. É portanto, com certa segurança que se defende o «pacifismo» (aliás conveniente ao comércio externo) que o tempo dos Campaniformes presenciou. Nada nos prova, com efeito, a belicidade dos artesãos desta época que nas formulações de Childe (226) e de Guilaine (227) nada tem de seguro.

Uma ponta de flecha ou dardo não é forçosamente uma arma de guerra. Numa economia que depende muito de caça será, talvez, mais avisado ver em ambas instrumentos de fins venatórios.

«Religiosamente» é impossível, presentemente, atribuir qualquer caracterização específica aos fabricantes de campaniformes. Talvez se possa afirmar, sem grande risco de erro, a continuação do velho culto da Deusa Mãe, tão vivo em povoados com as características de Los Millares. Há, porém, que suavizar esta afirmação, tendo em vista os cervídeos e as figurações solares de certas taças. Conviria, no entanto, que houvesse a certeza de eles pertencerem a períodos verdadeiramente campaniformes.

O tão discutido «conjunto campaniforme» é de segurança duvidosa.

(226) V. Gordon Childe, «The Danube in prehistory», Oxford, 1929.

(227) Guilaine, 1967, p. 102, cita ossos humanos perfurados por flechas. Mas é, obviamente, impossível saber-se se estamos perante uma flecha «campaniforme»...

Alguns povoados parecem indicar alguns pontos gerais que arriscadamente se generalizam. Assim :

O instrumental lítico parece reduzir-se. Encontramos as clássicas pontas de flecha de base côncava e gume por vezes cuidadosamente retocado, machados de secção rectangular, e pouco mais.

A indústria de talhe do osso parece em regressão e pouco numerosos são os utensílios conseguidos a partir de esta matéria-prima.

Em contrapartida, assistimos à multiplicação dos instrumentos metálicos, presentes, mas em menor percentagem, em períodos anteriores.

A cerâmica lisa está representada por pratos ou «terrinas» de bordo muito espesso, por vasos com perfurações (de linhagem muito antiga, uma vez derivados de conhecidos tipos de cerâmica neolítica) e por espécimens que recordam o mobiliário dos dolmens alentejanos.

A cerâmica decorada compreende três tipos, os dois últimos geralmente confundidos : incisão em linha contínua, em ponteadado e impressão. A incisão em linha contínua surge em certos tipos «folha-de-acácia», o ponteadado é a técnica campaniforme por excelência e a impressão surge em alguns vasos campaniformes (de cronologia arcaica ?) cuja posição está ainda mal definida. Os pesos de tear são relativamente abundantes, nas suas duas formas típicas (rectangular e quadrangular).

Conhecem-se mal os objectivos de adorno, pior ainda os de significação «sagrada». A fauna e a flora não sofreram alteração de monta e o espólio antropológico forneceu-nos, até hoje, apenas informações medíocres.

A tão discutida expansão campaniforme, a que Hubert Savory chamou «The Bell Beaker Explosion» (228), foi um dos mitos exclusivamente destinados a «explicar» o porquê da abundância de Vasos Campaniformes na Europa.

Na verdade, como já o afirmei em .65 (229), não houve uma «explosão» mas uma vagarosa acomodação às antigas rotas neolíticas, aqui designadas por «Rota do Mediterrâneo» e «Rota da Bretanha».

Não é muito fácil seguir, por tão largo espaço de tempo, as diversas culturas em marcha ao longo do Mediterrâneo. Aliás convém estabelecer distinções entre alguns termos de significado ambíguo :

1. cultura em marcha
2. colonização
3. troca de influências
4. contactos comerciais.

(228) Savory, 1968, p. 166.

(229) «O Castro pré-histórico da Rotura — Setúbal», p. 476, de Lucerna V.

A primeira expressão, «Cultura em Marcha», implica uma maciça deslocação de povos. Conhecem-se muitos exemplos históricos (na Península, os Visigodos, na Inglaterra, os Saxões) mas em relação à Pré-História é necessário usar de prudência. Uma «colonização» refere a ocupação de certos territórios por povos não autóctones.

Se o primeiro termo representa um movimento, o segundo traduz a sua conclusão. «Troca de influências», geralmente na sequência de um comércio activo, é a forma mais benéfica de aculturação. Quanto aos «contactos comerciais», esporádicos, que não implicam troca ideológica, estão na origem da presença em determinadas Culturas de objectos de origem exótica.”

Ora confundem-se frequentemente estas quatro modalidades. Quando se desenterra um caco inesperadamente decorado logo se pensa que ele traduz uma «colónia» (expressão bem do agrado dos arqueólogos alemães). Os mais moderados referem, prudentemente, que houve troca de influências ou, muitas vezes, que houve uma influência unilateral. Só que, e em elevada percentagem, nos encontramos perante simples contactos comerciais.

Daí a nossa atenção quando se fala de orientalismo na nossa Pré-História. A miragem orientalista só o é pelo seu exagero de formulação. É hoje impossível negar que Vila Nova I, Rotura II b, por exemplo, mantiveram contactos comerciais e trocaram influências com regiões do Mediterrâneo Central e Oriental ou que as suas cerâmicas traduzem essas influências. Mas será por demais arriscado falar em «colonização».

E os grandes movimentos que o Mediterrâneo presenciou durante o Neolítico e o Calcolítico, serão Culturas em Marcha ou navios de comerciantes em busca de novas escáfulas para os seus produtos ?

Um grande conjunto de interrogações rodeia o caminho da cerâmica decorada a unguiações, nos Balkans datada anteriormente a — 6000.

Pode tratar-se, porém, de um caso de invenção paralela.

Os rumos da cerâmica cardial são ainda de difícil sistematização mas possuímos já indicações precisas e mesmo datas pelo C¹⁴. O Levante espanhol forneceu elementos de grande interesse e em Portugal começa-se já a entrever o alcance do movimento cardial.

Em seguida, um vazio incontrolável até ao momento em que nos surge uma vasta zona costeira com características idênticas às de Los Millares. Urge, portanto, definir uma fronteira norte para o ídolo almeriense e para as possíveis influências levantinas e encontrar a razão do seu dinamismo.

Um fóssil indicador de uma expansão comercial post-almeriense e pré-

-campaniforme tem sido, contudo, sistematicamente negligenciado. Refiro-me à cerâmica decorada com «folhas-de-acácia» (230).

Em .65 Riquet/Guilaine/Coffyn ao referenciarem um fragmento típico de uma das primeiras fases de esta cerâmica consideravam-no testemunho de uma possível importação irlandesa (231). No Castro da Rotura é possível seguir a evolução da «folha-de-acácia» desde a sua fase inicial até ao seu facies mais evoluído, aquele em que ela se transforma em «folha-de-crucífera», resumindo uma complexidade decorativa crescente.

Na Península de Setúbal, aparentemente, a primeira fase da «folha-de-acácia» pertence ao Neolítico — é a «falsa folha de acácia» de Veiga Ferreira (232). Segue-se-lhe uma outra etapa, também neolítica, e, por fim, uma outra grande fase que parte dos níveis imediatamente pré-campaniformes, coexiste com esta cerâmica e sobrevive-lhe. Esta espantosa supervivência é atestada por Els Corts 3, na Catalunha (uma sepultura do tempo dos campos de urnas).

Tudo quanto se disse não esconde as enormes lacunas que impedem um conhecimento correcto deste período. É ainda muito cedo para afirmações úteis, mas tão frágeis como a de Hubert Savory, bem elaborada mas insuficientemente escorada.

A questão originária resume-se assim: tradicionalmente um vaso típico, em forma de campânula invertida, o *Glockenbecher* dos alemães, o *Bell-beaker* dos ingleses ou o *Bicchiere a campana* dos italianos (233) hábilmente decorado com faixas preenchidas a oblíquas paralelas ou com outros motivos, geralmente incisos a ponteados, foi tomado como fóssil-indicador de uma Cultura ou de uma Civilização.

O nome deste vaso (em Portugal, Espanha e França designado por «Campaniforme») foi rapidamente transposto para um conjunto de objectos. Transposição abusiva, porque insuficientemente provada.

Rotulou-se, assim, com artificiosa segurança, um número vasto de objectos que, muitas vezes (demasiadas vezes para se tratar de um acaso) nem sequer surgem em «níveis campaniformes».

Sem estratigrafias conhecidas (excepto o pouco esclarecedor caso de Barnenez D) sem escavações eficazmente registadas, a sêde de explicar a frequência de vasos campaniformes comprometeu gravemente uma síntese tranquila e conduziu a teorias que nada têm de sólido.

(230) Victor dos Santos Gonçalves, «Nota preliminar sobre a cerâmica decorada com motivos folha-de-acácia», Comunicação apresentada às I Jornadas Arqueológicas.

(231) op. cit., fig. 10, n.ºs 5 e 7, p. 85.

(232) Objecto de uma comunicação às I Jornadas Arqueológicas.

(233) Veja-se Castillo, 1928.

É certo que nos movimentamos sobre areia solta. Termos vagos, conceitos ambíguos, de fronteiras tão fluidas como as da própria palavra Pré-História, «terme vague qui désigne en bloc tout ce qui s'est écoulé depuis le premier être à station droite jusqu'au moment où l'écriture projette une lueur vague sur la pensée humaine», como reconhece Leroi-Gourhan na abertura de um trabalho fundamental (234) mas, de qualquer forma, no que respeita à Cultura do Vaso Campaniforme, abstraíu-se demasiado, sem um mínimo de prudência.

Os resultados são bem visíveis.

Aqui, considera-se como certa a existência de gentes que, possuindo uma metalurgia rudimentar de cobre, se dedicavam igualmente à agricultura, à pesca, à caça, à criação de gado e ao comércio. Ocupavam uma região bem delimitada, que abrangia a parte Sul da Península de Setúbal e um território mais amplo que englobava a Península de Lisboa e zonas vizinhas, até ao Mondego. Representavam uma longa evolução local, estimulada por contactos com o Mediterrâneo.

Entre os recipientes cerâmicos próprios a esta gente contava-se o vaso campaniforme cujo perfil deverá ter filiações plurais e cuja decoração típica, a faixa horizontal preenchida a oblíquas paralelas, representa uma adaptação da faixa com as mesmas características (mas incisa a traço contínuo) que se encontra já em cerâmicas anteriores (caso de recentíssimos achados em Porto de Mós) (235).

Conhecem-se exemplares cerâmicos de Alapraia e de S. Martinho de Sintra (236) que parecem atestar a passagem da faixa vertical para a horizontal.

Em determinada altura, ainda mal conhecida, iniciou-se um comércio onde os vasos campaniformes deverão ter desempenhado papel de vulto como padrão de troca. Este expansionismo comercial adapta-se a duas antigas rotas neolíticas, cuja grande antiguidade e longo futuro se conhecem: a rota da Bretanha e a rota do Mediterrâneo.

É muito pouco provável, também, que se não tenham verificado contactos terrestres com os pastores de Meseta.

Na primeira rota, a Galiza será ponto de escala e a Bretanha o destino principal. A segunda rota é de seguimento mais complexo mas incluía, quase seguramente, escalas no Norte de África, contactos com grupos humanos de Guadalquivir e do Levante e, provavelmente, contactos directos com a Sardenha, cuja riquíssima cultura indígena absorveu e adoptou vários temas decorativos caracteristicamente campaniformes.

(234) Leroi-Gourhan, «les religions de la Préhistoire», Paris, 1964, p. 1.

(235) Informação oral do dr. M. Farinha dos Santos.

(236) Veja-se «A propósito de um elemento decorativo...».

Os fabricantes e portadores de este tipo cerâmico, muito possivelmente os responsáveis pela manufactura e difusão de alguns utensílios de cobre, eram essencialmente pacíficos e mantinham constantes relações entre si, como o prova a absoluta identidade decorativa de alguns dos seus vasos.

Artesãos de méritos indiscutíveis, deveriam, igualmente, ser hábeis navegadores e filiavam-se em grupos que comerciavam frequentemente com populações mediterrânicas. Em contrapartida, não parece possível falar em trocas de influências ou colonização de certas regiões centro-europeias. O principal argumento que se pretende como escora desta tese «germanista», a cerâmica com decoração cordada, parece ter surgido na Península por troca com grupos retransmissores, como o do Midi francês, e é pouco significativo.

Habitando nos povoados dos seus antepassados, alguns com rudimentares muros defensivos (Rotura, Chibanes), outros com as antigas muralhas arruinadas (Zambujal, Vila Nova de S. Pedro) é lógico que enterrassem os seus mortos onde os seus antecessores o tinham feito — em grutas naturais (Bugio) ou artificiais (Casal do Pardo, Alapraia, S. Pedro do Estoril) ou em dólmens (Cabeço de Arruda, A-da-Beja). Não existem, porém, grandes certezas sobre as relações entre os construtores megalíticos e os artesãos de campaniformes, limitando-se estes últimos a utilizar as sepulturas daqueles. O que pode indicar ou anterioridade cronológica dos pastores que construíam dólmens ou um recuo para o interior. O caso de Cabeço da Arruda 2 exige meditação, no que concerne este último ponto (237).

A estratigrafia do Castro da Rotura poderia confirmar a imprudente teorização de Sangmeister, provando a anterioridade do Campaniforme Internacional (mais especificamente, de A3 a) em relação aos outros tipos.

Não devemos, porém, apoiar todas as nossas conjecturas em apenas duas sequências estratigráficas, apesar de a que a Rotura nos apresenta ser extensa e significativa. Recorde-se que os próprios escavadores de Barnenez D duvidaram da segurança com que Sangmeister se apoiou no seu achado (238) e, em relação à Rotura, um erro, apesar de pouco provável, não podia deixar de ser possível. O registo de escavação parece eliminar dúvidas; mas repete-se: são necessárias mais estações estratigrafadas para que se possa falar com a desejável segurança.

Poderemos, após tudo quanto se disse, falar de uma «Cultura Campaniforme»?

(237) «A Necrópole do Cabeço da Arruda (Torres Vedras)», Leonel Trindade e O. da Veiga Ferreira, *Anais Fac. Ciências do Porto*, XXXVIII, 1956.

(238) *Intervenção de Giot no Primeiro Colóquio Atlântico (Brest)*, Rennes, 1963, p. 89.

Talvez, se não esquecermos que *o vaso campaniforme é apenas uma das múltiplas manifestações concretas de um grupo humano que sabemos espacial e cronologicamente delimitável.*

Será lícito falar em «Civilização Campaniforme» ?

Ou defender a ideia de um «Império Campaniforme» ?

Acredito que não.

IV. 3. Áreas de distribuição e influência do Vaso Campaniforme.

Parecerá ociosa uma definição das áreas campaniformes europeias.

Com efeito, o clássico estudo de Castillo, em 1928, e numerosos que se lhe seguiram, assinados pelo autor espanhol ⁽²³⁹⁾ e por investigadores como Riquet/Guilaine/Coffyn ⁽²⁴⁰⁾, Savory ⁽²⁴¹⁾ e Sangmeister ⁽²⁴²⁾, tornam desnecessária uma reformulação integral do problema.

O reconhecimento deste facto levou a presente exposição a orientar-se em rumos um pouco diversos. Castillo, em 1943 e no ano seguinte, e os autores de «Les campaniformes français» tentaram, eficazmente, uma metódica descrição dos materiais. Em Portugal, atitude semelhante foi adoptada, como vimos, por Octávio da Veiga Ferreira.

A perspectiva culturológica aparece, portanto, como o único caminho ainda não suficientemente explorado. Dentro de essa linha se procuram inserir as observações seguintes.

IV. 3. 1. O «Mundo» Mediterrânico.

Três zonas fundamentais, na Europa «campaniforme». O mundo atlântico, tão diverso do que se entrevê no interior ibérico (mas mantendo com ele indiscutíveis contactos) e bem próximo dessoro localizável no Mediterrâneo.

No mundo mediterrânico, a Catalunha apresenta-nos problemas de extrema gravidade. Mas, antes dela, uma zona de características muito curiosas, a do Guadalquivir, denunciando claras influências atlânticas. Predomínio da faixa zigzagueante em fundo preenchido, elemento decorativo por excelência de cerâmicas da costa hoje portuguesa ⁽²⁴³⁾. Mas, como Savory constatou amar-

(239) Veja-se a nota (140).

(240) Gallia Preh., VI, Paris, 1963, pp. 63-128.

(241) «A importância do povo Beaker no primeiro período da Idade do Bronze na Europa Ocidental», Rev. de Guim., 1950, pp. 350-375.

(242) 1963, I Colloque Atlantique.

(243) Parece possível dividir o material andaluz, que em 1928 Castillo apresentou em bloco, em dois grupos. O primeiro engloba exemplares cerâmicos como os das estampas VI, VII, VIII. O segundo exemplifica-se pelas est. IX, X, XI do estudo de 1928.

gamente, quase tudo o que sabemos sobre a área andaluza se deve aos Siret.

E, por mais atentos que tivessem sido, os dois belgas não dispunham de um mínimo de condições para processarem um estudo eficaz. Grandes foram os seus méritos em relação à época em que viveram, é certo, mas hoje a moderna investigação vê o seu campo de trabalho amputado de sítios de interesse fundamental. Resta-nos o grupo reunido em torno ao *Archivo de Prehistoria Levantina*, dos melhores equipados e dos mais valiosos da Península.

Siret (244) notou, não sem certa razão, as semelhanças entre os ídolos em forma de caixa de violino do Levante e os da 1.^a Cidade de Hissarlik (245). É, na verdade, grande a proximidade entre as representações indicadas (246). Siret aponta, também, dois campaniformes (247) mas não se apercebeu, lógicamente, de que pertenciam a época distinta dos restantes materiais.

Georges Bonsor (248) chamou «*Poterie Celtique*» a cerâmica de tipo Ciempozuelos e refere (fig. 30) um belo vaso proveniente de El Acebuchal, de pasta negra, com rectilíneas, «*dentes-de-lobo*» e linhas quebradas. A técnica de incisão utilizada foi a do ponteadado e vasos de tipo rigorosamente idêntico foram encontrados nas minhas recentes escavações na Rotura. Tal como nos vasos da região setubalense, o de El Acebuchal sofreu, após a incisão, uma aplicação de pasta branca destinada a pôr em destaque o ponteadado. Contrastante com a cor geral do vaso — o negro — surgem as incisões pondeadas — em branco. O aspecto geral do recipiente surge, assim, consideravelmente embelezado.

Luís Monteagudo, no seu estudo de inéditos de Bonsor (249), apresenta-nos excelentes exemplares cerâmicos com a profusão decorativa que é típica de Carmona, mas também, materiais identificáveis aos do grupo português. Entre eles :

1. Campaniforme Internacional (A 2 a)
2. faixa ziguezagueante em fundo de verticais
3. faixa ziguezagueante em fundo de oblíquas (formam-se duplos «*dentes-de-lobo*»)
4. faixas ziguezagueantes em fundo vazio delimitadas por «*dentes-de-lobo*» abatidos.

(244) *L'Anthropologie*, III, Paris, 1892, pp. 385-404.

(245) *op. cit.*, p. 387.

(246) *op. cit.*, figs. 4 e 5.

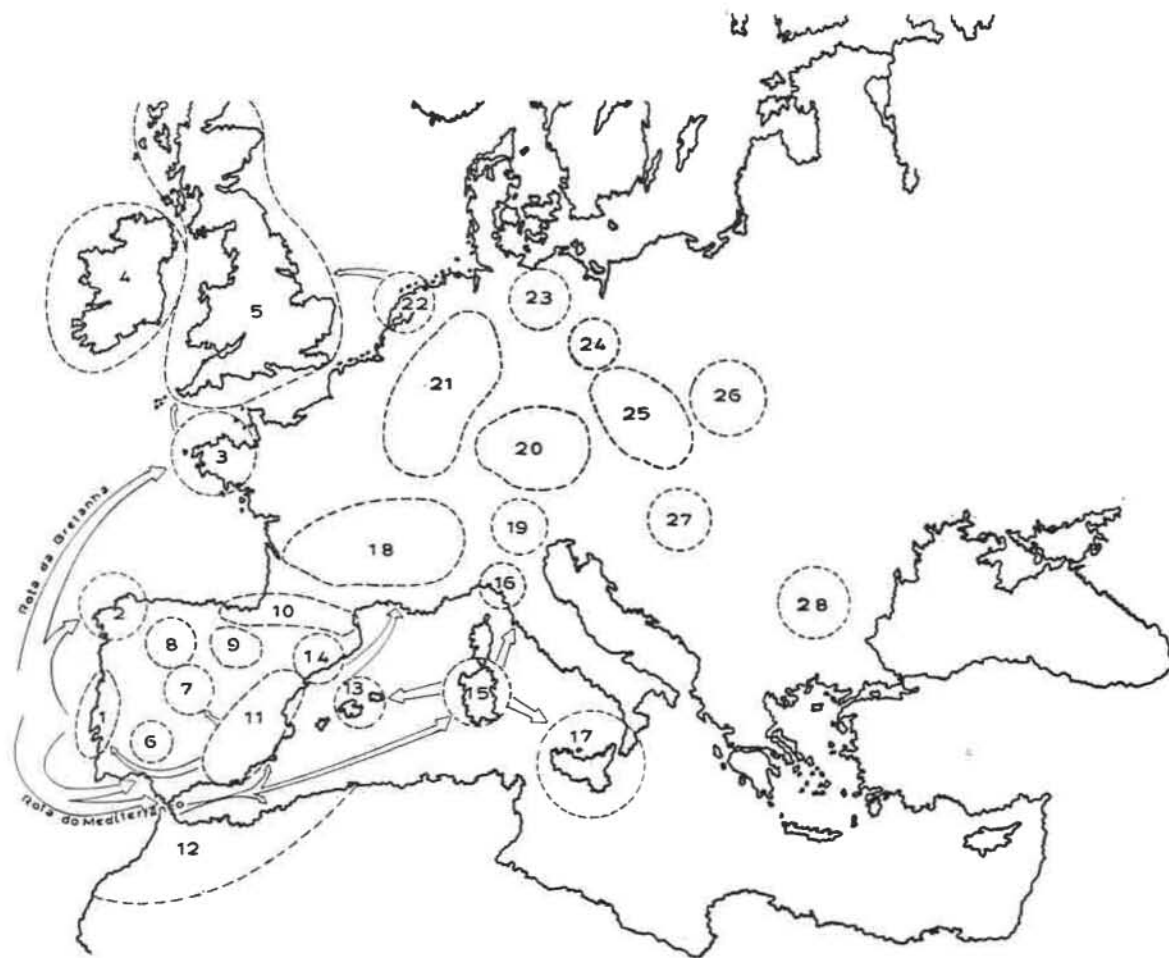
(247) *op. cit.*, figs. 45 e 46.

(248) «*Les colonies agricoles...*», pp. 316-320.

(249) *Arch. Esp. Arq.*, 88, 1953, fig. 13.

A EXPANSÃO DO VASO CAMPANIFORME

(AS SETAS INDICAM OS PRIMEIROS RUMOS PROVÁVEIS)



7 — OS «GRUPOS CAMPANIFORMES» EUROPEUS E SUA PROVÁVEL ESQUEMATIZAÇÃO:

Foco difusor primário: Portugal (1)

Focos retransmissores: Sardenha (15), Guadalquivir (6), Bretanha (3), Holanda (22)

Pontos de escala: Baleares (13), Norte de África (12), Galiza (2)

Grupos ligados à Catalunha (14) e aos Pirenéus (10): Almeria? (11), Midi (18)

Grupos ligados a Ciempozuelos: Interior Ibérico (7-8-9)

Possível zona de influência sarda: Litoral Toscano (16), Norte de Itália (19), Sicília (17)

Grupos ligados à Bretanha e à Holanda: Irlanda (4), Inglaterra (5) do «Bassin Parisien» (21), do Reno (20)

Grupos Orientais, de filiação desconhecida:
23 a 28

Quanto à proveniência dos materiais andaluzes, Castillo (250) foi pe-remptório :

«los nuevos objectos, que uniéndose al vaso campaniforme y sus especies forman la cultura llamada del vaso campaniforme, tienen, em gran parte, por lo menos, origen megalítico portugués».

Impossível esquecer os vasos de Ecija, de colo levemente estrangulado, onde se verifica o predomínio das linhas quebradas e rectilíneas, a ponteados.

Los Millares inspirou a Almagro/Arribas (251) uma cronologia que bem se pode considerar curtíssima : 1 800 a 1 600 para o Campaniforme Marítimo e data posterior a 1 600 para os vasos dos tipos de Carmona e Palmela.

A Catalunha apresenta-nos uma impressionante série de materiais, por uma razão ou por outra associados ao Campaniforme. Sigam-se as páginas fundamentais de Pericot Garcia (252) e nelas se encontrarão referências preciosas. Por ora, sublinhem-se dois tipos decorativos que me parecem de isolar :

- 1.º engloba as métopes e motivos associáveis (253). Belíssimos exemplares em Puig ses Lloses.
- 2.º refere o Campaniforme Internacional, em suas diversas variantes. Para Pericot trata-se da decoração mais arcaica (254). Um excelente exemplo, o vaso de Balma de Solanells (255).

A França mediterrânica sofreu influências múltiplas que N. K. Sanders (256) deste modo sistematizou : «From the earliest times Mediterranean France was subject to a recurrent see-saw inclined now to the west to Iberia, now to the east to north Italy». Continuando, afirma : «the strait ways between the Pyrenees or the Ligurian Alps and the sea had been well trodden many centuries before the appearance of the first metal-using societies on either side» (257).

Na zona pirenaica, Jean Guilaine isolou uma evolução nítida (258). Pareceu-lhe de sublinhar o dinamismo cultural pirenaico (259) e a sua abertura a correntes culturais de origens diversas. A cerâmica campaniforme com decora-

(250) Castillo, 1943, p. 390.

(251) Almagro/Arribas, 1963, p. 236.

(252) «Los Sepulcros Megalíticos Catalanes y la Cultura Pirenaica», 2.ª ed., Barcelona, 1950.

(253) op. cit., p. 57, fig. 39, n.º 1, 2, 3, 4.

(254) op. cit., p. 123.

(255) op. cit., p. 97, fig. 62.

(256) «Bronze Age Cultures in France», London, 1957.

(257) op. cit., p. 28.

(258) «La civilisation du vase campaniforme...», Carcassone, 1967.

(259) op. cit., p. 123.

ção «cordade» (260) sugeriu-lhe, também, observações a reter com precaução (261). Guilaine acredita numa importação de esses vasos, que seriam provenientes do Reno. Quer se aceite ou não esta hipótese, os vasos campaniformes do Sul da França apresentam, para além de testemunhos de relações comerciais com a Ibéria, características centro-europeias. É o caso de alguns vasos de La Halliade (uma galeria coberta sob *tumulus*), onde é nítida uma preferência pelas formas locais mas onde são, também, frequentes os casos de contaminação pelos perfis renanos.

Castillo (262) afirma com excessivo entusiasmo, «Trátase, pues, de un fenómeno de expansión cultural o étnica, apoyado en el superior grado de cultura y en las armas de los conquistadores hispánicos de aquella época». Na verdade, os problemas levantados pela presença de campaniformes no Midi não se resolvem com afirmações chauvinistas. É muito pouco provável que a penetração se tivesse feito sob a forma de uma conquista sistemática. Nem todos os campaniformes do Midi foram importados. A estação de Embusco é caso a sugerir reflexão.

Nos materiais do Vale do Ródano (263), exclusão feita ao belo vaso do Abrigo de Sérezin (Isère), completamente decorado em estilo internacional cordado, com separadores de faixas (264), todos os tipos são evoluídos e afastam-se dos portugueses. Um deles (265) nada tem de campaniforme e outros (266) de campaniforme só nos apresentam o perfil.

O povoado de Saint-Côme et Maruéjols (Gard) representa um equívoco semelhante ao de Mairos (267). Nada de campaniforme parece haver, nos materiais estudados por Roudil/Bazile/Soulier (268) que apresentam, mesmo, semelhanças excepcionais com alguns tipos decorados com pseudo-excisões e com outros, catalães e pirenaicos (269).

Onze estações (Su Crucifisso, Marinaru, Ponte Secco, L'Abbiu, Sos Laccheddos, Santu Pedru, Anghelu Ruju, Cuguttu, Sant'Andrea Priu, Nuraxinieddu e San Bartolomeo) apontam a singular importância da terra sarda para o conhecimento dos campaniformes mediterrânicos.

A chegada do Campaniforme à Sardenha parece ser contemporânea do

(260) Termo que designa cerâmica cuja decoração se obtém pela impressão deixada por um cordel no barro fresco.

(261) Arq. e Hist., XII, 1966, p. 94.

(262) 1944, p. 4.

(263) J. Arnal e A. Blanc, 1959.

(264) op. cit., fig. 9, p. 160.

(265) op. cit., fig. 3, n.º 2.

(266) op. cit., fig. 2, n.º 1, fig. 3, n.º 1, por exemplo.

(267) Veja-se J. R. Santos Júnior, «A cerâmica campaniforme de Mairos (Trás-os-Montes)», Homenagem a Martins Sarmento, Guimarães, 1933, p. 364. Não se trata de materiais campaniformes mas de cerâmicas relacionáveis com os grupos da Meseta.

(268) Bull. Soc. Preh. Française, 66, 1969, pp. 88-91.

(269) op. cit., fig. 4, n.ºs 1 e 2.

período Ozieri e a sua influência prolonga-se até ao início do período Bunnanaro. As sepulturas, reaproveitadas, pertencem quase sempre à chamada Cultura Conca d'Oro e o espólio indica um influxo ibérico. Entre ele, não se conhece cerâmica cordada (270).

Para Bray (271) é possível uma periodização em duas fases. A primeira teria começado pouco antes de — 2 000 e a segunda compreenderia o período entre \pm 2 000 e 1 800.

As taças trípedes são sobreviventes de antigas culturas sardas, modernizadas com decorações de tipo campaniforme. Dois belos exemplares, de Su Crucifissu e San Bartolomeo, apresentam «dentes-de-lobo» e linhas incisivas zigzagueantes (272).

Outro, de Nuraxinieddu, foi decorado com linhas quebradas e rectilíneas, a ponteados (273). O Campaniforme internacional está representado em Marinaru por um belo vaso (274) e em Nuraxinieddu por dois (275). O processo de sublinhar as incisões com pasta branca está documentado por exemplares de L'Abbiu e Sos Lacchedos (276).

A concluir, um ponto importante: todo o espólio encontrado na Sardenha provém de necrópoles, não se conhecendo um único *habitat* campaniforme.

Deixou-se voluntariamente para o fim o caso da necrópole de Anghelu Ruju (Alghero), a mais conhecida estação sarda. Do Túmulo III, um vaso decorado a dentes de lobo ligados (pelo vértice) a outros inferiores. Trata-se, talvez, de um dos mais importantes utensílios da estação (277). Resta-nos sublinhar três fragmentos de vasinhos votivos decorados com motivos miniaturais, provenientes das tumulações XIX e XXV (278).

Onde encontrar, portanto, os elementos probativos de uma origem almeriense, como pretendeu Bosch-Gimpera?

A nossa perplexidade aumenta quando se considera a ausência de elementos típicos de Almeria, aliás em boa parte pré-campaniformes.

A Sicília marca um último período do avanço comercial campaniforme no Mediterrâneo Central. Sob a influência de elementos ibéricos e, talvez, sardos, a cerâmica que se conhece em Moarda, Isnello, Segesta, Torrebignini,

(270) Actualiza-se Castillo, 1944, p. 16, com Bray, «Sardinian Beakers», Proc. Preh. Soc. 1964, pp.

(271) op. cit., p. 12.

(272) op. cit., p. 92 e p. 76, fig. 2, n.º 4.

(273) op. cit., p. 77, fig. 3, n.º 1.

(274) op. cit., fig. 2, n.º 2.

(275) op. cit., fig. 3, n.ºs 2 e 3, p. 77.

(276) op. cit., p. 75, nota (2).

(277) Veja-se reprodução em Bray, op. cit., p. 77, fig. 3, n.º 4.

(278) op. cit., pp. 79-80, fig. 5, n.º 22.

evolui (279). Trata-se de uma importação de motivos-base decorativos, que não completamente de perfis.

A cerâmica «moarda» (considerada por Bernabó Brea como parte do estilo Conca d'Oro) apresenta-nos decorações campaniformes mas perfis locais. O vaso que mais se assemelha às formas do Campaniforme Internacional aproxima-se grosseiramente dos perfis bretões. Mas esta adaptação parcial de formas alienígenas não é completamente conseguida e toda a elegância do alto vaso campaniforme se abastarda nos recipientes bojudos e atarracados da cerâmica «moarda», fruto não de uma sensibilidade artística inferior mas de uma diversa concepção de beleza. Concepção que parece, aliás, reflectir possíveis relações comerciais com a Sardenha, que no Mediterrâneo Central é a zona «campaniforme» por excelência.

IV. 3. 2. O «Mundo» Atlântico.

Debrucemo-nos, ora, sobre o Mundo Atlântico. Nele, um foco difusor, o português, de que já parcialmente nos ocupámos (supra IV. 2. 2.), outro, o galego, e outro ainda, de fundamental importância, o bretão. Um pouco mais ao Norte, ergue-se a complexa problemática dos campaniformes holandeses, a que Waals e Glasbergen dedicaram estudo famoso. Fora do âmbito de este trabalho, pela sua tipologia muito evoluída, os «campaniformes» ingleses. O grupo português oferece garantias de ser o de maior tradição cultural do Atlântico, patenteando um longo *processus*, onde são detectáveis fases de transição. Este evoluir, que não está ainda suficientemente conhecido, foi recentemente objecto de uma comunicação às I Jornadas Arqueológicas (280) onde procurei interpretar a passagem de uma decoração, típica da vertical para a horizontal. Na «Cultura de las Cuevas» peninsular são frequentes as faixas preenchidas a oblíquas (o futuro elemento decorativo campaniforme A2 a e A3 a), mas a decoração é incisa e orientada na vertical. Na comunicação referida apresentavam-se exemplos de cerâmicas já campaniformes onde sobrevivia ainda, parcialmente, a decoração vertical (mas em coexistência com elementos dispostos na horizontal). Este facto era considerado como indicativo de uma muito provável fase de transição. Savory, após Castillo, tinha já observado ponto que coubera a M. Smith recordar, a longa tradição ibérica da cerâmica campaniforme. Já em 1965 se partilhou essa convicção, atitude que hoje aqui se mantém.

É inútil uma longa exposição sobre o grupo português. Octávio da Veiga

(279) Luigi Bernabó Brea, 1954, p. 172.

(280) Victor S. Gonçalves, «A propósito de um elemento decorativo da cerâmica campaniforme». (Actas das I Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses).

Ferreira assinou, em 1966, um trabalho de longo fôlego, onde se inventariam, estação por estação, os materiais considerados campaniformes ⁽²⁸¹⁾. Remete-se o leitor para esse estudo prescindindo-se assim de uma desnecessária repetição.

A anterioridade do grupo português reflecte-se no seu dinamismo. Disse-se já que a «explosão» campaniforme é o encerrar de um *processus* iniciado em períodos ainda neolíticos. Não se esqueça, porém, que num determinado momento se deve ter verificado um progressivo acelerar do sistema das trocas. Todo o «Mundo atlântico», e parte do Mediterrânico, reflecte esse prodigioso movimento.

O Norte de África foi, desde cedo, considerado um dos pontos atingidos pelo grupo português. Em 1943, Castillo ao arriscar uma proveniência andaluza para materiais importados pelo Norte africano, achava já então prudente acrescentar que era possível, também, uma outra origem, sendo «los portugueses o los almerienses quienes navegasen con sus naves hasta el litoral septentrional africano ⁽²⁸²⁾.

Ao tempo conhecia-se, sobretudo, Achakar, em Marrocos.

Depois, os estudos de Jodin e os notáveis trabalhos de Miguel Tarradell operaram espectacular viragem. Gar Cahal ⁽²⁸³⁾ e Caf Taht el Gar ⁽²⁸⁴⁾ trouxeram à questão novos e importantes elementos.

A sequência estratigráfica de Gar Cahal é a seguinte :

- I — nível de superfície
- II — «Bronze»
- III a — Campaniforme
- III b — Cerâmica pintada
- IV — Estilos iberos-mauritânicos.

A de Caf Taht el Gar :

- I — «Bronze»
- II — Vaso Campaniforme
- III — Cerâmica cardial e incisa
- IV — nível estéril junto à rocha.

(281) «La culture du vase campaniforme au Portugal», Lisboa, 1966.

(282) Castillo, 1943, p. 391.

(283) «Noticias sobre la excavación de Gar Cahal», Tamuda, II, 1954 e «Gar Cahal y su aportación al conocimiento de la Edad del Bronce en el extremo occidental del Mediterraneo», IV Cong. Nac. Arq., Zaragoza, 1957, pp. 101-112.

(284) «Avance de la primera campaña de excavaciones en Caf Taht el Gar», Tamuda, III, 1955, pp. 307-322 e «Caf Taht el Gar, cueva neolítica en la región de Tetuán», Ampurias, XIX-XX, Barcelona, 1957-1958, p. 137.

De estas duas sequências, o mais importante é, talvez, a anterioridade dos estilos ibero-mauritânicos e da cerâmica pintada, sobre o Campaniforme.

A *cazuela* de Dar-es-Soltan, estudada por Castillo (285), é a tal ponto semelhante a outra da Rotura (286) que bem se pode defender a sua proveniência do Castro setubalense. Outros materiais são semelhantíssimos aos portugueses. Não parece, portanto, haver grandes dúvidas ou problemas quanto à origem portuguesa dos materiais campaniformes do Norte de África. O que levou, recorde-se, Jodin (287) a escrever que «tout indique à l'évidence que les vases de Temara e Mehdiâ ont la même origine que les taças portugaises et sont sortis des mêmes mains.

Ainsi, trois millénaires avant les caravelles (...) les pirogues parties de la region des Bouches du Tage, chargées de vases précieux et d'objects divers, parcoururent à l'aventure les côtes du Maroc Atlantique».

Muito pouco se sabe de seguro sobre os campaniformes galegos. Os especimens de Fuentes de García Rodriguez são, porém, absolutamente idênticos aos portugueses e é de crer que a Galiza tivesse desempenhado um papel de simples ponto de escala. Os exemplares conhecidos (288) pertencem na sua maioria ao grupo A3 a, trata-se portanto do Campaniforme Internacional.

Em 1943, Castillo afirmava que na Bretanha, se conhecia uma cultura do vaso campaniforme «muy emparentada con la portuguesa, cultura que, como esta, também es megalítica» (289). No ano seguinte (290), ia mais longe («acceptamos el origen portugués del grupo breton») acentuando, todavia, que se tratava de uma hipótese de trabalho.

Com Barnenez D reergueu-se o problema das origens do grupo bretão, que Sangmeister atribuiu a um fluxo português. É, porém, um trabalho menos frequentemente citado que importa referir. Trata-se do estudo de J. L. Helgouach, apresentado ao I Colloque Atlantique de Brest (291), cujas gravuras servirão de base a algumas observações seguintes.

Falando em termos gerais, pode dizer-se que a cerâmica campaniforme bretã é caracterizada pela sua grande proximidade, em decoração e mesmo em perfis, com a portuguesa. No que respeita a formas, convém recordar a tendência tipicamente bretã para «baixar» o tamanho dos vasos. O vaso campaniforme na

(285) «La cazuela de la cueva de Dar-es-Soltan y su procedencia hispánica», I Cong. Arq. Marruecos Español, Tetuán, 1954, pp. 163-170.

(286) A. I. Marques da Costa, «Estações prehistóricas...», Arch. Port., 1902 a 1910.

(287) Jodin, 1965, p. 686.

(288) Veja-se reprodução em Castillo, 1928 e 1954.

(289) op. cit., p. 410.

(290) Castillo, 1944, p. 8.

(291) «La céramique campaniforme en Armorique. Répartition-Formes-Décors», Actes du I Colloque Atlantique, Rennes, 1963, pp. 57-88.

Bretanha é, em geral, menos esguio que o português (mas parece ser essa a única diferença entre ambos).

Não se pode, evidentemente, esquecer que a Bretanha manteve relações comerciais com os chamados «grupos orientais». É de notar a impressionante semelhança entre os perfis de alguns vasos armoricanos e alguns dos tipos de Schafstaedt, por Sangmeister ⁽²⁹²⁾ chamado Sub-Grupo da Alemanha Média e considerado equivalente à série 3 do Grupo Oriental. Ponto a indicar, talvez, a partida de um movimento comercial, da Bretanha rumo ao Centro-Europeu.

O que não se pode negar é a extrema antiguidade do que se chamou «Rota da Bretanha» (veja-se a Est. II), com toda a possibilidade já conhecida dos homens do Neolítico.

Com base na datação relativa que se propõe (infra V. 2.) para o nível II b do Castro da Rotura, é de crer que as relações comerciais entre a região Tejo-Sado e a Bretanha sejam anteriores ao início do Terceiro Milénio. Relações comerciais que bem poderiam consistir na sequência do movimento que originou o megalitismo bretão. A palavra «originou» surge aqui, no seu sentido mais estrito: é que uma tradição local extremamente pujante e grandemente aberta a influência do exterior deve ser sempre entendida como o substracto e a estrutura interna do Neolítico e do Calcolítico armoricanos.

Referir Países-Baixos é citar o estudo fundamental de J. D. Van derWaals e W. Glasbergen ⁽²⁹³⁾. Mas as datas citadas para as sepulturas pretendidas «campaniformes» parecem exageradamente altas. O tipo de Veluwe apresenta elementos decorativos de origens plurais mas, por vezes, semelhantes a outros conhecidos nas placas de xisto portuguesas e em cerâmica campaniforme. Perante as características fundamentais do grupo dos Países-Baixos é possível admitir-se a sua influência sobre os «campaniformes» orientais.

IV. 3. 3. Os grupos do interior ibérico.

Expressão por demais vaga, a exigir definição mais correcta, a do «interior ibérico». Diga-se, desde já, que este «interior» não é geográfico mas cultural. Assim como o Atlântico e o Mediterrâneo constituem dois autênticos Mundos (mas cujas relações seria imprudente menosprezar) também Ciempozuelos e uma vasta área aparentada, nos surgem com características individualizantes. A tal ponto que uma associação do espólio lá exumado ao Campaniforme (se bem que habitual) não resiste a uma análise ponderada.

(292) Sangmeister, 1963, p. 34, fig. 6, dois últimos vasos.

(293) Palaeohistoria, IV, Groningen, 1955, pp. 5-46.

A tipologia evoluída dos conjuntos, o «barroquismo» decorativo de *cuencos* e *cazuelas*, a ausência de Campaniforme Internacional nos *closed-finds* do interior ibérico (294), eis elementos que urge pensar.

Em 1960, Maluquer de Motes publicou as suas importantes reflexões sobre Ciempozuelos (295). A acuidade de essas linhas, pouco ou insuficientemente citadas entre nós, impõe que as resumamos nas suas observações fundamentais.

1. nega-se a possibilidade de, no estado actual dos nossos conhecimentos, se falar em tipos cerâmicos «puros» e «degenerados» ;
2. no que respeita ao Vaso Campaniforme peninsular, «no tenemos garantía alguna sobre la propia cronología relativa de los tipos» (296) ;
3. dentro do que hoje se conhece é impossível admitir a anterioridade de Ciempozuelos sobre o Campaniforme Marítimo ;
4. «hemos de admitir que la cerámica del tipo Ciempozuelos representa un momento muy tardío de la cultura del vaso campaniforme, que cronológicamente deberá considerarse hasta cierto punto como paralelo del desarrollo inicial de la cultura del Argar» (297) ;
5. a metalurgia associada aos tipos de Ciempozuelos não é de filiação segura. Provável, um centro difusor extra-peninsular ;
6. «nos inclinamos a considerar que debe desglosarse con el nombre de Cultura de Ciempozuelos una unidad cultural fija e independiente de la llamada cultura del vaso campaniforme» (298) ;
7. se a técnica do ponteadado não foi originária da bacia do Tejo, teve aí, pelo menos, o seu foco primeiro.

De entre estes pontos, em que se tentou condensar o pensamento de M. de Motes, são de sublinhar os n.ºs 3, 4, 6 e 7. Os dois últimos parecem corresponder à realidade, tanto quanto as nossas dificuldades permitem entrever.

A afirmação de Edward Sangmeister (299) de uma ligação íntima entre a «immensa mayoría de las formas portuguesas» e Carmona-Ciempozuelos é, sem dúvida, imprudente, uma vez desamparada de qualquer fundamento visível.

(294) Sangmeister, 1966, p. 210. Em contradição com Castillo, 1954.

(295) Zephyrus.

(296) op. cit., p. 127.

(297) op. cit., p. 129.

(298) op. cit., p. 130.

(299) Sangmeister, 1966, p. 209.

Existiram realmente contactos (o nível II a da Rotura é disso prova suficiente) mas eles processaram-se a um nível diverso do Campaniforme. A entreligação pretendida entre as taças portuguesas e as do interior peninsular carece de esteios, por ora inexistentes. Em breve, num trabalho sobre as taças do Castro de Chibanes, conto voltar a esta delicada questão.

IV. 3. 4. Os «grupos orientais» — dúvidas e problemas.

Neste rápido olhar que acabamos de dirigir sobre as principais zonas europeias onde se identificaram concentrações significativas de campaniformes, uma omissão se faria sentir.

Seria preciso o dobro das páginas de este trabalho para se discutir os problemas e as dúvidas que os «campaniformes» da Europa Central e Oriental levantam. Stocky (300) e Childe (301) são relativamente acessíveis aos portugueses. Mas onde (e como) consultar Hajek (302) ou Neumann (303) ?

Resta-nos o resumo de Sangmeister (304) e as curtas observações dos Neustupny (305).

Os informes de esta dupla, e insuficiente, fonte foram completados a partir de referências, mais ou menos directas, de Riquet/Guilaine/Coffyn (306). Os comentários assentam, sobretudo, nas boas gravuras dos autores franceses e nas dez primeiras ilustrações do trabalho de Sangmeister.

Segundo este último, o Campaniforme Centro-Europeu é divisível em grupos e séries.

Teríamos, em primeiro lugar, uma Série 1 do Grupo Oriental, seguida de uma Série 2, a que corresponderia o Sub-Grupo da Alemanha Média (Série 1) e o Sub-Grupo da Baviera, também em correlação com a Série 3 do Grupo Oriental e a Série 2 da Alemanha Média (Tipo do Harz). Por último, na sequência internacional, vem o Tipo de Schafstaedt, também incluído na Série 2 do Sub-Grupo da Alemanha Média.

Sem correlação específica, ligado ao Grupo Oriental ou da Alemanha Média, temos o Grupo Reno-Meno, com formas intermediárias especiais e com um grupo intermédio entre o Campaniforme «Marítimo» e a Cerâmica Cordada. Os vasos do Grupo Oriental surgem em sepulturas rasas, onde os esqueletos estão acorados, orientados N-S, face a Oriente. É um rito funerário diverso

(300) «La Bohême préhistorique», Praga, 1928.

(301) «Danube in prehistory».

(302) «Pamatky archeologicke», 48, 1957, pp. 389 e sqq. e «Inventaria Archeologica Ceskoslovenko», 2, 1962, conhecidos por referências de Sangmeister, 1963, p. 55.

(303) «Prachistorische Zeitschrift», 1928. Veja-se nota anterior.

(304) Sangmeister, 1963, figs. 1 a 10.

(305) «Ancient Peoples and Places — Czechoslovakia».

(306) op. cit.

dos de Unetice, do «Povo da Cerâmica Cordada» ou das Culturas Neolíticas da Boémia-Morávia (307).

Observemos o espólio.

A forma campaniforme está escassamente representada nas duas primeiras séries do grupo oriental. Na terceira, não se encontram perfis típicos. Existentes, aliás, nas séries 1 e 2 da Alemanha Média. Nesta última surgem perfis que recordam os bretões.

Com efeito, tanto no tipo de Harz como no de Schafstaedt, é visível a tendência bretã para «baixar» o vaso, sem prejuízo do seu bojo.

Particularmente significativa, a região do Reno-Meno. As «formas» intermediárias especiais (308) e as consideradas intermediárias entre o Campaniforme «Marítimo» e a Cerâmica Cordada (309) aproximam-se notavelmente de tipos atlânticos. De entre as primeiras, salienta-se um vaso (310) onde sobre uma forma dos Países Baixos se encontra um elemento decorativo típico de Veluwe. Nas segundas, verifica-se o predomínio de formas de adaptação local mas de origem atlântica.

As decorações usadas levantam problemas graves. Nada ou muito pouco de campaniforme se encontra na esmagadora maioria dos vasos «orientais», onde os elementos decorativos não são, exclusivamente, de filiação alienígena e cuja origem se deve também procurar nas cerâmicas locais de períodos anteriores. Considerar «campaniformes» conjuntos «orientais» onde o vaso campaniforme muitas vezes nem sequer está presente e onde nenhum dos poucos elementos do possível «conjunto campaniforme» se faz sentir é, sem dúvida, excesso de boa vontade.

Repare-se nas pesadas cerâmicas polípodas frequentes em todos os grupos do centro europeu (à exceção dos que foram considerados intermediários). Ou nas decorações da série 1 do Grupo da Alemanha Média ou da sua série 2, o tipo de Schafstaedt, ou ainda nas do sub-grupo bávaro. Nada de «campaniforme».

O próprio Sangmeister viu-se obrigado a reconhecer que em relação aos vasos campaniformes da Boémia-Morávia, da Silésia, do Sul da Polónia, da Hungria, da Áustria e da Baviera «aucun d'entre eux n'est un vrai campaniforme de type *pan-européen*» (311). Até porque «La technique de décor varie fortement ; les zones non décorées et lissées, colorées en rouge manquent presque totalement» (312).

(307) Sangmeister, 1963, p. 29.

(308) Sangmeister, op. cit., p. 28, fig. 9.

(309) Sangmeister, op. cit., p. 39, fig. 10.

(310) Sangmeister, op. cit., p. 38, fig. 9, 3.º vaso da 3.ª fila.

(311) op. cit., p. 27.

(312) op. cit., p. 27.

Observações que tornam incompreensível uma completa inclusão no Campaniforme de ampla zona centro-europeia.

IV. 3. 5. considerações finais.

Vimos, apesar de rapidamente, as principais zonas «campaniformes» europeias e a área norte-africana onde se registou a presença dos típicos vasos. É, portanto, altura de se concluir sobre o que se observou.

O que parece ser o mais grave risco a que se sujeita o estudioso do Campaniforme reside, precisamente, na voluntária ignorância ou no impensado exagero das formas estandardizadas. No primeiro caso, o investigador perde-se por entre a multidão dos chamados «grupos regionais» (a que talvez seja mais correcto chamar «adaptações regionais»). A segunda atitude acarreta uma injustificável incompreensão do interessantíssimo significado das reacções à «moda campaniforme».

A posição metodológica que maior margem de segurança oferece encontra-se, como habitualmente, num sistema intermédio. Mas o equilíbrio entre ambas as extremidades sabe-se precário.

Riquet/Guilaine/Coffyn, num trabalho bem intencionado mas, por vezes, pouco consistente, fugiram a uma sistematização por elementos decorativos. Bosch-Gimpera caíra no extremo oposto, Giot saberia agir mais prudentemente (313).

Mas será, afinal, possível uma verdadeira compreensão dos pretendidos «grupos campaniformes» ?

Pensa-se, aqui, excessiva a pouca importância até hoje atribuída às grandes unidades geográfico-culturais. Parece inverosímil que não se tenha já insistido nas peculiaridades que nos permitiram falar de um «Mundo Atlântico», por contraposição ao «Mundo Mediterrânico». O primeiro é, durante o Calcolítico, o fervilhar de fluxos de influências, a zona detentora de grande capacidade de movimentação. O segundo, empalideceu com a diminuição do dinamismo que o tornara uma grande e insuspeitada unidade. Com exactidão considerada como «Neolítico-Circum-Mediterrânico».

É evidente que nos territórios orientais se forjam novos momentos de importância extrema para a marcha da Humanidade, que Tróia continua de pé, que Creta exerce ainda a sua influência. Mas o mundo oriental fecha-se lentamente sobre si próprio. É já com cansaço que as pujantes culturas sicilianas acolhem os elementos decorativos ibéricos. Para além da ilha, porém, as

(313) op. cit., Gallia Preh., VI, 1960, pp. 63-128 ; Man, XL, 1940, pp. 6-10 e diversos outros trabalhos ; Actes du I Colloque Atlantique, Rennes, 1963, pp. 57-88.

influências atlânticas, a existirem, esbatem-se de tal forma que é impossível detectá-las.

Urgente, uma perspectiva mais ampla que as usuais do Mediterrâneo em — 2 000. Até hoje, para além dos belos estudos parcelares de Luigi Barnabó Brea, muito pouco se escreveu nos domínios da História comparada.

O Mediterrâneo, esse Mar Neolítico, desagrega-se em pequenas unidades culturais, ao tempo em que os artesões da Península Ibérica fabricavam vasos campaniformes.

O Atlântico, vêmo-lo ainda sob o impacto do movimento dolménico.

Os navios portadores da «ideia megalítica» chegaram à Bretanha em épocas arcaicas. Mas uma neblina espessa esconde-nos os seus rumos.

Três focos peculiares, o oriental, o português, o escandinavo, disputam a anterioridade cronológica. Não é só aí, porém, que reside o problema. É fundamental definir a evolução do megalitismo alentejano e estabelecer as básicas correlações entre dolmens e povoados. É indispensável apreender o mecanismo interno dos monumentos megalíticos da Palestina e obter datações seguras para os enigmáticos dolmens escandinavos.

Após estes rumos de pesquisa, importa observar a inserção do Campaniforme nas culturas indígenas. Penso, por outro lado, que se deve estabelecer rigorosa distinção entre «estações campaniformes» e «estações com campaniformes». As onze estações *com campaniformes* da Sardenha, como dezenas de outras, europeias, são precisamente isso e não, como Castillo afirmou, estações campaniformes.

Procurem-se os *habitat* campaniformes europeus: «en Europe Centrale l'absence de villages à campaniformes apparaît significative» (314).

O mesmo, acrescento, se verifica em França, na Sardenha, na Sicília, no Norte Africano, na fundamental Bretanha, inclusivé.

Em Portugal, Vila Nova de S. Pedro, Rotura, Chibanes, Olelas, apresentam-nos autênticos níveis de ocupação campaniformes. Facto que parece significativo.

«Nuestras esperanzas se cifran especialmente en los poblados del estuario del Tajo», escrevia, em 1954, Castillo (315). Esperanças que se subscrevem apenas na medida em que muitos de esses povoados continuam por escavar. Os já sondados revelam provas inequívocas de terem sido habitados, em dada altura, por homens que fabricavam vasos campaniformes. *Que os fabricavam*, sublinha-se.

(314) Riquet/Guilaine/Coffyn, op. cit., p. 112.

(315) op. cit., p. 22.

Não os importavam, como a restante Europa. Isto, no que respeita, exclusivamente, ao Campaniforme A (Internacional) cuja origem em solo hoje português parece bem fundamentada.

Quanto ao Campaniforme B, e à sua prodigiosa variedade decorativa, parece representar, muito provavelmente, uma cerâmica muito menos comercializada que a anterior. Os seus antecedentes estão perfeitamente definidos no nível IIa da Rotura e em materiais não estratigrafados provenientes de quase todos os povoados da região Tejo-Sado.

O Mundo Atlântico é, portanto, ao tempo do Vaso Campaniforme, marcado por um foco difusor, o português, por vários focos retransmissores, o bretão e o holandês, e por zonas marginais, a inglesa e a africana.

No que respeita ao Mediterrâneo, para além das influências atlânticas, há também que ter em conta elementos catalães e outros, provenientes da região Reno-Ródano.

O Interior Ibérico, considerado nas suas manifestações culturais associáveis a Ciempozuelos, representa uma diferente unidade cultural, que convém isolar e estudar separadamente do Campaniforme Internacional.

Quanto ao Centro-Europeu, reflecte pàlidamente correntes culturais vindas da Bretanha, por um lado, e da Holanda, por outro. Mas é nas culturas locais da Checo-eslováquia e territórios vizinhos que se deve procurar a génese da discutida cerâmica profusamente decorada.

Resta-nos, uma vez mais, a região que patenteia um longo *processus* evolutivo de formas e decorações, a faixa mais ocidental da Península Ibérica. Aí, com efeito, e sem esquecer uma quase certa contribuição de sobrevivências da «Cultura de las Cuevas», terá nascido o Vaso Campaniforme.

Sobre as origens orientais, tão em voga entre nós, direi apenas, com Riquet/Guilaine/Coffyn, que elas «relèvent du roman» (316).

Tais me parecem as observações a registar.

(316) op. cit., p. 118.

PARTE V

CONCLUSÕES

«These are the sort of things in which archaeologists, like historians — nay, as historians — are interested — human actions and thoughts. It is only because they are results of human behaviour, and therefore express human thinking, that archaeologists eagerly collect, scrupulously measure and record and systematically classify bits of junk and holes in the ground. This at once distinguishes archaeology from philately, the collection of relics from the collection of snuff-boxes».

V. Gordon Childe, «Piecing...», London, 1956, p. 4

V. 1. Os níveis Ia e Ib da Rotura e o Vaso Campaniforme.

São os seguintes os pontos assentes sobre a ocupação campaniforme no Castro da Rotura :

1. o grupo humano que detinha vasos campaniformes foi, cronologicamente, o último a ocupar o povoado ;
2. os homens que fabricaram vasos campaniformes estiveram presentes em aproximadamente 1/3 da actual superfície do Castro. Estes os dados das recentes escavações. Pode-se objectar alegando que as campanhas anteriores poderiam ter retirado as primeiras camadas do solo, precisamente aquelas onde o campaniforme surge. Mas o espólio recolhido durante essas escavações, presentemente em diversos Museus, é escasso em cerâmica campaniforme ;
3. a cerâmica campaniforme da Rotura apresenta-nos espantosa variedade de perfis e decorações. Quase todos os tipos da minha classificação lá se encontram, mesmo um « caso especial » com o elemento decorativo que nós bem conhecemos em Veluwe, Países Baixos (E XXXII, 4, último fragmento) ;
4. a ocupação campaniforme da Rotura (níveis Ia e Ib. Possivelmente, nível II a como ponto de arranque) não teve carácter temporário. Foi efectiva e prolongada ;
5. Ib, o mais antigo nível campaniforme, revelou o que bem poderá ser a cabeça de um ídolo almeriense (E. XXI, 1, b). O pequeno « amuleto » (ou « ídolo ») de II a é também associável a outros, do horizonte cultural levantino, mais precisamente de Los Millares.
6. a metalurgia não tem, no Castro da Rotura, o período campaniforme como ponto de partida. Pouco abaixo da zona mais recente de II b,

surgiram dois robustos anzóis. A medida que nos aproximamos de I a, os indícios de uma metalurgia evoluída aumentam. Espólio frequente em II a (incluindo cadinhos de fundição) escórias metálicas em I b, diversa utensilagem em I a, tudo indica um incremento na produção de utensílios de cobre que, raríssimos em II b, se multiplicam com os níveis campaniformes.

Tomando em conta todos estes pontos, será possível formular três explicações para a presença de campaniformes no povoado pré-histórico da Rotura :

- 1.^a — o espólio campaniforme foi obtido por trocas comerciais, não se tendo nunca verificado uma verdadeira ocupação campaniforme ;
- 2.^a — a população campaniforme existiu realmente no povoado da Rotura, mas é uma intrusão que, a aceitarmos cronologias curtas, se teria verificado por volta de \pm 1600. Representaria, portanto, ou a substituição violenta das populações anteriores ou a tomada de posse de um território abandonado ;
- 3.^a — os fabricantes de vasos campaniformes estão na linha evolutiva de ocupações humanas que lhes são anteriores. Representam sob o ponto de vista da estética decorativa, a continuação, enriquecida, dos estilos cerâmicos presentes em II a.

Comecemos por observar a primeira hipótese. Cedo se constatará que :

- a) existem demasiados tipos decorativos «campaniformes» para que eles possam corresponder a uma importação, mesmo maciça ;
- b) é visível uma evolução local nos estilos decorativos. Motivos frequentes em II a (veja-se Est. XXVI — 1) surgem já adaptados à técnica do ponteadado (técnica tipicamente campaniforme) em I b.

A continuidade torna-se, portanto, indesmentível.

A evolução de técnicas e elementos decorativos que apontámos torna portanto muito pouco provável a primeira das hipóteses enunciadas. Em relação à segunda observa-se :

- a) não existem vestígios que nos permitam fundamentar qualquer intrusão violenta.

A teoria «catastrófica» é, por conseguinte, de afastar.

- b) resta-nos a possibilidade de se ter verificado a ocupação pacífica de um território desabitado. Mas a pujança dos estilos cerâmicos de II a repele a hipótese de os seus habitantes terem sido uma população rarefeita e em crise. Uma questão se pode levantar, todavia : encontram-se vasos campaniformes apenas numa zona do Castro que corresponde a 1/3 da sua extensão actual. E em todas as áreas do povoado se encontram, em maior ou menor abundância, cerâmicas típicas de II a.

Terá havido uma contracção demográfica ?

A zona que resta do Castro é demasiado pequena (1/5 do seu tamanho primitivo) para que se emitam pareceres categóricos. A pedreira fez saltar os 4/5 do Castro que nos poderiam fornecer a resposta desejada. Mas é de sublinhar que em todas as actuais áreas onde se não encontram campaniformes, o solo da Rotura apresenta revolvimentos consideráveis. Talvez (a eles e a seus autores) lhes caiba a responsabilidade da ausência de campaniformes. Mas é também possível que a zona onde se descobriram vasos campaniformes tivesse correspondido ao lugar onde eles fossem fabricados. Hipótese a considerar, uma vez sendo a mais plausível de todas.

Segundo a terceira e última hipótese, os artesãos de vasos campaniformes representam a evolução interna de populações que concluem um longo *processus*. O carácter pacífico de essa continuidade poderá provar-se porque :

- a) nenhum instrumento de características exclusivamente bélicas foi encontrado nos níveis campaniformes. As pontas de flecha não são, forçosamente, armas de combate, uma vez indispensáveis na panóplia do caçador. O mesmo se poderá dizer dos machados ;
- b) os pontos mais defensáveis do Castro não foram objecto de qualquer nova fortificação. Aliás não se conhecem muralhas (no verdadeiro sentido do termo) na Rotura. A lombada do Casalinho, fronteira à Rotura e posto estratégico de grande valor, não revelou até ao momento um único fragmento de vaso campaniforme. O desinteresse das populações por esses lugares-chave parecem, pois, significativo.

Ponto frequentemente esquecido : o significado da cerâmica não decorada. Pois existe uma absoluta identidade nos perfis de vasos de II a, Ib e Ia. As novas «modas» decorativas influenciaram os recipientes ornamentados

mas os restantes continuaram imutáveis. Não parece, nesta linha, possível uma invasão, uma intrusão ou sequer um hiato.

Resumindo o que parece possível de concluir :

1. no castro Pré-Histórico da Rotura viveram populações que decoravam as suas cerâmicas com motivos de «folha-de-acácia», usando também como elemento decorativo as faixas incisadas preenchidas a oblíquas intersecantes. Esses motivos representavam uma longa evolução indígena, vinda já dos níveis neolíticos ;
2. pode atribuir-se a esta gente uma vida pacífica onde as antigas construções, provavelmente defensivas, relacionáveis com II b, não têm já lugar de relevo ;
3. numa dada altura, o aperfeiçoamento da cerâmica (aperfeiçoamento simultâneo ou resultado de ligações íntimas entre os diversos povoados da região Tejo-Sado) conduziu a formas novas ;
4. este aperfeiçoar da técnica de incisão é assinalado pela viragem que a técnica do ponteadado processa e acompanhado por um incremento da metalurgia. Conduz, por caminhos múltiplos, à adaptação de um perfil específico — o campaniforme — e de uma decoração de origens extremamente plurais ;
5. pode-se, sem hesitação, considerar o motivo Campaniforme B1 a como de filiação certa nos elementos decorativos anteriormente citados. Sobre a origem do Campaniforme Internacional pronunciei-me já, numa comunicação às I Jornadas Arqueológicas, tendo estabelecido então, os possíveis estádios de passagem ;
6. a contracção demográfica que parece de associar ao advento do estilo campaniforme poderá explicar-se por um expansionismo comercial crescente, de que a caçoila de Dar-es-Soltan é apenas pequeno exemplo.

V. 2. Cronologia.

O nosso itinerário está quase concluído. No entanto, bem difíceis são os passos que faltam. A cronologia pré-histórica encerra em si não poucos problemas, constantemente densificados.

Datar os diversos níveis do Castro da Rotura, enquanto se esperam os

resultados referentes a uma análise pelo C 14, de carvões retirados de dois deles, não parece tarefa simples.

O nível III a aponta um indiscutível arcaísmo. Mas definir a posição cronológica dos fragmentos cerâmicos da Est. XII, encontrados entre os extremos superior de III a e o inferior de II c, a pouca distância de cerâmica muito grosseira e de utensilagem lítica muito tosca, exige extraordinária precaução.

Em primeiro lugar, ungulações do tipo em amostragem na Est. XII, ungulações duplas, não são muito frequentes, podendo mesmo considerar-se raras. Diferem, logo a um primeiro olhar, das que se conhecem em cerâmicas de Olival de Pega, La Sarsa, Guadalperal, Arene Candide...

Aproximam-se, por outro lado, de exemplares espacialmente muito lógnquos, como os de Cys-la-Commune (Aisne) datado pelo C 14 de — 3 400 ou de Augy-Sainte-Pallaye (317).

A uma distância ainda maior, os fragmentos extremamente semelhantes de Magoulitsa e Tsani (pré-Sesklo) e, sobretudo, os provenientes de Nea Nikomedeia que o C 14 datou de — 6 220 \pm 150 (318). Entre esta última datação — confirmada por outras estações da Grécia neolítica — e a de Cys-la-Commune há um considerável lapso de tempo, a recordar-nos a possibilidade de se tratar de um caso de invenção paralela. De qualquer forma, parece certo que antes do aparecimento da cerâmica cardial, uma outra, decorada com ungulações duplas e simples, foi corrente em diversos lugares da Europa. Savory fala-nos de uma vaga neolítica que «had spread villages of scattered circular huts, different from the rectangular huts of the Danubians, to southern Italy and Sicily by 5 000 B. C. ; these villagers used round-based pots, plain or decorated with nail-impressions, like those made the Neolithic people on the coast of Cilicia, Lebanon and Palestine» (319).

É impossível sabermos, por enquanto, a velocidade de movimentação de esta vaga neolítica. Como já se disse, podemos, perfeitamente, estar perante um caso de paralelismo cultural.

Não será ilegítimo arriscar-se para III a uma data não tão elevada como a de Nea Nikomedeia mas bastante próxima da citada por Savory. — 5 000 será, portanto, uma data *post quem* para o nível III a da Rotura.

Nada se pode dizer sobre a cronologia de II c. Nenhum elemento verda-

(317) Veja-se, de Gerard Bailloud, «Le Néolithique du Bassin Parisien», Paris, 1964, fig. 7 e figs. 27, n.ºs 1, 2 e 3.

(318) R. J. Rodden, «Excavation at the early neolithic site at Nea Nikomedeia (1961 season), Proc. Preh. Soc., XXVIII, Cambridge, 1962, pp. 267-288.

(319) 1968, op. cit., p. 65.

deiramente seguro apoiaria qualquer proposta de data. Razão mais que suficiente para passarmos adiante.

O riquíssimo nível II b não será, por certo, muito anterior a — 3 000.

Uma análise apoiada exclusivamente na cronologia cerâmica sugere interessantes relações. Os recipientes em amostragem na Est. XVII fazem pensar no Chasseense europeu. O sistema utilizado na incisão, a disposição dos elementos decorativos no vaso, são pontos a considerar.

A cerâmica completamente decorada nem sempre abunda em níveis similares a II b, sobretudo tratando-se de exemplares decorativos a punção fino.

Neste caso, temos, tal como em Chassey, motivos geométricos preenchidos e ligados pelo vértice, de modo a decorar completamente o vaso. Tal acontece não só nos vasos de II b como em cerâmicas posteriores, onde a evolução é nítida e onde o losango preenchido com intersecantes surge apenas após o bojo, na metade inferior do vaso. Desta feita, a incisão torna-se progressivamente acanalada e acaba por atingir a espessura própria aos vasos de alto bojo, frequentes em II a, onde o conjunto decorativo parte do bordo.

O vaso da Est. XVII, 1 e 2, era de corpo cilíndrico e dimensões consideráveis.

As datações pelo C 14 para cerâmica chasseense europeia apontam:

1. Roucadour (Lot): — 3 230 \pm 140
— 2 320 \pm 125
2. Montjoly (Calvados): — 2 800
3. Fundo de cabana 133 de Fort Harrouard: — 2 440.
4. Lumbres (Pas-de-Calais): — 2 408
— 2 611

A menos que se verificasse uma pouco admissível precocidade dos níveis com cerâmica semelhante da Península Ibérica, parece portanto de recusar para II b uma data anterior a — 3 000. Seria fundamental uma datação do nível Vila Nova I pelo C 14. Infelizmente, bem sabemos o malogro das esforçadas tentativas de Afonso do Paço, que recebeu inexplicáveis recusas quando procurou analisar os carvões recolhidos.

Rotura II b pode ser equiparada a Vila Nova I. A cerâmica das Est. XVIII e XXII 1 é, em parte, idêntica à do conhecido nível pré-campaniforme de V. N. S. Pedro.

A datação proposta para II b abrangerá o período entre — 3 000 e — 2 500. Sem elementos fornecidos pelo C 14 é impossível ir mais além.

Quanto a II a, os problemas são mais graves e nenhuma datação é, por enquanto, de propor.

Os níveis campaniformes (I b e I a) parecem localizar-se entre 2 000 e 1 600, tendo em conta as datações já conhecidas para toda a Europa e que o Castro da Rotura não irá, certamente, modificar.

As datas que proponho para os diversos níveis são, em resumo, as seguintes :

I a — \pm 1 500 (data *ante quem*)

b — \pm 2 000 (data *post quem*)

II a — ?

b — \pm 3 000 a \pm 2 500

c — ?

III a — \pm 5 000

Em relação ao Campaniforme serviu, de ponto de partida, como habitualmente, a datação obtida por Pittioni para Los Millares, admitindo-se portanto o sincronismo proposto pelos Leisner.

V. 3. Síntese Geral.

O Castro Pré-Histórico da Rotura foi ocupado consecutivamente por grupos humanos que se integram em alguns dos mais significativos momentos da Pré-História Peninsular. A sua mais antiga povoação deve datar de um neolítico arcaico, pré-cardial. Não são visíveis, porém, na área por mim escavada, vestígios de esta última cultura, datada, como sabemos, diversamente ($4\ 560 \pm 160$ e $4\ 315 \pm 75$, para La Sarsa, $4\ 400$ e $4\ 200$, para Arene Candide e $5\ 570 \pm 240$ para Châteuneuf-les-Martigues). Apenas um fragmento de cardial puro, decorado arcaizantemente (impressões desordenadas obtidas com o bordo do cardium), foi identificado e na Colecção de Arronches Junqueiro.

Não há, portanto, nem a certeza de ele ser proveniente da Rotura nem da sua localização estratigráfica. Por outro lado, as suas reduzidas dimensões não permitem quaisquer referências à possível forma do vaso a que pertenceu.

As características gerais do nível III a são uma cerâmica não decorada extremamente grosseira, outra, com decorações obtidas por impressão dupla das unhas do artesão (provavelmente a do indicador e a do polegar) e uma indústria local de trabalho do sílex muito tosca. Parece terem sido afeiçoadas

(como furadores ?) algumas hastes de cervídeos e a fauna identificada prova-nos que parte da ementa dos homens que habitaram em III a era constituída por caça grossa (veado, urso) e por moluscos (patelas).

O nível II c revelou-se particularmente pobre em espólio significativo. A indústria lítica encontra-se representada, quase em exclusivo por enxós, em anfíbolite, e a cerâmica, não decorada, não nos fornece qualquer informação segura. Cite-se, porém, um fragmento de bordo, mamilonado, que pertenceu a um vaso de corpo cilíndrico, de facies arcaico («mamilo» alongado, junto ao bordo, com nítidas funções de preensão). De qualquer forma, não é de duvidar que estejamos perante um nível neolítico.

Em II b, os problemas multiplicam-se. Poderíamos, talvez, admitir que se trata de um período culturalmente sincrónico a Vila Nova I. Mas para que a comparação fosse exacta seria necessário um melhor conhecimento do nível mais antigo do Castro de Vila Nova de S. Pedro.

II b suscita observações sobre possíveis contactos comerciais com o Oriente Mediterrânico. Em Mgarr (Malta) encontraram-se fragmentos cerâmicos idênticos ⁽³²⁰⁾ a alguns provenientes de este nível da Rotura, associados a cerâmica importada, de tipo Diana, com pegas em forma de trombeta (trumpet lugs). Na costa levantina, cerâmicas de «tipo simbólico» recordam também exemplares de Rotura II b.

A utensilagem de osso atinge elevado nível técnico e especializa-se. Cabos de instrumentos, punções, furadores em tibia de *ovis*, «alfinetes-de-cabeça» canelada, um vasilho de osso, sugerem cronologias anteriores a — 2 500. No que respeita aos «alfinetes» este arcaísmo é particularmente visível.

O instrumento lítico não apresenta modificações apreciáveis em relação aos perfis das enxós frequentes em II c. Duas facas largas, em sílex, recordam artefactos semelhantes, no Oriente utilizados como foices. Duas espécies típicas de «dentes de foice» são reconhecíveis. A forma em hexágono abatido e a rectangular coexistem sempre sob formas geomètricamente irregulares. Não se pode, evidentemente, esquecer a belíssima mó manual, as contas de calaíte e os anzóis de cobre, raríssimos, como se sabe, em povoados desta época.

II a marca uma curiosa evolução na cerâmica decorada. Um dos aspectos mais visíveis de este evoluir está patente na Est. XXII, n.º 1 e 2.

A metalurgia regista francos progressos mas é, sobretudo, pela espantosa riqueza dos elementos decorativos da cerâmica que II a merece especial referência. Na técnica de incisão verifica-se uma indiscutível tendência para as incisões a punção rombo. Na temática decorativa estamos em pleno apogeu

(320) Evans, Proc. Preh. Soc. Cambridge, 1953, Plate VIII, n.º 5.

da «folha-de-acácia», em quase todas as suas combinações conhecidas. Em certos casos parece de admitir o uso de matriz mas, maioritariamente, as decorações foram feitas a punção. II a revelou, também, numerosos «pesos de tear».

Ib é o primeiro nível campaniforme. É certo que em II a surgiram cinco fragmentos de três vasos campaniformes distintos. Antes de se utilizar estes elementos como reforço à teorização de Sangmeister sobre Barnenez D, convém ter-se presente que cinco fragmentos não são suficientes como escoras de todo um movimento. É necessário aceitar com prudência até mesmo os pontos estratigráficamente seguros e só emitir juízos sobre factos em amostragem significativa.

Da variedade dos elementos decorativos da cerâmica campaniforme de Ib e Ia é desnecessário falar: são eloquentes as Estampas que, aliás, registam apenas os fragmentos cerâmicos mais notáveis.

A «folha-de-acácia» continua presente nos níveis campaniformes.

A sua espantosa sobrevivência leva-a, mesmo, até à Idade do Bronze, como é constatável não só em estações portuguesas como nas catalãs e em sepulturas do Midi.

O dinamismo dos habitantes dos níveis Ia e Ib da Rotura está bem patente na caçoila de Dar-es-Soltan que, com toda a probabilidade, saiu das mãos de um ceramista do castro *setubalense*. O exemplar da gruta africana, estudado por Castillo, como já se disse, é «gémeo» de um outro, noticiado por A. I. Marques da Costa (321).

Resumidos brevemente alguns dos principais aspectos dos diversos níveis definidos no Castro da Rotura, impõem-se rápidas palavras sobre o tão discutido «orientalismo» do Calcolítico português.

A propósito de uma estatueta que a Breuil recordara outras (Caldeias e de Susa) Eugénio Jalhay e Afonso do Paço (322) afirmaram que a sua proveniência é provavelmente egípcia e que «no estaría descaminado compararla con las figurillas premicénicas de Amorgos (Grecia), más o menos sincrónicas de la nuestra de Vilanova de S. Pedro».

É razoável interrogarmo-nos:

Qual a espécie de sincronia referida? Cultural? Cronológica?

Existem diferenças radicais entre estas duas espécies de sincronismos. Diferenças demasiado frequentemente esquecidas.

Já Brea (323) após afirmar «Che l'origine del Neolítico debba ricercarsi

(321) Arch. Port., VIII, p. 267.

(322) Veja-se Bibliografia, Vila Nova de S. Pedro, Jalhay/Paço, 1945, p. 47.

(323) 1950, op. cit., p. 31.

nel Prossimo Oriente è un fatto ormai quasi generalmente ammesso» admitia que «il fatto che vi si ritrovino con notevole ricchezza e varietà di motivi gli stessi tipi ceramici che caratterizzano il più antico Neolitico nel Mediterraneo occidentale non sembra privo di significato» (324).

Não será extrapolação condenável transpor-se esta constatação para o Calcolítico. A riqueza das formas indígenas, apesar de plástica a influências, afasta, no entanto, a ideia de uma «colonização», hipótese tão cara a Santa-Olalla e Sangmeister.

Celia Topp (325) falava numa «common inspiration» para os alfinetes de osso ingleses e ibéricos. Inspiração proveniente de materiais da antiga Idade do Bronze da Boémia. Recordar-se, mais uma vez, até que ponto são arriscadas comparações desta natureza. Em que Celia Topp insiste quando compara o «ídolo» de Tabernas a outros de Zengővárkony (Danubiano II).

Para que se tenham bem presentes os perigos do difusionismo, cite-se que Jorge Dias identificou em Montemuro um brêz (cesto feito de colmo, atado com silvas, segundo a técnica da «espiral cosida») extremamente semelhante a outro, de Antinoe, Egipto, XII Dinastia.

Parece-me, portanto, dever concluir com as palavras ácidas mas tão cheias de verdade, assinadas em 1949 por M. Louis (326) e destinadas aos «Jules Verne de la Préhistoire». Critica-se a desenvoltura com que certos autores deslocam povos, agitam raças através de continentes, imaginam invasões. Tudo isto apoiado num caco que se supõe pertencer a um vaso, trazido por esses viajantes. Uma espiral num caco é sinónima de uma invasão danubiana, o perfil de um vaso, prova de uma migração egípcia, uma pintura «lie-de-vin», testemunho irrefutável de uma influência ibérica (327).

M. Louis expressou, com o seu estilo directo, o pensamento de muitos investigadores ocidentais a quem preocupam os verdadeiros limites dos movimentos de povos e que, corajosamente, recusam soluções fáceis, preferindo o ponto de interrogação ao de exclamação.

Atitude criticada, bem se sabe, mas a adoptada por quem não pretende aderir ao grupo, infelizmente tão numeroso, dos «Jules Verne de la Préhistoire».

Lisboa, Outubro de 1969

Victor dos Santos Gonçalves

(324) Idem, idem.

(325) Veja-se Bibliografia, «Contactos de Culturas», Topp, 1959, p. 118.

(326) M. Louis, p. 159.

(327) op. cit., p. 158.

PARTE VI

BIBLIOGRAFIA FUNDAMENTAL

A chamada «Cultura do Vaso Campaniforme» poderá apenas compreender-se se se tomar em conta os seus precedentes e coetâneos. Neste sentido se orientou a presente Bibliografia que, sem esquecer as indispensáveis metodologias de obtenção e tratamento de dados, tentou apresentar uma panorâmica das principais fontes para o neolítico europeu.

As estações portuguesas, onde se encontraram vasos campaniformes, foram objecto de uma sistematização aturada. Processou-se uma divisão fundamental, entre povoados e necrópoles. Estas últimas foram agrupadas em grutas naturais, grutas artificiais, dolmens e tholoi. Ao criar-se uma alínea especial para o Castro de Vila Nova de S. Pedro assumia-se uma posição que a numerosa bibliografia sobre o povoado plenamente justifica.

Os títulos das Revistas onde foram publicados alguns dos artigos aqui recenseados abreviaram-se de forma reconhecível. São os seguintes :

PORTUGAL

Anais da Faculdade de Ciências do Porto (N. S.)
Archeologo Português (Série I)
Arqueologia e História
Archeologo Português (Séries II e III)
Boletim do Centro de Estudos do Museu de Sesimbra
Boletim da Sociedade de Geografia
Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal
Conimbriga
Ethnos
Lucerna
Portugália
Revista de Guimarães
Revista de Antropologia e Etnografia da Faculdade de Ciências do Porto

ESPAÑA

Ampurias
Archivo Español de Archeologia
Archivo de Prehistoria Levantina
Cuadernos de Historia Primitiva
Memorias de los Museos Arqueologicos Provinciales
Zephyrus

FRANÇA

Bulletin de la Société Préhistorique Française
Bulletin du Musée de Monaco
Cachiers Ligures de Préhistoire et d'Archéologie
Gallia Préhistoire
L'Anthropologie
Préhistoire
Revue Anthropologique
Revue Archeologique
Revue d'Études Ligures
Rivista di Studi Liguri

INGLATERRA

Antiquity
Archaeological Journal
Proceedings of the Prehistoric Society

Os principais Congressos foram também referenciados de maneira compreensível: os Colóquios Portuenses de Arqueologia, o I Congresso Nacional de Arqueologia, os Congressos do Marrocos Espanhol, o I Colóquio Atlântico (Rennes, 1963), os Congressos Nacionais de Pré e Proto-História, do País vizinho.

Em apêndice, incluíram-se os mais significativos trabalhos sobre o meio geográfico do Castro da Rotura e o problema da Metalurgia do Cobre.

PLANO DA BIBLIOGRAFIA

1. OBRAS DE CARACTER GERAL

- A. Estudos Gerais
- B. Trabalhos sobre regiões específicas
- C. Trabalhos sobre períodos específicos
- D. O Sagrado e o Profano

2. PROCESSOS DE TRATAMENTO DE DADOS

- A. Metodologias
- B. Etnologia e História Comparada

3. CULTURAS OU TESTEMUNHOS CULTURAIS DO NEOLÍTICO

- A. Estudos de carácter geral
- B. A agricultura neolítica
- C. O grupo cardial
- D. A «cultura de las cuevas»
- E. Almeria
- F. O chasseur

4. O MEGALITISMO

5. O VASO CAMPANIFORME

- A. Estudos de carácter geral
- B. O Mundo Mediterrânico
- C. O Mundo Atlântico
 - C. 1. em geral
 - C. 2. Portugal
 - povoados, Vila Nova de S. Pedro
 - necrópoles, grutas naturais
 - grutas artificiais
 - dolmens
 - tholoi
- D. Os grupos do interior ibérico
- E. Os grupos «orientais»

6. INTERINFLUÊNCIAS. CONTACTOS DE CULTURAS

7. CRONOLOGIA

Apêndices

1. MANUAIS, OBRAS DE CARACTER GERAL, TRABALHOS SOBRE PRÉ-HISTÓRIA EUROPEIA

1. A. Estudos Gerais

- (1) ALIMEN, Henriette — 1950 Atlas de Préhistoire, Vol. I, Paris
- (2) ALMAGRO, Martin — 1960 — Introduccion al estudio de la Prehistoria y de la Arqueologia de Campo, 3.ª ed., Madrid
- (3) BASCH, Martin Almagro — 1960 — Prehistoria, Madrid
- (4) BERGOUNIOUX, F. M. — 1958 — La Préhistoire et ses problèmes, Paris
- (5) CHILDE, Vincent Gordon, — 1947 — The Dawn of european civilization, London
- (6) CHILDE, Vincent Gordon — 1950 — Prehistoric Migrations in Europe, Oslo
- (7) CLARK, J. G. D. — 1955 — L'Europe préhistorique. Les fondements de son économie, Paris
- (8) CLARK, Grahame — 1965 — A la découverte des sociétés préhistoriques, (trad do inglês), Paris
- (9) DECHELETTE, J. — 1908-1914 — Manuel d'Archéologie Préhistorique Celtique et Gallo-Romaine, Paris
- (10) GARCIA, L. Pericot y — 1948 — Grandeza y Miseria de la Prehistoria, Barcelona
- (11) GARDIN, Jean-Claude — Problèmes d'Analyse descriptive en Archéologie, (pp. 133-150 de publicação desconhecida)
- (12) GARDIN, Jean-Claude — 1962 — Cartes perforées et ordinateurs au service de l'archéologie, La Nature, Science Progrès, n.º 3 331, pp. 449-457, Paris
- (13) GOURHAN, André Leroi — 1949-1950 — Evolution et techniques, Vol. I — L'Homme et la Matière, Vol. II — Milieu et Techniques, Paris
- (14) GOURHAN, André Leroi — 1964-1965 — Le geste et la parole, Vol. I, 1964 — Vol. II, 1965
- (15) GOURHAN, André Leroi — (direcção de) — 1966 — La Préhistoire, Nouvelle Clío, n.º 1, Paris
- (16) GRAHMANN, R. — 1955 — La préhistoire de l'humanité, Paris
- (17) HAWKES, Christopher, — 1940 — The prehistoric foundations of Europe to the Mycenaean age, London
- (18) HAWKES/WOOLLEY — Jacquetta/Leonard — 1963 — Prehistory and the Beginnings of Civilization, London
- (19) LAET, S. J. de — 1954 — L' Archéologie et ses Problèmes, Bruxelles
- (20) LINDER, Kurt — 1950 — La chasse préhistorique, Paris
- (21) MORGAN, Jacques de — 1924 — L'Humanité Préhistorique, Paris
- (22) NARR, Karl J. — 1964 — A la recherche de la Préhistoire, Paris
- (23) OBERMAIER/BELLIDO/PERICOT — Hugo/A. Garcia y/L. — 1963 — El Hombre Prehistorico y los origenes de la Humanidad, 8.ª ed., Madrid
- (24) SEMENOV, S. A. — 1964 — Prehistoric Technology, London
- (25) SONEVILLE-BORDES, D. de — 1961 — L'âge de la pierre, Paris

1. B. Estudos sobre regiões específicas

- (26) ABERG, Nils — 1921 — La civilisation énéolithique dans la Péninsule Ibérique, Uppsala
- (27) ALBRIGHT, William Foxwell — 1955 — L'archéologie en Palestine, Paris
- (28) ALIMEN, Henriette — 1955 — Préhistoire de l'Afrique, Paris
- (29) ARNAL, Jean — 1963 — Impressions de voyage au Portugal, (Mai de 1963), Rev. de Guim. LXXIII, 3-4, pp. 290-313, Guimarães
- (30) AUDIBERT, J. — 1958 — Préhistoire de la Sardaigne, B. M. Monaco, p. 189
- (31) BASCH, Martin Almagro — 1946 — Prehistoria del Norte de Africa, Barcelona
- (32) BREA, Barnabó — 1957 — Sicily before the Greeks, Ancient Peoples and Places, London

- (33) CARTAILHAC, Émile — 1886 — Les Ages Préhistoriques de L'Espagne et du Portugal, Paris
- (34) CORRÊA, A. A. Mendes — 1947 — Histoire des recherches préhistoriques au Portugal, Trab. An-trop. e Etnol., N. S., XI, 1-2, pp. 115-170, Porto
- (35) COSTA, António Ignacio Marques da — 1902-1910 — Estações préhistóricas dos arredores de Se-túbal. Apontamentos para o seu estudo. Arch. Port. VII, VIII, IX, X, XI, XII, XIII, XV, Lisboa
- (36) CUEVILLAS/BREY, López/Bouza — 1931 — La civilización neo-eneolítica gallega, Madrid
- (37) EVANS, J. D. — 1958 — Malta, London
- (38) FERREIRA, O. da Veiga — 1962 — Manifestações de Arte no mobiliário funerário do Eneolítico de Portugal, Rev de Guim. LXXII, pp. 365-375, Guimarães
- (39) FERREIRA, Octávio da Veiga — 1963 — Algumas descobertas importantes da Pré e Proto-História portuguesa nos últimos anos, Rev. de Guim., LXXIII, 3-4, pp. 271-280, Guimarães
- (40) GARCIA/TARRADELL, Luís Pericot/Miguel — 1962 — Manual de Prehistoria Africana, Madrid
- (41) GARCIA, Luís Pericot — 1950 — La España Primitiva, Barcelona
- (42) GIMBUTAS, M. — 1956 — The prehistory of East Europe, Cambridge
- (43) GIMPERA, Pedro Bosch — 1922 — Essayo de una reconstrucción de la Etnologia Prehistorica Ibe-rica, Boletín de la Biblioteca Menendez Pelayo, pp. 3-132.
- (44) GIMPERA, Pedro Bosch — 1932 — Etnología de la Península Ibérica, Barcelona
- (45) GIMPERA, P. Bosch — 1945 — La formación de los pueblos de España, México
- (46) GIMPERA, Pedro Bosch — 1954 — La edad del Bronce de la Peninsula Iberica, Arch. Esp. Arch., XXVII, pp. 45-92, Madrid
- (47) GIOT, Pierre Robert — 1962 — Bretaña, (Trad. do inglês), Barcelona
- (48) GLOB, P. V. — 1952 — Danske Oldsager, Yngre Stenaldet, Copenhagen
- (49) HAWKES, J. — 1937 — The archaeology of the Channel Islands, II — The Bailiwick of Jersey, Jersey
- (50) HAWKES/HAWKES, Jacquetta/Christopher — 1947 — Prehistoric Britain, London
- (51) KENDRICK, T. D. — 1928 — The archaeology of the Channel Islands, I — The Bailiwick of Guernsey, London
- (52) MONGAYT, Alexandre — 1959 — L'Archéologie en U.R.S.S., Moscovo
- (53) MORAN, P. César — 1942 — Albores de Historia Salmantina, Rev. de Guim., III, pp. 81-100, Guimarães
- (54) RAU, Virginia — 1948 — Les recherches et découvertes préhistoriques au Portugal à partir 1940, Riv. di Science Preistoriche, III, 1-2 Firenze
- (55) RIBEIRO, Carlos — 1878 — Estudos prehistoricos em Portugal, Lisboa
- (56) ROCHA, António dos Santos — 1881-1891-1895 — Antiguidades prehistoricas do concelho da Fi-gueira, Vols. I, II e III, Coimbra
- (57) SAUTER, M. R. — 1948 — Préhistoire de la Méditerranée, Paris
- (58) SAVORY, H. N. — 1968 — Spain and Portugal. The Prehistory of the Iberian Peninsula, London
- (59) SCHMIDT, H. — 1913 — Zur Vorgeschichte Spaniens, Zeitschr. fur Etnol., pp. 238 e sqq., Berlin
- (60) SIMOES, Augusto Filipe — 1878 — Introdução à Archeologia da Península Ibérica, Lisboa
- (61) SIRET, Louis — 1890 — Las primeras edades del metal en el Sudeste de España, Barcelona
- (62) SIRET, Louis — 1893 — L'Espagne préhistorique, Rev. des Questions Scientifiques, Bruxelles
- (63) SIRET, Louis — 1907 — Orientaux et Occidentaux en Espagne aux temps préhistoriques, Rev. de Questions Scientifiques, Bruxelles
- (64) SIRET, Louis — 1908 — Religions néolithiques de l'Iberie, Rev. de Questions Scientifiques, Bru-xelles
- (65) SIRET, Louis — 1913 — Questions de Chronologie et d'Ethnografie Ibériques, Paris
- (66) VANDIER, J. — 1952 Manuel d'Archéologie Egyptienne, I, Paris
- (67) VASCONCELLOS, José Leite de — 1897-1909 — Religiões da Lusitânia, 3 vols., Lisboa
- (68) VEIGA, S. P. M. Estácio da — 1889 — Antiguidades Monumentaes do Algarve, III, Lisboa

1. c. Trabalhos sobre períodos específicos

- (69) ARRIBAS, Antonio — 1959 — El Urbanismo peninsular durante el bronce primitivo, Zephyrus,
- (70) BLANCE, Beatrice — 1961 — Early Bronze Age Colonists in Iberia, Antiquity, pp. 192-202
- (71) CASTILLO, Alberto del — 1947 — El neo-eneolítico, Historia de España, (dir. de Menéndez-Pidal), X, pp. 81-128, Salamanca
Vol. I, Madrid

- (72) GIMPERA, Pedro Bosch — 1956 — Problemas de las civilizaciones del neo-eneolítico occidental y de su cronología, *Cronica del IV Congreso Internacional de Ciências prehistoricas e protohistoricas*, 1954, pp. 643-652, Zaragoza
- (73) GIMPERA, Pedro Bosch — 1961 — Los problemas del neo-eneolítico peninsular y el simposio de 1959, *Zephyrus*, XII, pp. 43-54, Salamanca
- (74) GIMPERA/RAFOLS, P. Bosch/J. de Serra — 1925 a 1927 — Etudes sur le Néolithique et l'Enco-lithique de France, *Rev. Anth.* 1925 pp. 341-364, 1926 pp. 319-345, 1927 pp. 208-213
- (75) JALHAY, E. — 1948 — Una fase interessante del Bronce inicial portugués, *Ampurias*, IX-X, Bar-celona
- (76) MOTES, J. Maluquer de — 1955 — El proceso histórico de las primitivas poblaciones peninsula-res, Vols. I e II, *Zephyrus*, VI, pp. 145-169 e pp. 241-257, Salamanca
- (77) PIGGOTT, Stuart — 1953-1954 — Le néolithique occidental et la Chalcolithique en France. Étude préliminaire. *L'Anthropologie*, 57, 1953, pp. 401-443; 58, 1954, pp. 1-28
- (78) ROCHA, António dos Santos — 1908 — Estações pre-romanas da Idade do Ferro nas visinhanças da Figueira, (parte 2.ª) *Portugália*, II, 4, pp. 493-516, Porto

2. METODOLOGIAS, PROCESSOS DE TRATAMENTO DE DADOS, INTERPRETAÇÃO

2. A. Metodologias

- (79) AITKEN, M. J. — 1961 — *Physics and Archaeology*, New-York, London
- (80) ALARCAO, J. de — 1964 — Demonstrações do uso do magnetómetro e do resistivímetro na pros-pecção de vestígios arqueológicos (...), *Rev de Guim.* LXXIV, pp. 367-369 (brevíssima refe-rência aos trabalhos de Aitken)
- (81) ATKINSON, R. J. C. — 1946 — *Field archaeology*, London
- (82) CHILDE, Vincent Gordon — 1956 — *Piecing together the Past, the interpretation of archaeological data*, London
- (83) CLARKE, D. L. — 1962 — Matrix analysis and archaeology with particular reference to British Beaker Pottery, *Proc. Preh. Soc.* XXVIII, pp. 371-382, Cambridge
- (84) COOKSON, M. B. — 1954 — *Photography for archaeologists*, London
- (85) CORNWALL, I. W. — *Soils for the Archaeologist*, (second impression), London
- (86) EMPERAIRE, Annette Laming — (dir. de) — 1952 — *La découverte du passé*, Paris
- (87) EMPERAIRE, Annette Laming — 1963 — *L'archéologie préhistorique*, Paris
- (88) FRÉDÉRIC, Louis — 1967 — *Manuel pratique d'archéologie*, Paris
- (89) GOURHAN, André Leroi — 1950 — *Les fouilles préhistoriques (Technique et méthodes)*, Paris
- (90) KERRICH/CLARKE, J. E./D. L. — 1967 — Notes on the possible misuse and errors of cumulati-ve percentage frequency graphs for the comparison of prehistoric artefact assemblages, *Proc. Preh. Soc.*, XXXIII, pp. 57-69, Cambridge
- (91) PYDDOKE, Edward — 1961 — *Stratification for the archaeologist*, London
- (92) PYDDOKE, Edward — (editor) — 1963 — *The scientist and archaeology*, London
- (93) WHEELER, (Sir) Mortimer — 1956 — *Archaeology from the earth*, London
- (94) WAHLE, Ernst — 1951 — A investigação do passado pré-histórico — Suas tendências no espaço e no tempo, *Rev. de Guim.*, LXI, pp. 112-125, Guimarães

2. b. Etnologia e História Comparada

- (95) BEHRENDT, Richard F. — 1964 — *L'Homme à la lumière de la Sociologie*, Paris
- (96) BERR, Henri — 1934 et 1953 — *En marge de l'histoire universelle*, Paris
- (97) BOAS, Franz — 1911 — *The Mind of Primitive Man*, New York
- (98) BOAS, Franz — 1961 — *Race, language and Culture*, New York
- (99) BUTZER, Karl W. Butzer — 1964 — *Environment and Archeology*, London (relações Homem-Meio Ambiente)
- (100) CAZENEUVE — 1967 — *L'ethnologie*, Paris
- (101) DESCAMPS, Paul — 1930 — *Etat social des peuples sauvages*, Paris
- (102) DEWEY, John — 1922 — *Humane Nature and Conduct*, New York
- (103) DIAS, Jorge — 1959 — *Ambiente Natural e História (Dinamismo Cultural)*, *Trab. de Antrop. e Etnologia*, N. S., XVII, pp. 103-116, Porto
- (104) DIAS, Jorge — 1961 — *Ensaio Etnológicos*, Lisboa
- (105) EVANS-PRITCHARD, E. E. — 1964 — *Social Anthropology and Other Essays*, New York
- (106) GAGET, Marcel — 1953 — *Guide d'étude directe des comportements des cultures*, Paris

- (107) GURVITCH, Georges — (dir. por) — 1960 — *Traité de Sociologie P. U. F.*, Vol. I, 1958 ; Vol. II, 1960
- (108) HERSKOVITS, Melville J. — 1952 — *Les bases de l'Anthropologie Culturelle*, (Trad. franc.) Paris, Payot
- (109) KROEBER, A. L. — 1952 — *The Nature of Culture*, Chicago
- (110) KROEBER/KLUCKHOHN, A. L./Clyde — s/d — *Culture, a critical review of concepts and definitions*, New York
- (111) LINTON, Ralph — 1936 e 1963 — *The study of man — an introduction*, New York, (7.^a ed. revista no México)
- (112) LOUIS, M. — 1949 — «Influences» et «Invasions», Riv. St. Liguri, XV, pp. 159-162, Bordighera
- (113) LOWIE, Robert — 1936 — *Manuel d'anthropologie culturelle*, Paris
- (114) LOWIE, Robert — 1960 — *Social Organization*, New York
- (115) LOWIE, Robert — 1966 — *Culture and Ethnology*, New York-London
- (116) LUBBOCK, John — 1877 — *Les origines de la civilisation*, Paris
- (117) MALINOWSKI, Bronislaw — 1933 — *Moeurs et costumes des Mélanésiens*, Paris
- (118) MALINOWSKI, Bronislaw — 1944 — *A scientific theory of culture, and other essays*, North Carolina
- (119) MALINOWSKI, Bronislaw — 1960 — *A Scientific theory of culture, and other essays*, New York, University Press
- (120) MAUDUIT, Jacques A. — 1960 — *Manuel d'Ethnographie*, Paris
- (121) MAUSS, Marcel — 1966 — *Sociologie et Anthropologie*, Paris
- (122) MERCIER, Paul — 1966 — *Histoire de l'Anthropologie*, Paris
- (123) MURDOCK, George Peter — 1953 — «The Processing of Anthropological Materials», *Anthropology Today*, pp. 476-487, Chicago
- (124) MURDOCK George Peter — 1965 — *Social Structure*, New York
- (125) RADIN, Paul — 1962 — *Le monde de l'Homme Primitif*, (trad. franc.), Paris, Payot
- (126) THOMSON, Donald F. — 1964 — *Some wood and Stone Implements of the Bindibu tribe of Central Western Australia*, P. P. S., XXX, pp. 400-422, Cambridge
- (127) STRAUSS, Claude Lévi — 1955 — *Tristes Tropiques*, Paris
- (128) STRAUSS, Claude Lévi — 1958 — *Anthropologie Structurale*, Paris
- (129) STRAUSS, Claude Lévi — 1961 — *Race et Histoire*, Paris
- (130) STRAUSS, Claude Lévi — 1962 — *La Pensée Sauvage*, Paris
- (131) STRAUSS, Claude Lévi — 1962 — *Le Totémisme Aujourd'hui*, Paris
- (132) STRAUSS, Claude Lévi — 1964 — *Mythologiques, I, le Cru et le Cuit*, Paris
- (133) STRAUSS, Claude Lévi — 1965 — *Le Totémisme aujourd'hui*, Paris
- (134) STRAUSS, Claude Lévi — 1966 — *Mythologiques, II, Du Miel aux Cendres*, Paris
- (135) STRAUSS, Claude Lévi — 1968 — «Mythologiques», III, «L'Origine des Manières de Table», Paris
- (136) THURNWALD, Richard — 1953 — *L'Esprit Humain*, (trad. franc.), Paris

2. c. O sagrado e profano

- (137) BACHELARD, Gaston — 1938 — *La Psychanalyse du feu*, Paris
- (138) BACHELARD, Gaston — 1942 — *L'eau et les rêves*, Paris
- (139) BACHELARD, Gaston — 1948 — *La Terre et les rêveries du repos*, Paris
- (140) BERGSON, Henri — 1932 — *Les deux sources de la morale et de la religion*, Paris
- (141) BRUHL, Lucien Lévy — 1927 — *L'âme primitive*, Paris
- (142) BRUHL, Lucien Lévy — 1931 — *Le surnaturel et la nature dans la mentalité primitive*, Paris
- (143) BRUHL, Lucien Lévy — *La mythologie primitive*, Paris, 1935
- (144) BRUHL, Lucien Lévy — 1938 — *L'expérience mystique et les symboles chez les primitifs*, Paris
- (145) BRUHL, Lucien Lévy — 1947 — *La mentalité primitive*, (14.^a ed.), Paris
- (146) BRUHL, Lucien Lévy — 1951 — *Les fonctions mentales dans les sociétés inférieures*, (9.^a ed.), Paris
- (147) BRUNSCHVICG, Léon — 1958 — *Science — Religion*, (Vol. III, de «Écrits philosophiques»), Paris
- (148) CAILLOIS, Roger — 1939 — *L'homme et le sacré*, Paris
- (149) CAZENEUNE, Jean — 1958 — *Les rites et la condition humaine*, Paris
- (150) CHALUS, Paul — 1963 — *L'Homme et la Religion — Recherches sur les sources psychologiques des croyances*, Paris
- (151) ELIADE, Mircea — 1949 — *Traité d'histoire des religions*, Paris
- (152) ELIADE, Mircea — 1951 — *Le chamanisme et les techniques archaïques de l'extase*, Paris
- (153) ELIADE, Mircea — s/d — *O sagrado e o profano*, (trad. port.), Lisboa

- (154) GOURHAN, André Leroi — 1964 — Les religions de la Préhistoire, Paris
 (155) JAMES, E. O. — 1959 — La Religion Préhistorique, Paris
 (156) JAMES, E. O. — 1960 — Le culte de la Déesse Mère, Paris
 (157) MARINGER, Johannes — 1958 — L'Homme préhistorique et ses dieux, Paris
 (158) NUNES, João de Castro — 1956 — O ídolo pré-histórico das Relvas, Rev. de Guim. LXVI, pp. 503-507, Guimarães
 (159) OTTO, Rudolf — 1968 — Le sacré, (trad. da 18.ª ed. alemã), Paris
 (160) PATTE, Etienne — 1960 — Les hommes préhistoriques et la religion, Paris
 (161) PRZYLUCKI, Jean — 1940 — La participation, Paris
 (162) PRZYLUCKI, Jean — 1950 — La Grande Déesse, Paris

3. CULTURAS OU TESTEMUNHOS CULTURAIS DO NEOLÍTICO

3. A. Estudos de Carácter Geral

- (163) APARISI, Julián San Valero — 1943 — En torno a la expansión del neolítico hispano, Am-purias, V, pp. 293-294, Barcelona
 (164) APARISI, Julián San Valero — 1946 — El Neolítico Español y sus relaciones (esquema de una tesis doctoral) Cuadernos de Historia Primitiva, I, p. 1, Madrid
 (165) APARISI, Julián San Valero — 1947 — La caverna de las Arenas Candidas y el Neolítico de Europe Occidental, Riv. St. Liguri, XIII, pp. 184-186, Bordighera
 (166) APARISI, Julián San Valero — 1948 a — La Península Hispánica en el mundo neolítico, Madrid
 (167) APARISI, Julián San Valero — 1948 b — El Neolítico y la Península Hispánica in Homenage a J. M. Santa-Olalla, Vol. III, Madrid
 (168) APARISI, Julián San Valero — 1954-1955 — El neolithico enropeo y sus raíces, Cuadernos de Historia Primitiva, 9-10, Madrid
 (169) APOLLINARIO, Maximiano — 1896 — Necropole neolithica de S. Martinho, Arch. Port., II, pp. 210-221, Lisboa
 (170) ARNAL, Jean — 1950 — A propos de la «néolithisation» de L'Europe occidentale, Zephyrus, I, pp. 23-27, Salamanca
 (171) ARNAL, Jean — 1953 — La structure du Néolithique français d'après les récentes stratigraphies, Zephyrus, IV, pp. 311-344, Salamanca
 (172) ARNAL, Jean — 1956 — La grotte de la Madeleine, Zephyrus, VII, pp. 33-79, Salamanca
 (173) ARNAL/BENAZET, J./G. — Contribution à l'étude de la Poterie Néolithique, Bull. Soc. Preh. Française, II, p. 541, Paris
 (174) AUDIBERT/FONTON, J./M. Escalon de — 1958 — Nouveaux aperçus sur le Néolithique méridional, Riv. di Studi Liguri, XXIV
 (175) BAILLOUD, Gérard — 1964 — Le néolithique dans le bassin parisien, (II supplément à «Gallia Préhistoire»), Paris
 (176) BAILLOUD/BOOFZHEIM, Gérard/Pierre Mieg de — 1955 — Les civilisations néolithiques de la France dans leur contexte enropéen, Paris
 (177) BREA, Bernabó — 1946 c 1956 — Gli scavi nella caverna delle Arene Candide, Vol. I, 1946; Vol. II, 1956, Bordighera
 (178) BREA, Luigi Bernabó — 1946 b — La successione della cultura nell'Italia settentrionale alla luce dei scavi delle Arene Candide, Riv. St. Liguri, pp. 20-28, Bordighera
 (179) BREA, Luigi Bernabó — 1947 — La stazione neolitica di Alba nel quadro della preistoria dell'Italia settentrionale, Riv. St. Liguri, XII, pp. 120-126, Bordighera
 (180) CORREIA, Virgílio — 1921 — El neolítico de Pavía, Madrid
 (181) CORTEZ, Fernando Russell — 1953 — Aspectos do neolítico de Portugal, Arch. Preh. Lev. IV, pp. 81-104, Valencia
 (182) CORTEZ, Fernando Russell — 1954 — Primórdios do Neolítico em Portugal, I Cong. Arq. del Marruecos Español, (Tetuán, 22-26, Junio, 1953) pp. 179-182, Tetuán
 (183) DELGADO, J. F. Nery — 1867 — Notícia acerca das grutas de Cesareda, Lisboa
 (184) FERREIRA, Fernando Bandeira — 1965 — Nova luz sobre a cronologia das civilizações Neolíticas, Conimbriga, IV, Coimbra
 (185) FONTON, Escalon de — 1951 — Châteauf-neuf-les-Martigues, Revue d'Etudes Ligures, XVII, pp. 132-141
 (186) FONTON, Max Escalon de — 1965 — Chasséen et Lagozzien, Congrès Preh. de France, XVI Session, pp. 550-557, Paris
 (187) GALAN/BESSAC, A./H. — 1955 — Notes préliminaires sur la grotte du Cros, (Saillac, Lot), Zephyrus, VI, pp. 285-292, Salamanca

- (188) GIMPERA, Pedro Bosch — 1958 — El neolítico europeo y sus pueblos: El problema indoeuropeo, *Zephyrus*, IX, pp. 141-162, Salamanca
- (189) GIMPERA, Pedro Bosch — 1965 a — Problèmes du néo-énéolithique de la Péninsule Ibérique, *Atti del VI Congresso Internazionale de Scienze preistoriche e Protostoriche*, II, Roma, 1962, pp. 340, 2
- (190) GIMPERA, Pedro Bosch — 1965 b — La significación del neolítico circummediterráneo, *Pyrenae*, pp. 21-30, Barcelona
- (191) GIMPERA, Pedro Bosch — 1965 c — Le néolithique circumméditerranéen, *Comptes-Rendus de l'Académie des Inscriptions et Belles Lettres*, pp. 356-375, Paris
- (192) GUILAINE, Jean — 1966 — Datations C 14 d'un gisement néolithique du Sud de la France, *Arch. Preh. Lev.*, XI, pp. 75-80, Valencia
- (193) GUILAINE/MUNOZ, Jean/Ana Maria — 1964 — La civilisation catalane des «sepulcros de fosa» et les sépultures néolithiques du Sud de la France, *Riv. St. Liguri*, XXX, pp. 5-30, Bordighera
- (194) HAWKES, Jacquetta — 1934 — Aspects of the neolithic and chalcolithic periods in western Europe, *Antiquity*, pp. 24-42, London
- (195) HAWKES, Jacquetta — 1938 — The significance of channelled ware in Neolithic Western Europe, *Archae. Journal*, pp. 126-173, London
- (196) LOUIS, M. — 1948 — La civilización neolítica de las mesetas del Languedoc Mediterráneo, *Arch. Esp. Arq.*, XXI, pp. 225-244, Madrid
- (197) MOTTES, J. Maluquer de — 1949 — La cultura de la Lagozza en Cataluña, *Riv. St. Liguri*, XV, pp. 46-49, Bordighera
- (198) NOUGIER, Louis-René — 1950 — Les civilisations campgniennes en Europe occidentale, *Le Mans*
- (199) PHILIPPE, Abbé J. — 1936-1937 — Le Fort X Harrouard. *L'Anthropologie*, 46, pp. 257-301 e 541-611; 47, pp. 29-238
- (200) PIGOTT, Stuart — 1963 — Les problèmes du néolithique occidental, *Civ. Atlant.*, 5-8
- (201) POISSON, G. — Les civilisations néolithiques et énéolithiques de la France, *Revue d'Anthropologie*, XXXVIII-XXXIX, 1928-1929, Paris
- (202) RAFOLS, J. de C. Bosch-Serra — 1927 — Etudes sur le Néolithique et l'Énéolithique de la France, *Revue Anthropologique* XXXVII
- (203) ROCHA, A. Santos — 1908 — Phases do neolítico em Portugal, *Arch. Port.*, XIII, pp. 193-201
- (204) ROCHE/FERREIRA, Abbé Jean/O. da Veiga — 1961 — Révision des boutons perforés en V de l'Énéolithique portugais, *L'Anthropologie*, 65, pp. 67-73, Paris
- (205) RODDEN, Robert J. — 1962 — Excavations at the early neolithic site at Nea Nikomedeia, Greek Macedonia, (1961 season) *Proc. Preh. Soc.*, XXVIII, pp. 267-288, Cambridge
- (206) SCOLLAR, Irwin — 1959 — Regional Groups on Michelsberg Culture, *Proc. Preh., Soc.*, XXV, pp. 52-134, Cambridge
- (207) SOLER, Alberto Ferrer — 1954 — Les Guixerres, de Vilovi (Penedes, Barcelona), yacimiento al aire libre del Neolítico Hispano-Mauritánico, *Cong. Arq. del Marruecos Español*, pp. 170-175, Tetuán
- (208) SULIMIRSKI, T. — 1964 Tripolyan Notes, *Proc. of the Preh. Soc.*, XXX, pp. 56-65, Cambridge
- (209) TORMO, I. Ballester — 1928 — La covacha sepulcral «Camí Real», (Albaida), *Arch. Preh. Lev.*, I, pp. 31-85, Valencia
- (210) VILASECA, Salvador — 1940 — El Cau d'en Serra, (Picamoixons, Valls), *Ampurias*, II, pp. 145-158, Barcelona
- (211) ZAMBOTTI, Pia Laviosa — 1943 — Le più antiche culture agricole europee, Milano

3. B. Agricultura Neolítica

- (212) HOPF, Maria — 1966 — *Triticum monococcum* L. y *triticum dicocum* Schübl, en el neolítico antiguo español, *Arch. Preh. Lev.*, XI, pp. 53-73, Valencia
- (213) LINDET, L. — 1899-1900 — Les origines du moulin à grains, *Rev., Arch.*, 3.^a série, XXXV, pp. 413-427; XXXVI, pp. 17-44
- (214) ROTHMALER, Werner — 1944 — Sobre a sistemática e a sociologia dos linhos em Portugal, *Agronomia Lusitana*, VI, t. 3.^o, Lisboa
- (215) SAUER, C. O. — 1952 — *Agriculture. Origins and Dispersals.*, New York
- (216) VASCONCELLOS, J. Leite de — 1929 — Mós de carácter primitivo, *Arch. Port.* XXVII, pp. 55-57, Lisboa

3. C. O grupo cardial

- (217) APARISI, Julián San Valero — 1942 — Notas para el estudio de la cerámica cardial de la

- cueva de la Sarsa (Valencia), *Actas y Mem. de la Soc. Esp. de Antrop. Etn. y Preh.*, XVII, p. 87, Madrid
- (218) APARISI, Julián San Valero — 1950 — La cueva de la Sarsa (Bocairente — Valencia), Valencia
- (219) BALLESTER, Enrique Pla — 1954 — La «Coveta del Barranc del Castellet» (Carrícola, Valencia), *Arch. Preh. Lev.* V, pp. 35-64, Valencia
- (220) BREA, Luigi Bernabó — 1950 — Il neolitico a ceramica impressa e la sua diffusione nel Mediterraneo, *Riv. St. Liguri*, XVI, pp. 25-36, Bordighero
- (221) CATALAN, Manuel Pellicer — 1964 — La cerámica impresa del neolitico inicial en el Mediterráneo occidental, *Zephyrus*, XV, pp. 101-124, Salamanca
- (222) COLOMINAS, J. — 1925 — La Prehistória de Montserrat
- (223) FERREIRA, Fernando Bandeira — 1960 — Reflexões a propósito de um fragmento de cerâmica cardial existente no Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos, *Rev. da Faculdade de Letras*, Lisboa
- (224) PELLICER, M. — 1964 — El Neolítico y el Bronce de la Cueva de la Carigüela de piñar (Granada), Madrid
- (225) PONSELL, F. — 1929 — La Cova de la Sarsa, *Arch. Preh. Lev.*, II, p. 87, Valencia
- (226) SCHUBART/PASCUAL, Hermanfrid/Vicente — 1966 — Datación por el carbono 14 de los estratos con cerámica cardial de la Coveta de l'Or, *Arch. Preh. Lev.*, XI, pp. 45-51, Valencia
- (227) VALLESPÍ, E. J. — 1957 — Ceramica Cardial en el Bajo Aragón, *Zephyrus*, VIII, pp. 275-278, Salamanca

3. D. A «cultura de las Cuevas»

- (228) CASTILLO, Alberto del — 1922 — La ceramica incisa de la cultura de las cuevas de la Peninsula Iberica y el problema de origen de la especie del vaso campaniforme, *Anuario de la Universidad de Barcelona*
- (229) CRUZ, J. Fernandez — 1946 — Cueva del neolítico hispano-mauritano de Zuhevos (Córdoba), *Cuadernos de Hist. Primitiva*, I
- (230) GIMPERA, Pedro Bosch — 1954 — La Cultura de las Cuevas en África y en España y sus relaciones, *I Cong. Arq. del Marruecos Españoles*, (Tetuan, 22-26 Junio, 1953), pp. 139-153, Tetuán
- (231) NATIVIDADE, M. Vieira — 1901 — Grutas de Alcobaça, *Portugália*, I, 3, pp. 433-474
- (232) TARRADELL, M. — 1964 — Para una revisión de las cuevas neolíticas del litoral andaluz, *VIII Cong. Nac. Arq. Sevilla — Málaga, 1963-1964*, pp. 154-162, Zaragoza

3. E. Almería

- (233) ALMAGRO/ARRIBAS, Martín/António — 1963 — El poblado y la necrópolis megalítica de los Millares, Madrid
- (234) ANDRADE/SERRALHEIRO, Ruy Freire/António — 1961 — O monumento megalítico do Monte das Pereiras, *Com. Serv. Geol. de Portugal*, XLV, Lisboa
- (235) CORTES, Fernando Ponsell — 1952 — Rutas de expansión cultural almeriense por norte de la provincia de Alicante, *Arch. Preh. Lev.*, III, pp. 63-68, Valencia
- (236) FERRER, Alberto — 1943 — La necrópolis almeriense de la «María Nova» (Villanueva y Geltrú), *Ampurias*, V, pp. 287, Barcelona
- (237) VIANA/FERREIRA/ANDRADE, Abel/O. da Veiga/Ruy Freire — 1961 — Um Túmulo de «tipo alcairense» nos arredores de Aljustrel, *Rev. de Guim. LXXI*, pp. 247-254, Guimarães

3. F. O chasséen

- (238) ARNAL, Jean — 1953 — La structure du néolithique français d'après récents stratigraphies, *Zephyrus*, IV, pp. 311-344, Salamanca
- (239) ARNAL, Jean — 1954 — Le chalcolithique, *Bull. Soc. Preh. Française*, LI, pp. 96-100, Paris
- (240) ARNAL, Jean — 1955 — A propos de la stratigraphie de Lough-Gur, *Zephyrus*, VI, pp. 121-129, Salamanca
- (241) ARNAL/PRADES, Jean/Henri — 1960 — El neolitico y calcolítico franceses, *Ampurias*, XXI, pp. 69-164
- (242) AUDIBERT, Jacques — 1958 — Réflexions sur le Chasséen, *B. S. P. F.*, LV, pp. 94-104
- (243) AUDIBERT/FONTON, Jacques/Max Escalon de — 1958 — Aperçus sur le Néolithique méridional, — *Revue d'Etudes Ligures*, XXIV, pp. 5-23

- (244) CAUVIN, Marie-Claire — 1960 — Industrie de technique campignienne du Vexin et du pays de Bray, *L'Antropologie*, 64, pp. 493-511, Paris
- (245) EDEINE, Bernard — 1960 — Du site de la Brèche-au-Diable (dit aussi du Mont-Joly), commune de Soumont-Saint-Quentin. Datation d'un habitat néolithique chasséen, *B. S. P. F.*, LVII, pp. 331-333 Paris
- (246) MÉROC, Louis — 1962 — Le village et la sépulture chasséens de Villeneuve-Tolosane (Haute-Garonne, France), *Zephyrus*, XIII, pp. 94-96, Salamanca
- (247) RIQUET, Raymond — 1959 — Chassey où es-tu ? *Bull. Soc. Preh. Française*, LVI, pp. 364-374, Paris

4. O MEGALITISMO

- (248) ALMAGRO, Martin — 1942 — La cultura megalítica en el Alto Aragón. Ampurias. IV, pp. 155-169, Barcelona
- (249) BRIARD/HELGOUACH, J./J. L' — 1957 — Chalcolithique, Néolithique Secondaire, survivances néolithiques à l'Age du Bronze Ancien en Armorique, Rennes
- (250) DANIEL, Glyn — 1941 — The dual nature of the megalithic colonisation of prehistoric Europe, *Proceedings of the Preh. Soc.*, 7, pp. 1-51, London
- (251) DANIEL, Glyn — 1950 — The prehistoric chamber tombs of England and Wales, Cambridge
- (252) DANIEL, Glyn — 1955 — The Allées Couvertes of France, *Archae. Journal*, pp. 1-19, London
- (253) DANIEL, Glyn — 1958 — The Megalith Builders of Western Europe, London
- (254) DANIEL, Glyn — 1960 — The prehistoric chamber Tombs of France, London
- (255) DANIEL, Glyn — 1963 — Problèmes relatifs à la diffusion des mégalithes, *Civ. Atlant.*, pp. 15-18, Rennes
- (256) DANIEL/POWELL, G. E./T. G. E. — 1952 — Distribuição e cronologia dos «sepulcros de corredor» nas Ilhas Británicas, *Rev. de Guim. LXII*, pp. 5-64, Guimarães
- (257) GOURHAN/BAILLOUD/BREZILLON, André Leroi/Gerard/M. — 1962 — L'hypogée des Mournouards, (Mesnil-sur-Oger, Marne) *Gallia Preh.*, V, pp. 23-134
- (258) GROSJEAN, Roger — 1958 — Deux monuments circulaires mégalithiques de la Moyenne vallée du Taravo (Corse), *Gallia Preh.*, I, pp. 1-38, Paris
- (259) LEISNER, Georg — 1938 — Verbreitung und Typologie der galizisch nordportugiesischen Megalithgräber, Marburg
- (260) LEISNER, Georg/Vera — 1943 — Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel, I, Berlin
- (261) LEISNER, Georg — 1944 — O dólmen de falsa cúpula de Vale-de-Rodrigo, *Biblos*, XX, Coimbra
- (262) LEISNER, Georg — 1949 — Antas dos arredores de Évora, Évora
- (263) LEISNER, Georg/Vera — 1951 — Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz, Lisboa
- (264) LEISNER, Georg/Vera — 1951 — A anta das Cabeças, *Arq. Port.*, II, I, pp. 7-35, Lisboa
- (265) LEISNER, Georg/Vera — 1955 — Antas nas Herdades da Casa de Bragança no Concelho de Estremoz, Lisboa
- (266) LEISNER/FERREIRA, Vera/Octávio da Veiga — 1959 — Os monumentos megalíticos de Trigache e A-da-Beja, *I Cong. Nac. de Arq.*, pp. 187-195, Lisboa
- (267) LEISNER, Vera — 1959 — Die Megalithgräber (...) der Westen, Berlin
- (268) LLOBREGAT, Enrique A. — 1966 — Estudio de los megalitos portugueses por los Leisner, y las cuevas de enterramiento multiple del Pais Valenciano, *Arch. Preh. Lev.*, XI, pp. 81-90, Valencia
- (269) MARQUES/LEISNER, C. Cérdan/Georg e Vera — 1952 — Los sepulcros megalíticos de Huelva, Madrid
- (270) MOTES, J. Maluquer de — 1942 — La cerámica con asas de apéndice de botón y el final da la cultura megalítica del nordeste de la península, *Ampurias*, IV, pp. 171-188, Barcelona
- (271) NORDMANN, C. A. — 1935 — The megalithic culture of Northern Europe, Helsinki
- (272) PANYELLA/TARRADELL, A./M. — 1943 — Excavaciones en dólmenes del Alto Ampurdán, *Ampurias*, V, pp. 167-184, Barcelona
- (273) PERICOT, Luis — 1943 — Exploraciones dolménicas en el Ampurdán, *Ampurias*, V, pp. 133-165, Barcelona
- (274) PINA/CARVALHO, Henrique Leonor/A. M. G. — 1962 — A Anta da Velada das Eguas, Barrocal-Évora, Évora
- (275) RIBEIRO, Carlos — 1880 — Estudos Prehistoricos em Portugal, II — Monumentos Megalithicos das Visinhanças de Bellas, Lisboa
- (276) ROUZIC, Zacharie le — 1933 Morphologie et chronologie des sépultures préhistoriques du Morbihan, *L'Anthropologie*, XLIII, pp. 225-265

- (277) ROUZIC, Zacharie le — 1934 — Le mobilier funéraire des sépultures préh. du Morbihan, L'Anthropologie, XLIV, pp. 485-524
- (278) SANCHEZ/SPANHI, M. Garcia/J. C. — 1959 — Sepulcros megalíticos de la región de Gorafe (Granada), Arch. Preh. Lev., VIII, pp. 43-113, Valencia
- (279) SCHUBART, Hermanfrid — 1965 — As duas fases de ocupação do túmulo de cúpula do Monte do Outeiro, nos arredores de Aljustrel, Rev. de Guim. LXXV, pp. 195-204, Guimarães
- (280) STEKÉLIS, M. — 1935 — Les monuments mégalithiques de Palestine, Paris
- (281) VAULTIER/ZBYSZEWSKI, M./Georges — 1951 — Le dólmen de Casal do Penedo (Verdelha dos Ruivos) Trab. Antrop. Etn., XIII, pp. 17-33, Porto
- (282) VIANA/FERREIRA/ANDRADE, Abel/Octávio da Veiga/Ruy Freire de — 1961 Descoberta de dois monumentos de falsa cúpula na região de Ourique, Rev. de Guim., LXXI, pp. 5-12, Guimarães
- (283) VIANA/FERREIRA/FORMOSINHO, Abel/Octávio da Veiga/José — 1954 — Estudos arqueológicos nas Caldas de Monchique. Relance das explorações nas necrópoles da Idade do Bronze, do ano de 1937 ao de 1949, Trab. Antrop. Etn. (N. S.), XV, pp. 17-54, Porto
- (284) VIANA/ZBYSZEWSKI/ANDRADE/SERRALHEIRO/FERREIRA, Abel/Georges/Ruy Freire de/António/Octávio da Veiga 1959 Contribuição para o conhecimento da Arqueologia Megalítica do Baixo Alentejo, I Cong. Nac. Arq., pp. 197-213, Lisboa

5. A. «CULTURA DO VASO CAMPANIFORME»

5. A. Estudos de carácter geral

- (285) CASTILLO, Alberto del — 1922 — La cerámica incisa de la cultura de las cuevas de la Península ibérica y el problema de origen de la especie del Vaso campaniforme, Anuario de la Universidad de Barcelona
- (286) CASTILLO, Alberto del — 1928 — La cultura del Vaso campaniforme — Su origen y extensión en Europa, Barcelona
- (287) CASTILLO, Alberto del — 1943 — Cronología de la cultura del vaso campaniforme en la Península Ibérica, Archivo Español de Arqueología, pp. 388-435, Madrid
- (288) CASTILLO, Alberto del — 1944 — Cronología de la Cultura del Vaso Campaniforme en Europa, Arch. Esp. de Arq., n.º 54, pp. 1-67, Madrid
- (289) CASTILLO, Alberto del — 1955 — El Vaso campaniforme cordado en la Península Ibérica, Crónica del IV Congreso Internacional de Ciencias preh. e protoh. 1954 en Madrid, pp. 445-458, Zaragoza
- (290) CASTILLO, Alberto del — 1956 — El Vaso campaniforme, IV Congreso Internacional de Ciencias Prehistoricas y Protohistoricas Madrid 1954, Saragosa
- (291) FERREIRA, Octávio da Veiga — 1954 — Acerca da cultura do vaso campaniforme em Portugal, Trab. Antr. Etn. (N. S.), XV, 1-2, pp. 5-16, Porto
- (292) FERREIRA, Octávio da Veiga — 1955-1957 — Acerca dos monumentos funerários da cultura do vaso campaniforme em Portugal, Trab. Antr. Etn. (N. S.), XVI, 3-4, pp. 203-218, Porto
- (293) FERREIRA, Octávio da Veiga — 1966 — La culture du Vase Campaniforme au Portugal, Lisboa
- (294) GIMPERA, Pedro Bosch — 1940 — The types and chronology of west european beakers, Man, XI, pp. 6-10, London
- (295) GIMPERA, Pedro Bosch — 1962 — L'expansion du vase campaniforme, Munero archaeologica Iosepho Kostrzewski, Poznan
- (296) OLALLA, Julio Martínez Santa — 1947 — Obras maestras hispanicas de la ceramica de estilo campaniforme, Cuadernos de Historia Primitiva, 2, pp. 65-94, Madrid
- (297) SANGMEISTER, E. — 1963 — Exposé sur la civilisation du vase campaniforme, Civ. Atlant., 25-56, Rennes
- (298) SAVORY, Hubert N. — 1950 — A influência do povo «Beaker» no primeiro período da Idade do Bronze na Europa Ocidental, Rev. de Guim., LX, pp. 350-375, Guimarães
- (299) SCHER, Bernardo Berdichewski — 1964 — Los enterramientos en cuevas artificiales del Bronce I Hispanico, Madrid
- (300) SMITH, M. A. — 1953 — Iberian Beakers, Proc. Preh. Soc., XIX, pp. 95-107, Cambridge
- (301) SMITH, Margaret A. — 1955 — Campaniformes Ibéricos —, Rev. de Guim., LXV, pp. 272-298, (trad. port. do estudo anterior), Guimarães
- (302) VAULTIER/FERREIRA, Maxime/O. da Veiga — 1959 — Vasos de «Tipo campaniforme» de países longínquos, Actas e Mem. I Cong. Nac. Arq., pp. 441, Lisboa

5. B. O Mundo Mediterrânico

- (303) ACANFORA, M. O. — 1955 — Sui vasi campaniformi dell'Italia settentrionale
- (304) ARNAL, Jean — 1959 Récentes découvertes de vases campaniformes dans la Vallée du Rhône, Arch. Preh. Lev., VIII, Valencia
- (305) AUDIBERT, J. — 1961 — Note préliminaire sur la céramique caliciforme en France, Riv. St. Liguri, XXVII, pp. 97-109, Bordighera
- (306) BAZILE, F. — 1969 — Recherches sur la céramique campaniforme en Languedoc Oriental. Du campaniforme à Nages (Gard.), Bulletin de la S. P. F., T. 66, n.º 3, pp. 86-87, Paris
- (307) BONSOR, Georges — 1899 — Les colonies agricoles pré-romaines de la vallée du Bétis, Revue Archéologique, XXXV, pp. 126-159, 232-325 e 376-391, Paris
- (308) BOUISSET/GUILAINE, P/Jean — 1969 — Datation radiocarbone d'un gisement chalcolithique du Narbonnais, Bulletin de la Soc. Preh. Française, T. 66, n.º 3, Mars, pp. 83-85, Paris
- (309) BRAY, M. — 1964 — Sardinian Beakers, Proc. Preh. Soc., Cambridge
- (310) CANAMERAS, F. Durán — 1943 — Notas arqueológicas de Menorca, Ampúrias, V, p. 37, Barcelona
- (311) COURTIN, J. — 1962 — La caverne de la Grande Baume, Gallia Préh.
- (312) COURTIN/PUECH, J./H. — 1963 — Découverte de la première phase de l'âge du Bronze en Basse-Provence, Cahiers Ligures de Preh. et d'Arch., 12
- (313) DUSSAUD, René — 1914 Les civilisations préhelléniques dans le bassin de la Mer Egée, Paris
- (314) EVANS, John O. — 1953 — The Prehistoric Culture-Sequence in the Maltese Archipelago, Proc. Preh. Soc., XIX, pp. 91-94, Cambridge
- (315) EVANS, J. D. — Two phases of Prehistoric Settlement in the West Mediterr., Univ. of London, Archaeol. Inst. Ann-Rep. 13
- (316) GRANDEL, Henri Martin — 1959 — L'allée couverte de Boun Marcou a Mailhac (Aude), Gallia Preh., II, pp. 39-56
- (317) GUILAINE, Jean — 1966 a — Vases Campaniformes decorés à la cordelette dans le sud de France, Arq. e Hist., XII, pp. 287-301, Lisboa
- (318) GUILAINE, Jean — 1966 b — L'épée du Vernet, près Sanerdon, et la question des groupes épicanpaniformes, Bull. S. P. F., Juin, CCIII-CCIX
- (319) GUILAINE, Jean — 1967 — La Civilisation du Vase Campaniforme dans les Pyrénées Français, Carcassonne
- (320) LEVI, D. — 1952 — La Necropoli di Anghelu Ruju e la civiltà eneolitica della Sardegna, St. S., p. 5
- (321) NOUGIER, Louis-René — 1953 — Le vase polypode «Pyrénéen». Essai sur sa répartition et sa valeur chronologique, Zephyrus, IV, pp. 131-141, Salamanca
- (322) PEET, E. T. — 1908 — The Stone and Bronze Ages in Italy and Sicily, Oxford
- (323) ROUDIL/BAZILE/SOULIER, J. L./F./M. — 1969 — L'habitat campaniforme de Saint-Côme et Maruéjols (Gard.) Bulletin de la S. P. F., T. 66, n.º 3, Mars, pp. 88-91, Paris
- (324) SANGMEISTER, Edward — 1957 — Ein geschlossener Glockenbecher-fund im Museum Cordova, Zephyrus, VIII, pp. 257-267, Salamanca
- (325) TAFFANEL, O./J. — 1957 — La station préhistorique d'Embusco, Cah. Lig. de Preh. et Arch., 6, pp. 53-72
- (326) VILARÓ, J. Serra — 1923 — El vas campaniformes a Catalunya y les coves sepulcrales éneolítiques, Solsona

5. C. O Mundo Atlântico

5. C. 1. Em geral

- (327) ABERCROMBY, J. — 1912 — A study of the Bronze Age pottery of Great Britain and Ireland, Oxford
- (328) CASTILLO, Alberto del — 1954 — La cazuela de la cueva de Dar-es-Soltan y su procedencia hispánica, I Cong. Arq. del Marruecos Español, Tetuán, 22-26, Junio, pp. 163-170, Tetuán
- (329) GIOT/BRIARD/HELGOUACH, P. R./J./J. L. — 1958 — L'allée couverte de Men-as-Rompét à Kerbors (Côtes du Nord), Gallia Preh., I, pp. 67-77, Paris
- (330) GRIFFITHS, W. E. — 1957 — The Typology and Origins of Beakers in Wales, Proc. Preh. Soc., XXIII, pp. 57-90, Cambridge
- (331) HELGOUACH, J. L. — 1963 — La céramique campaniforme en Armorique, Repartition — Formes — Décors, Civ. Atlantiques, 3 b, pp. 57-88, Rennes
- (332) JODIN, André — 1965 Nouveaux documents sur la civilisation du vase campaniforme au Maroc, Congrès Preh. de France, XVI Session, pp. 677-686, Paris

- (333) KOEHLER, P. H. — 1931 — La Grote d'Achakar au cap Spartel, Collexio Marrochitana, publ. pelo Eveché de Rabat, Maroc., I, Bordeaux
- (334) PIGGOTT, Stuart — 1954 — The neolithic cultures of the British isles, Cambridge
- (335) RUHMANN, Armand — 1951 — La grotte préhistorique de Dar-es-Soltan, Hespèris, XI, pp. 100 e sqq., Paris
- (336) WAALS/GLASBERGEN, J./D. Van der — 1955 — Beaker Types and their distribution in the Netherlands, Palaeohistoria, Acta et Communicationes Instituti Bio-Archaeologici Groningana, IV, pp. 5-46

5. C. 2. Portugal

5. C. 2. 1. povoados

- (337) ANDRADE/GOMES, Gil Miguéis/J. J. Fernandes — 1959 — Estudo preliminar da estação pré-histórica de Carnaxide, I Cong. Nac. de Arq., pp. 137-146, Lisboa
- (338) BARBOSA, Ernani — 1956 — O Castro da Pedra de Ouro (Alenquer), Arq. Port., II, Vol. III, pp. 75-85
- (339) CORREIA, Virgílio — 1915 — A exploração arqueológica da Serra das Mutelas (Torres Vedras), Arch. Port., XIX, p. 264, Lisboa
- (340) FRANÇA, J. Camarate — 1948 — A estação pré-histórica do Alto da Cabreira (Monsanto), Trab. Antrop. e Etnol. N. S., XI, 3-4, pp. 291-298, Porto
- (341) FRANÇA, J. Camarate — 1949 — A estação pré-histórica do Alto das Perdizes, Trab. Antrop. e Etnol., N. S., XII, 1-2, pp. 16-113, Porto
- (342) FRANÇA/FERREIRA, J. Camarate/O. da Veiga — 1951 — A estação pré-histórica do Alto do Montijo, Trab. Antrop. Etn. XIII, 1-2, Porto
- (343) GONÇALVES, Victor dos Santos — 1966 — O Castro Pré-Histórico da Rotura — Setúbal, Porto
- (344) JALHAY/PAÇO, Eugénio/Afonso do — 1948 — Lisboa há 4 000 anos — A estação pré-histórica de Montes Claros (Monsanto), Lisboa e Seu Termo, I, pp. 51-58
- (345) JALHAY/PAÇO/RIBEIRO, Eugénio/Afonso do/Leonel — 1944 — Estação pré-histórica de Montes Claros (Monsanto), Revista Municipal, n.ºs 20-21, pp. 17-28, Lisboa
- (346) JALHAY, E. — 1946 — O monumento pré-histórico do Casal do Zambujal, Brotéria, XLII, Lisboa
- (347) JALHAY/PAÇO/RIBEIRO, E./Afonso do/Leonel — 1944 — Estação pré-histórica de Montes Claros (Monsanto), Bol. Cult. e Estatístico da C. M. L., 20, 21, Lisboa
- (348) LEISNER/SCHUBART, Vera/Hermanfrid — 1966 — Die Kupferzeitliche Befestigung von Pedra do Ouro, Portugal, Madrider Mitteilungen 7, pp. 9-60
- (349) MARQUES, Manuel Gustavo — 1967 — Castro Eneolítico de Sesimbra — Notícia do seu achado, Bol. do C. E. Museu, Arq. pp. 10-16 e pp. 17-21, Sesimbra
- (350) PAÇO, Afonso do — 1940 — Figurinha de Barro da Pedra do Ouro, I. Cong. do Mundo Português, Porto
- (351) PAÇO/BARTHOLO, Afonso do/M. L. — 1954 — Considerações acerca da estação arqueológica de Montes Claros (Monsanto) e da sua cerâmica campaniforme, Brotéria, LIX, p. 200, Lisboa
- (352) PAÇO/BARTHOLO, Afonso do/Maria L. — 1961 — Nota acerca de uma escudela do Povoado do Bronze I de Montes Claros, (Monsanto - Lisboa), Zephyrus, XII, pp. 230-233, Salamanca
- (353) PEREIRA, Félix Alves — 1914-1915 — Estação arqueológica do Outeiro da Assenta (Obidos), Arch. Port. XIII, 1914, pp. 135-146 e Arch. Port. XX, 1915, pp. 107-155, Lisboa
- (354) SANGMEISTER/SCHUBART/TRINDADE, E./H./L. — 1966 — Escavações no Castro Eneolítico do Zambujal (Torres Vedras - Portugal), 1964
- (355) SERRÃO/VICENTE, E. Cunha/E. Prescott — 1956 — Note préliminaire de la station énéolithique de Negrals, Crónica del IV Congreso Internacional de Ciencias prehistóricas y protoh., Madrid 1954, pp. 601-613, Zaragoza
- (356) SERRÃO/VICENTE, E. Cunha/Eduardo Prescott — 1958 — O castro eneolítico de Olelas, Com. Serv. Geol. Portugal, XXXIX, pp. 87-125, Lisboa
- (357) VASCONCELLOS, José Leite de — 1915 — História do Museu Etnológico Português, (sobre o Castro de Bragança), Lisboa
- (358) VICENTE/SERRÃO, Eduardo Prescott/Eduardo da Cunha — 1959 — O castro eneolítico de Olelas, os Monumentos n.º 1 e n.º 2, I Cong. Nac. de Arq., pp. 299-315, Lisboa
- (359) ZBYSZEWSKI/FERREIRA, Georges/O. da Veiga — 1958 — Estação Pré-histórica da Penha Verde (Sintra), Com. Serv. Geol. Portugal, XXXIX, pp. 37-60, Lisboa
- (360) ZBYSZEWSKI/FERREIRA, G./O. da Veiga — 1959 — Segunda campanha de escavações na Penha Verde (Sintra), I Cong. Nac. de Arq., pp. 401-406, Lisboa

5. C. 2. 2. Vila Nova de S. Pedro

Campanhas

- (361) PAÇO/JALHAY, Afonso do/Eugénio — 1939 — A póvoa eneolítica de Vila Nova de S. Pedro, notas sobre a 1.^a e 2.^a campanha — 1937 a 1938, Brotéria, XXVIII, XXIX
- (362) PAÇO/JALHAY, Afonso do/Eugénio — 1942 — Notas sobre a 3.^a, 4.^a e 5.^a campanha — 1939, 1940, 1941, Brotéria, XXXIV, Lisboa
- (363) PAÇO/JALHAY, Afonso do/Eugénio — 1943 — Notas sobre a 6.^a campanha — 1942, Brotéria, XXXVII
- (364) PAÇO, Afonso do — 1954 — Castro de Vila Nova de S. Pedro, VI — Campanhas Arqueológicas de 1943 a 1950 (n.º 7 a n.º 14), Arqueologia e História, 8.^a S., III, Lisboa
- (365) PAÇO/ARTHUR, Afonso do/Maria de Lourdes Costa — 1952 — Castro de Vila Nova de S. Pedro, 1 — 15.^a Campanha de Escavações (1951), Brotéria, LIV, p. 289
- (366) PAÇO/SANGMEISTER, Afonso do/Edward — 1956 — Castro de Vila Nova de S. Pedro, VIII — Campanha de escavações de 1955 (19.^a), Arqueologia e História, VII, Lisboa
- (367) PAÇO, Afonso do — 1958 — Castro de Vila Nova de S. Pedro, X — Campanha de escavações de 1956 (20.^a) (adiamento: campanhas de escavações de 1952, 1953 e 1954 — 16.^a, 17.^a e 18.^a), Anais da Academia Portuguesa de História, II série, Vol. 8, pp. 43-91, Lisboa

Estudos com numeração própria

- (368) JALHAY/PAÇO, Eugénio/Afonso do — 1945 — El castro de Vilanova de San Pedro Actas y memorias de la Sociedad Española de Antropología, Etnología y Prehistoria, XX, Madrid
- (369) PAÇO/ARTHUR, Afonso do/Maria de Lourdes Costa — 1952 — Castro de Vila Nova de S. Pedro, II — Alguns objectos metálicos, Zephyrus, III, Salamanca
- (370) PAÇO/ARTHUR, Afonso do/Maria de Lourdes Costa — 1952 — Castro de Vila Nova de S. Pedro, III — Perfis de bordos de Vasos não ornamentados, «O Instituto», V. 115, Coimbra
- (371) PAÇO/ARTHUR, Afonso do/Maria de Lourdes Costa — 1953 — Castro de Vila Nova de S. Pedro, IV — Sementes pre-históricas de Linho, Arch. Preh. Lev., IV, pp. 151-157, Valencia
- (372) PAÇO/ARTHUR, Afonso do/Maria de Lourdes Costa — 1954 — Castro de Vila Nova de S. Pedro, V — Nota sobre sementes pré-históricas, I Cong. Arq. del Marruecos Español, pp. 183-187, Tetuán
- (373) PAÇO, Afonso do — 1955 — Castro de Vila Nova de S. Pedro, VII — Considerações sobre o problema da metalurgia, Zephyrus, VI, pp. 27-40, Salamanca
- (374) PAÇO, Afonso do — 1957 — Castro de Vila Nova de S. Pedro, IX — Forno de cozer cerâmica, Rev. de Guim., LXVII, pp. 83-94, Guimarães
- (375) PAÇO, Afonso do — 1959 — Castro de Vila Nova de S. Pedro, XI — Nota sobre un tipo de cerámica del estrato Vila Nova I, Ampurias, XXI, pp. 252-260, Barcelona
- (376) PAÇO, Afonso do — 1960 — Vila Nova de S. Pedro, XII — Alguns objectos de osso e marfim, Zephyrus, XI, pp. 105-120, Salamanca
- (377) PAÇO, Afonso do — 1961 — Castro de Vila Nova de S. Pedro, XIII — Recipientes de osso e de calcário, Conimbriga, II-III, pp. 167-179

Estudos diversos

- (378) BLANCE, Beatrice — 1957 — Sobre o uso de Torreões nas muralhas de recintos fortificados do 3.^o milénio a.C., Rev. de Guim., LVII, 1-2, pp. 169-177, Guimarães
- (379) JALHAY, E. — 1942 — O castro eneolítico de V. N. S. Pedro e as suas relações com o Norte Africano e o Mediterrâneo Oriental, Congresso Luso-Esp. para o Progresso das Ciências, Porto
- (380) PAÇO, Afonso do — 1941 — Revisão dos problemas do paleolítico, mesolítico e asturiense/Figurinha de barro da Pedra de Ouro/Placas de barro de Vila Nova de S. Pedro, Com. 1.^o Cong. Port., 1940, Porto
- (381) PAÇO, Afonso do — 1943 — Uma vasilha de barro de grandes dimensões do Castro de Vila Nova de S. Pedro, Ass. Port. Prog. Cienc., Porto
- (382) PAÇO, Afonso do — 1954 — Sementes pre-históricas do Castro de Vila Nova de S. Pedro, Anais da Acad. Port. Hist., II Série, V. 5, Lisboa
- (383) PAÇO, Afonso do — 1955 — Do Castro de la Vila Nova de S. Pedro, A citania de Santfins, III Congresso Arqueológico Nacional, Galicia, 1953, pp. 516-524, Zaragoza
- (384) PAÇO, Afonso do — 1958 — Castro de Vila Nova de S. Pedro, Anais da Acad. Port. Hist., II série, VIII, Lisboa

- (885) PAÇO, Afonso do — 1959 — Escavações e problemas do castro Vila Nova de S. Pedro e da citânia de Sanfins, I Cong. Nac. Arq., pp. 261-269, Lisboa
- (386) PAÇO/SANGMEISTER, Afonso do/Edward — 1956 — Vila Nova de S. Pedro — eine befestigte Siedlung der Kupferzeit in Portugal, Germania, 34, pp.211-230, Berlin

5. C. 2. 3. Necrópoles

Grutas naturais

- (387) APOLINARIO, M. — Gruta do Furadouro, Arch. Port., III, p. 86
- (388) BELO/TRINDADE/FERREIRA, R./L./O. da Veiga — 1961 — Gruta da Cova da Moura (Torres Vedras), Com. Serv. Geol. Port., XLV, pp. 391, Lisboa
- (389) CORRÊA/TEIXEIRA, A. Mendes/Carlos — 1949 — A Jazida Pré-Histórica de Eira Pedrinha (Condeixa), Lisboa
- (390) ISIDORO, Agostinho F. — 1964 — Estudo do Espólio Antropológico da Gruta Neo-eneolítica do Bugio (Sesimbra), Trab. Antrop. Etnol., XIX, pp. 221-284, Porto
- (391) MONTEIRO/SERRÃO, Rafael/Eduardo da Cunha — 1959 — Estação Isabel — necrópole pré-histórica da Azóia, Actas e Mem. I Cong. Nac. Arq., pp. 407-429, Lisboa
- (392) MONTEIRO/ZBYSZEWSKI/FERREIRA, Rafael/Georges/O. da Veiga — 1967 — Uma notável placa de xisto encontrada na Lapa do Bugio (Azóia), Rev. de Guim., LXXVI, pp. 323-328, Guimarães
- (393) NOGUEIRA, A. de Mello — 1933 — Estação pré-histórica de Olelas, Lisboa
- (394) PAÇO, Afonso do — 1966 — Grutas de Alcobaça — Aditamento, Zephyrus, XVII, pp. 89-99, Salamanca
- (395) PAÇO/BARTHOLO/BRANDÃO, Afonso do/Maria de Lourdes/Augusto — Novos achados arqueológicos nas grutas de Cascais, Actas e Mem. I Cong. Nac. Arq., p. 147, Lisboa
- (396) PAÇO/VAULTIER/ZBYSZEWSKI, Afonso do/Maxime/Georges — 1947 — Gruta da nascente do rio Almonda, Trab. Antrop. e Etnol., N. S., 1-2, pp. 171-187, Porto
- (397) PEREIRA, Félix Alves — 1916 — Anriquitus, I — As grutas de Cascais, Arch. Port., XXI, p. 195, Lisboa
- (398) ZBYSZEWSKI/VIANA, Georges/Abel — 1949 — Grutas de Macieira (Vimeiro), Trab. Antrop. e Etnol., N. S., XII, 1-2, pp. 114-125, Porto

Grutas artificiais

- (399) CRUZ, P. Belchior da — 1903 — Sociedade Arqueológica da Figueira, 7.ª sessão plenária, 3 — As grutas de Palmela, Arch. Port., VIII, p. 85, Lisboa
- (400) CRUZ, P. Belchior da — 1906 — As Grutas de Palmela. Boletim da Sociedade Archeologica Santos Rocha, Figueira da Foz
- (401) HELENO, Manuel — 1933 — Grutas artificiais do Tojal de Vila Chã (Carenque), Lisboa
- (402) HELENO, Manuel — 1942 — Gruta artificial da Ermegeira, Ethnos, II, Lisboa
- (403) JALHAY/PAÇO, Eugénio/Afonso — 1941 — A gruta II da necrópole de Alapraia, Anais da Acad. Port. Hist., N. S., IV, pp. 107-140, Lisboa
- (404) LEISNER/PAÇO/RIBEIRO, Vera/Afonso do/Leonel — 1964 — Grutas artificiais de S. Pedro do Estoril, Lisboa
- (405) LEISNER/ZSYSZEWSKI/FERREIRA, Vera/Georges/O. da Veiga — 1961 — Les grottes artificielles de Casal do Pardo (Palmela) et la Culture du vase campaniforme, Lisboa
- (406) MELIDA, J. Ramón — 1920 — La cerámica prehistorica decorada. Los vasos de las grutas de Palmella, Arch. Port., XXIV, pp. 23-32, Lisboa
- (407) PAÇO, Afonso do — 1955 — Necrópole de Alapraia, Anais Ac. Port. História, 6, 2.ª série, pp. 28-140, Lisboa
- (408) PAÇO/JALHAY, Afonso do/Eugénio — 1935 — As grutas de Alapraia, Brotéria, XXI

dolmens

- (409) FERREIRA, Octávio da Veiga — 1963 — Algumas estações inéditas ou pouco conhecidas, Bol. Junta Distrital, 59-60, Lisboa
- (410) TRINDADE/FERREIRA, Leonel/O. da Veiga — 1956 — A necrópole de Cabeço da Arruda (Torres Vedras), Anais Fac. Cienc. XXXVIII, Porto
- (411) TRINDADE/FERREIRA, Leonel/O. da Veiga — 1963 — Sepultura pré-histórica da Serra da Vila (Torres Vedras), Rev. de Guim., LXXIII, Guimarães
- (412) VAULTIER/ZBYSZEWSKI, M/Georges — 1951 — Le dolmen de Casal do Penedo (Verdelha dos Ruiuos), Trab. Antrop. Etn., XIII, 1-2, Porto

tholoi

- (413) APOLLINARIO, M. — 1896 — Necropole neolítica do Valle de S. Martinho, Arch. Port., II, pp. 210-221, Lisboa
- (414) CORREIA, Virgílio — 1914 — A exploração arqueológica da Serra das Mutelas, Arch. Port., XIX, Lisboa
- (415) FERREIRA, Octávio da Veiga — 1953 — O Monumento prehistórico de Aqualva (Cacém), Zephyrus, IV, pp. 145-166, Salamanca
- (416) FERREIRA, Octávio da Veiga — 1957 — Acerca dos monumentos funerários da cultura do vaso campaniforme em Portugal, Trab. Antrop. Etnol., XV, 3-4, Porto
- (417) FERREIRA/LEISNER/FERREIRA, A. Ribeiro/Vera/O. da da Veiga — 1961 — Monumentos megalíticos de Trigache e A-da-Beja, Com. Serv. Geol. Port., XLV, Lisboa
- (418) MELO/FORTUNATO/FRANÇA/FERREIRA, O. Pereira de/V./J. Camarate/O. da Veiga — 1961 — O monumento pré-histórico da Bela Vista (Colares), Com. Serv. Geol. Port., XLV, Lisboa
- (419) RIBEIRO, Carlos — 1880 — Notícia de algumas estações e monumentos pré-históricos, Lisboa
- (420) VASCONCELOS, José Leite de — 1902 — Sepulturas prehistoricas de caracter mycenense, Arch. Port., VIII, pp. 127-134, Lisboa

5. D. Os grupos do Interior Ibérico

- (421) BALLESTER, Enrique Pla — 1958 — La covacha de Ribera (Cullera — Valencia), Arch. Preh. Lev., VII, pp. 23-54, València
- (422) CASTILLO, Alberto del — 1953 — Las tres capas de la cueva de Mora de Somaen (Soria), Arch. Preh. Lev., IV, 1-16, Valencia
- (423) FRIAS, T. Ortego y — 1955 — Aportaciones al estudio del vaso campaniforme, Zephyrus, VI, pp. 179-182, Salamanca
- (424) JORDA/ALCACER, P./J. — 1949 — La Covacha de Llatas, Valencia
- (425) LORIANA, Marqués de — 1942 — Nuevos hallazgos del vaso campaniforme en la Provincia de Madrid, Arch. Esp. Arq., XV, Madrid
- (426) MONTEAGUDO, Luis — 1953 — Album grafico de Carmona, por G. Bonsor, Arch. Esp. de Arq., 88, pp. 356-370, Madrid
- (427) MOTES, Juan Maluquer — 1960 — Nuevos hallazgos de la cultura del vaso campaniforme en la Meseta, Zephyrus, XI, pp. 119-130, Salamanca
- (428) PERICOT, Luis — 1927 — Los vasos campaniformes de la colección la Iglesia, Coruña
- (429) VALLS/GRAU, Fletcher/J. Alcacer — 1958 — El Castillarejo de los Moros (Andilla — Valencia), Arch. Preh. Lev., VII, pp. 93-110, València

5. E. Os grupos «orientais»

- (430) ARNAL/BLANC, Jean/A. — 1959 — Recentes découvertes de vases campaniformes dans la Vallée du Rhône, Arch. Preh. Lev., VIII, pp. 145-161, Valencia
- (431) BONNET, F. — 1965 — La civilisation campaniforme en Haute-Alsace, Congrès Preh. de France, XVI^e Session, pp. 302-306, Paris
- (432) CASTILLO, Alberto del — 1951 — La cultura del vaso campaniforme en Austria y su posible origen a la luz de los nuevos descubrimientos, Ampurias, XII, pp. 35-64, Barcelona
- (433) CHILDE, Vincent Gordon — 1946 — The significance of cord-ornamented Bell-Beakers, Homenaje a Julio Santa-Olalla, I, pp. 196-201, Madrid
- (434) PULSZKY, M. de — 1877 — L'âge du cuivre en Hongrie, Cong. International d'Anthr. et d'Arch. Préhistoriques, p. 220, Budapest
- (435) SCOLLAR, I. — 1959 — Regional groups in the Michelsberg culture, Proc. Preh. Soc., pp. 52-134, Cambridge

6. INTER-INFLUENCIAS, CONTACTOS DE CULTURAS

- (436) BREA, Luigi Bernabó — 1949 — Le culture preistoriche della Francia Meridionale e della Catalogna e la successione stratigrafica delle Arene Candide, Riv. St. Liguri, IV, pp. 21-45, Bordighera
- (437) BREA, Luigi Bernabó — 1954 — La Sicilia prehistórica y sus relaciones con Oriente y con la Península Ibérica, Ampurias, XV-XVI, pp. 137-213, Valencia
- (438) CHILDE, Vincent Gordon — 1950, a — Prehistoric Migrations into Europe, Oslo

- (439) CHILDE, Vincent Gordon — 1950 b — Algumas analogias das cerâmicas pré-históricas britânicas com as portuguesas, *Rev. de Guim.*, LX, pp. 5-16, Guimarães
- (440) CORRÊA, A. A. Mendes — 1932 — Migraciones prehistoricas en la Peninsula Ibérica, *Trab. Soc. Port. Antrop. Etn.*, V, p. 354, Porto
- (441) CORRÊA, A. A. Mendes — 1933 — Les Migrations préhistoriques. Le témoignage spécial de la Péninsula Ibérique, *Rev. Anthr.*, XLIII, p. 267, Paris
- (442) DIAS, Jorge — 1953 — Um brêz de Montemuro e um cesto egípcio da XII dinastia, *Rev. de Guim.*, LXIII, pp. 133-139, Guimarães
- (443) FLEURE/PEAKE, H. J./H. J. E. — 1930 — Megaliths and Beakers *Journal of the Royal Anthropological Institute of Great Britain and Ireland*, LX, p. 47
- (444) GARROD, D. A. E. — 1953 — The relations between South-West Asia and Europe in the lates Palaeolithic Age, *Cahiers d'histoire mondiale*, I, 1
- (445) GIMPERA, Pedro Bosch — 1931 — Relaciones prehistóricas de Irlanda con el Occidente de la Péninsula Ibérica, Coimbra
- (446) GIMPERA, Pedro Bosch — 1933 — Relations préhistoriques entre l'Irland et l'Ouest de la Péninsule Ibérique, *Préhistoire*, II, pp. 195-250, Paris
- (447) GIMPERA, Pedro Bosch — 1955 — «Nèò-énéolithique espagnol et africain», *Actes du Congrès panafricain de Préhistoire*, II session, Alger, 1952, Paris
- (448) GIMPERA, Pedro Bosch — 1966 — Cultura megalítica portuguesa y Culturas españolas, *Rev. de Guim.*, LXXVI, pp. 249-306, Guimarães
- (449) KOEHLER, P. H. — 1941 — La céramique de la grotte d'Achakar (Maroc) et ses rapports avec celles des civilisations de la Péninsule Ibérique, *Revue Anthropologique*, pp. 156-167
- (450) LEISNER, Georg — 1945 — A cultura eneolítica do Sul da Espanha e suas relações com Portugal, *Arqueologia e História*, I, Lisboa
- (451) PERICOT, Luis — 1954 — Sobre el problema de las relaciones preneolíticas entre España y Marruecos, *I Cong. Arq. Marruecos Español*, p. 56, Tetuán
- (452) PIGGOTT, Stuart — 1947 — Relações entre Portugal e as Ilhas Britânicas nos começos da Idade do Bronze, *Rev. de Guim.*, LVII, pp. 139-152, Guimarães
- (453) RELLINI, H. — 1933 — Parallelismi italo-iberici nello svolgimento delle cultura primitiva, *Com. Serv. Geol. Port.*, XIX, p. 3, Lisboa
- (454) TOPP, Celia — 1959 — Some Balkan and Danubian influences to southern and eastern Spain, *Arch. Preh. Lev.*, VIII, pp. 115-123, Valencia
- (455) WHITE, E. Mac — 1951 — Estudios sobre las Relaciones Atlânticas de la Peninsula Iberica en la Edad del Bronce, Madrid

7. CRONOLOGIA

- (456) ALMAGRO, Martín — 1959 — La primera fecha absoluta para la cultura de los Millares a base del carbono 14, *XXI, Ampurias*
- (457) BASCH, Martín Almagro — 1959 — Elementos para la cronologia del Bronce I en la Péninsula Ibérica, *I Cong. Nac. de Arq.*, pp. 161-185, Lisboa
- (458) CLARK, J. G. D. — 1965 — Radiocarbon dating and the expansion of farming culture, *Proc. Preh. Soc.*, XXXI, pp. 58-73, Cambridge
- (459) DANIEL, Glyn — 1958 — The chronology of the French Collective Tombs, *Proc. Preh. Soc.*, XXIV, pp. 1-23, Cambridge
- (460) FONTON, Max Escalon de — 1958 — La valeur chronologique relative de la stratigraphie du Néolithique, *Gallia Preh.* pp. 79-92, Paris
- (461) LEISNER, Vera — 1964 — Primeras fechas de radiocarbono 14 para la cultura megalítica ibérica, *VIII Cong. Nac. Arq. Sevilla-Málaga*, 1963, pp. 207-215, Zaragoza
- (462) LEISNER/FERREIRA, Vera/Octávio da Veiga — 1963 — Primeiras datas de radiocarbono 14 para a cultura megalítica portuguesa, *Rev. de Guim.*, LXXIII, 3-4, pp. 358-366, Guimarães

Apêndices

O meio geográfico do Castro da Rotura

- (463) CHOFFAT, Paul — 1908 — Essai sur la tectonique de la chaîne de l'Arrabida, *Memórias Com. Serv. Geol. Port.*, Lisboa
- (464) CHOFFAT, Paul — 1912-1913 — Rapports de géologie économique 1 — Sur les sables aurifères marins d'Adiça et sur d'autres dépôts aurifères de la côte occidentale de la péninsule de Setúbal, *Comunicações Serv. Geol. Port.*, IX, 1913, pp. 1-25, Lisboa

- (465) RIBEIRO, Carlos — 1872-1873 — Descrição da costa marítima compreendida entre o Cabo de S. Vicente e a Foz do Rio Douro, Rev. de Obras Públicas e Minas, III
- (466) RIBEIRO, Carlos — 1886 — Descrição do terreno quaternário das bacias dos rios Tejo e Sado, Memórias Com. Serv. Geol. Port., Lisboa
- (467) RIBEIRO, Orlando — 1935 — A Arrábida. Esboço geográfico, (tese de Doutoramento), Lisboa
- (468) ZBYSZEWSKI/FERREIRA/MANUPPELLA/ASSUNÇÃO, Georges/O. da Veiga/G./C. Torre da — 1965 — Notícia explicativa da folha 38 — B (Setúbal) da Carta Geológica de Portugal na escala 1/50,000, Lisboa

B. o problema da Metalurgia

- (469) COGHLAN/CASE, H. H./H. — 1957 — Early metallurgy of Copper in Ireland and Britain, Proc. Preh. Soc., XXIII, pp. 91-123, Cambridge
- (470) COGHLAN/WILLOWS, H. H./R. — 1962 — A note upon native Copper: its occurrence and properties, Proc. Preh. Society, XXVIII, pp. 58-67, Cambridge
- (471) NESTOR, Ion — 1955 — Sur les débuts de la Métallurgie du Cuivre et du Bronze en Roumanie, Academie de la République populaire Roumaine, Bucarest
- (472) PINTO, Ruy de Serpa — 1930 — Explotaciones mineras de la Edad del Bronce en Portugal, Investigación y Progreso, VII, 6, Madrid
- (473) PINTO, Ruy de Serpa — 1933 — Activité minière et métallurgique pendant l'age do Bronze au Portugal, Porto
- (474) ROCHA, A. Santos — 1898 — Alguns vestígios da epocha do cobre, colligidos no Museu Municipal da Figueira, Rev. Sc. Nat. Soc., V, pp. 14-25, Porto
- (475) SANGMEISTER, E. — 1960 — Metalurgia y comercio en la Europa prehistorica, Zephyrus, XI, pp. 131-140, Salamanca
- (476) SELIMKHANOV, I. R. — 1964 — Was Native Copper used in Transcaucasia in Eneolithic Times?, P. P. S., XXX, pp. 66-74, Cambridge

RÉSUMÉ

PRÉFACE — L'auteur précise les circonstances qui l'ont emmené à l'étude du *Castro da Rotura*.

INTRODUCTION — Les buts poursuivis sont énoncés d'abord, avant d'une analyse systématique des «outils» qui font défaut pour une vraie compréhension de la Préhistoire du Portugal et qui en ont limité les *processus* de recherche.

I^e PARTIE — Localisation du site et description du milieu géographique et culturel.

L'auteur fait, surtout, une nouvelle étude des matériaux recueillis dans les grottes artificielles de Casal do Pardo (Palmela). Propose une disposition culturelle des objets, en trois périodes. Il souligne, même, que seulement les malheureuses fouilles qu'y ont été conduites empêchent une vision plus nette. La séquence proposée est la suivante :

Période I — creusement des grottes et premières inhumations (néolithiques).

Période II — inhumations des bâtisseurs de mégalithes.

Période III — inhumations d'artisans de vases campaniformes.

Entre la Période I et II (ou entre la II et III, on n'en est pas sûr) il pourrait exister une autre série d'inhumations, chronologiquement synchrones à Vila Nova de S. Pedro I. Mais les mauvaises fouilles de ce *Castro* nous obligent à noter simplement les liens entre les matériaux sans que l'on puisse déterminer une séquence chronologique acceptable.

Dans la Période III il faudrait, très vraisemblablement, voir deux séries d'inhumations campaniformes. Mais ce n'est qu'une hypothèse de travail, du moins dans l'état actuel de nos connaissances.

II^e PARTIE — Histoire des premières fouilles au Castro da Rotura (de c. 1878 jusqu'à c. 1903), qui n'ont été, sauf celles de A. I. Marques da Costa, que des gaspillages de matériaux.

L'auteur fait des considérations sur les objets recueillis par les premiers fouilleurs du *Castro*.

III^e PARTIE — Méthodes et problèmes liés aux fouilles de l'auteur. Journal des travaux et exposition des résultats.

Une stratigraphie qui semble être très intéressante est celle qui suit.

III a — le niveau le plus archaïque. Céramique très primitive, décorée avec des impressions d'ongles ; haches de section ovale, percuteurs, couteaux en silex, sans retouche, armatures de flèche à base droite, des vestiges du travail de la pierre, débris de faune utilisée dans l'alimentation (*Balanus tintinabulum*, *Glycymeris sp.*, *Pecten maximus*, *Tapes decussatus*, *Purpura haemastoma*, *Cervus elaphus*). On a aussi trouvé des vertèbres de *Teleostomidae* et des ossements de *Cervus elaphus* présentant des vestiges de sciage et grossièrement polis.

IIc — haches de section quadrangulaire, percuteurs, herminettes, armatures de flèche, *cardium* et *dosinia* perforées ; céramique généralement atypique mais un fragment présente un point de préhension (ESTAMPA XII, 6 e 7), comme dans les matériaux des dolmens de Reguengos de Monsaraz (Alentejo).

IIb — un magnifique meule à grain (ESTAMPA XIV), céramique « chasséenne (ESTAMPA XVII), « copos » (il s'agit d'exemplaires proches de ceux de Vila Nova de S. Pedro I) ; poinçons, perçoirs, « alênes », manches d'outils en tibia d'*ovis*, en os ; hameçons en cuivre et creusets. Des perles en callaïs.

IIa — céramique de parois épaisses et incisions obtenues avec un poinçon de pointe émoussée (ESTAMPA XXIV, 1), décorée avec « dents-de-loup », céramique de motifs en quadrillé, céramique « feuille-de-acácia ». Outils en cuivre. On a aussi trouvé des fragments de deux vases campaniformes A (voir, dans le texte, la grammaire descriptive de la céramique campaniforme), du type aussi dit Pan-européen ou International ou de Styles Simples, dont il est curieux de constater la présence, ce niveau étant, sous les points de vue stratigraphique

et chronologique, immédiatement antérieur aux deux niveaux campaniformes.

Ib et Ia — les niveaux au campaniforme et les derniers de l'occupation du site. La richesse en campaniformes est telle que presque tous les décors connus s'y trouvent. Le cuivre apparaît sous la forme de couteaux, de hameçons, de ciseau, de poinçons. Comme instruments de pierre on ne trouve que des haches de section rectangulaire et quelques autres outils, atypiques.

IV^e PARTIE — Analyse critique systématique des principales théories sur l'origine et diffusion du vase campaniforme.

L'auteur a choisi cinq théories considérées «exemplaires» — Castillo, Bosch-Gimpera, Georg et Vera Leisner, Edward Sangmeister, Hubert Savory — et il les a étudiées à tour de rôle. Tout en se doutant de leur solidité, il essaie de démontrer que, dans la majorité des constructions on est devant des abstractions trop pressées, dérivées d'interprétations abusives des assemblages d'outils. Les éléments fournis par Barnenez D et Rotura II a n'étant pas du tout suffisants, l'auteur refuse le *Rückstrom* proposé par Sangmeister et, en désaccord avec quelques points avancés par Savory, refuse aussi l'attribution au Campaniforme de l'introduction de la métallurgie du cuivre si bien que l'association Campaniforme — boutons perforés en V — «brassards d'archer» — ornements en or, faute d'éléments stratigraphiques pour appuyer ces hypothèses.

Ensuite, l'auteur propose une division de la céramique campaniforme en deux groupes — Campaniforme A, International ou de Styles Simples et Campaniforme B, Pan-Régionaliste ou de Styles Composites. Le premier se divisant en trois sous-groupes et douze variantes, le second en six sous-groupes et douze variantes connues.

Un panorama de l'insertion du Campaniforme dans les autres cultures de son temps est présenté ensuite, tout en faisant référence à une séquence culturelle qui part d'un Néolithique évolué, vers la période où deviennent sensibles les influences d'Almeria (Los Millares), vers la construction de forteresses à remparts circulaires et, enfin, une période mal connue où l'on vérifie un changement de tonalité dans les influences méditerranéennes.

Le nom «campaniforme», trop précis et trop vague, peut indiquer quatre choses bien différentes :

- 1) céramique non décorée mais de profil campaniforme.
- 2) céramique typiquement campaniforme (profil et décoration).
- 3) céramique de décoration «campaniforme» mais présentant des profils divers.
- 4) céramique de profil campaniforme (plus ou moins accentué) mais de décoration locale. Il se peut que ce soient des exemplaires qui n'ont rien à voir avec le Campaniforme du Chalcolithique du Portugal et, dans certains cas, d'Europe.

Le premier de ces groupes apparaît rarement ; le second peut indiquer une nette progression commerciale venue d'Ibérie ; le troisième, une adaptation régionale de la «mode» campaniforme, sous l'influence des importations d'Ibérie ; le quatrième (la plupart des exemplaires trouvés en Angleterre, en Tchécoslovaquie et — dans un cas très intéressant de convergence culturelle — en El Obeid et d'autres sites du Proche Orient Antique) est, jusqu'à présent, bien mal connu mais il semble être indépendant du Campaniforme Ibérique.

À l'égard de Ciempozuelos, l'auteur accepte les points de vue de Maluquer de Motes, qu'il résume au sujet de cette céramique tardive.

Pour conclure la IV^e Partie, l'auteur souligne la différence qui existe entre *artisans de vases campaniformes* et *détenteurs de vases campaniformes*. Dans ce dernier cas, il n'y a pas lieu de parler de *sites campaniformes* (du moins *a priori*) mais de *sites avec des vases campaniformes*. Cette élémentaire distinction a été trop oubliée, même par les chercheurs portugais qui se veulent *experts en campaniformes* et qui n'ont pas eu, dans ce cas, la moindre notion de critique historique ou, tout simplement, de bon sens.

Dans certaines assemblages, le vase campaniforme est un élément intrusif, ce qui est particulièrement remarquable hors du Portugal. En effet, dans les autres régions d'Europe nous ne connaissons que des campaniformes en nécropoles, ce qui paraît démontrer qu'il s'agit d'offrandes qui n'appartiendraient pas, d'origine, aux peuples qui ont fait les inhumations. Au Portugal, à Rotura, Chibanes ou Vila Nova de S. Pedro, nous trouvons une considérable variété de formes et de décors campaniformes, là où les gens habitaient. La plupart des pièces ont des affinités indiscutables avec les cultures chronologiquement antérieures et une longue évolution est visible dans les motifs de décoration.

V° PARTIE — Résumé général et Conclusions. La chronologie proposée pour les six niveaux du Castro da Rotura est la suivante.

III a — c. — 5 000 (*post quem*)

II c — ?

II b — c. — 3 000 — c. — 2 500

II a — ?

I b — c. — 2 000 (*post quem*)

I c — c. — 1 500 (*ante quem*)

Et l'auteur reprend, en finissant cette thèse de licence présentée à l'Université de Lisbonne en Janvier 1970, une phrase de M. Louis sur les «Jules Verne de la Préhistoire». Citation qui lui semble pertinente à l'égard d'une culture qui, si souvent, a été victime de fantaisies mirobolantes et sans aucun appui réel.

ÍNDICE GERAL

Plano do texto	11
Prefácio	15
Introdução	21
1. tema e propósitos	21
2. ferramentas em falta	25
PARTE I. O CASTRO	
I. 1. 1. localização e descrição	37
I. 1. 2. ambiente geográfico	39
I. 2. ambiente cultural	40
PARTE II. AS PRIMEIRAS ESCAVAÇÕES	
II. 1. os primeiros escavadores	53
II. 2. considerações sobre o espólio	60
PARTE III. NOVAS ESCAVAÇÕES. METODOS E PROBLEMAS	
III. 1. as prospecções e sondagens	65
III. 2. os objectos recolhidos	73
PARTE IV. A CULTURA DO VASO CAMPANIFORME	
IV. 1. O que se entende por Cultura do V. Campaniforme	
IV. 1. 1. Abertura	87
IV. 1. 2. 1. Castillo	92
IV. 1. 2. 2. Bosch-Gimpera	97
IV. 1. 2. 3. Leisner	106
IV. 1. 2. 4. Sangmeister	105
IV. 1. 2. 5. Savory	110
IV. 2. Uma nova posição	
IV. 2. 1. o conceito da cultura em Pré-História	117
IV. 2. 2. o Vaso Campaniforme	121
IV. 2. 3. o «conjunto campaniforme»	128
IV. 2. 4. panorâmica	131
IV. 3. Áreas de distribuição e influência do V. Campaniforme	
IV. 3. 1. Mediterrâneo	138
IV. 3. 2. Atlântico	145
IV. 3. 3. Interior Ibérico	148
IV. 3. 4. «Grupos Orientais» — dúvidas e problemas	150
IV. 3. 5. Considerações finais	152

PARTE V. CONCLUSOES

V. 1. os níveis I a e I b da Rotura e o V. Campaniforme	157
V. 2. cronologia	160
V. 3. síntese geral	163

PARTE VI. BIBLIOGRAFIA

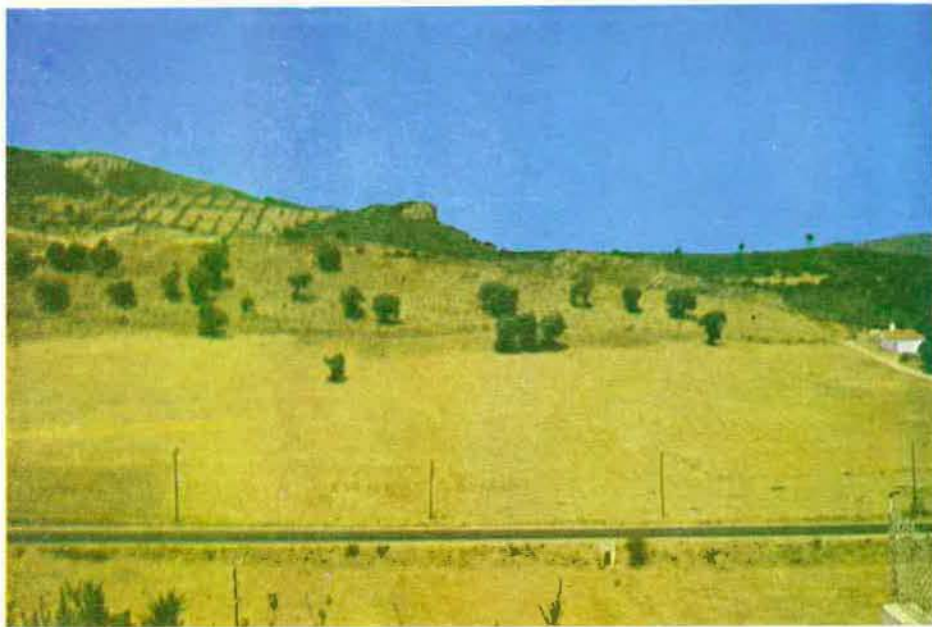
1. Obras de carácter geral	173
2. Processos de tratamento de dados	175
3. Testemunhos Culturais do Neolítico	177
4. O Megalitismo	180
5. O Vaso Campaniforme	181
6. Contactos de Culturas	186
7. Cronologia	187
RESUMÉ	189

ESTAMPAS *

* fotografias do autor, desenho da estampa XXXVI de Pimenta de Araújo, dos serviços técnicos do fomento da Junta Distrital.

ESTAMPA I

I a e I b — duas panorâmicas do Castro da Rotura, tiradas da estrada que liga Setúbal a Cacilhas



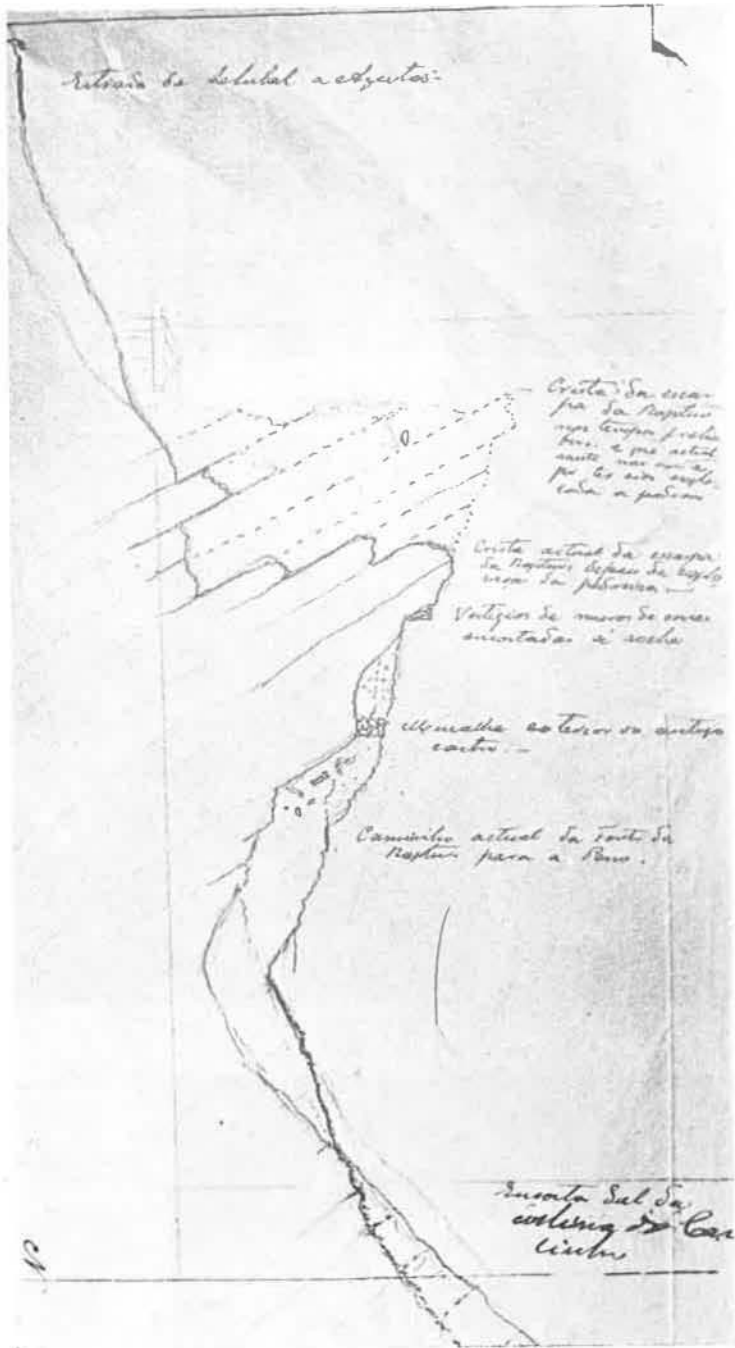
ESTAMPA II

o Castro da Rotura visto da lombada do Casalinho. Em primeiro plano, as sondagens de Dezembro de 1968. Em segundo plano, a área da zona-testemunho (não escavada)



ESTAMPA III

perfil do Castro da Rotura, segundo manuscrito inédito de António Ignácio Marques da Costa. Datável do primeiro decénio do nosso século, identifiquei-o entre várias centenas de folhas manuscritas que constituem o espólio do arqueólogo, hoje guardado na Biblioteca Municipal de Setúbal.

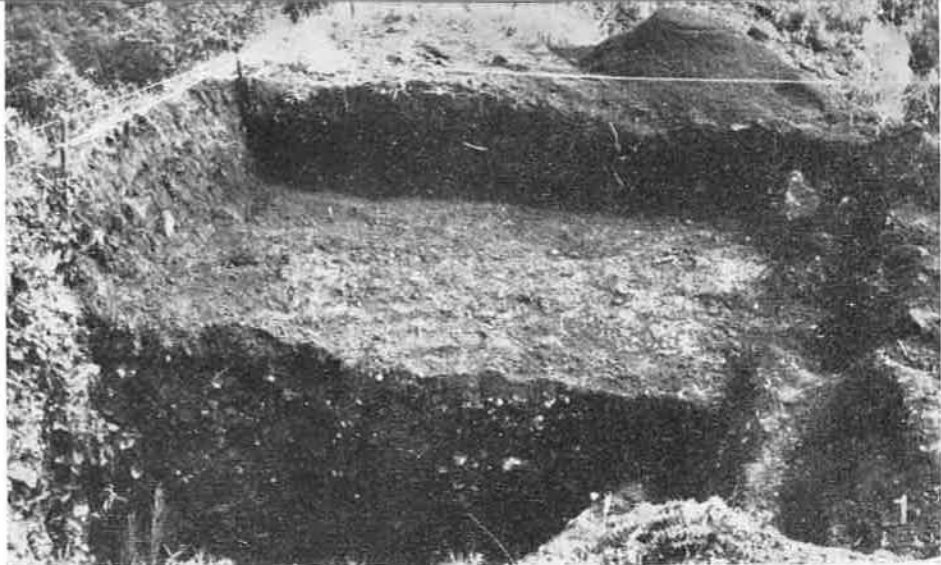


ESTADIA IV

detalhes da escavação :

1. execução de uma sondagem de verificação pelo processo da decapagem controlada, em duas fases (estratigrafia artificial)
2. decapagem segundo uma sucessão estratigráfica já definida
3. isolamento de um muro por decapagem controlada

ESTAMPA IV

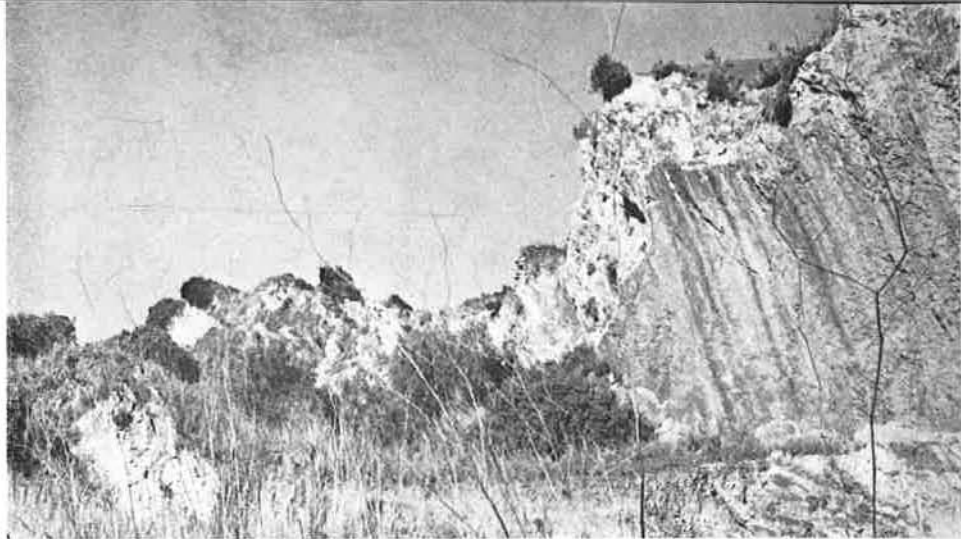


ESTAMPA V

1. a inclinação dos estratos terciários da Rotura, vista de um dos acessos
2. o dr. Hermanfrid Schubart (primeiro plano) e o prof. Edward Sangmeister de Freiburg, aquando da sua visita ao Castro
3. a constituição do ponto de arranque de um muro
A — rocha-mãe B — estrato de entulhamento propositado
C — pedras toscamente aparelhadas, formando a base da construção

ESTAMPA V

1



2

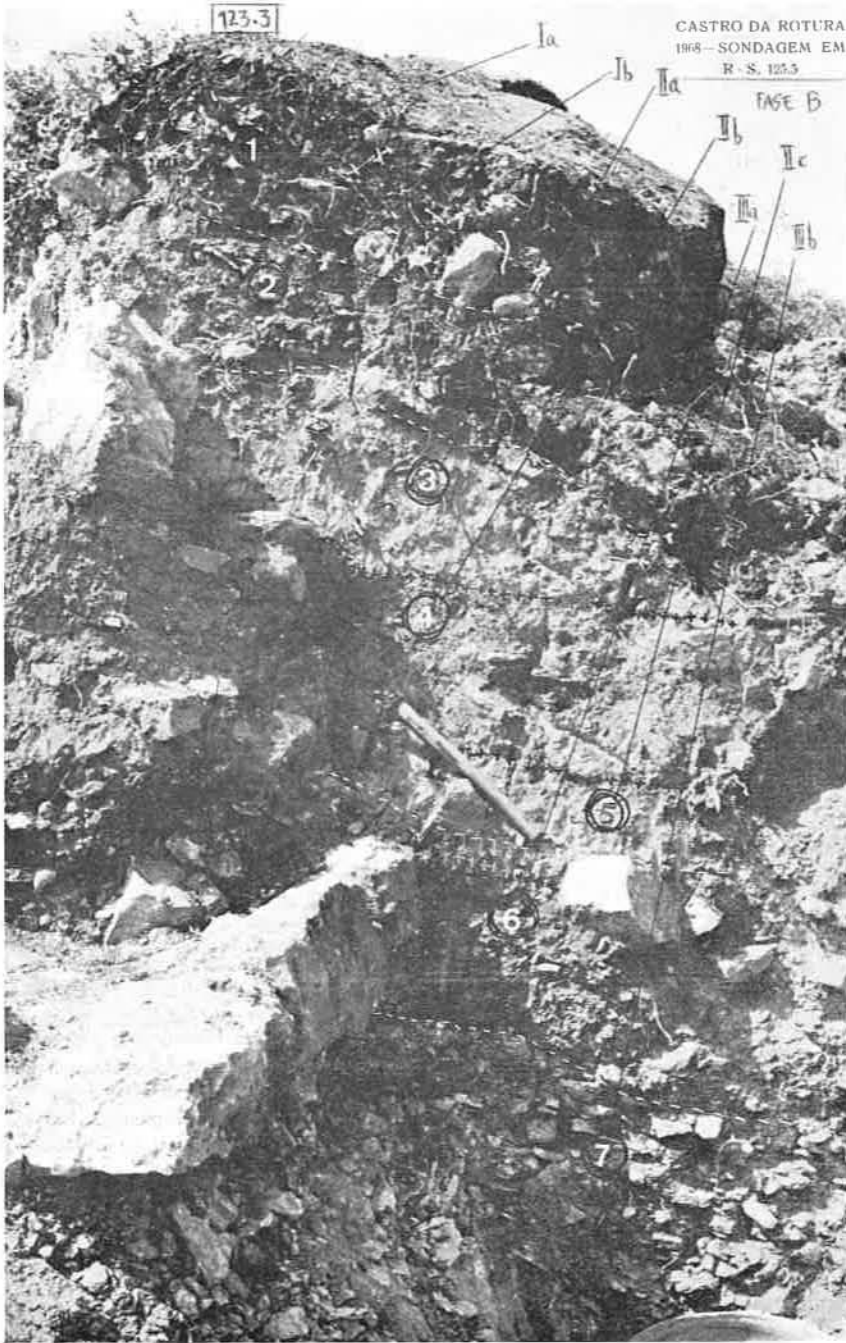


3

ESTAMPA VI

uma fotografia de trabalho, utilizada durante o decurso da escavação. Em primeiro plano, a construção da Est. V. 3

ESTAMPA VI

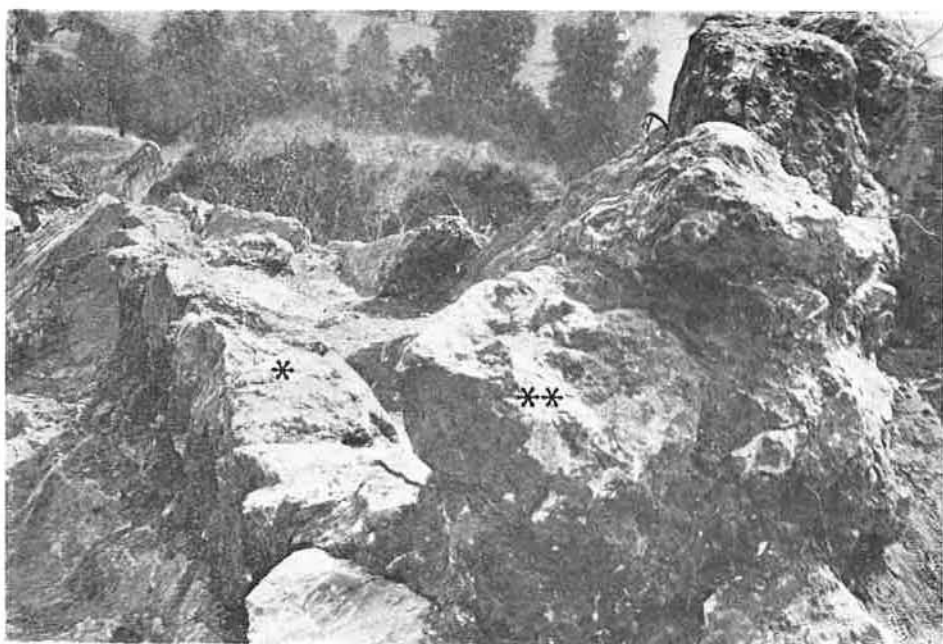
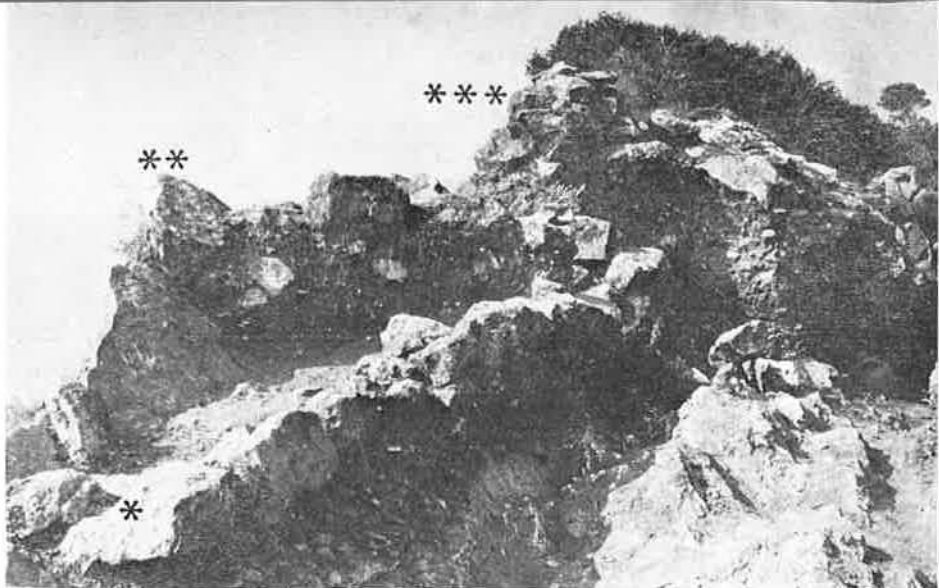


ESTAMPA VII

1. três fases distintas nas construções identificadas
2. a sobreposição dos vestígios das duas construções mais antigas
3. restos de um muro, junto ao talhão — testemunho, idêntico aos mais arcaicos do Zambujal (informação oral de E. Sangmeister)

ESTAMPA VII

1



2

3



ESTAMPA VIII

- a. definição de um concheiro em II a
- b. pormenor de um concheiro em II b (transição provável para II c)

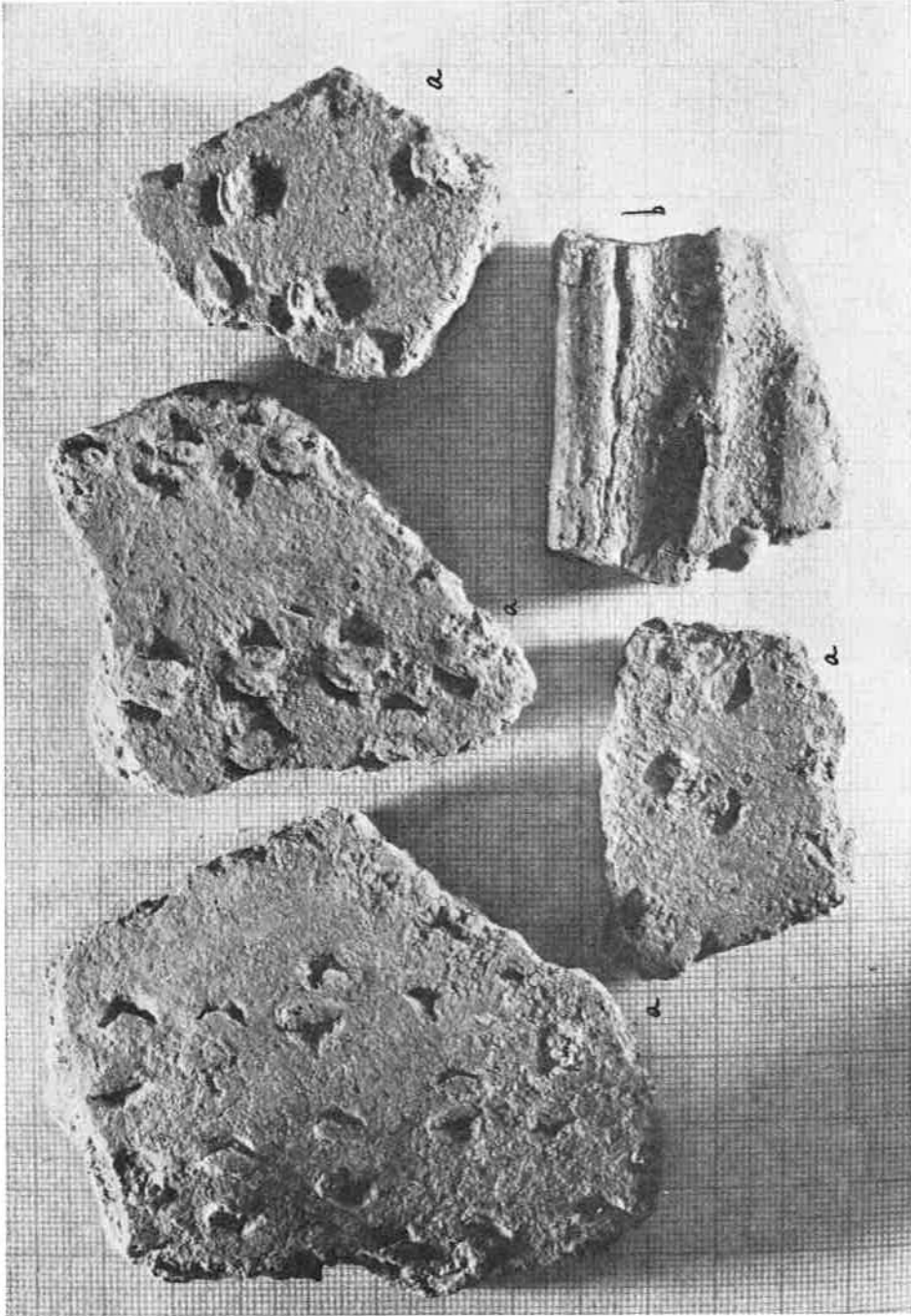


a



b

ESTAMPA XI
instrumental lítico de III a



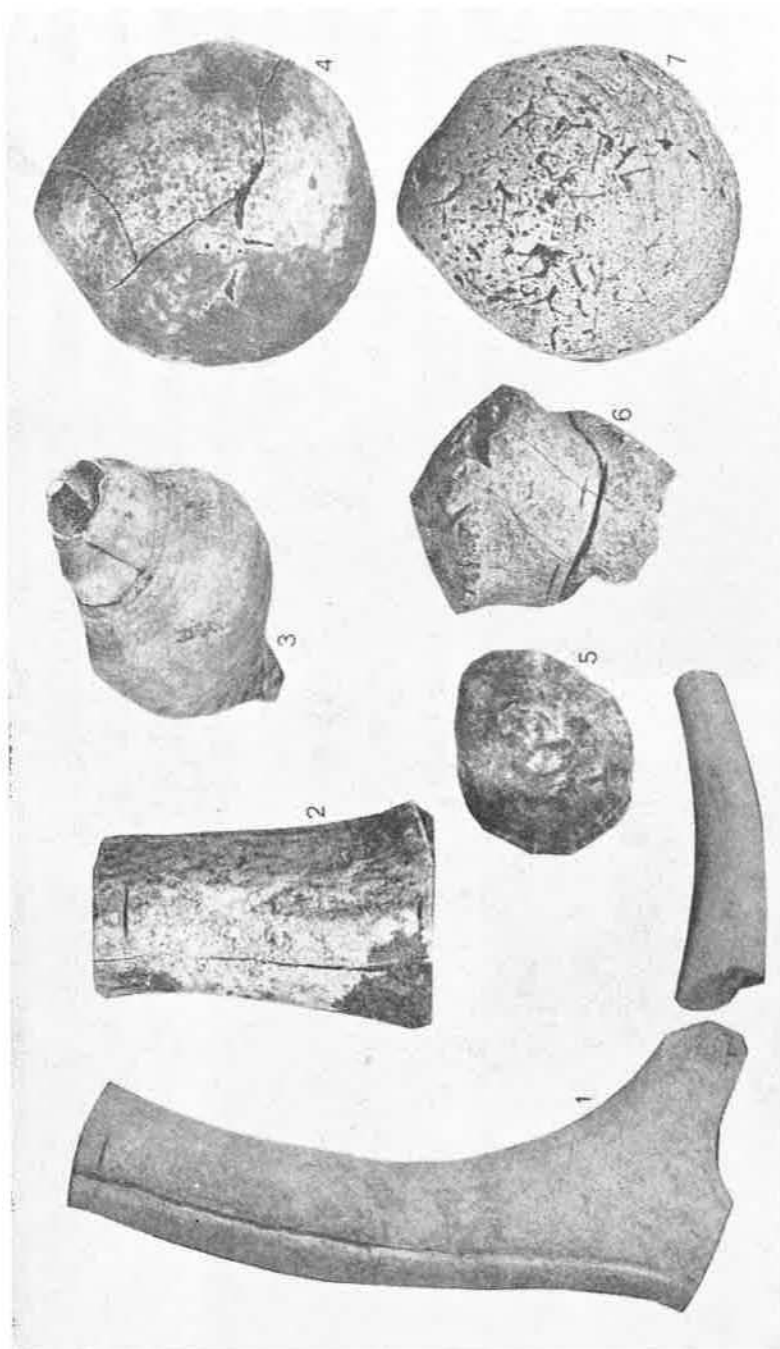
ESTAMPA X

utensílios e restos de indústria do nível III a

1. haste de cervídeo, polida ; 2. osso de *bos* sp. que, tal como o 6, apresenta vestígios de golpes intencionais ;

fauna malacológica de III a

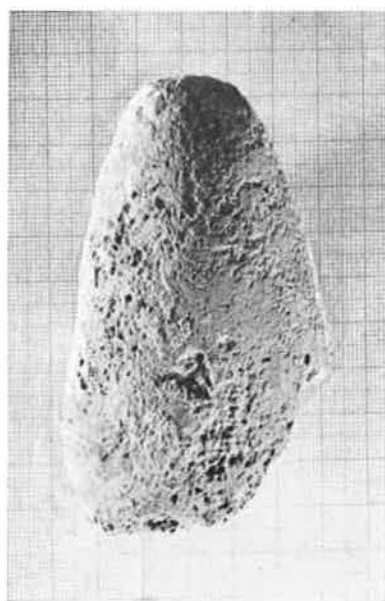
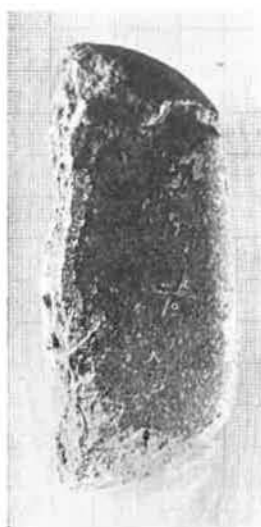
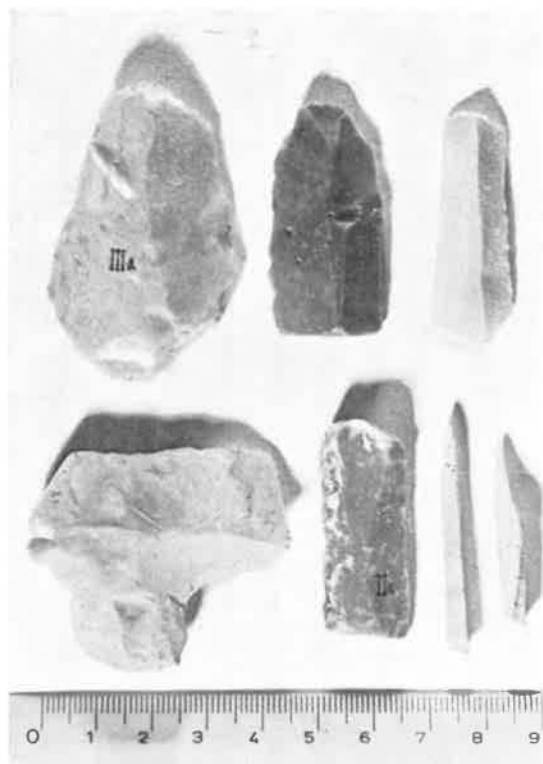
3. *Trochlea* sp. ; 5. *Patella* sp. ; 4. e 7. *Glycimeris gly-*
cimeris



ESTAMPA IX

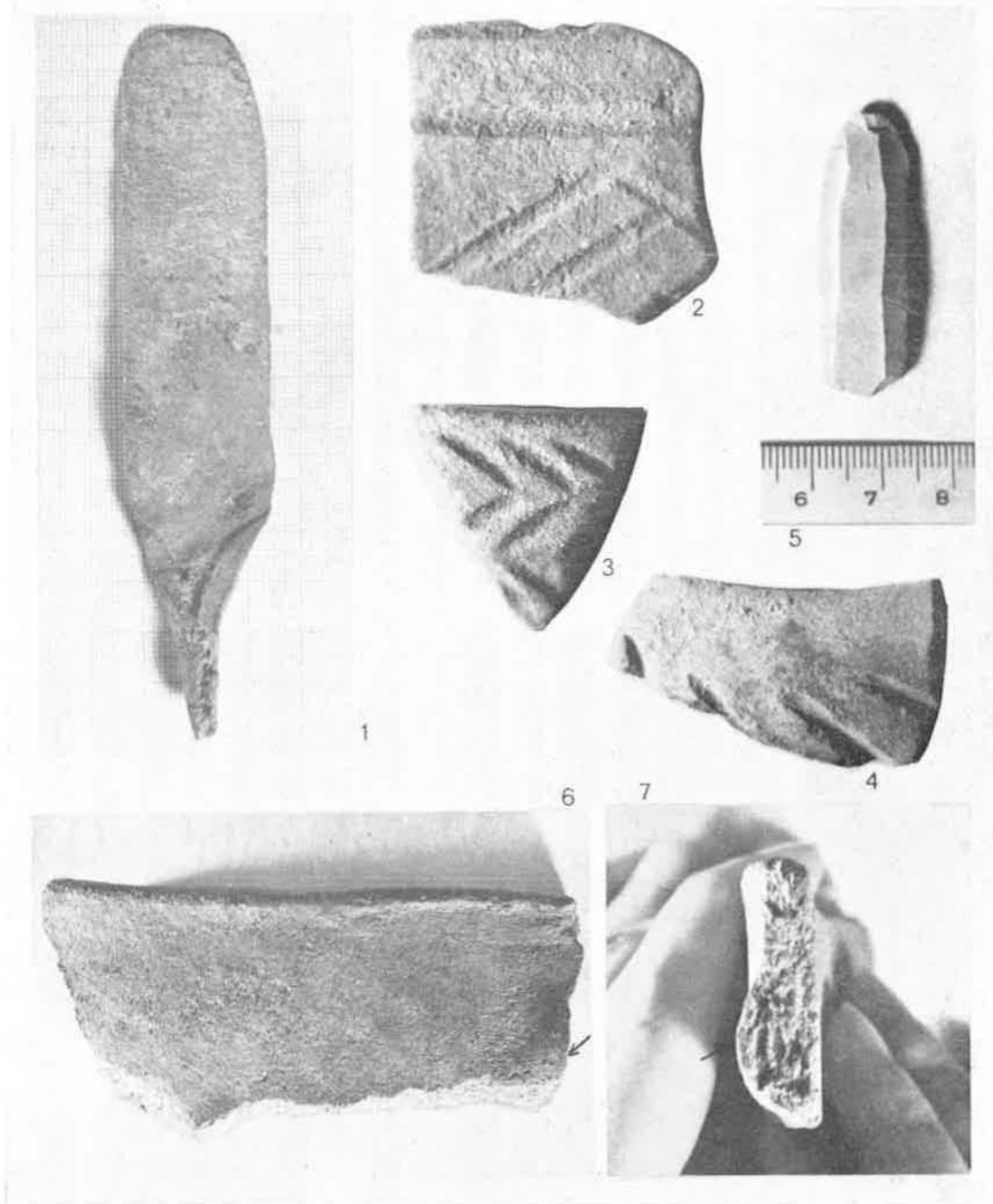
cerâmica de III a, unzulada duplamente e «nervada» (b)

ESTAMPA XI



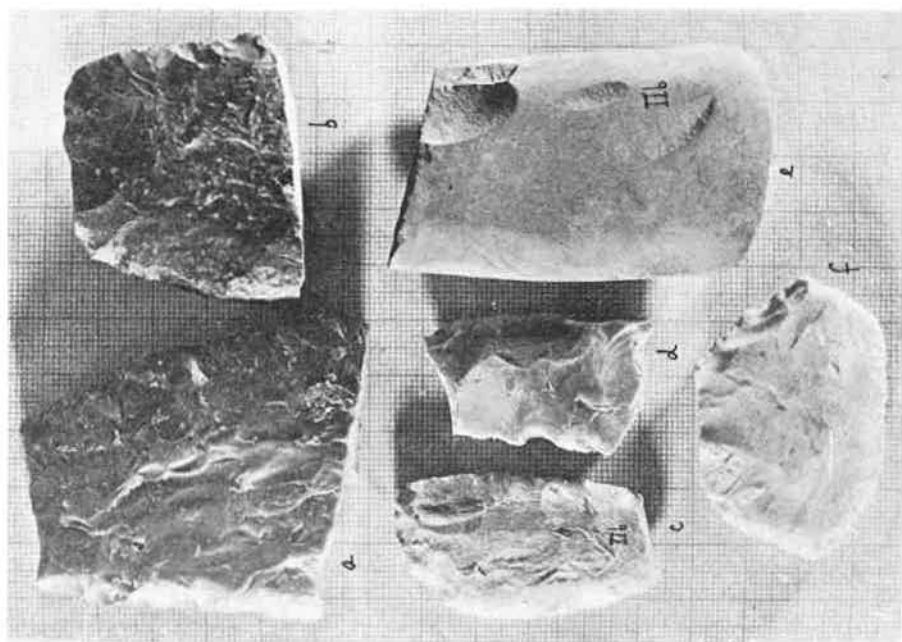
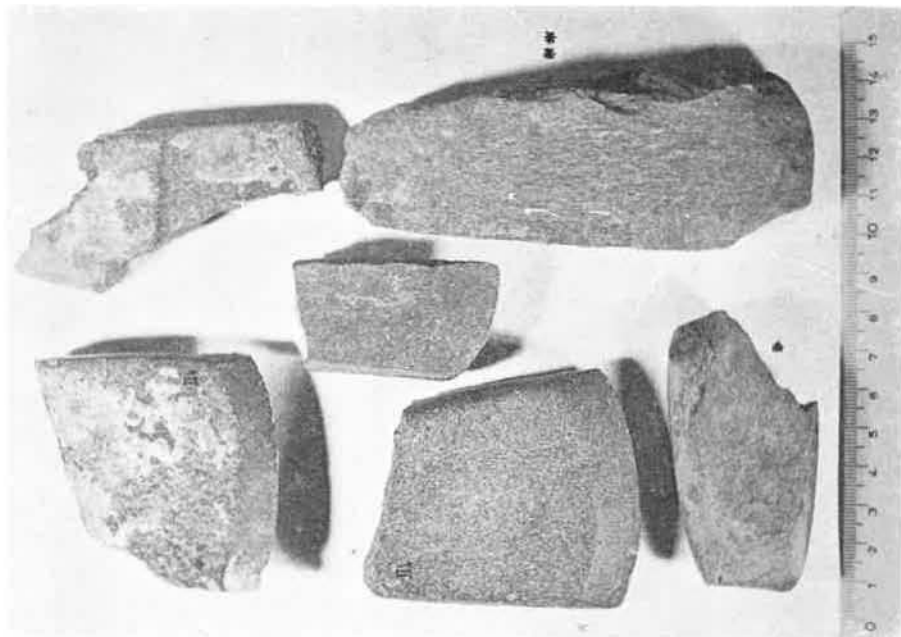
ESTAMPA XII

1. faca espatulada de cobre com espigão obtido por martelamento e dobragem de uma das extremidades ; 2. 3. 4. fragmentos cerâmicos com incisões a punção rombo provenientes de zona revolvida (problematicamente associáveis a II a) ; 5. faquinha não retocada (II c) ; 6. 7. cerâmica mamilonada de II b - II a (provém de zona duvidosa)



ESTAMPA XIII

- a. b. facas largas (foices?) de II b; c. faquinha; d. f. elementos de foice; e. enxó (todos de II b)
2. tipos de material lítico, todos de II b, à excepção de * e **, de I b



ESTAMPA XIV

moimho manual constituído por elementos movente e dormente (foto de campo obtida durante a decapagem de II b)



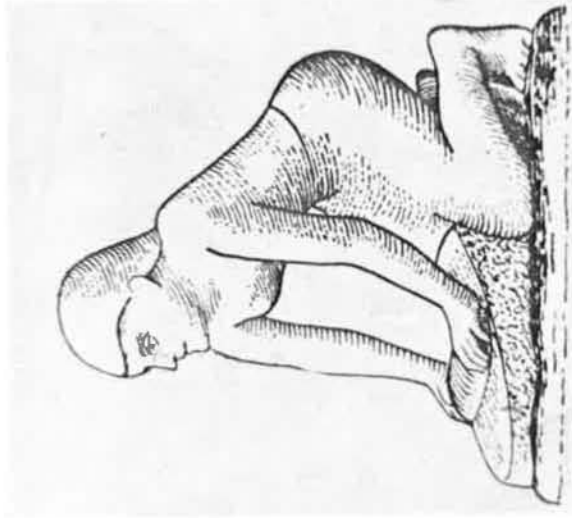
ESTAMPA XV

elemento movente de um moinho manual, visto de cima (1), de baixo (2) e de perfil (3). (I b)

4. utilização do moinho manual no Egípto, durante a Quinta Dinastia (compreendida no Império Antigo : de —2 780 a —2 280), segundo J. G. D. Clarck. De notar a grande semelhança entre ambos os elementos moventes



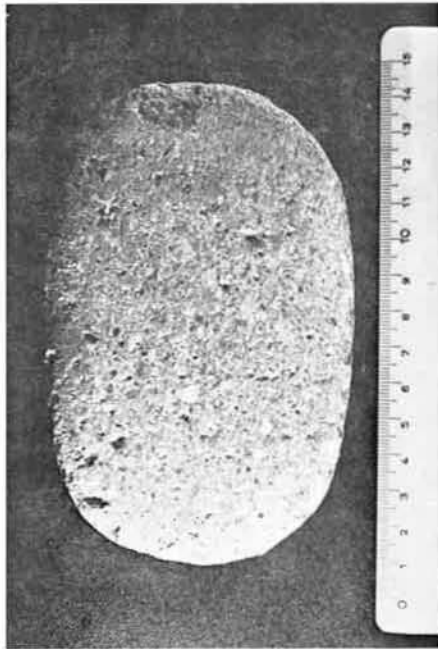
3



4



1



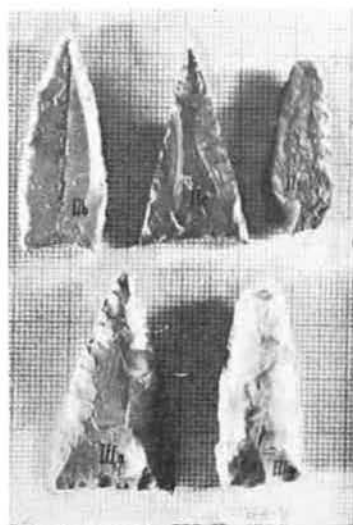
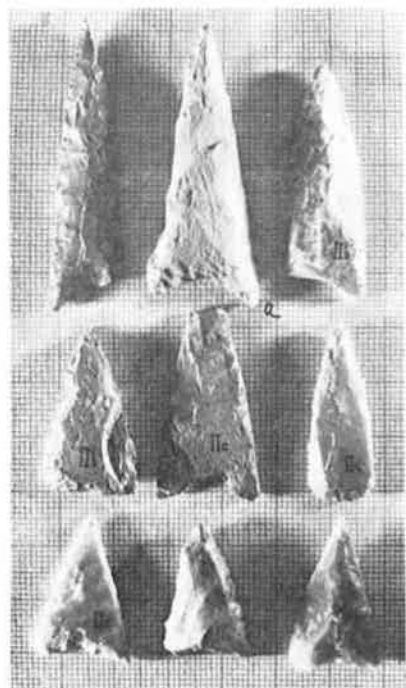
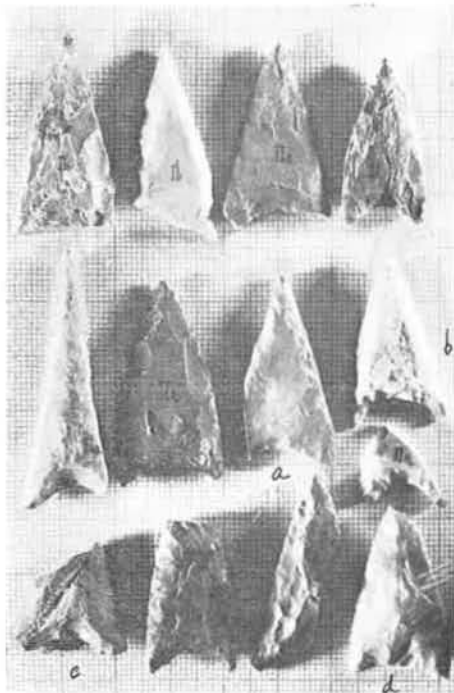
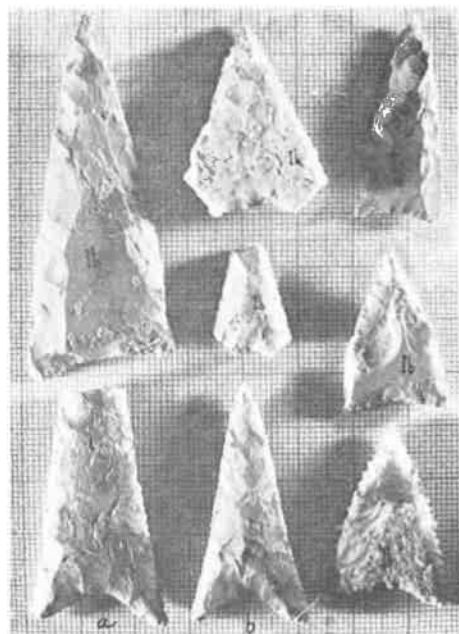
2

ESTAMPA XVI

pontas de flecha recolhidas no Castro da Rotura (indicam-se apenas as localizações estratigráficas dos exemplares cuja referência não é visível na fotografia)

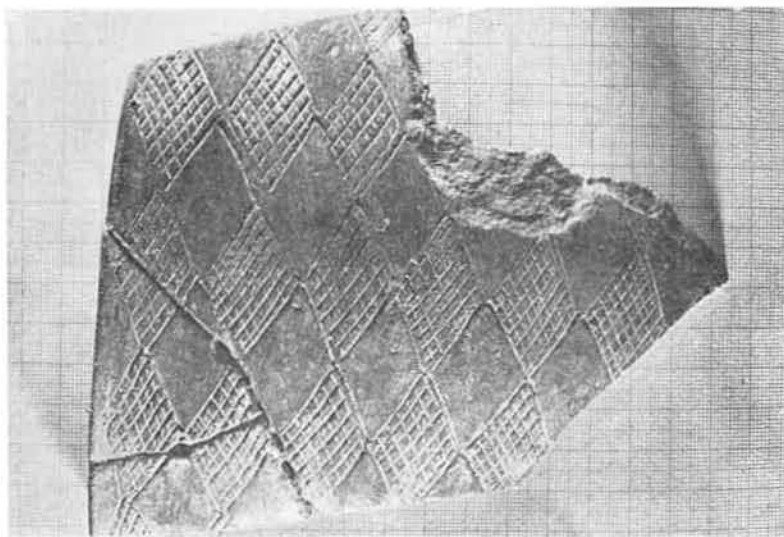
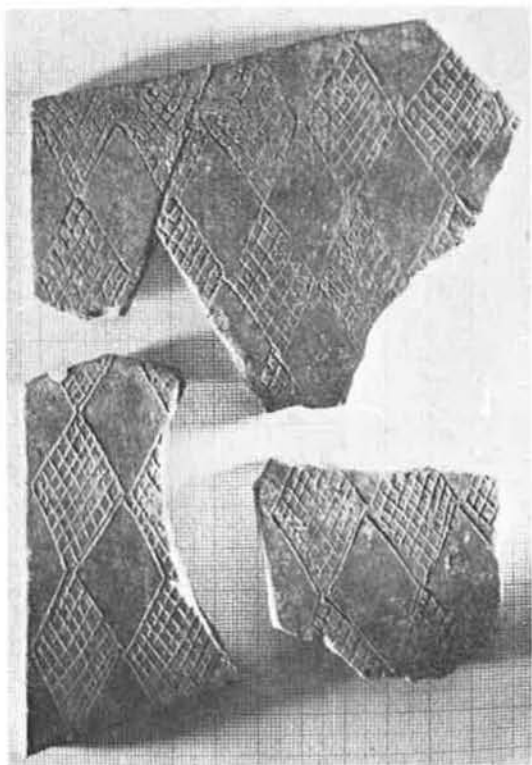
1. a e b — I b
2. a, b, c — II a ; d. — I b
3. a. — assimilável (por comparação de estratos e níveis)
a II b

ESTAMPA XVI



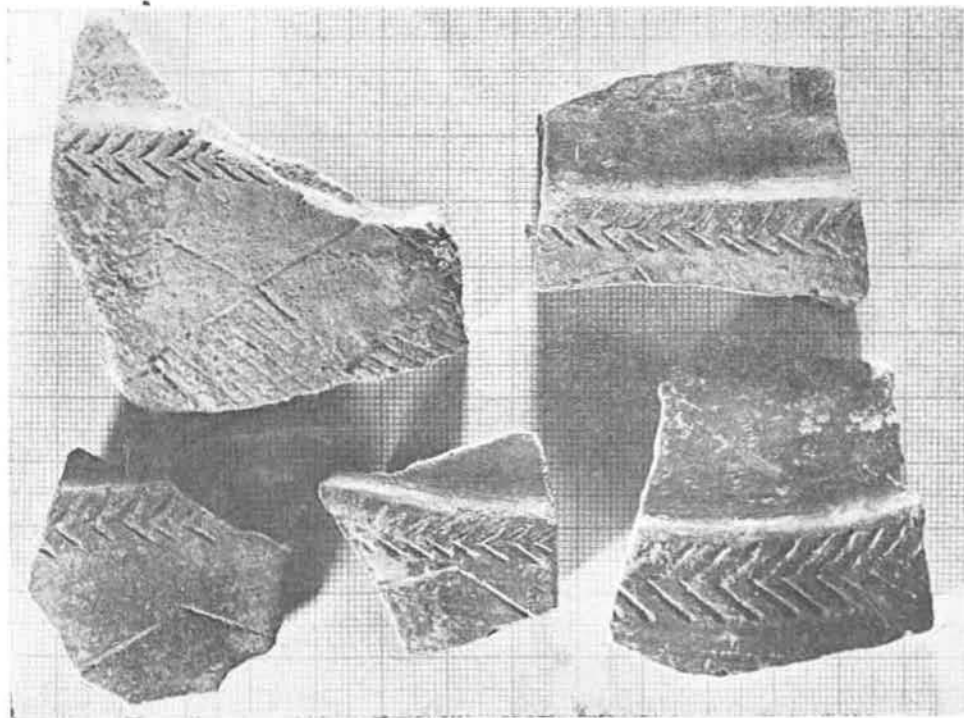
ESTAMPA XVII

cerâmica de tipo chasseurense do nível II b



ESTAMPA XVIII

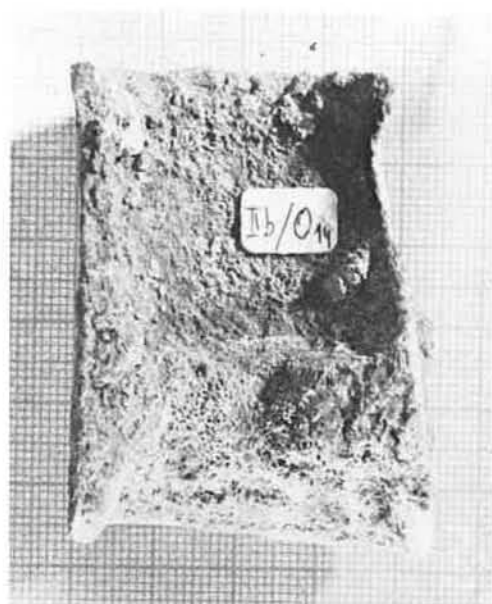
cerâmica de II b



ESTAMPA XIX

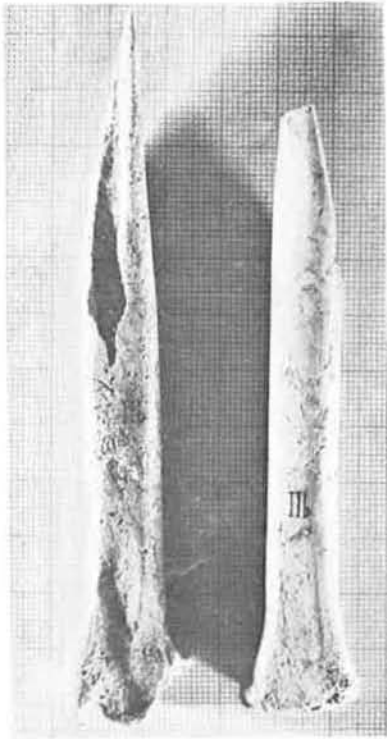
utensilagem óssea de II b

ESTAMPA XIX



ESTAMPA XX

furadores em tíbia de *ovis* (1) e cabos de instrumentos (2 e 5). Os números 3 e 4 correspondem aos cabos do n.º 2, segundo a correspondência indicada (A-A, B-B)



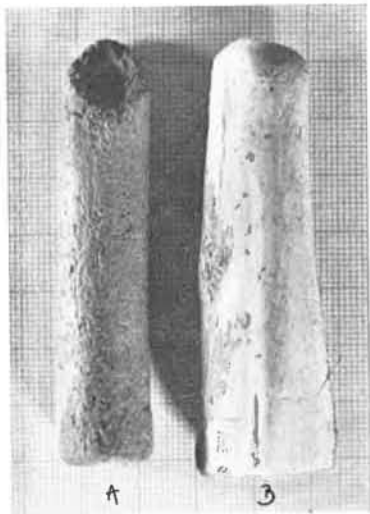
1



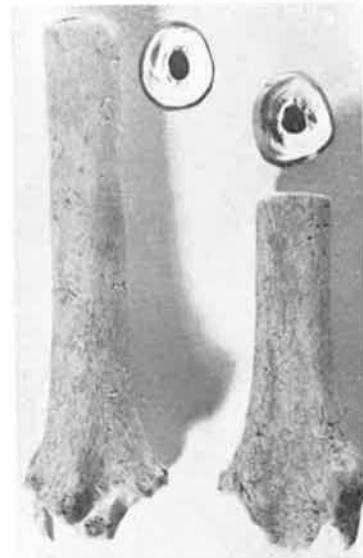
5



4



2



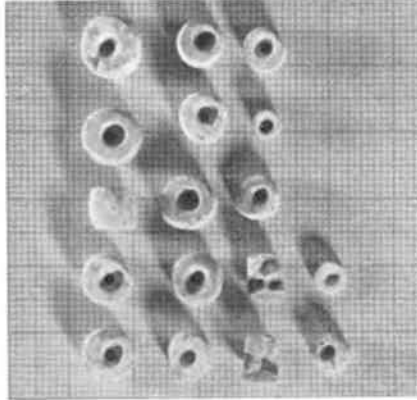
5

ESTAMPA XXI

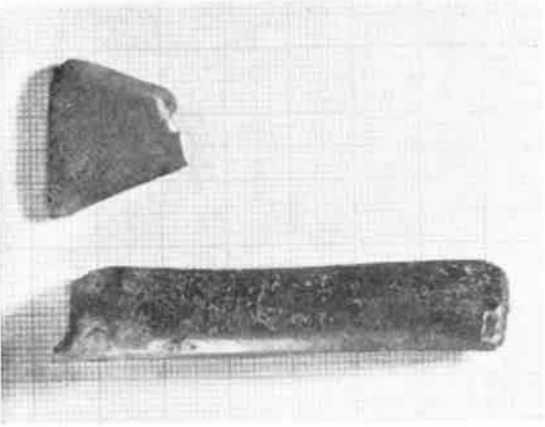
1. cerâmica de II b
2. osso queimado, com «tatuagens» duplas e provável cabeça de ídolo almeriense (transição II a — II b)
3. contas de calcite (II b)
4. objecto de utilização desconhecida (II a ?)



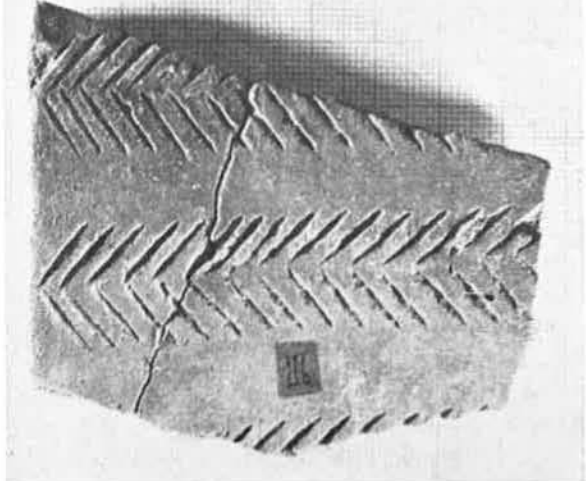
4



5



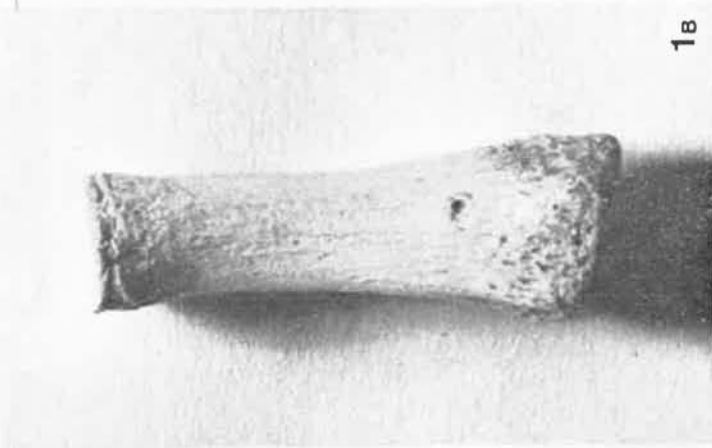
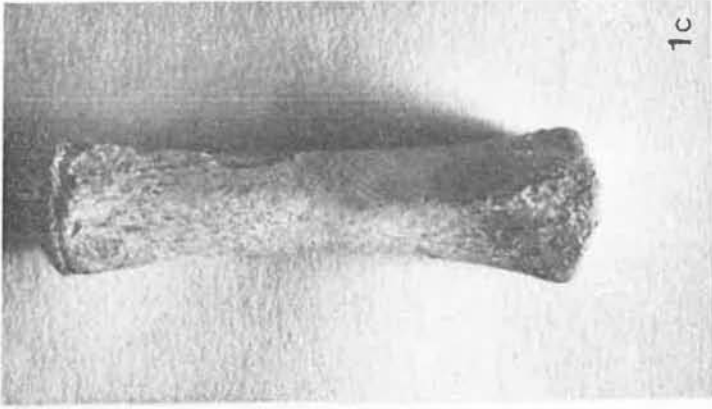
2



1

ESTAMPA XXII

«Ídolo» de II a — a recordar exemplares millarenses

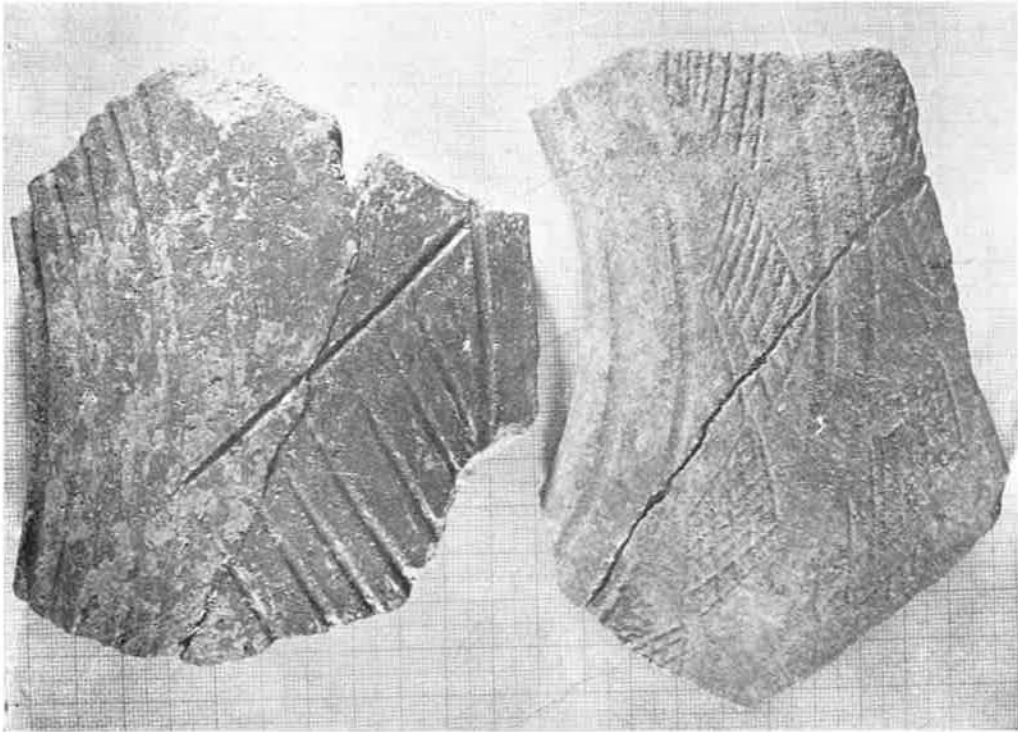
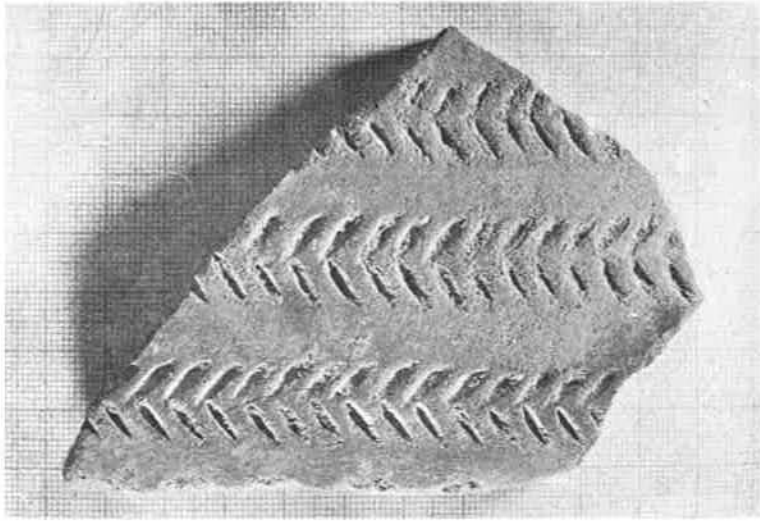


ESTAMPA XXIII
cerâmicas de II a



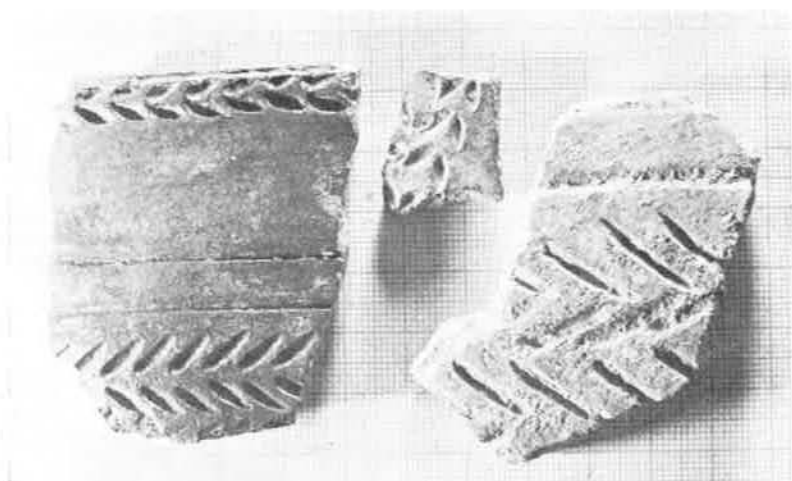
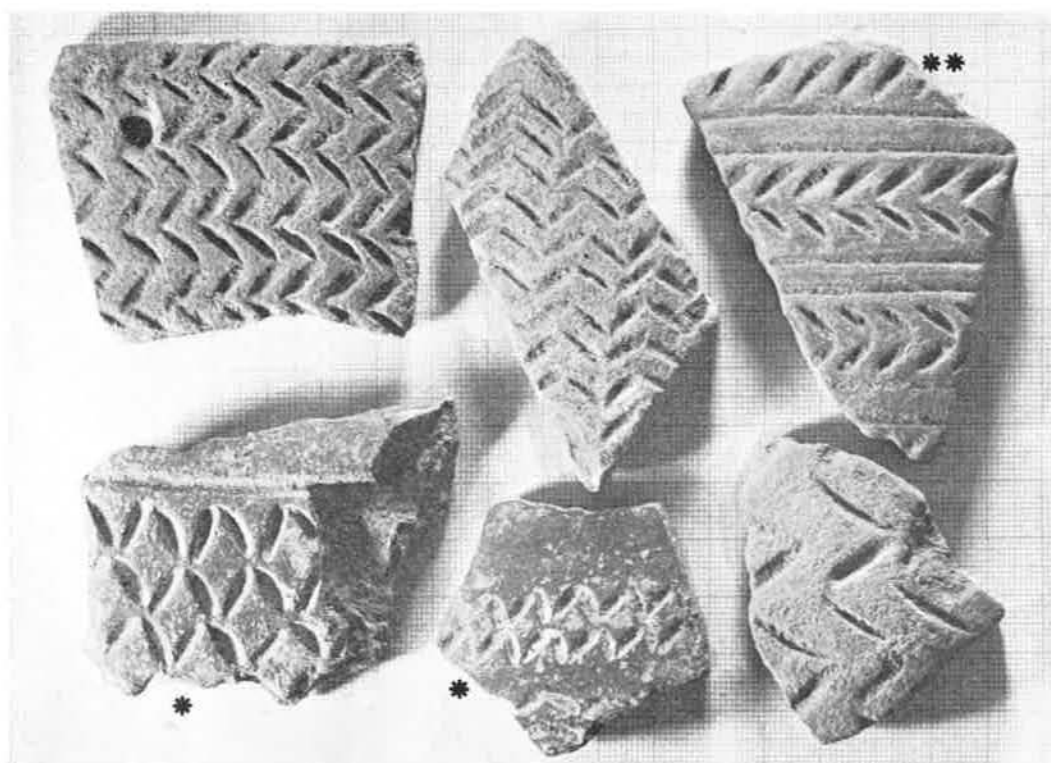
ESTAMPA XXIV

cerâmicas de II a (as do 1., incisas a punção rombo -- a «cerâmica pesada» dos escavadores do Castro do Zambujal)



ESTAMPA XXV

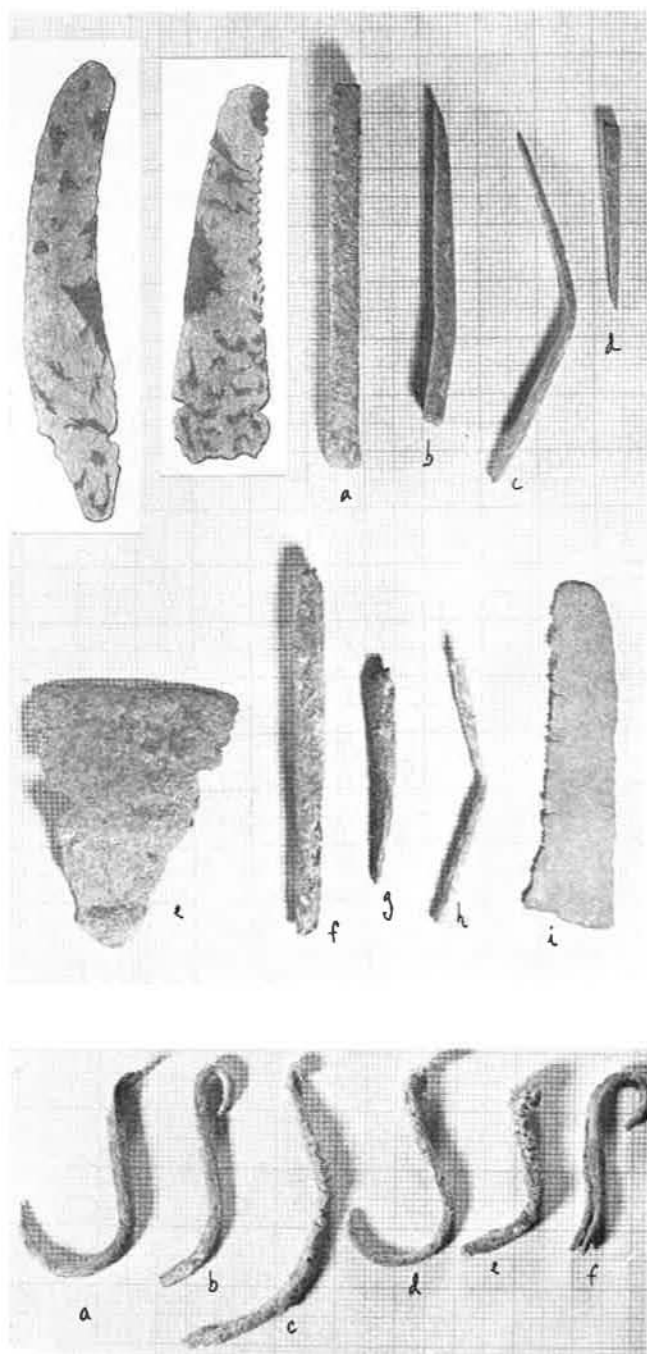
cerâmica de II a, com motivos «folha-de-acácia» (***) e «cru-
cífera» (*)



ESTAMPA XXVI

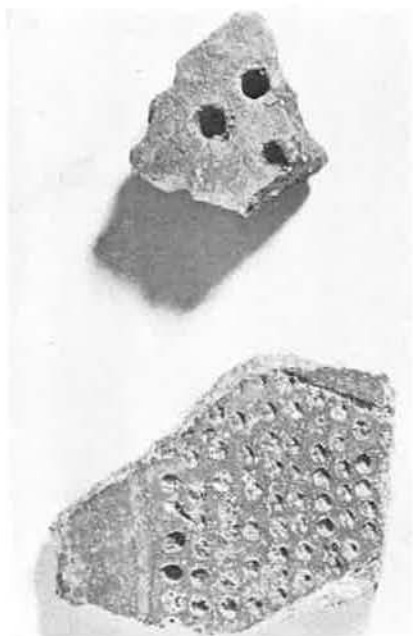
utensilagem em cobre

1. de I a — a, b ; de I b — c, d ; de II a (os restantes)
a colagem reproduz microfilmes de exemplares publicados por Augusto Filipe Simões, que tornam compreensível a reconstituição de e
2. anzóis. De II a (a, b, c, d) e II b (e, f)



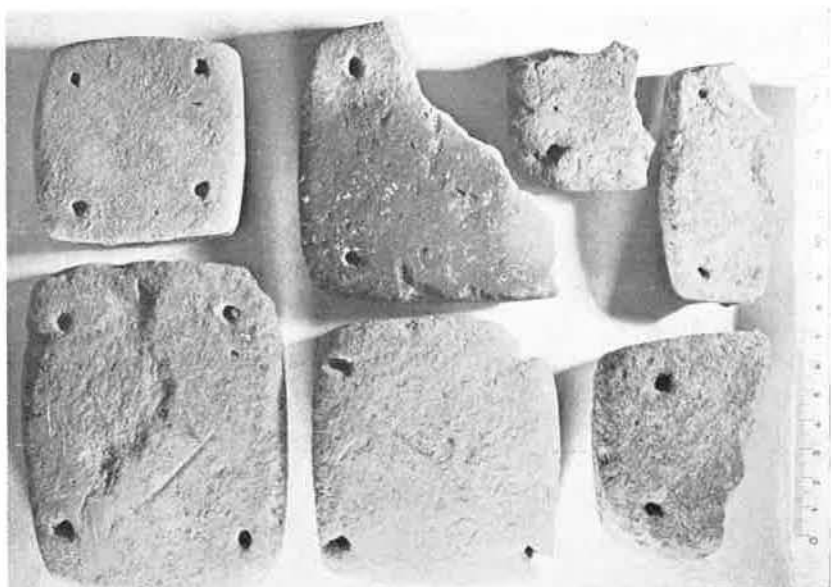
ESTAMPA XXVII

1. pesos de tear de II a (os dois da primeira coluna horizontal foram identificados durante as primeiras campanhas em níveis assimiláveis a I b)
2. cerâmica de I b
3. cadinho de fundição (II a)



21

22



1

ESTAMPA XXVIII

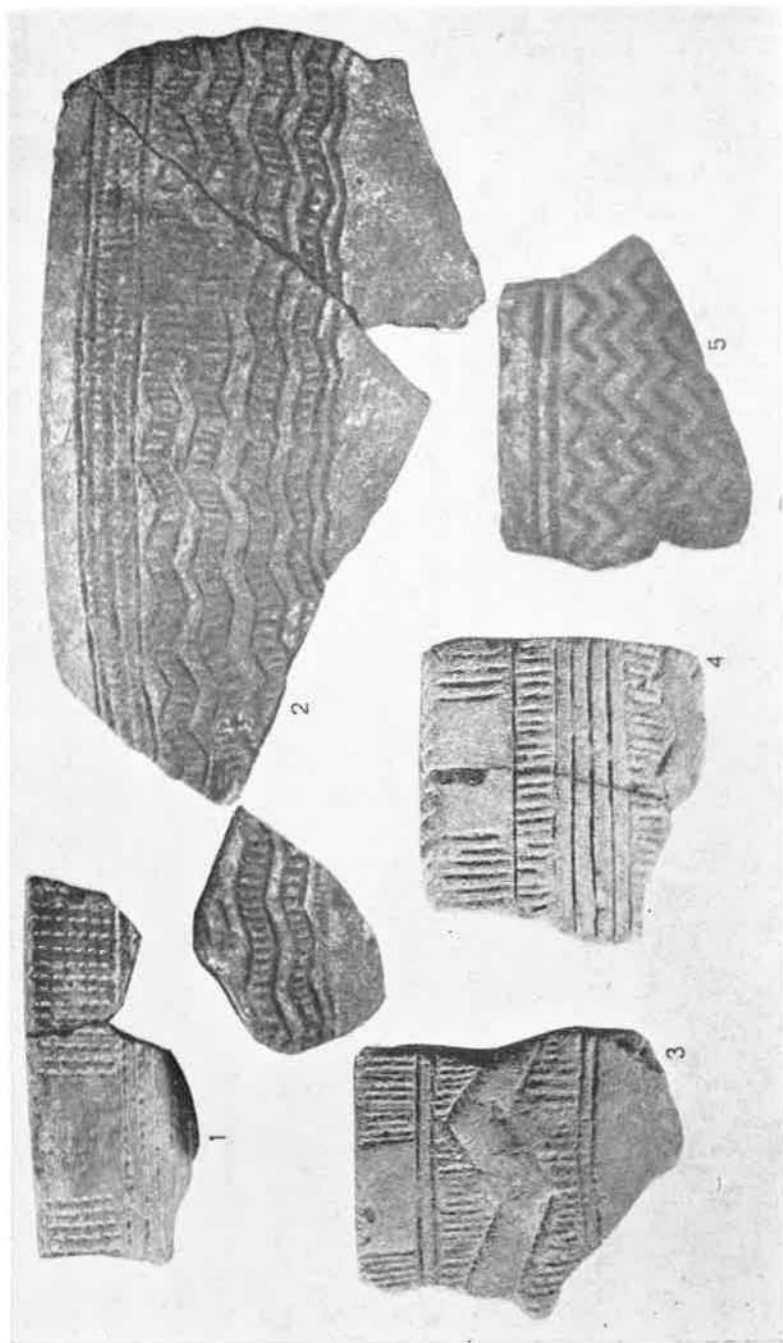
um detalhe da escavação no sector a Norte da cota
R. S. 123.3

1. decapagem «em degraus». A série de pequenas estrelas indica o local de um muro
2. cerâmica *in loco*. Ver a estrela maior de 1. (fins de I b)



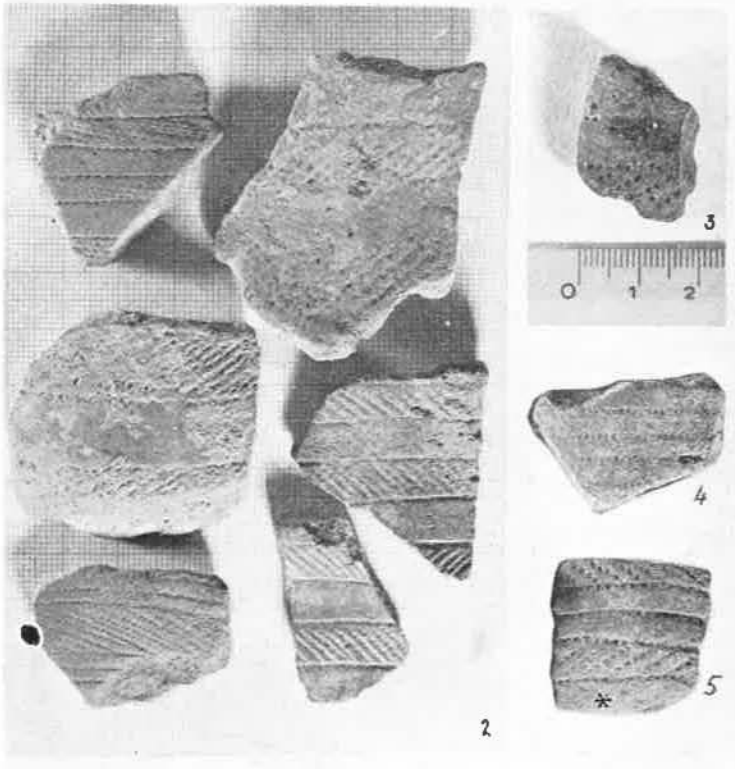
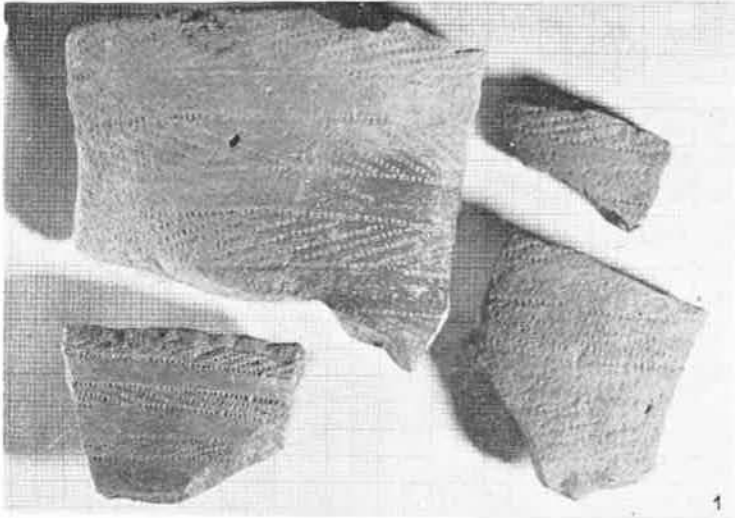
ESTAMPA XXIX

taças «campaniformes» do castro de Chibanes (1, 3, 4) e da Rotura (2,5), estas últimas ligeiramente reduzidas



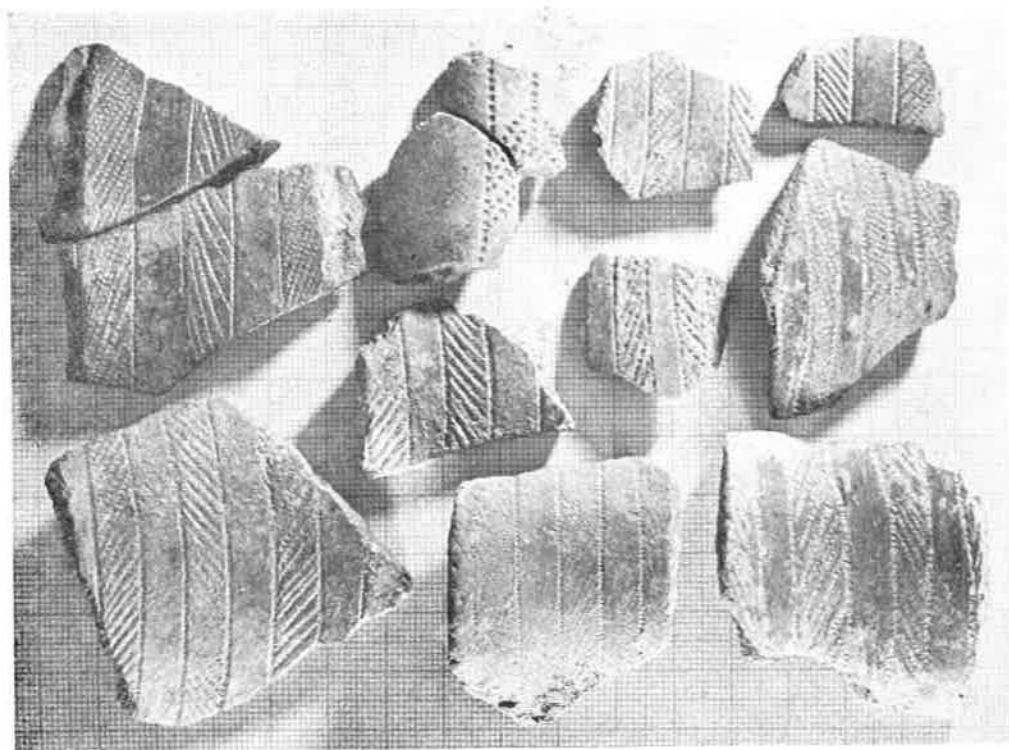
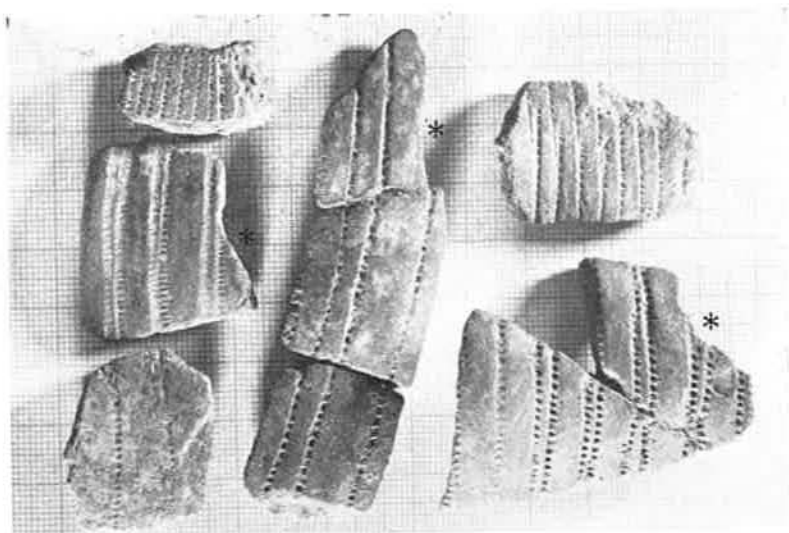
ESTAMPA XXX

cerâmica campaniforme de I b, à excepção de 1 e 3 (II a)



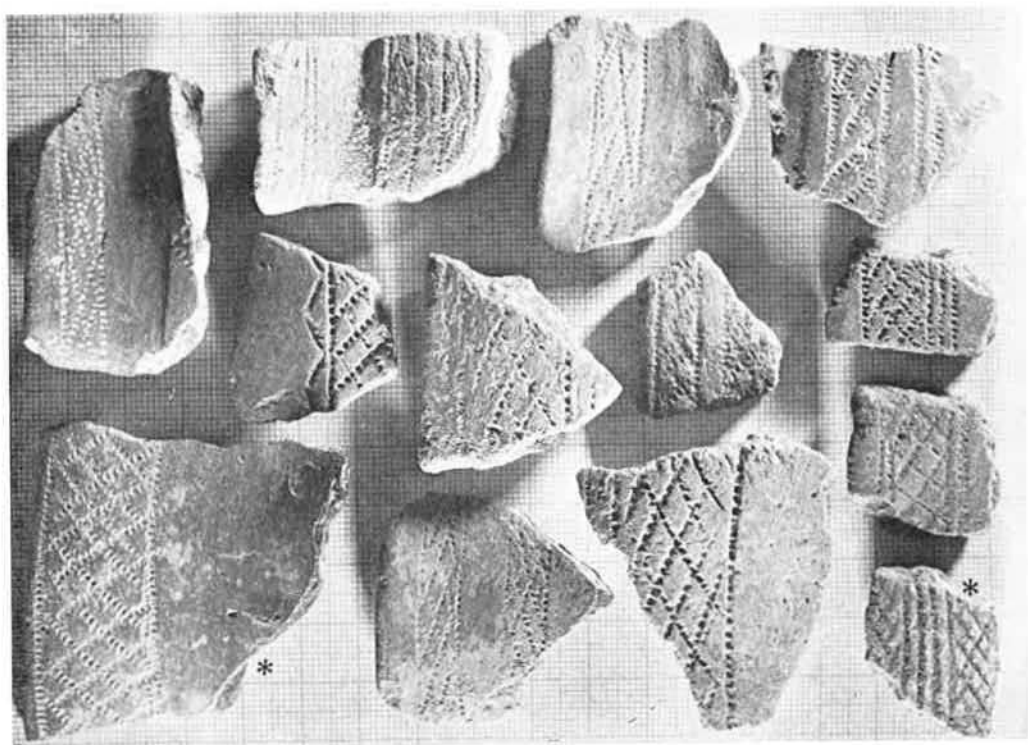
ESTAMPA XXXI

cerâmica campaniforme de I b, à exceção dos exemplares
asteriscados (provenientes da primeira série de escavações,
em 1960)



ESTAMPA XXXII

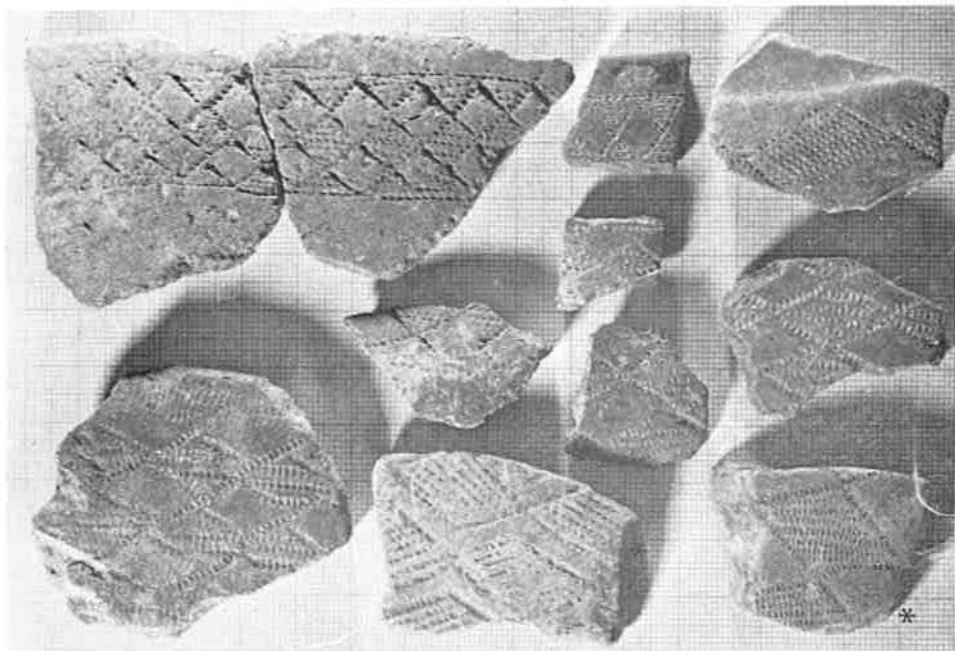
cerâmica campaniforme de I b (asteriscos indicam materiais de 1960)



1950 200 14

ESTAMPA XXXIII

cerâmica campaniforme de I b (os asteriscos indicam materiais de 1950)



ESTAMPA XXXIV

macrofotografias

1. pormenor da técnica de incisão de XXXII. 1. 1.º fragmento
2. pormenor da técnica de incisão de XXXIII. 2. 2.º fragmento asteriscado
3. pormenor da superfície utilizada do elemento movente do moinho manual da Estampa XIV
4. idem do elemento movente da Estampa XV
a escala indica os milímetros

ESTAMPA XXXIV



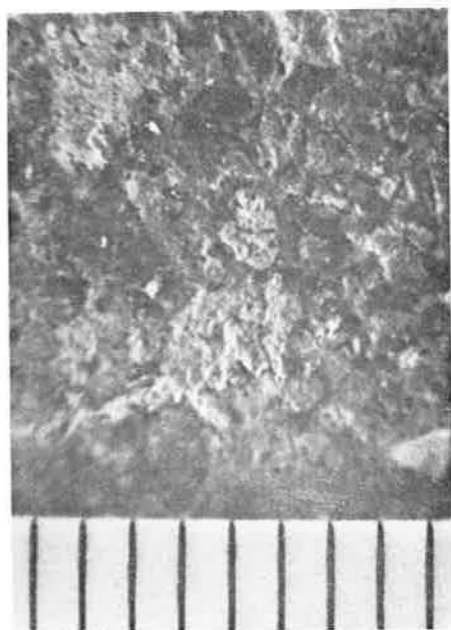
1



2



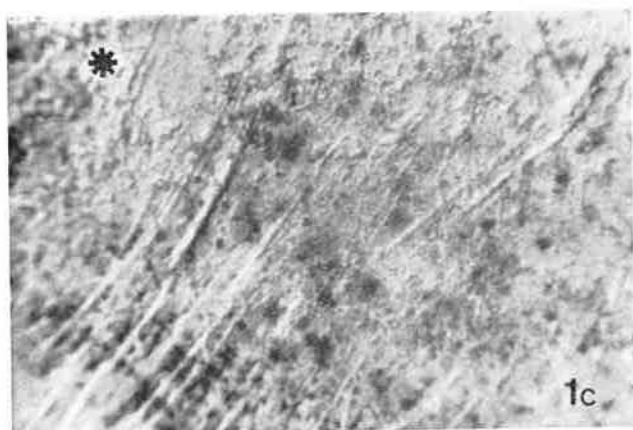
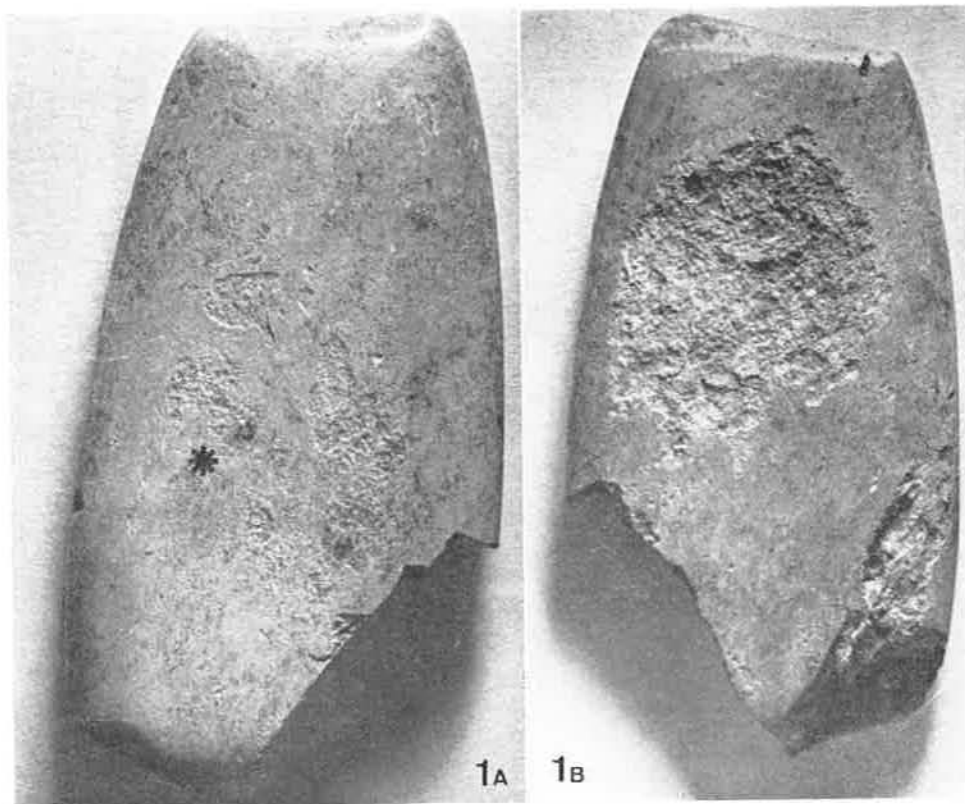
3



4

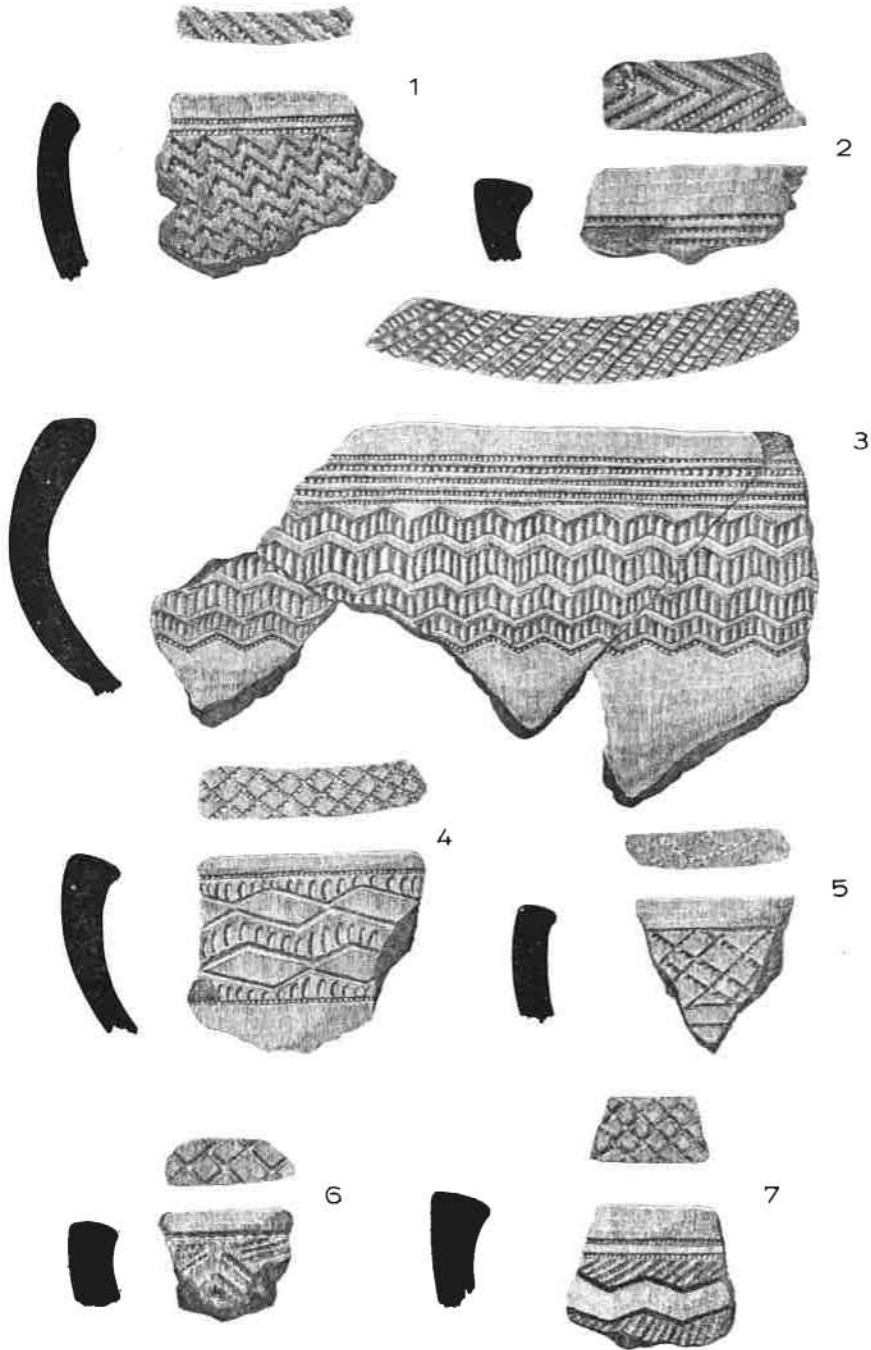
ESTAMPA XXXV

- 1c. macrofotografia da enxó fotografada em I a e I b. Visíveis, traços do abrasivo. Em I b é visível um círculo de desgaste, sinal que, depois de quebrada, a enxó foi usada como alça-prema



ESTAMPA XXXVI

taças «campaniformes» do Castro da Rotura, desenho de Pimenta de Araújo. Escala de redução : 1/1 : 1,8



COMPOSTO E IMPRESSO
NA TIPOGRAFIA RÁPIDA
TELEF. 23709 - SETÚBAL

CORRIGENDA

Pág.	Linha	Onde se lê	Leia-se
11	13	II 2. Considerações sobre o espólio	
16	4	«Mytologiques»	«Mythologiques»
17	7	Cultura de Vasco Campaniforme	Cultura do Vaso Campaniforme
22	nota (13)	p.	p. 1
27	17	muitos díspares	muito díspares
30	11	necessário	desnecessário
30	14	ergeu-se	ergueu-se
30	16	Almargo	Almagro
37	3	Ruptura	Ruptura»
38	4	Jurástico	Jurássico
38	18/19	esclarece-nos	esclarece-nos
38	21	Wsn	WSN
47	24	forma	formas
48	12	recorbertas	recobertas
58	18	teriais (90).	
67	fig. 3	[<i>Ver figura correcta na página seguinte</i>]	--- ►
69	36	Estampa XVI	Estampa XIV
72	29	Estampa IX	Estampa VII
72	32/33	(Est. IX, fig. 3)	(Est. VII 3)
73	34/35	Estampa XXV, n.º 3	Estampa XXIII, n.º 3
76	11/12	Estampa XVI	Estampa XIV
78	19	(Est. XXV, 3)	(Est. XXIII, 3)
80	27	Palinuris	Palinurus
84	4	Est. XXI, n.º 1, b	Est. XXI, n.º 2 b
84	8	estampas VIII. 2, IX, 1, 2 e 3	Estampas V3. VII, 1, 2, 3
106	5	distribution	distribution
109	9 (do asterisco)	pluralidade	pluralidade
113	32	contribution	contribution
115	3	Piñar	Piñar)
116	28	candial	cardial
133	21	objectivos	objectos
143	1	«cordade»	«cordada»
143	6	coberta	coberta,
157	17	(E. XXXII, 4	(E. XXXII, 2
157	22	(E. XXI, I, b)	(E. XXI, 2 b)
158	24	Est. XXVI - 1	Est. XXIV, 1
159	32	parecem	parece
161	4	Est. XII	Est. IX
161	8	Est. XII	Est. IX
162	33	XVIII e XXII, 1	XVIII e XXI, 1.
164	33	Est. XXII, n.º 1 e 2	Est. XXV
195	IV. 1. 2. 3.	[página] 106	[página] 102
216	legenda	ESTAMPA XI instrumental lítico de III a	ESTAMPA IX cerâmica de III a, unzulada duplamente e «nervada» (b)
220	legenda	ESTAMPA IX cerâmica de III a, unzulada duplamente e «nervada» (b)	ESTAMPA XI instrumental lítico de III a
225		Estampa VIII	Estampa XIII
248	legenda	«crucífena»	«crucífera»

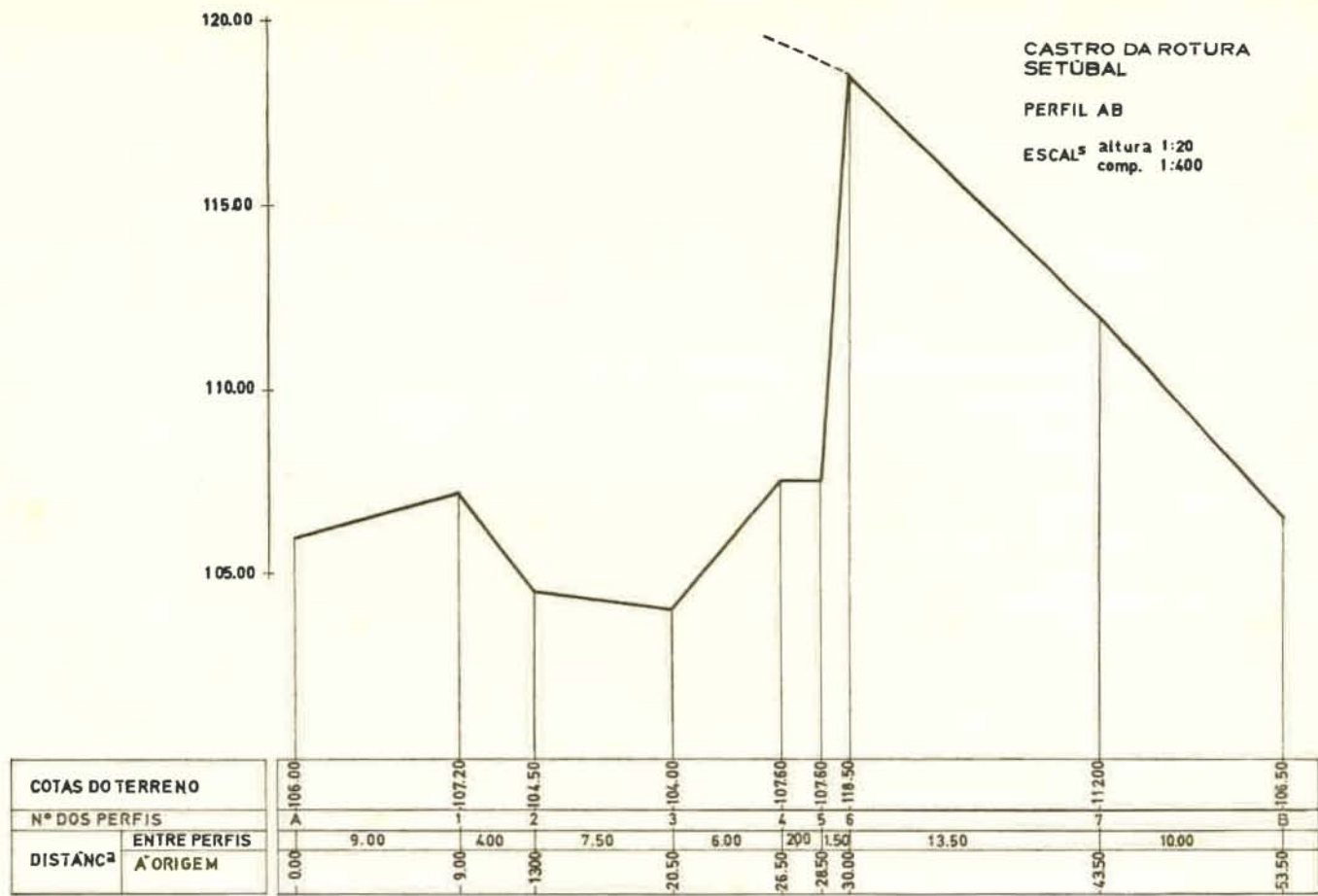


Fig. 3 — [Por inadvertência, trocou-se o original correcto, que acima se publica, por outro. Do facto se pedem ao leitor as devidas desculpas].

EDIÇÃO DA JUNTA DISTRITAL DE SETÚBAL